UM ROMANCE DARK

JAIMIE ROBERTS

DEPRAVADO



bezz EDITORA

VINGANÇA SÓ PODE LEVAR A UMA COISA

Depravado

Jaimie Roberts

Copyright© 2015 Jaimie Roberts
Titúlo Original:
Deviant
Capa:
Natyelle Pinho
Tradução:
Andréia Barboza
Revisão:
Andreia Barboza
Diagramação Ebook:
Olivia Nayara Medeiros Jardim

All Rights Reserved. No part of this book may be reproduced in any form or by means without the prior written consent of the publisher, accepting only brief quotes used in reviews.
© 2015 by Editora Bezz
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios pregados: eletrônicos, mecânicos, gravações, fotográficos, sem o prévio consentimento por escrito da editora, aceitando apenas breves citações usadas em comentários.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos ou incidentes são produtos da imaginação do autor ou utilizados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoais reais, vivas ou mortas, ou eventos é mera coincidência.

Para meu marido Vaughan,
Que me ajudou com o final de Depravado.
Você ainda é o homem a quem eu sempre procuro.
Meu amor, meu riso, meu tudo.

Prólogo

JAIMIE ROBERT

George Pub, Londres, Inglaterra, 2006

— Eu tenho uma boa para você! — A voz estridente de Mary exige nossa atenção. — Qual a sua fantasia mais sombria? E estou falando sombria mesmo. Não se segurem. Betsy, vamos começar com você.

Todos voltaram sua atenção para Betsy, à direita de Mary. Ela parecia constrangida. Certamente, era uma questão embaraçosa. Apesar de que seria interessante ver se alguém seria honesto em suas respostas.

— Hum, acho que eu sempre quis ser amarrada.

Besty corou e Justin gritou:

— Porra! Esta noite vai ser interessante! — Todo mundo riu.

Quando foi a vez de Justin, ele olhou para Betsy com uma sobrancelha levantada.

— Eu diria que sempre desejei amarrar alguém. — Novamente, todos riram.

— E quanto a você, Ben? — Mary perguntou.

Coçando a cabeça, Ben parecia extremamente desconfortável.

— Acho que sempre fantasiei com uma garota me forçando.

— Você está brincando comigo, né? — Justin gritou. — Você vai precisar pagar para alguém sodomizar você. — Justin abanou a cabeça em consternação. — Como se uma mulher pudesse forçar alguém.

— Pode acontecer — protestei. Todos os olhos se voltaram para mim.

— Ah, não! Não posso acreditar nisso. — O tom de Justin era beligerante.

— Você está me dizendo que um homem não pode ser violado?

— É uma impossibilidade física. — Justin ria, como se aquilo fosse um grande absurdo.

— Se não acredita em mim, pesquise. Tenho certeza de que vai achar alguns casos.

— Ok, espertinha, como você sabe tanto sobre isso? — Justin olhou para mim com um sorriso divertido. Apreciando a brincadeira, todos me olharam atentamente.

— Fiz um trabalho, em uma das minhas aulas, sobre estupro. E as pesquisas mostram que isso não acontece apenas com mulheres. Estou lhe dizendo, isso acontece. — Tomando um gole da minha bebida, olho para Justin.

— Certo, agora me diga, qual sua fantasia mais sombria, Tyler? — Mary perguntou, tentando trazer a conversa ao tema original.

Mordi o lábio, surpresa pela questão ter se voltado para mim tão rapidamente. Não sabia se queria compartilhar minha fantasia mais sombria. Jamais falei com alguém sobre isso antes.

Vinte pares de olhos me encaravam agora, esperando uma resposta. Devo contar? Ou disfarço e invento alguma coisa?

Foda-se! Por que não deveria? Não é como se fosse acontecer mesmo. Minha fantasia é irreal demais para acontecer algum dia.

— Sempre quis fazer sexo com um estranho. — Mordi o lábio, imaginando o que eles deveriam estar pensando sobre mim.

Meu melhor amigo, Ian, franziu a testa.

— Você quer dizer algo do tipo conhecer alguém uma noite, num clube noturno ou algo assim, e ter um caso de uma noite só?

Balancei minha cabeça.

— Não, estou dizendo alguém que nunca conheci. Um homem sem rosto, que venha até a mim, na calada da noite.

Justin soltou uma risada alta.

— Puta merda, Tyler! Você está dizendo que quer ser estuprada?

Dei um olhar atravessado para ele.

— Claro que não, Justin. Não seja vulgar. Estou falando de um estranho sensual do qual eu não saiba nada a respeito. Alguém que eu não tenha ideia de quem é.

Os olhos de Betsy se arregalaram.

— Oh, Tyler, isso é realmente sombrio! Mas, devo admitir, muito sexy!

Sorri.

— Também acho.

Justin, sem querer desistir, afirmou.

— Então, seu desejo é por um "homem sem rosto", alguém que chegue até você, na calada da noite, e transe contigo? Com sua permissão, é claro.

Balancei a cabeça.

— Acho que foi exatamente isso que falei.

Justin riu.

— Qual seu endereço mesmo?

O salão irrompeu em gargalhadas.

Capítulo 1

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 1991

Voltei à escola hoje. Eu odiava a escola. A única pessoa que deixava a escola divertida era o meu melhor amigo, Ian, mas, como ele é quase dois anos mais velho do que eu, só conseguia encontrá-lo durante o intervalo. Eu estava em pé, no lugar onde costumava ficar, no bicicletário. Este era o lugar em que Ian e eu sabíamos que poderíamos encontrar o outro, independente de qualquer coisa.

— Tyler, que bom te encontrar. Estava te procurando.

Ian usava seu uniforme escolar, mas ele sempre conseguia usá-lo desordenadamente. Todas as vezes em que o via, ele me fazia rir. Seu cabelo está mais claro agora que o verão acabou. Até o meu cabelo parecia branco em comparação ao meu loiro claro natural. Nós passamos boa parte do verão brincando, em nossa cidade natal, Buckinghamshire, mas também ficamos na casa dos meus pais, na Toscana, durante algum tempo. Nós possuímos uma casa nas colinas, cercada por um jardim de girassóis. Amo girassóis. Meu pai sempre escolhia um para mim, quando íamos para lá. Estou com quase sete anos agora, e meu pai disse que estou maior a cada vez que ele me vê. Considerando que ele me vê diariamente, acho difícil de acreditar.

Quando Ian aproximou-se, percebi que havia um menino bem atrás dele. Não sei dizer o que aconteceu comigo, mas, no minuto em que o vi, meu estômago fez um movimento engraçado. Ele era bonito, com o cabelo preto arrepiado e olhos azuis claro. Ele usava a gravata da escola, mas ela estava com o nó frouxo e aparência imunda. Ele estava vestido exatamente como Ian, mas sua aparência, de um jeito inexplicável, era muito melhor do que a de Ian. Quando me viu, ele sorriu e senti meu rosto queimar.

— Tyler — Ian disse, acenando —, este é Dean. Ele acabou de se mudar com seus pais. Somos da mesma turma agora.

Sorri para Ian, então virei para Dean. Inexplicavelmente, só queria olhar para ele. Não sei por que, mas ele parecia tão… agradável.

— Olá — disse Dean, abrindo um sorriso engraçado.

— O… oi — falei, sentindo meu rosto queimar novamente.

— Você estava correndo? — perguntou Ian. — Está doente? Seu rosto está muito vermelho.

Virei, sentindo-me muito boba. Não conseguia entender o que havia de errado comigo.

— Estou bem — eu disse, tentando virar minha cabeça para outro lado, mas Dean aproximou-se de mim.

Colocando uma mão em meu rosto, ele franziu a testa.

— Você parece um pouco quente; não quer sentar?

De repente, não conseguia mais mover minhas pernas, porque estava preocupada de que, se eu me mexesse, Dean moveria sua mão. Eu estava prestes a concordar, quando ouvi uma risada.

Virando a cabeça, vi Tim com outros meninos. Eu o odiava. Ele vivia me perseguindo no parquinho, puxando o meu cabelo.

— Você tem um namorado novo, Tyler? — gritou ele, com uma risadinha. — Não demorou muito tempo, né?

Se eu achava que não tinha como piorar, o menino ao lado dele começou a gritar.

— Sim! É melhor você ficar de olho para que Ian não fique com ciúmes.

Senti as lágrimas chegarem aos meus olhos, mas estava determinada a não deixá-los me ver chorar.

— Cale a boca, Tim! — gritei de volta.

— Ou o quê? — Tim provocou. — Vai empurrar seu novo namorado contra mim?

Todos os meninos começaram a rir. De repente, Dean foi até ele e lhe deu um soco na cara. Todo mundo começou a gritar e Tim inclinou-se, segurando seu nariz sangrento.

— Não se atreva mais a falar com ela assim, ouviu? — Dean gritou com ele, segurando-o pelo colarinho da camisa.

Tim desviou o olhar. Ele estava com medo de Dean? Eu nunca o tinha visto sentir medo de alguém. Isso fez com que eu gostasse ainda mais desse garoto. Então, Tim assentiu, mas, antes que ele pudesse falar qualquer coisa, um professor veio e levou os dois em direção à diretoria. Dean seguiu o professor, mas olhou para trás uma última vez com um sorriso e uma piscada.

Sorri de volta para ele.

****

Aconteceu de novo! Saí do trabalho tarde da noite e resolvi pegar um hambúrguer a caminho de casa. O prazo que meu editor estava me impondo iria me matar.

Ao andar pelo meu apartamento, imediatamente percebi. Minha caneta. Deixei-a sobre a mesa de jantar e, agora, ela estava novamente sobre a mesa. Ele esteve lá, com toda certeza. Poderia, inclusive, ter deixado um cartaz na parede escrito: “Estive aqui”.

Isso vinha acontecendo há algum tempo. Inicialmente, eram pequenas coisas: canetas fora do lugar, roupas que estavam penduradas na porta do armário e que apareciam milagrosamente dobradas dentro do meu guarda-roupa. Eram coisas sutis, mas definitivamente algo estava acontecendo.

Quando tudo começou, há três anos, fiquei me perguntando se eu estava ficando louca. Até o dia em que deliberadamente coloquei um cobertor em cima do sofá e, mais tarde, encontrei-o de volta no lugar, que percebi que não estava enlouquecendo. Alguém estava entrando em minha casa e mexendo em minhas coisas. Por quê? Não sei explicar. Só achei melhor documentar tudo o que acontecia, caso a pessoa decidisse me assassinar. Por que não tinha ido à polícia? Bem, pode parecer estranho, mas não sinto medo. Pode parecer estúpido, mas não acho que essa pessoa tenha a intenção de me machucar. Não sei se era o maravilhoso cheiro masculino almiscarado que ele deixava para trás, ou o fato de achar sua brincadeira boba tão engraçada. Por algum motivo, ele só queria que eu soubesse que ele esteve aqui. Também passei a ser seguida regularmente. Podia senti-lo andar atrás de mim, mas não me sentia intimidada ou assustada. Passei até a me referir a ele como “*meu estranho*”.

Sei que vai parecer algo totalmente louco, mas a única coisa que me deixava irritada é que ele parecia ter um fetiche com a posição do papel higiênico no suporte do banheiro. Ele sempre colocava o rolo de papel higiênico no gancho inferior e isso me incomodava absurdamente, a ponto de me irritar. Não me pergunte porque, mas ele fazia isso sempre. E, na minha concepção, papel higiênico deveria ficar no ganho superior do suporte, não no inferior!

****

No dia seguinte, fui almoçar com Ian. Ainda éramos melhores amigos, confiávamos um no outro e estávamos sempre juntos. Nós nos conhecíamos praticamente desde que éramos bebês. Quando nossos pais se conheceram, eu não tinha nascido ainda e Ian tinha quase dois anos. Era estranho, porque ele grudou em mim, apesar da diferença de dois anos. Tudo começou quando fiz cinco anos e comecei a frequentar a escola. Ian já estudava há dois e sentiu necessidade de me proteger. Daí para frente, ficamos muito próximos. Ele era o *menino de ouro*, todos o consideravam assim, inclusive meus pais. Ele nunca podia fazer nada errado. Eles sabiam que eu gostava de Dean, mas sempre me incentivavam a namorar Ian. Acho que o fato de Dean ter dado um soco em alguém, no seu primeiro dia de aula, não ajudava muito na impressão que as pessoas tinham a respeito dele. A única ausência que sentíamos muito era a de Dean.

— Hoje é seu trigésimo aniversário.

Olhando para cima, vi uma sombra em seu rosto. Ian sempre foi um cara de boa aparência, com cabelos dourados e olhos castanhos brilhantes. Seu cabelo ainda era uma bagunça ondulada, isso não tinha mudado. Ele não era muito alto, tinha um metro e setenta, mas, ainda assim, era maior do que o meu um metro e sessenta e cinco.

— O que aconteceu com ele, Ian? — Isso ainda me doía, sempre que eu pensava a respeito.

Franzindo a testa, Ian olhou para longe.

— Não sei. Ele apenas desapareceu. Nunca mais soube dele. Não sei se por vontade própria ou por causa dos seus pais. Éramos todos bons amigos, até ele se chatear.

Sentindo um pouco de culpa, suspirei.

— Ele era jovem, Ian. Todos nós éramos.

Ian viu minha expressão e franziu a testa.

— Sabe, nunca vou perdoá-lo por deixá-la assim. Não sou estúpido. Sei que vocês eram muito próximos e sei que ele disse que voltaria para você. E aquele filho da puta nunca voltou e me dói vê-la ainda assim, mesmo depois de todos esses anos. — Ian olhou para o chão e balançou a cabeça.

— Ian, isso foi há treze anos. Muita coisa mudou desde então. — Eu não sabia se estava tentando convencê-lo ou a mim mesma.

Olhando em meus olhos, Ian suspirou.

— E você nunca o esqueceu, não é? — Ele me viu olhar ao longe e segurou minha mão. — Você não pode mentir para mim, Tyler. Te conheço há muito tempo. Posso ver em seus olhos que você ainda sente a falta dele.

Soltando a minha mão da dele, dei um suspiro profundo e sorri.

— Você não pode mudar o passado, Ian. O que aconteceu, aconteceu. A vida tem que seguir em frente. Eu ainda penso nele, mas o que posso fazer? Acho que treze anos é tempo suficiente para saber que ele não vai voltar.

Sentando-se na cadeira, Ian me deu um sorriso insolente.

— Você lembra que ainda sou uma opção, né? Não falta muito para chegarmos neste ponto, Tyler. — Ian piscou para mim, referindo-se a uma piada nossa que, se eu chegasse aos trinta solteira, casaria com ele.

— Nós nos mataríamos no primeiro ano. Posso te garantir. — Pisquei de volta.

Ian balançou a cabeça em consternação.

— Estou decepcionado com você, Tyler. Achei que você tinha um pouco de fé em nosso relacionamento, depois de todos esses anos.

Comecei a rir.

— Nós dois sabemos que é verdade.

Brincando com seu isqueiro, Ian tirou do bolso o maço de cigarros.

— Este é o terceiro que você fuma em menos de quinze minutos — falo. Ele coloca um cigarro na boca e o acende.

— Eu sei. Meus nervos hoje estão à flor da pele. Tenho que escrever uma matéria sobre os jovens de hoje e não consigo me concentrar. Preciso aprontá-lo até às três da tarde.

Olhei para o meu relógio.

— Você sabe que já é uma e meia, né?

Ele dá um pulo da cadeira e seus olhos se arregalam.

— Puta merda! Tenho que ir.

Rindo alto, balancei minha cabeça.

— Vai, vai. Eu pago a conta.

— Obrigado, querida. Sempre posso contar com você.

Levantei do meu assento e sorri para ele.

— Você me deve uma.

— Claro, claro — ele fala e corre porta afora.

Após pagar o nosso almoço, vou caminhando para o escritório. Por algum motivo, minha chefe não estava respirando no meu cangote hoje e, quando voltei do almoço, descobri o porquê. Louisa, uma das minhas colegas de trabalho mais próximas, correu em minha direção.

— O chefe quer ver você. — Louisa franziu a testa. Ela tinha o cabelo mais ruivo que eu já tinha visto. Seus olhos eram verdes, assim como os meus, mas ela parecia uma modelo de passarela. Ela era alta e magra, enquanto eu era menor e com mais curvas. O cabelo dela era encaracolado, enquanto o meu era loiro e liso. Ela também era mais jovem. A diferença era de apenas um ano, mas, quando se está próximo dos trinta, é melhor não pensar muito nisso.

Ao colocar minha bolsa embaixo da mesa, olho para cima e encontro seu olhar.

— Terry? O que ele quer?

Balançando a cabeça, ela parece séria.

— Terry, não. Andrew Walker.

Meus olhos se arregalam.

— O que eu fiz?

Louisa olhou em direção ao escritório dele e balançou os cachos.

— Não posso imaginar o que você tenha feito de errado. Você cumpre todos os prazos e trabalha como um burro de cargas, mais do que a maioria daqui. — Louisa olhou em direção a algumas pessoas e fez uma careta. Ela odiava preguiça.

— Bom, acho melhor ir ver o que ele deseja.

Coloquei meu casaco sobre a cadeira e, timidamente, segui em direção à sala de Andrew Walker. Nunca me relacionei muito com ele. Ele era o chefão do jornal em que eu trabalhava e, quem era chamado ao seu escritório, geralmente, levava uma reprimenda. Dizer que eu estava me cagando de medo era um eufemismo.

Sentindo que os olhares de todos estavam sobre mim, bati na porta.

— Entre! — Abri lentamente a maçaneta.

Lá estava ele… Sr. Walker. Sentado como uma espécie de poderoso chefão em sua cadeira. Ele era muito alto, mas seu corpo tinha o que parecia ser uma estrutura média. Era até meio difícil dizer, com as roupas volumosas que ele usava. Acho que ele era um pouco mais velho do que eu, mas parecia muito mais velho com sua barba e óculos. Ele parecia mais com um diretor de escola do que

um editor de jornal diário de Londres.

— Ah, Tyler. Sente-se, por favor — ele disse, com voz rouca, parecendo ainda mais velho. Quando percebeu a minha apreensão, ele sorriu. — Não se preocupe. Não vou morder.

Sorri e suspirei de alívio, então, sentei na cadeira em frente a ele.

— Tyler, sei que não costumo fazer isso, mas chegou ao meu conhecimento que você tem trabalhado muito arduamente nos últimos dois meses. Você geralmente chega antes do seu horário e não tem hora para sair. Só queria agradecer os seus esforços.

Não conseguia acreditar e comecei a rir! Que alívio!

— O que é tão engraçado? — Andrew perguntou, inclinando-se sobre a mesa com as mãos entrelaçadas.

— Nada, Sr. Walker. Me desculpe. Acho que não estava esperando por isso.

Então, ele pareceu ofendido.

— Você está querendo dizer que sou tão durão que não costumo reconhecer um bom trabalho?

Estou entrando em pânico! Estou entrando em pânico!

— Claro que não, senhor! É que nunca fui chamada aqui para algo que não fosse uma reunião de pauta ou para falar de alguma grande história. — Engolindo em seco, senti a necessidade de falar mais. — De verdade, aprecio muito o que o senhor disse, Sr. Walker. Amo meu trabalho. O jornalismo é a profissão que sempre desejei. Amo escrever, conhecer novas pessoas e contar suas histórias. É o que me faz feliz.

Sorrindo, o Sr. Walker relaxou em sua cadeira.

— Tem alguma nova história em andamento, Tyler?

Pensei imediatamente no *meu estranho*. Merda, que grande história seria! O problema é que ninguém sabe nada sobre isso. Era quase como se ele fosse meu pequeno segredo. Algo que eu queria manter só para mim. Parecia estranho, mas era como eu me sentia.

Pensando um pouco mais sobre isso, sempre desejei fazer uma matéria sobre namorados de infância. Sugeri à minha editora, mas ela rejeitou e disse que era muito sentimental. Eu achava que, de vez em quando, as pessoas gostariam de ler algo mais suave.

— Você tem algo em mente, não é? Posso ver as engrenagens girando em sua cabeça.

Fiquei me questionando internamente se Suzie ficaria chateada comigo por passar por cima da sua ordem.

— Era apenas uma ideia, tenho certeza que você não irá gostar.

— Quero ouvi-la.

Suspirando, olhei para o Sr. Walker. Talvez ele não fosse o cara durão que a gente imaginava.

— Eu gostaria de fazer um artigo sobre namorados de infância. Um artigo sobre casais que cresceram juntos e talvez até que tenham se casado, com filhos…

Sorrindo, o Sr. Walker inclinou-se sobre a mesa.

— Gosto da ideia.

Chocada, endireitei a minha postura.

— Gosta?

Rindo, ele disse:

— Sim, você tem um amor juvenil?

Quando pensava em Dean, eu me perguntava como teria sido entre nós, se ele tivesse ficado.

— Não, sou livre, leve e solta. Acho que solteira até demais. Não tenho um encontro há… — Puta merda, Tyler! O que você está fazendo? — Me desculpe. Isso foi pessoal demais.

— Sem problemas. — Ele riu. — Gostei da ideia. Por que você não faz o artigo e me deixa

avaliar?

Sentindo meu coração disparar, concordo.

— Claro. Será um prazer.

— Excelente. Vou avisar a Suzie que você está trabalhando em algo para mim e vamos ver o que você produz. Vou te dar quarenta e oito horas para levantar algumas histórias, o que acha?

Merda! Não era muito tempo, considerando que eu tinha que encontrar pessoas para entrevistar. Um viva à internet.

— Parece ótimo.

— Perfeito. Agora vá. Ah! Antes de ir para sua mesa, pode pedir à Suzie que venha até aqui?

Tomando seu pedido como a minha deixa para sair, levantei.

— Claro. Obrigada.

Saí pela porta o mais rápido que minhas pernas permitiram. Fui procurar Suzie e avisei-a que o Sr. Walker queria vê-la. Corri de volta para minha mesa, sentei-me e dei um longo suspiro aliviado. Louisa fez sinal com os polegares para cima, um olhar interrogativo no rosto. Sorri, tranquilizando-a. Sabia que ela não poderia se levantar para um bate papo, então um sinal de positivo seria o suficiente para ela saber que estava tudo bem.

Acomodada em minha cadeira, fiquei pensando sobre Andrew Walker e no quanto ele me surpreendeu hoje. Ele não era como eu imaginava. Na verdade, ele parecia uma boa pessoa. Mas pensar que ele me deixaria fazer a história que eu desejava há anos me impressionou demais.

Com isso em mente, comecei a procurar freneticamente pessoas para entrevistar. Mandei mensagem após mensagem, e, quando acabei o meu dia, consegui o que procurava.

****

Após chegar em casa, enviei algumas mensagens de volta, agradecendo a quem me retornou. Eu tinha conseguido garantir a entrevista com dois casais: um que tinha se conhecido na escola, aos dez anos; e o outro era de meio-irmãos que se conheceram aos doze. Meio estranho, mas era uma história. As pessoas sempre se interessavam por coisas desse tipo.

Quando acabei de mandar as mensagens, resolvi parar para comer algo. Minha barriga roncava e eu sabia que ela estava clamando por algo mais substancial do que um hambúrguer.

Peguei as chaves do carro e segui até o estacionamento, para que eu pudesse ir até um restaurante chinês próximo daqui. Mas, quando cheguei ao meu carro, comecei a hiperventilar.

Eu parava o carro na mesma posição todos os dias. Agora, porém, o meu carro estava virado ao contrário. E eu o tinha deixado lá há pouco mais de duas horas! Só tinha uma explicação: enquanto eu estava em casa, respondendo às mensagens, o *meu estranho* tinha ido até meu carro e trocado a posição dele na vaga.

Eu deveria ter ficado com medo. Essa coisa toda deveria me assustar, mas, por alguma razão, me fazia rir. Bem ali, no meio do estacionamento, comecei a gargalhar.

— Você está bem?

Olhando para minha direita, vi Alan, um dos meus vizinhos.

— Sim, desculpe. Estava pensando que burrice a minha de esquecer as chaves do carro em casa.

— Mas elas estão em sua mão.

— Sim, não tinha notado isso também. — Alan riu comigo e balançou a cabeça.

— Isso acontece com todos nós, Tyler. Não se preocupe. Deve ser a velhice.

Empurrei seu ombro e fiz uma careta.

— Ei, não estou velha, senhor!

Alan riu, mas seguiu o seu caminho. Após dar tchau a ele, fiquei ali, um pouco desnorteada. Eu sabia que o *meu estranho* estava querendo se comunicar comigo, mas não tinha certeza do quão longe ele levaria as coisas.

Eu descobriria em breve.

Capítulo 2

JAIMIE ROBERT

Dean

Se nos picarem, não sangramos?
Se nos fizerem cócegas, não rimos?
Se nos envenenarem, não morremos?
E, se nos ultrajarem, não nos vingaremos?

William Shakespeare

Já ouviu o ditado *"Ser traído é uma das mais valiosas lições que a vida pode te ensinar"?* Bem, isso me descreve muito bem em poucas palavras. Eu era jovem, ingênuo e me apaixonei por uma menina que me traiu. Foi neste momento da minha vida, quando eu tinha dezoito anos, que tudo mudou para mim. Eu já não era como um cachorrinho sedento de amor, que vivia ao redor de uma menina, só porque ela bateu os cílios para mim. Tyler era como qualquer outra garota. Manipuladora e gananciosa. Uma bruxa na porra de um sexy salto alto.

Quando era mais novo, achei que ela queria estar comigo. Quando nos conhecemos e soquei a cara do filho da puta do Tim, eu sabia que ela era a pessoa certa para mim. Pode achar isso idiotice, mas eu só tinha oito anos e ao ver seu sorriso tímido e o rubor em suas bochechas me dei conta das garotas. Bem, *da* garota.

Brincamos juntos, passávamos todo o tempo juntos… mas, durante todo esse tempo, ela estava apenas brincando comigo. Até dei a ela um medalhão com um par de asas de anjo, porque ela me fazia lembrar de um anjo. Como fui idiota!

Eu costumava ser um cara carinhoso, mas, desde que ela saiu com aquele idiota pelas minhas costas, sabia que jamais a perdoaria. Ela sabia o quanto eu a amava, mas, no momento em que parti, ela saiu com ele. Prometeu que ficaria comigo, nos momentos bons e ruins, mas me traiu da pior forma possível e esfregou na minha cara. A feiticeira me apagou completamente e deu mais valor à amizade dele do que à minha.

Ela nunca mais conseguirá amar alguém novamente. Vou me certificar disso. Após todos esses anos, desde que tudo aconteceu, cresci e fiquei mais forte. Se ela me visse agora, jamais me reconheceria. Levou um tempo para que eu conseguisse colocar meu plano em ação, mas estava quase pronto para agir. Ela pagaria por tudo o que fez comigo, e nunca mais conseguiria superar, quando eu terminasse.

Tyler O'Shea e sua família iriam se arrepender do dia em que traíram Dean Scozzari e sua família. Vou acabar completamente com ela. Irei mastigá-la e cuspi-la.

Mas, primeiro, me divertirei com ela. Eu estava ansioso para vê-la sofrer quando eu começasse meus jogos. Queria vê-la se assustar e excitar-se com o que eu tinha para ela. Tyler será embalada em uma falsa sensação de segurança e, então, atacarei.

Ela era minha para ser reivindicada. Ela sempre será minha, porque, quando eu terminar meu plano, a porra da minha marca estará permanentemente nela.

Capítulo 3

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 1991

— O que você fez na escola hoje? — minha mãe perguntou, quando nos sentamos para jantar.

Sorri brilhantemente para a minha mãe e comecei a falar, girando meu cabelo entre os dedos.

— Bem, a aula de matemática foi muito chata e eu peguei o Sr. Branning mexendo no nariz durante a aula de inglês. Eca! — Franzi o rosto, mas a minha mãe e meu pai apenas me olharam. Minha irmã, Rebecca, tinha apenas três anos, então, tudo o que ela fez foi continuar brincando com sua boneca em cima da mesa. — No recreio, Dean e eu brincamos de esconde-esconde, mas ele sempre me encontra. — Comecei a rir, ao lembrar de Dean me agarrando, quando me escondi atrás dos banheiros. Achei que seria um bom lugar para me esconder, mas Dean já tinha brincado disso muitas e muitas vezes antes.

Olhei para meus pais e pude vê-los franzir a testa um para o outro. Então, meu pai virou para mim com um suspiro.

— Você não brinca mais com Ian?

— Claro que brinco. — Eu sorri. — Nós todos brincamos juntos. Nós sempre brincamos juntos.

Minha mãe colocou a mão sobre a minha.

— É que... você tem falado muito sobre Dean, ultimamente. Não se esqueça do seu melhor amigo, Tyler.

Olhei para mamãe e papai. Por alguma razão, eles não gostam quando falo sobre Dean.

— Por que vocês não gostam dele?

Isso me deixava triste e eu sabia que meus pais não gostavam quando eu ficava assim.

— Não é que não gostamos dele, querida. — Minha mãe sorriu suavemente e acariciou a minha mão. — É só que, bem... ele bateu num menino, no primeiro dia de aula.

Fiquei com raiva. Não gosto quando falam coisas ruins a respeito dele.

— Ele só bateu em Tim porque ele estava sendo malvado comigo. Dean foi um bom amigo, me defendendo.

Minha mãe sorriu e acenou.

— Nós sabemos, querida. Apenas tome cuidado.

****

No dia seguinte, andei até meu carro. Eu o tinha estacionado como, de costume, na vaga. Eu esperava que ele tivesse sido virado ao contrário e, obviamente, ele foi. Sorrindo comigo mesma, pensei que o *meu estranho* era muito bonzinho por estacioná-lo dessa forma, assim, tudo o que eu precisava fazer para sair era seguir em frente. Então, pensei que seria bom agradecê-lo por isso, mas

como eu poderia se eu jamais o conheci?

Então, a ideia me bateu. Um lampejo de inspiração, digamos assim. Não sei por que nunca pensei nisso antes.

Corri de volta para casa, não tinha tempo a perder. Eu não queria começar a trabalhar muito tarde.

Corri por dentro do meu apartamento, peguei um bloco e uma caneta. Rabiscando nele, escrevi:

Obrigada por arrumar meu carro na vaga. Foi muito gentil da sua parte.

Deixando o bilhete sobre a mesa, para que ficasse fácil para ele ver, peguei todas as minhas coisas de novo e saí. O único problema agora era que eu ficaria ansiosa para chegar em casa e descobrir se ele tinha lido e, esta seria a parte mais emocionante e assustadora, se ele iria responder.

Tentando esquecer esse pensamento, comecei a trabalhar com os casais para a minha matéria, torcendo para que suas histórias fossem boas o suficiente para passar pelo crivo de Andrew Walker.

Minha primeira parada foi na casa dos meio-irmãos Daniel e Melody. Eu estava animada para ouvir o que eles tinham a dizer e esperava que fosse bastante suculento e romântico.

Assim que acabei com eles, comecei a trabalhar o mais depressa possível. Louisa estava me esperando, pacientemente, ao lado da minha baia.

— Oi! Nem pude falar com você ontem. Como foi com o chefão, lá dentro? — Louisa apontou na direção do escritório de Andrew Walker.

— Tudo bem. Ele só queria me dizer que estava acompanhando o meu trabalho e que estava satisfeito com os resultados e com o meu esforço.

Arregalando os olhos, ela sentou-se na minha mesa.

— Uau.

Colocando a bolsa embaixo da mesa, encostei-me na bancada.

— Mas isso não é tudo.

Louisa franziu a testa, inclinando-se um pouco mais.

— Não é?

— Não. Contei a ele sobre uma matéria que gostaria de fazer, e ele disse que eu poderia ir em frente. Bom, isso depois que falei sobre a minha vida amorosa fracassada.

Louisa ofegou.

— Nãããõ!

— Ah, sim — eu disse, balançando a cabeça. — Não sei que diabos deu em mim. Falei que gostaria de escrever uma matéria sobre pessoas que namoram desde a infância. Então, ele disse que era uma boa ideia e perguntou se eu tinha minha própria experiência pessoal nesse tipo de relacionamento. Eu disse que não, mas essa não é a pior parte. Pior foi quando comecei a resmungar sobre não ter um encontro há Deus sabe quanto tempo. — Revirei os olhos e me encolhi.

Louisa riu.

— Oh, céus. Isso não é bom. O que ele disse?

— Ele sorriu e disse que tudo bem. Não consigo deixar de me sentir uma idiota cada vez que repasso essa conversa na minha cabeça.

— Mas ele gostou da ideia da matéria e disse que você pode fazer?

— Sim, pelo menos algo de bom saiu disso. Acabei de voltar de uma entrevista com um casal de meio-irmãos. Eles têm vinte e sete agora, mas estão juntos desde os doze anos. É uma história bem engraçada. Eles se odiavam antes, mas ficaram atraídos um pelo outro desde o começo, só que não queriam que o outro soubesse como se sentiam.

Sorrindo, Louisa brincava com seu chaveiro.

— Parece interessante. Tenho certeza de que você vai fazer um ótimo trabalho.

Sentando em minha cadeira, sorri.

— Obrigada.

Depois de alguns minutos de silêncio, Louisa falou:

— Olha, você precisa resolver essa situação, viu?

Olhando para ela com uma careta, perguntei:

— De que diabos você está falando?

— Dessa coisa de que você não tem um encontro há um século. Você precisa transar, garota, e sei exatamente onde vou te levar. Que tal esta sexta?

Sentei-me na minha cadeira e mordi meu lábio. Eu não tinha certeza se era uma boa ideia.

— Não sei. Não estou certa do que Suzie vai me mandar fazer, depois disso tudo.

Com as mãos no colo, Louisa soltou um suspiro de frustração.

— Ah, vamos lá, Tyler. Sei que o jornalismo é a sua vida, mas você precisa viver um pouco também. Vamos beber alguma coisa, depois você pode ter uma noite de sexo gostoso com um cara qualquer.

— Você faz isso parecer tão fácil. — Eu ri.

— E é. Tudo o que nós precisamos é de uma vagina e teremos sexo garantido onde quer que a gente vá. Os homens simplesmente não podem resistir.

Rindo, cheguei à conclusão de que ela estava certa. Eu me descuidei desse departamento por muito tempo.

— Tá bom! Combinado!

Dando pulinhos, Louisa bateu palmas.

— Ótimo! Vamos nos encontrar no Bo Jangles, às oito. O que acha?

Bo Jangles não era muito longe do meu apartamento.

— Parece ótimo.

Poucos minutos depois que ela deixou minha mesa, Ian aproximou-se.

— Como você está, docinho?

Olho para cima, com a sobrancelha levantada.

— Docinho?

Ian passou os dedos pelos seus cabelos dourados e sorriu.

— Sim. Acho que estou animado hoje.

— Por quê? Ficou com alguém? — Tentando digitar um e-mail, olhei para cima quando Ian não respondeu. — Seu engraçadinho! Quem é ela?

Ian piscou e inclinou-se um pouco.

— Alguém que conheci num clube noturno, no Soho. Nos demos bem e, quando achei que tinha uma chance, convidei-a para ir para a minha casa. Ela aceitou e… bem, você sabe o que acontece daí.

Dei um soquinho em seu joelho, não podia deixar de sentir uma pontinha de inveja. Todo mundo estava se dando bem, transando a torto e a direito por aí, menos eu.

— Seu sortudo de uma figa!

— Não precisa ficar com inveja, docinho. Tenho certeza que você vai conseguir encontrar uma pobre alma disposta a ir para a cama com você.

— É melhor que você saia daqui antes que eu jogue meu grampeador na sua cabeça.

— Sinto muito, Tyler. Não pude resistir. Que tal sairmos na sexta, depois da noite do espaguete à bolonhesa, é claro! Eu pago as bebidas, já que você pagou o almoço, no outro dia.

Lembrando que ele teve que correr do restaurante, perguntei:

— Ah, e como foi? Conseguiu terminar?

Acenando, ele respondeu.

— Consegui chegar a tempo. Sem stress.

Olhando para Ian, não consigo evitar sentir uma certa inveja da sua atitude indiferente. Ele parece funcionar melhor sob pressão, e ainda consegue fazer o que quiser com o seu tempo. Odeio gente assim.

— Desculpe, mas não vou poder ir ao nosso programa habitual de sexta à noite. Pode ser no sábado? Podemos comer o espaguete à noite. O que acha?

— Vai ter sexo no meio?

— Absolutamente não, Ian — eu o repreendi.

— Ah, um cara pode tentar. — Desencostando da minha mesa, Ian sorriu. — O que devo levar? Branco ou tinto?

Sentada na cadeira, girei a caneta.

— Talvez um pouco de cada. Você costuma beber os dois, mesmo.

— Que ousadia, Tyler. Ok, vou levar os dois. Talvez a brincadeira da garrafa não seja uma má ideia.

Olhando-o se afastar, tentei jogar um clipe de papel em sua cabeça, mas errei a mira e ele caiu bem na cabeça de Thomas, um dos editores seniores.

Tentando não rir, me inclinei para trás na cadeira, e me abaixei um pouco, o máximo possível, tentando sair da sua vista. Thomas olhou ao redor, tentando encontrar quem o atacou, mas deu de ombros quando percebeu que não chegaria a lugar nenhum.

Mas eu não estava totalmente a salvo ainda. Olhando ao redor, vi Andrew Walker passando por nossos cubículos. Ele pareceu me estudar curiosamente e, em seguida, seguiu o seu caminho. Ah, merda! Quanto daquela bagunça ele viu?

Tentando não pensar nisso, comecei a trabalhar em algumas coisas, até que chegou a hora de encontrar o segundo casal para a minha matéria.

Este segundo casal de namorados desde a infância era adorável. Fiquei feliz por ter gravado a conversa, já que não conseguia me lembrar de uma palavra sequer que falei. Fiquei o tempo todo inquieta e impaciente, morrendo de vontade de chegar logo em casa e descobrir se o *meu estranho* havia respondido.

****

Ao final do dia, voltei para casa e estacionei na minha vaga. Corri para a escada. Destravando a porta, meu coração batia tão descontroladamente que achei que ele poderia entrar em combustão espontânea.

Joguei tudo no chão, fui para a cozinha e encontrei o bilhete no mesmo lugar que o deixei pela manhã. Eu podia ver o que escrevi, mas não consegui ver uma resposta. Senti-me desanimada, por um segundo, por ter pensado nisso o dia inteiro. Estava louca para chegar em casa e encontrar uma resposta. Na verdade, lá no fundo, me senti um pouco irritada.

Decidi não me aborrecer muito com isso, servi uma taça de vinho e sentei na mesa.

Enquanto bebia o vinho, olhei para o bilhete novamente. Não sabia o que eu queria que ele dissesse, só queria que ele respondesse alguma coisa, qualquer coisa. Uma palavra apenas, só para me dar a certeza de que não estava ficando louca.

Não sei por que, mas algo me disse que eu deveria virar o papel. Engoli em seco.

— Puta merda!

Não estou ficando louca! Todos esses anos imaginando que estava enlouquecendo, pensando que talvez eu tivesse sonhado com tudo isso. Sonhado com ele.

Mas não. À minha frente, havia apenas duas palavras. Sim, duas. Consegui tirar duas palavras do meu estranho e eram as duas palavras mais lindas que já li.

De nada.

Por alguma estranha razão, eu senti uma euforia completa com este pequeno bilhete. Durante três anos, enlouqueci, me perguntando quem diabos era esse cara. Só hoje, tive a ideia de tentar me comunicar com ele. Se eu tivesse feito isso desde o início, quem sabe onde estaríamos agora.

Bebendo meu vinho, me perguntei se deveria escrever de novo. Devo perguntar seu nome? Por que ele está me perseguindo há três anos? Por que ele continua mexendo nas minhas coisas? Mas, principalmente, porque ele continua colocando o papel higiênico na merda de lado errado? Ele obviamente tem um pouco de TOC, com essa necessidade de colocar as coisas no lugar certo. Ele nem mesmo vivia aqui, e não parava com isso.

Sem pensar, escrevi a única coisa que me veio à cabeça.

Você gosta de cookies?

Maluca! Com tanta coisa para perguntar a ele, perguntei se ele gostava de cookies? O único motivo que veio à minha cabeça era porque eu tinha comprado alguns numa embalagem para duas pessoas no supermercado, quando fui buscar a comida chinesa. Devo estar ficando louca mesmo!

****

O dia seguinte foi ainda mais emocionante. Na manhã seguinte, deixei esse bilhete, com um prato com três cookies para ele. Quando cheguei em casa, os biscoitos tinham sido comidos, o prato estava lavado e guardado no lugar, e havia um bilhete dele.

Sim, obrigado.

Todos os dias, nos últimos dias, eu vinha para casa, colocava o carro na vaga e, todas as manhãs, o meu carro estava virado. Estava se tornando uma coisa regular.

A outra grande coisa que aconteceu foi a apresentação da minha matéria para Andrew Walker. Ele leu e adorou. Foi publicada na página cinco, na edição do dia seguinte. As coisas estavam finalmente dando certo para mim. Todo mundo adorou a matéria. Quando Suzie percebeu que passei por cima dela, eu já não me importava mais. Todo mundo falou que a matéria era ótima e foi maravilhoso quando o Sr. Walker me deu um tapinha nas costas e abriu um sorriso enorme.

Então, tive a ideia de fazer uma coluna para o jornal. Fui perguntar ao Sr. Walker o que ele achava. Foi o *meu estranho* quem me fez pensar nisso.

A ideia era fazer uma coluna com mensagens e poemas de admiradores secretos. As pessoas poderiam postar o nome e pequenas mensagens, na esperança de que a pessoa por quem o admirador tivesse um sentimento especial pudesse ler. O Sr. Walker achou a ideia fantástica e me incentivou a seguir em frente imediatamente.

Assim que voltei para a minha mesa, dei o nome à coluna de *À Distância*, fazendo um texto para que, quem quisesse mandar uma mensagem de amor para alguém que não sabia dos seus sentimentos, entrasse em contato comigo. Não sei por que resolvi chamar assim. Acho que tinha a ver com o meu estranho. Ele parecia despertar o monstrinho da criatividade em mim.

Quando cheguei em casa, vi um bilhete sobre a mesa.

Precisa de mais cookies.

Depois de rir por vários minutos, decidi fazer o jantar e trabalhar em meu laptop.

Capítulo 4

JAIMIE ROBERT

Dean

Mais forte que o amor de quem ama, é o ódio de quem ama.
Incurável, em cada um, as feridas que provocam.

Eurípedes

Eu estava tão ligado hoje à noite que não conseguia me concentrar. No final, fui até o meu porão e resolvi bater no saco de pancadas. Eu punia aquela coisa diariamente, mas, por algum motivo, ela precisava de mais punição hoje. Talvez fosse porque comecei a me comunicar com a Tyler. Eu sabia que chegaria o momento em que teria que levar as coisas adiante. Mas sempre achei que seria eu quem agiria primeiro.

Depois de uma meia hora cansativa, decidi parar. Estava desenrolando a faixa dos meus dedos quando tio Humphrey apareceu.

— O que houve, Deany? Você parece um pouco desanimado hoje. Não está comendo bocetas o suficiente? — Meu tio sorriu, mas eu bufei em sua direção. Ele sempre soube como me deixar pior do que eu já estava.

— Não se preocupe comigo, meu velho. Cuide da sua própria vida amorosa. Não te vejo em ação há meses.

Humphrey balançou a cabeça, com um sorriso de lado.

— Ei, nada de "meu velho" para você, garoto. Lembre-se que vivo há mais tempo e tenho muito mais experiência em lidar com pequenos idiotas como você.

Sorri. Tinha que dar razão ao meu tio. Ele estava certo. Ele estava neste jogo há muito mais tempo do que eu. Meu tio estava na casa dos cinquenta anos, tinha cabelos grisalhos, mas ainda mantinha a aparência do *bad boy* que ele costumava ser. Nós, os Scozzari, tínhamos uma má fama. Meus pais tentaram me esconder o seu meio de vida, mas, então, eles morreram. Quem mais, além de mim, poderia continuar o seu império? Tive que aprender muito após suas mortes, mas isso me transformou no homem que eu sou agora. Na verdade, Tyler me transformou no homem que eu sou agora.

— O que você quer? Quer um pouco de ação, um mano-a-mano comigo? Posso te mostrar como um homem de verdade luta, se você quiser. — Dei alguns golpes no ar, mas tudo o que Humphrey fez foi sacudir a cabeça;

— Não quero deixá-lo estirado no chão. — Revirei os olhos, mas não o desafiei. — Só vim aqui para dizer-lhe que Jimmy ligou. Ele pediu para avisar que o recado que você enviou foi dado.

Balancei a cabeça com um sorriso.

— Ótimo. Vou transferir o dinheiro para ele assim que eu terminar o banho.

Capítulo 5

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 1993

— Você nunca vai conseguir escapar de mim, Tyler. Você sabe que sempre vou te encontrar.

Coloquei minha mão sobre a boca, tentando sufocar o riso. Ele estava tão próximo de mim, agora, e provavelmente já sabia onde eu estava. Acho que ele gostava de fazer meu coração bater mais rápido. Dean sempre soube como fazer isso.

Eu tinha oito anos e ele dez. Dean estava ficando muito mais alto que eu, mas eu também era alta para uma menina de oito anos. Acho que é por isso que nós três nos dávamos bem. Sempre me incomodou pensar que, um dia, Ian e Dean iriam me achar muito nova para brincar com eles. Às vezes, isso me assustava.

— Rosey! — ele gritou, sua voz um pouco rouca. Esse era o meu apelido, desde o dia em que nos conhecemos e minhas bochechas queimaram. Ele ficou comigo desde então. — Eu posso ver você — ele sussurrou em meu ouvido direito.

Pulei, gritando, e corri para fora do meu esconderijo atrás da árvore. Dean riu, mas me pegou em seus braços.

— Você não pode ficar longe de mim, Rosey. Peguei você.

Ele me fez cócegas até que eu não conseguia mais respirar.

— Por favor, pare! — gritei, rindo ainda mais.

Dean parou, então me puxou para olhar em seus olhos.

— Veja, ainda está rosada — disse ele, acariciando a minha bochecha.

****

Hoje foi mais um bom dia. Era sexta, mas o que tinha de tão bom era a quantidade absurda de mensagens que recebi em resposta ao meu post no jornal de ontem. Muitas pessoas ficaram emocionadas com a ideia. Alguns e-mails eram um pouco assustadores, mas a grande maioria, eram mensagens de amor. Era incrível como muitas pessoas gostavam secretamente de alguém.

Algumas das mensagens eram poemas, outras, pequenos versinhos. A minha mensagem favorita era de um homem chamado Ned, que estava desesperadamente em busca da sua paixão da escola, de vinte anos atrás. O nome dela era Melanie Cribbins e ela foi quem lhe deu o primeiro beijo. Às vezes, primeiros beijos eram difíceis demais de esquecer. Eu sabia muito bem disso.

Eu estava ansiosa para que a mensagem de Ned fosse publicada. Eu a colocaria no centro, para que ela se destacasse entre as demais, para que a misteriosa Melanie Cribbins pudesse ver. Levei horas separando minhas favoritas, antes de submeter a Andrew Walker para publicação.

Ele ficou feliz, assim como eu, com a quantidade de respostas que recebi, desde ontem. Não havia dúvidas de que receberíamos muito mais mensagens nos próximos dias, já que minha primeira postagem foi um sucesso.

Esta manhã, eu havia deixado cinco biscoitos para o meu estranho. Claro que, quando cheguei em casa, eles não estavam mais sobre a mesa e um bilhete estava no lugar do prato, agradecendo-me, para meu deleite. Se eu achava que não tinha como as coisas ficassem mais estranhas, eu estava enganada.

Após guardar o bilhete, rapidamente fui me aprontar para sair com Louisa. Não sei porque aceitei seu convite para ir ao Bo Jangles, mas mais tarde eu saberia se tinha sido uma boa ideia ou não.

Depois de tomar um banho, coloquei meu vestido azul royal e meu elegante sapato de salto preto. Eu me sentia sexy e muito alta, usando saltos. Eu não era baixa, mas sempre quis ser um pouco mais alta. Era como se eu tivesse simplesmente parado de crescer, ao chegar aos treze anos. Tinha sido um pouco decepcionante, mas rapidamente aprendi que o salto alto seria meu melhor amigo.

Quando fiquei pronta, chamei um táxi. Eu sabia que o clube ficava a vinte minutos a pé, mas não tinha jeito de fazer essa caminhada com meus sapatos. Um táxi seria perfeito. Quando cheguei, vi Louisa do lado de fora. Nos cumprimentamos com beijos na bochecha e seguimos a diante.

— Você está maravilhosa, Louisa. Sempre está, mas hoje arrasou!

Rindo, Louisa segurou minha mão.

— Obrigada, querida. Você está maravilhosa e os caras vão te comer com os olhos. Bela escolha, o vestido azul. — Ela me deu uma piscada insolente e sorriu. — Agora, vamos encontrar um cara para você.

Sentindo-me nervosa, a segui. Fomos buscar uns drinks e sentamos numa mesa. Não sei porque me meti nisso, mas em certo sentido, Louisa estava certa. Há muito tempo um homem não fazia parte da minha vida. Meu estranho era o único cara constante que eu tinha, no momento.

— O que acha dele? — Louisa apontou para um homem alto, com uns vinte anos e cabelo escuro, arrepiado.

Bebericando meu drink, balancei a cabeça.

— Não, não faz meu tipo.

Remexendo-se na cadeira, Louisa olhou ao redor.

— Ok, ok. O que acha daquele?

Segui seu dedo, apontando para um cara mais baixo e mais magro. Ele também tinha cabelos escuros, mas o seu estava penteado para trás.

— Não. Muito baixo e magro. — Nunca fui fã de caras magros.

Balançando a cabeça, Louisa sorriu.

— Ok, vamos ver. — Ela esquadrinhou o salão do bar novamente, enquanto eu dava um gole na minha Margarita. Não demorou muito até que seus olhos caíssem sobre algo que ela, obviamente, gostou. A forma como seus lábios se curvaram em um sorriso a denunciou.

Seguindo seu olhar, eu esperava ver um carinha presunçoso, como a maioria dos que estavam aqui. No entanto, ele se destacava dos demais. Ele era alto e magro, com o cabelo loiro escuro e olhos cautelosos. Não eram feios, mas sim escuros e sensuais.

— É disso que estou falando! — Louisa gritou.

Tentando fingir interesse, dei de ombros.

— É bom, acho… se você gosta do tipo.

Os olhos de Louisa se arregalaram.

— Ah, garota, vamos lá! Você tem que admitir que ele é sexy.

Sorrindo, pisquei para ela.

— Talvez só um pouco.

Dando um tapinha em meu braço, ela riu.

— Essa é a minha garota. Agora, vamos pedir mais Margaritas. Ele está no bar, então é a nossa oportunidade. Vamos!

Sentindo-me confusa, bebi o mais rápido que pude.

— Porra, Louisa. Neste ritmo, vou ficar bêbada antes de sequer começar.

Puxando-me da cadeira, ela sorriu.

— Mais uma razão para beber rapidamente. Vai te deixar mais corajosa. Agora, vamos lá.

Levantei-me e respondi Louisa.

— Sim, senhora! — gritei com um sorriso.

Rindo, caminhamos para a área do bar, onde o cara loiro e sexy estava com outros dois caras. Um deles nos notou imediatamente e deu uma cotovelada no loiro sexy. Quando nossos olhos se cruzaram, eu soube imediatamente que iria transar com alguém hoje à noite e seria ele.

Desviando meus olhos para não parecer muito interessada, olhei para o bar.

— Duas Margaritas, por favor! — gritei.

— Boa noite, garotas — um dos caras disse.

— Olá — Louisa e eu respondemos juntas e notei o cara sexy olhando para mim.

— Podemos pagar uma bebida para vocês? Seria um prazer para nós. — Olhando para o sexy loiro, balancei a cabeça e sorri.

— Então, quais os seus nomes?

— Eu sou Tyler e ela é Louisa. E vocês?

O loiro sexy sorriu.

— Sou Brad e estes são Calvin e Eddie.

Após nos apresentarmos, começamos a conversar.

— De onde você é? — perguntei a Brad, já que era com ele quem eu queria ir para a cama hoje à noite.

— Sou de Stoke. Um bom rapaz do norte. E você?

— Nasci em Buckinghamshire, mas vivo em Londres há um bom tempo.

Com o canto do olho, pude ver Louisa sorrindo. Ela afastou-se de mim, para ficar mais perto de Calvin e Eddie. Tive a sensação que ela estava me deixando para ele.

— Você teve a mesma impressão?

Confusa, olhei para Brad.

— O que você quer dizer?

Virando sua cadeira de frente para mim, fez um gesto com o polegar por cima do ombro.

— Que eles nos empurraram um para o outro.

Eu não sabia como responder a isso. Não conseguia saber se ele estava sendo rude ou não.

— Bom, se é em Louisa que você está interessado, é só falar. — Não o culpo. Louisa é linda, mas hoje ela estava deslumbrante, com seu vestido preto curto.

Segurando gentilmente o meu braço, ele sorriu.

— Claro que não. Estou a fim de você, não de Louisa. Sua amiga é bonita, mas ruivas não fazem o meu tipo. Prefiro as loiras, especialmente as que tem belos olhos verdes como os seus.

Recuperando o fôlego, senti meu rosto corar. Brad parecia divertido.

— Não me diga que você não recebe esse tipo de elogio o tempo todo. Uma garota como você, com certeza, é bastante cobiçada.

Balancei a cabeça, surpresa com o quão surpreso ele parecia.

— Trabalho muito, para esse tipo de coisa.

Brad olhou para o meu copo e vi que ele estava esvaziando tão rápido quanto o anterior. Ele olhou para cima e fez sinal para o barman.

— O que você faz? — perguntou, depois de fazer o pedido.

Tomei um gole no resto da minha bebida e sorri.

— Sou jornalista, e você?

Me olhando curiosamente, ele ergueu a sobrancelha.

— Sou policial.

Meus olhos se arregalaram.

— Sério?

Ele riu.

— Não fique tão chocada, moça. É muito surpreendente que eu seja um tira?

Balançando a cabeça, sorri. Não sei porque, mas achei cômico.

— Sinto muito, mas você parece muito mais com Al Capone do que com um tira, e não é de um jeito ruim.

Sorrindo, Brad empurrou outra bebida em minha direção.

— Acho que vou deixá-la passar por essa, dessa vez.

Percebendo que já tinha acabado com a minha segunda bebida, peguei o segundo drink com prazer.

— Muito obrigada, oficial. Não quero entrar em apuros. Você pode querer pegar suas algemas.

Não posso acreditar que eu disse isso!

Querendo me esconder debaixo da mesa, olhei para Brad com um sorriso sem graça.

— Desculpe. Que clichê. Aposto que você ouve isso o tempo todo.

Rindo, ele segurou minha mão.

— Verdade, mas não de mulheres bonitas como você.

Olhando fixamente em seus olhos cheios de luxúria, não conseguia segurar a excitação que crescia dentro de mim. Talvez pelo álcool, ou pelo jeito que ele me olhava com seus olhos sensuais e seus músculos duros. Naquele momento eu soube que não iria para casa sozinha.

****

Depois de mais de duas horas de conversa, risadas e dança, Louisa saiu com Calvin e Eddie, e eu, com Brad.

Durante o percurso do táxi, tudo o que eu queria fazer era subir no colo de Brad e beijá-lo com toda a intensidade que havia dentro de mim. Eu sabia que estava bêbada, e também que estava agindo por impulso, mas não conseguia me segurar. Era para isso que eu tinha saído, não é?

Saindo do táxi, me atrapalhei ao procurar as chaves na minha bolsa. O tempo todo, Brad beijava meu pescoço por trás, fazendo com que ficasse ainda mais difícil encontrar as chaves.

Rindo, consegui encontrar o chaveiro e enfiar a chave na fechadura. Depois que abri, Brad me prendeu contra a parede, no corredor, e arrebatou meus lábios. Sua boca era macia, faminta e convidativa. Não tão sexy quanto eu tinha imaginado, mas gostoso.

Nos afastamos e, rapidamente, entramos no elevador, até o meu apartamento. Quando entramos, acendi as luzes. Brad me agarrou novamente e me puxou contra seu corpo. Eu pude sentir o quão duro ele estava e sabia que ele me queria.

Me afastei um pouco e olhei para ele, sem fôlego.

— Preciso beber um pouco de água.

Ele balançou a cabeça e fui para a cozinha, fazer meus rituais noturnos. Eu era como um relógio, sempre bebia um copo d'água na hora que entrava em casa, mesmo sob essas circunstâncias.

Entrando na cozinha, abri a porta da geladeira, sem ligar as luzes. Mexendo nas prateleiras, achei uma garrafa de Perrier. Tomando um gole, ainda estava com porta aberta, quando Brad entrou e acendeu a luz. Sorri e fechei a porta.

De repente, seu sorriso transformou-se em uma carranca, enquanto olhava para a geladeira. Franzi minha testa, me perguntando o que havia lhe chamado atenção. Virei a cabeça e levei o maior choque da minha vida.

Deixando a garrafa de vidro cair, ofeguei. Não podia acreditar no que estava vendo na porta da geladeira. Ele devia saber que eu estava indo para a casa com Brad e sabia que a primeira coisa que eu faria, era beber um copo d'água.

À minha frente, estava um bilhete do *meu estranho*, impresso em letras garrafais e negrito.

MANDE-O EMBORA!

— Merda, você não falou que era casada ou estava envolvida com alguém. Não fico com mulheres que tem um relacionamento. É aborrecimento demais.

Ainda em estado de choque, segui Brad de volta para a sala, olhando-o pegar seu casaco. Eu deveria falar com ele. Ele é um policial, afinal de contas. Eu deveria explicar a ele sobre meu perseguidor, que vasculhava meu apartamento diariamente, há quase três anos. Mas, por alguma razão, eu não conseguia pronunciar as palavras. Eu deveria ter falado, mas sentia uma necessidade de proteger esse estranho. Ele era o meu estranho, afinal.

Depois de alguns segundos de silêncio, a única coisa que saiu dos meus lábios foi:

— Sinto muito, achei que não tínhamos esse tipo de relacionamento, mas estou obviamente errada.

Suspirando, Brad vestiu o casaco.

— O que você quer dizer com isso? — Ele balançou a cabeça e caminhou até a porta. — Ah, não importa. Prazer em conhecê-la.

Ao ouvir a porta se fechar, afundei na cadeira. Por alguma razão, já não me sentia mais tão bêbada. Além disso, eu deveria estar com raiva, mas não estava assim. Quem quer que vinha me perseguindo por Deus sabe quanto tempo, além de mexer nos meus pertences, agora parecia querer controlar a minha vida amorosa. Ele sabia tudo sobre mim e, agora, ele devia sentir que tinha algum direito sobre mim.

Pensando nisso um pouco mais, cheguei à conclusão que ele deve ter me seguido esta noite. Ele deveria saber que eu voltaria para casa com Brad e, de alguma forma, voltou ao apartamento antes de mim.

Foi neste momento que me perguntei se ele ainda estava aqui. Como ele poderia ter vindo para cá, escrito o bilhete e desaparecido antes que eu chegasse? Eu tinha que descobrir.

Com a ansiedade percorrendo meu corpo, me levantei da cadeira, tropeçando, e segui em direção aos quartos.

Não encontrei nada, é claro. Só quando cheguei ao meu quarto é que vi outro bilhete, preso em minha cama. Rindo, percebi que ele deve ter colocado lá como garantia, caso eu não fosse até a cozinha beber água.

Quem era esse cara? Ele não estava apenas com ciúmes, ele era possessivo. As palavras rabiscadas no papel, me mostraram isso.

Você é minha!

Suspirando, falei.

— Se você acha que sou sua, porque você não se mostra. Saia, saia de onde quer que você esteja! — Eu ri.

Parada por alguns instantes, tudo o que me cercava era o silêncio.

Respirando fundo, deixei o bilhete cair e fui para o banheiro, me preparar para dormir. Eu não iria mais pensar sobre isso, esta noite. Estava bêbada demais e cansada, para tentar entender o que tinha acontecido. Amanhã era outro dia. E eu iria descobrir, de uma vez por todas, quem era esse cara.

****

Em meu sono atordoado, estava vagamente consciente das mãos de alguém, em mim. Os dedos se arrastavam tão sedutoramente sobre meu corpo, que eu não conseguia segurar os gemidos. Parecia um sonho, mas o sonho era muito real. Estou sonhando? Essas mãos estão sobre mim, de verdade? Eu não sabia. Minha cabeça parecia não querer saber. Tudo o que meu corpo queria era sentir e eu queria aproveitar cada toque.

Pulando da cama, percebi que já era de manhã. Procurei pelo quarto, mas não havia nada. Foi um sonho? Parecia muito real. Por outro lado, eu estava de ressaca, então, provavelmente, eu estava tendo alucinações. Talvez, saber que *meu estranho* estava tão próximo, estava brincando com a minha cabeça. Eu não só estava vendo coisas, como estava sentindo coisas agora.

Sacudindo a cabeça, levantei-me para ir ao banheiro. O maldito papel estava colocado de forma errada, de novo. Qual o problema dele com essa porra dessa obsessão com meu papel higiênico?

— Eu moro aqui, amigo, não você! — Gritei para o ar. — Ótimo! Agora você está me fazendo falar sozinha. Que maravilha, Tyler! Você, finalmente, tá ficando maluca!

Balancei a cabeça e me calei. Estava ansiosa para descobrir se haveria alguma mensagem para minha coluna, então tomei banho e me vesti, colocando meu telefone no silencioso ao pegar o laptop.

Comecei a ler as mensagens que chegaram. Deveria ter uma centena delas. Algumas eram estranhas, outras nojentas. Fui apagando as mensagens que não prestavam, ficando apenas com as verdadeiras. Fui passando os olhos em cada uma, até me deparar com uma que despertou meu interesse imediato.

Oi, meu nome é Jeremy e tenho quinze anos. Há pouco tempo, me apaixonei por uma garota que conheci no McDonald's, mas nunca tive coragem de me aproximar dela e convidá-la para sair. Eu gostaria, mas agora não posso. Sabe, estou doente. Estou no hospital há dias. É bem complicado declarar meus sentimentos para ela agora, mas sinto que não tenho muito tempo. Além disso, nunca beijei uma garota antes, então, se eu morrer, gostaria de morrer tendo beijado alguém.

Na verdade, tenho várias outras coisas em minha lista, como provar e tentar gostar de vegetais. Não consigo entender como os adultos gostam tanto disso. O que eles têm de tão especial?

Bom, o nome da minha paixão secreta é Julie, e eu adoraria que você mandasse essa mensagem para ela por mim.

Julie, já há algum tempo que a admiro de longe. Quando a vi pela primeira vez, no lado de fora do McDonald's da Brent Street, uma série de coisas me chamou atenção. Seus cabelos loiros acobreados balançavam de uma forma tão mágica, que minha respiração ofegou imediatamente. Quando você me olhou, quase desmaiei. Você tem os olhos mais incomuns que já vi. E então, você sorriu. Foi um sorriso breve, quando você estava distraída, mas sempre me fez pensar que adoraria receber um sorriso daquele, só para mim. Eu não pude desviar o olhar.

Se você ler esta mensagem, gostaria de dizer, antes de mais nada, com todo meu coração, que você é linda. Em segundo lugar, se você gostar de mim também e quiser conversar ou, quem sabe, me dar um beijo, eu adoraria.

Com amor, J.

Por favor, não coloque meu nome completo. Conheço várias pessoas na escola que leem seu jornal, e eles não me deixariam em paz ao descobrirem sobre isso.

Obrigado por seu tempo.

Jeremy.

Sentei, piscando por alguns minutos, relendo o que Jeremy tinha escrito. Fiquei imediatamente atraída por sua história e tinha que descobrir quem ele era, então, respondi a sua mensagem.

Querido Jeremy,

Acabo de ler seu e-mail e, devo admitir, fiquei imediatamente tocada por suas palavras. Você só tem quinze anos, mas tudo que escreveu foi muito sincero e maduro para alguém da sua idade. Logicamente, vou postar sua mensagem e deixarei seu nome de fora. No entanto, gostaria muito de visitá-lo, Jeremy. Você poderia me dizer, por favor, em que hospital você está?

Muito obrigada,

Tyler O'Shea

Colunista do Daily London.

Esperava não assustá-lo. Queria conhecer Jeremy, simplesmente, porque ele me intrigou muito. Seu e-mail me tocou e me fez valorizar tudo o que tenho em minha vida. Entristeceu-me pensar que ele poderia ter pouco tempo de vida. Eu não sabia o que fez com que ele chegasse a essa conclusão, mas queria saber.

Quando eu estava prestes a me levantar para fazer minha segunda xícara de café, veio outro e-mail dele.

Adoraria receber sua visita. Não recebo muitas visitas. Só não gostaria que as pessoas descobrissem que era eu.

Assim que li sua resposta, cliquei em responder no e-mail e escrevi:

Jeremy, pode acreditar em mim, quando digo que não quero visitá-lo como jornalista. Gostaria de conhecer você, de verdade. Juro que nem seu nome ou foto serão publicados em qualquer matéria minha. A menos, é claro, que você autorize. J

Cliquei em enviar e esperei. Eu podia entender sua apreensão, já que jornalistas não tinham boa reputação. Eu tentava, na minha linha de trabalho, não agir como um abutre. Por isso, sempre sonhei em ter minha própria coluna, entrevistando pessoas que gostariam de ser entrevistadas.

Não demorou muito e sua resposta chegou. Acho que ficar preso no hospital, por tanto tempo, não proporciona muito o que fazer.

Ok. Estou no St. Francis, na Dexter Street. Meu nome é Jeremy Crawlings e estou no Benedict Ward. O horário de visitas é entre nove e onze horas, e depois, das quatro às seis. Venha quando quiser, mas traga Stiksy com você.

Fiquei rindo do seu pedido de biscoito salgadinho, mas respondi que faria o meu melhor para realizar o seu desejo. Ele deveria ser como eu, que adorava essas besteiras. Acho que Jeremy e eu já tínhamos alguma coisa em comum.

Ao terminar de ler os e-mails, decidi fazer compras para o jantar de hoje à noite, com Ian. Depois que fizesse tudo, eu poderia relaxar um pouco, antes de ir visitar Jeremy. Eu estava ansiosa para conhecê-lo.

Estava prestes a sair, quando um alerta soou em meu telefone. Era um e-mail de Louisa, então fui ler, imediatamente.

Tyler,

Você não vai acreditar no que acabou de acontecer!! Porque você não atende a porra do

telefone?? Bem, abri meu e-mail e tem um convite para a Mansão!! Meu Deus, Tyler, sabe há quanto tempo eu espero por isso? É para este sábado e eu posso levar um acompanhante. Você PRECISA ir comigo. Se você disser que não vai, terei de amarrá-la e levá-la comigo.

Beijos,

Louisa.

Tive que rir. Eu sabia o quanto isso era importante para ela, pois Louisa estava numa lista de espera há meses. A "Mansão", como ela chama, é um total mistério. Todos os meses, um pequeno grupo seleto era escolhido para participar de uma festa. O mais estranho, era que ninguém sabia quem diabos era o dono do lugar. As pessoas, simplesmente, eram convidadas, passavam a noite, se quisessem, e depois iam para a casa. Sem falar com o anfitrião, sem saber o porquê de terem sido escolhidos. O tal mistério parecia fazer as pessoas desejarem querer ir ainda mais. Louisa, sendo a jornalista que era, estava determinada a descobrir tudo sobre isso. Perdi as contas de quantas vezes ela passou em frente a Mansão, se coçando para entrar e ver o que estava acontecendo.

E agora, ela quer que eu vá. É claro que tenho que ir, caso contrário, ela jamais me deixaria em paz. Meus pais também estavam me atormentando para vê-los, já que nossos trabalhos pareciam não permitir que conciliássemos nossa agenda. Eu iria sugerir este fim de semana, mas teria que adiar.

Com um suspiro, fechei a porta e digitei a resposta.

Não gosto de ser amarrada por meus amigos, então acho que você me deixou sem escolha.

Pressionei enviar, abri a porta e saí. Eu não sairia com o carro hoje, mas não consegui controlar a vontade de ver se o *meu estranho* tinha mudado ele de posição na vaga. Com certeza estava, mas eu já não ficava mais surpresa.

A manhã correu como planejei e ainda consegui comprar o biscoito de Jeremy. Eu estava realmente ansiosa para conhecê-lo. Ele parecia ser um garoto muito legal. Também comprei vinho e os ingredientes para o jantar. Ian sempre dizia que eu cozinhava bem.

Entrei em casa, coloquei as compras na cozinha e fui ao banheiro. Me surpreendi com o que encontrei, ao entrar. Com um profundo suspiro, tentei me acalmar antes de colocar o papel higiênico no lugar. Meu estranho tentava implicar comigo, devia achar que esse joguinho era divertido. Mas isso, muitas vezes me irritava profundamente. Se isso fosse um relacionamento, e eu morasse com ele, poderia decidir se gostaria de lidar com esse tipo de coisa. Com esse cara, eu não tinha opção a não ser conviver com seus hábitos irritantes.

Eu tinha que lidar com as coisas em casa, com minhas estranhas visitas. Ele sabia tudo sobre mim e tudo o que eu fazia. Devo estar louca por conviver com essa merda.

Tudo isso mês fez pensar em Brad, por um minuto. Eu teria ficado feliz em ir para a cama com ele na noite passada, mas, por alguma razão, fiquei feliz por não ter acontecido. *Meu estranho*, obviamente, sentiu que tinha alguns direitos sobre mim. Por que? Eu não sabia. E nem sabia o que ele faria, se eu tivesse ido em frente. Não estou dizendo que fiquei feliz porque não queria chatear *meu estranho*. Mas não sou o tipo de mulher que costuma levar um cara qualquer para casa, para transar com ele. Pensando por um outro lado, ele meio que me fez um favor. Mas, não pude deixar de pensar. E se, em algum momento, eu conhecesse alguém e gostasse dele? E se a gente quisesse ter um relacionamento? O que aconteceria com o meu estranho, então? O que ele faria? Eu não sabia as respostas. Ao mesmo tempo, apesar de me assustar, ele me deixava animada de um jeito meio pervertido.

Sei que eu precisava falar com alguém sobre isso. Eu devo ser louca de manter tudo isso escondido. Meus pais e amigos me matariam se soubesse que estava sendo perseguida e não fiz nada sobre isso, nem falei nada com ninguém. Honestamente, eu não conseguia entender a lógica dele. Ele

devia ser um pouco louco, por fazer coisas assim. Obviamente, não era normal. Era um comportamento estranho e me sentei, perguntando-me o que ele faria agora. Ele era uma companhia constante, pelos últimos três anos, mas nunca fez nada além de arrumar coisas que eu tinha deixado fora do lugar ou mudando o lugar de coisas que ele achava que estavam erradas. O que ele fez ontem à noite, mudaria as coisas? Será que ele, finalmente, responderia as minhas perguntas? Quem era ele? O que ele quer comigo? Ou será que um dia vou acordar e me deparar com ele em frente a minha cama, com um machado na mão? A única coisa que eu tinha certeza era que ele não queria me fazer mal, se quisesse, já teria feito antes. Ele já teve muitas oportunidades no passado para fazer isso. Se ele quisesse me matar, por que eu ainda estava viva?

Com todas essas coisas na cabeça, fui arrumar as compras, a casa e comer alguma coisa antes de sair para visitar o Jeremy. O hospital ficava próximo de onde eu morava, então, próximo das três e meia, decidi sair. Eu não tinha me exercitado, nos últimos tempos, então uma caminhada até o hospital me faria bem.

Com um pacote dos salgadinhos que Jeremy pediu, na bolsa, e um livro que comprei na livraria, segui para o hospital. O dia estava nublado, então levei um guarda-chuva, para me prevenir. Não queria ficar encharcada se caísse um temporal no caminho para o hospital.

Ao chegar no hospital, procurei no mapa da entrada a ala Benedict Ward, que ficava no terceiro andar. Peguei o elevador. O hospital estava lotado, no elevador, cerca de dez pessoas estavam espremidas.

Quando cheguei no terceiro andar, dei um suspiro de alivio e pedi licença, saindo do elevador. Tudo parecia tranquilo, exceto um casal que estava de pé, junto à porta da enfermaria. A mulher chorava e o homem ao seu lado tentava consolá-la da melhor maneira possível. Isso me fez ficar triste, ante a perspectiva de ter um filho que pudesse ficar doente… ou pior.

Tremendo com o pensamento, fiz o máximo para lhes dar privacidade, voltando a caminhar. Meu primeiro choque foi ver a quantidade de crianças na enfermaria. Eu não imaginei que tantas crianças poderiam ficar doentes. Eu sabia, mas ver foi um choque, no entanto.

— Posso ajuda-la? — uma enfermeira perguntou.

— Sim. Vim visitar Jeremy Crawlings. Ele está me esperando.

— Tyler O'Shea!

Olhando por cima do ombro da enfermeira, vi um menino sem cabelos, sentado na cama. Ele era muito bonito, com brilhantes olhos azuis e lábios rosados. Apesar disso, ele não parecia muito bem.

— Jeremy? — perguntei, agradecendo a enfermeira e seguindo em direção a sua cama.

— Uau. Você é ainda mais bonita pessoalmente. Sua foto não lhe faz justiça.

Sorri, pensando que ele era um pequeno atrevido. Eu gostava de pessoas assim.

— É um prazer conhecê-lo também — respondi, sentando ao seu lado, na cama, e estendendo a minha mão.

Jeremy abriu um grande sorriso e segurou minha mão.

— Não ganho um beijo? Acho que mudei de ideia sobre Julie, agora que te conheci.

Rindo, vasculhei minha bolsa.

— Apesar de me sentir lisonjeada, acho que a lei não é muito tolerante com mulheres adultas que ficam beijando garotos de quinze anos.

Jeremy ergueu-se um pouco na cama.

— Ah, que droga. Bom, eu tinha que tentar, né?

Balancei a cabeça, rindo.

— Tá certo. Bem, como você me pediu o salgadinho, vim cumprir minha promessa. — Tirei as

coisas da minha bolsa e entreguei a Jeremy com um sorriso caloroso. Ele pegou e seu rosto iluminou-se. Imediatamente, senti meu coração inchar. Me apaixonei por esse menino instantaneamente.

— Você não sabe o quanto sonhei com isso. Obrigado.

Coloquei minha bolsa ao lado da cama e olhei de volta para Jeremy.

— De nada. Mas por que outra pessoa não veio lhe trazer?

O rosto de Jeremy refletiu tristeza.

— Não tenho muitos amigos.

Meu coração apertou, dolorido.

— Mas por quê?

Eu não conseguia entender como um menino como ele poderia não ter amigos.

Jeremy deu de ombros e olhou para mim.

— Não tem porque fazer amigos. Não tem nem mesmo porque de você estar aqui.

Olhei para Jeremy em estado de choque.

— Mas por que? Não entendo.

Ele olhou para mim, com uma expressão de dor.

— Você não vai escrever sobre isso, não é?

— Claro que não. Fiz uma promessa e vou cumpri-la. Tudo que você me disser, nunca vai sair daqui, a menos que você queira. Vim aqui hoje, porque queria conhecê-lo.

— E me beijar? — ele perguntou com um sorriso insolente.

— Não força a barra, garoto.

Jeremy acenou, com um sinal de rendição.

— Tá bom, tá bom. Vou me comportar. Só não quero ninguém por perto. Minha companhia sempre me bastou. Assim, ninguém vai sentir minha falta, quando eu me for.

Eu queria pegá-lo em meus braços e abraça-lo com todo carinho.

— E a sua família, Jeremy?

— Não tenho família, nunca tive. Meus pais não me querem. Depois de viver uma vida de assistência social e hospitais, decidi que era melhor me manter longe de todos. Ninguém quer cuidar de um filho doente. Ninguém quer ficar muito perto. Eu entendo. Na verdade, eu faria o mesmo.

Fique parada, completamente apavorada e em choque. Uma parte de mim queria abraçá-lo, outra, queria sacudi-lo. Para alguém com apenas quinze anos, ele certamente parecia ter um grande peso e reponsabilidade, sobre seus ombros.

— O que você está pensando? — ele perguntou, ao notar meu silêncio.

Olhando para ele, sorri timidamente.

— Estava pensando que você é tão maduro para alguém com apenas quinze anos.

— Você concorda comigo, então?

— Não disse que concordo com você. Só acho que você está colocando muita responsabilidade sobre seus ombros.

— Então você não concorda com isso?

Balancei a cabeça.

— Não, Jeremy. Não concordo. Eu só o conheço a dez minutos e já sei que quero você como um amigo. Não me importo com mais nada além disso.

Agora foi a vez de Jeremy a sacudir a cabeça.

— Não. Você não quer ser minha amiga. Um amigo é alguém que você tem a longo prazo. Alguém que você confia por toda a vida. Não vou estar por aqui, por muito tempo.

— O que te faz dizer isso?

— Eu não sei. Chame de instinto. Venho lutando contra a leucemia há anos. Não acho que meu corpo pode aguentar muito mais. É difícil continuar lutando. É difícil ter vontade de continuar lutando.

Agarrando sua mão, olhei em seus olhos azuis claros.

— Talvez, se você deixar as pessoas entrarem em sua vida, você fosse querer lutar por eles. Todo mundo precisa de alguém.

A carinha triste de Jeremy de repente iluminou-se com um sorriso insolente.

— Você quer ser minha, então?

Balancei a cabeça e, com um sorriso, inclinei-me um pouco para trás.

— Não se envolve beijar você. Vou deixar isso para você e Julie.

Vi o brilho em seus olhos no momento em que mencionei o nome dela.

— Gosto da Julie."

— Você deveria falar isso para ela.

— É por isso que te escrevi, não é?

Balancei a cabeça.

— Vou publicar isso na edição de segunda-feira de manhã.

Jeremy sorriu e sentou-se, recostando em seu travesseiro. Ele viu o livro debaixo do pacote de biscoito e puxou-o.

— Você não leu esse, não é?

Ele balançou a cabeça.

— Não, mas ouvi dizer que o filme é muito bom.

Balancei a cabeça, porque tinha visto o filme há uma semana atrás.

— É bom. Mas ouvi dizer que o livro é ainda melhor.

A expressão de Jeremy era divertida.

— Não é sempre assim?

Eu ri um pouco.

— Sim, normalmente é assim.

— Bem, obrigado pelo livro. Vou começar a lê-lo mais tarde. Não tenho nada melhor para fazer.

Fiz uma careta, sentindo-me mal que eu pudesse sair daqui e voltar para a minha vida, enquanto Jeremy só poderia ficar nesta enfermaria de hospital.

— Posso te perguntar uma coisa? — ele perguntou, tirando-me do meu torpor.

— Claro vá em frente.

— Você tem namorado?

Avistei o sorriso insolente e balancei a cabeça.

— Não, e eu não estou procurando por um, seja quem for. Você nunca desiste?

— Achei que você não queria que eu desistisse. — Sua sobrancelha estava um pouco levantada, me desafiando.

— Touché, Jeremy. Touché.

— Por que você não quer um namorado?

Dei de ombros.

— Isso complica as coisas. Além disso, tenho o *meu estranho*. — No minuto em que disse isso, meus olhos se arregalaram. Eu realmente falei para esse menino, a quem eu só tinha conhecido há alguns minutos, sobre o *meu estranho*? Eu devo estar ouvindo coisas.

Jeremy observou minha reação chocada e me deu um sorriso irônico.

— Seu estranho? — Eu, obviamente, disse isso em voz alta.

— Não sei por que lhe disse isso. Eu não falei a ninguém.

Abrindo o pacote de salgadinhos, Jeremy ofereceu um para mim. Peguei um e coloquei na boca.

— Eu estou confiando em você, com a minha vida. Talvez você devesse retribuir o favor. Prometo não dizer nada a ninguém.

Sentei-me na cadeira e mastiguei o biscoito. Eu não podia acreditar que estava prestes a dizer-lhe isso. Eu não tinha certeza do que me compeliu a revelar tudo a um rapaz de quinze anos de idade, que eu não conhecia até dez minutos.

— Nos últimos três anos, tive alguém me observando. Alguém que continua vindo em minha casa e mexendo nas coisas.

Jeremy se sentou.

— Você tem um fantasma em sua casa? Isso é legal.

Balancei minha cabeça.

— Não… bem, pelo menos acho que ele é real.

Jeremy parecia confuso e eu não poderia culpá-lo.

— Espere um segundo. Um homem estranho tem entrado em sua casa? Não só isso, ele vem fazendo isso por três anos? — Balancei a cabeça e engoli meu nervosismo. — Puta merda!

— Tem certeza que você deveria estar dizendo coisas como essa?

Ele olhou para mim se desculpando.

— Sinto muito, mas você tem que admitir que é um momento puta merda.

Eu ri. Quem sou eu para dizer-lhe que não é.

— Acho que sim.

— Então, o que você sabe sobre ele? Você nunca chamou os rozzers?

Levantei minha sobrancelha para ele.

— Rozzers? Você anda vendo muito o programa Top Gear?

Ele abriu um sorriso enorme.

— Bem, eu tenho o mesmo nome que um deles.

— Sim, mas tudo ele diz que é a *melhor coisa do mundo*. E James May fala *rozzers* o tempo todo.

Jeremy riu.

— Você é muito legal. Assiste sempre ao Top Gear?

Balancei a cabeça.

— Sim. Adoro.

— Mas você é uma garota.

Admirada, eu gritei:

— E o que tem? — Jeremy abriu aquele sorriso insolente dele. — Você está me zoando, não é — Ele balançou a cabeça. — O que eu vou fazer com você?

— Eu não tenho certeza, mas certamente poderia pensar em algumas coisas.

Balancei a cabeça e fiz um pequeno *tsk, tsk* com a língua.

— Pode parar com isso agora, meu jovem.

Fazendo um beicinho, Jeremy olhou para baixo timidamente.

— Desculpe.

Balancei a cabeça triunfante e recostei-me na cadeira novamente.

— Então, o que você vai fazer com esse seu estranho? — ele perguntou, jogando outro biscoito em sua boca.

Dei de ombros.

— Não sei. Ele já faz parte da minha vida. Não sei como me sentiria sem ele. Sei que parece loucura, mas é quase como se ele tivesse se tornado um sapato velho e confortável.

Jeremy bufou.

— Não tenho certeza se ele gostaria de ouvir isso. Ele é obviamente uma espécie de "Um estranho no ninho".

Fiquei chocado que, com apenas quinze anos, ele sequer tivesse ouvido falar sobre esse filme.

— E como você sabe sobre esse filme?

— Passo muito tempo à toa. Tenho visto muitos filmes, inclusive "Antes de partir", com Jack Nicholson. Tenho minha própria lista. Não é tão grande.

Sentindo-me triste, mas intrigada, inclinei-me mais perto.

— Sério? Você se importaria de partilhar isso comigo?

Jeremy se sentou e ponderou por um momento. No final, ele encolheu os ombros e enfiou a mão no bolso do pijama.

— Acho que sim — respondeu ele, entregando-me. — Você confiou em mim com o seu grande segredo. Eu acho que posso confiar em você. — Ele piscou quando peguei o pedaço de papel dele.

Abrindo-o, olhei para os cinco itens da lista:

1. Assistir o máximo de filmes que eu puder. ü
2. Conseguir o autógrafo na foto do ator David Tennant. ü
3. Voar de helicóptero.
4. Ir para a Disneylândia, Paris. ü
5. Beijar Julie.

Olhei para a lista por um tempo, antes de responder.

— Você tem os itens um, dois e quatro assinalados. Quando você foi para a Disneylândia de Paris?

Jeremy revirou os olhos.

— Tive sorte que um dos lares adotivos que fiquei teve um financiamento do governo para uma viagem. Onze de nós foram escolhidos. Eu me diverti. Pelo menos eu posso dizer que fiz isso

— Por que você quer voar de helicóptero?

Seus olhos, de repente, se iluminaram.

— Quantas pessoas você conhece que já voou em um avião?

Balancei a cabeça, tentando pensar.

— Acho que todo mundo que conheço já voou de avião, em algum momento.

— Ok, bem, quantas pessoas você conhece que voou em um helicóptero?

Olhando para longe por um momento, tentei pensar.

— Não consigo me lembrar de ter conhecido ninguém que tenha voado em um.

Jeremy assentiu com um olhar presunçoso.

— Exatamente.

Olhei Jeremy por um momento.

— Sabe que você é a pessoa mais interessante que já conheci?

O sorriso presunçoso de Jeremy permaneceu.

— Eu tomo isso como um elogio.

Sorri de volta para ele.

— A intenção era ser mesmo. — Pensando que era hora de mudar de assunto, suspirei. — Então, me fale sobre Julie. Quando vocês se conheceram?

Jeremy sorriu e olhou para longe.

— Há quase cinco meses. Avistei-a do lado de fora do *McDonald's* com alguns de seus amigos. Ela estava linda. Desde aquele dia, nos encontramos algumas vezes. Sempre falamos oi, mas é o máximo que consegui falar com ela. Toda vez que penso em falar mais, minha língua parece colada à minha boca. É realmente irritante. "

— Então vocês dois se conhecem, então?

— Sim, mas acho que estou mais consciente dela do que ela é de mim.

Agarrando outro de seus salgadinhos, balancei minha cabeça.

— Você não pode dizer isso com certeza. Ela pode se sentir como você.

Jeremy deu de ombros novamente.

— Acho que nunca vou saber.

Recuei novamente.

— Não diga isso. Você nunca sabe o que a vida vai lhe trazer, Jeremy.

Ele riu um pouco.

— Eu sei, eu sei. Talvez eu precise de alguém como você por perto. Você é adorável e seu jeito é bastante contagiante. Você ainda acolhe homens estranhos em sua casa. Você provavelmente até mesmo o alimenta — Ele riu alto da sua própria piada, mas depois viu que eu não estava rindo. — Puta merda. Você está alimentando-o, não é?

Balançando minhas mãos para frente, disse-lhe para se calar.

— Pare com isso, Jeremy. Eu só dou uns cookies a ele, às vezes.

Ele estava rindo ainda mais, agora.

— Cookies? Isso é clássico. Ele soa como seu animal de estimação.

Agora foi a minha vez de dar de ombros.

— Ele gosta de cookies.

Jeremy bateu na cama.

— Para, para. Acho que vou desmaiar de tanto rir.

— Você não pode dizer a ninguém — eu sussurrei para ele.

Jeremy parou de rir e colocou uma mão em seu coração.

— Eu juro que não vou contar a ninguém.

Eu pisquei de volta.

— Sei que não vai.

****

Fiquei lá até me sentir exausta. Me diverti muito, o tempo parecia voar. Deixei Jeremy, deixando-o saber que ele tinha uma amiga para o resto da vida e eu iria visitá-lo muitas vezes, ele gostando ou não. Jeremy apenas sorriu e disse que eu tinha ficado feliz por ele ter dado em cima de mim. Eu meio que esperei uma certa resistência por parte dele, mas minha promessa de levar os salgadinhos em cada visita, o conquistou no final.

Corri de volta para o meu apartamento, para que eu pudesse preparar o jantar. Ian demoraria uma hora para chegar, mas não gosto de me sentir apressada. Gosto de ter tudo planejado e pronto com antecedência.

Eram pouco mais de sete e meia, quando ouvi a batida na porta. Corri, com uma taça de vinho tinto na mão, e tomei um gole furtivo antes de abrir a porta.

— Ian!

— Para mim? — ele perguntou, pegando a taça de vinho e bebendo em um gole.

— Ian, você é um filho da puta rude.

Ele me deu um beijo na bochecha.

— Sabe o quanto você me deixa duro, quando fala com essa boca imunda?

Empurrando-o, fiz uma carranca.

— Muito engraçado, parece que só você provoca a minha boca suja.

Colocando a mão no coração, ele sorriu.

— Me sinto honrado. — Eu ri, mas então, ele se voltou na direção da cozinha. Inspirando profundamente, ele olhou para mim. — Espaguete à bolonhesa?

Balancei a cabeça.

—Sim, e nada de esgueirar-se na cozinha, enquanto eu não estiver olhando. — Ele me olhou chocado. — Não me venha com esse olhar, Ian. Você sabe do que estou falando. Eu vi.

Ian acenou, balançando a mão.

— Oh, bem, o que posso dizer? Você faz um bom espaguete à bolonhesa, e como fez hoje à noite, acho que posso permitir que você tenha sorte. — Ian piscou para mim, mas revirei os olhos.

Ian e eu estivemos numa posição várias vezes em que poderíamos ter chegado aos finalmente… tantas festas e brincadeiras. Acho que ele era o único cara que me conhecia muito bem, sem ultrapassar a barreira da brincadeira. Sabíamos quando parar. Eu sabia que quando Ian brincava comigo sobre dormirmos juntos, era exatamente isso. Ele nunca permitia que as coisas fossem longe demais, mesmo que estivéssemos bêbados. Era uma amizade estranha, no mínimo, mas funcionava. Nós não queríamos mais do que isso, para não estragar a amizade. Nós nos amávamos, mas não no sentido de casarmos e termos filhos. Apesar de Ian já ter brincado com o fato de que se chegássemos aos trinta solteiros, deveríamos nos casar. Eu concordei, porque estava bêbada e achei engraçado.

— Então, o que você fez nos últimos dias? Como foi sua noite, ontem? Teve sorte?

Caminhando em direção à cozinha, balancei a cabeça, sorrindo.

— Conheci uma pessoa, mas não passamos da segunda base. — Servi-nos mais uma taça, entregando uma a Ian.

— Você sabe como isso é chato?

Engoli em seco.

— Ian, quem está te obrigando a jantar aqui?

Ele balançou a cabeça e fez beicinho.

— Sinto muito. Adoraria ouvir você falar que transou com alguém.

— Pervertido!

— Faço o meu melhor. — Ele sorriu descaradamente. — Então, você conheceu alguém na noite passada, mas não passou da segunda base? — Balancei a cabeça. — E Louisa?

Pensando a respeito, ela não mencionou sobre isso em seu e-mail. Acho que ela estava animada demais com a festa no próximo sábado.

— Ela não falou nada a respeito. Estava ocupada demais gritando que, finalmente, recebeu um convite para a *Mansão*, no próximo sábado.

Ian me olhou, boquiaberto.

— Você está brincando comigo! — Balancei a cabeça. — Louisa recebeu um convite para a *Mansão*? — Assenti. — E ela pode levar alguém com ela? — Balancei a cabeça novamente. — Puta merda! Qual o número dela? Quero ir com ela.

Tomei um gole de vinho e sorri. Honestamente, não estava tão animada em ir com ela. Parecia que todo mundo estava brigando por um convite. Se eu pudesse escolher, o deixaria ir em meu lugar, mas eu sabia que Louisa não aceitaria.

— Sinto muito, Ian. Louisa já convidou alguém. — Sorri para ele descaradamente.

— Cadela!

Dei um soco em seu braço.

— Não posso fazer nada se ela gosta mais de mim do que de você.

Ian mordeu as unhas, enquanto eu mexia o molho.

— Talvez eu devesse oferecer sexo oral a ela. Será que ela me levaria, então?

Revirei os olhos e bebi mais vinho.

— Acho que não.

— Droga!

— Não se preocupe. Prometo te contar tudo sobre isso. — Sorri.

— Acho bom. Estou morrendo de vontade de saber como é por dentro e o que acontece lá. Ouvi dizer que acontecem orgias lá dentro.

Me senti em pânico.

— Quem te falou isso?

— John.

Meu pânico diminuiu.

— John é tão doente e pervertido quanto você, Ian. É claro que ele falaria algo assim. Ele adoraria te deixar com inveja de algo sórdido.

Virando, peguei dois pratos no armário. Com o canto do olho, vi Ian enfiando uma colher em meu molho.

— Ei, eu vi isso! — Fiz uma careta para ele.

— Desculpe — Ian respondeu, sem demonstrar arrependimento. — Não tenho culpa que você cozinha tão bem.

Balançando a cabeça, coloquei os pratos na mesa.

— Vai sentar. Está quase pronto. — Para minha surpresa, ele fez o que pedi.

****

Após o jantar, Ian ainda ficou por um tempo, rindo e brincando. Contei-lhe sobre minha noite fora e minha visita a Jeremy, hoje. Assistimos a alguns episódios de Suits e ele ficou debochando, chamando-os de irritantes.

Quando eu estava começando a cochilar, Ian levantou-se.

— Eu sei quando estou incomodando. Já estou indo.

Bocejei.

— Desculpe, Ian, foi um dia muito agitado.

Ele me envolveu em um abraço e cochichou em meu ouvido.

— Nós podíamos ir para o quarto, sabia? Prometo deixá-la acordada.

Socando seu braço, o empurrei.

— É melhor você ir antes que eu chute seu traseiro.

Ele riu.

— Gostaria de ver você tentar.

Encarei suas palavras como um desafio e bati meu pé em seu traseiro. Ele logo correu.

— Sinto muito. Sinto muito. Retiro o que disse.

— É melhor mesmo,

Segurando-me, Ian me deu um abraço de verdade.

— Obrigado pelo jantar. Estava delicioso, como sempre.

Esfregando seu braço, sorri.

— De nada. Vejo você na segunda.

Ele abriu a porta e acenou.

— Pode apostar.

Depois de fechar a porta, segui para o meu quarto. Nem quis pensar sobre a louça. Eu arrumaria tudo, pela manhã. Tudo o que eu queria agora, era a minha cama.

Quando acendi o abajur, cambaleei. Cuidadosamente apoiada em minha cama estava uma flor. Eu não sabia o que era, mas me pareceu familiar. Meu estranho estava me trazendo flores, agora? Isso era novo. O que ele faria a seguir ?

Capítulo 6

JAIMIE ROBERT

Dean

A vingança pode ser ímpia.
Mas é natural.

William Makepeace Thackeray

Eu estava certo de que as coisas estavam indo como eu havia planejado. Que merda era aquela com os cookies e a ideia de permitir que um filho da puta idiota entrasse em meu território e tomasse o que era meu? Eu não deixaria ninguém estragar o que Tyler e eu tínhamos no momento.

E é exatamente assim que eu estava jogando. Eu precisava agir o mais rapidamente possível, porra. Então, coloquei as engrenagens em movimento. Me sentia mais calmo agora, depois do que aconteceu na sexta à noite. Eu queria matar alguém, de preferência o Brad, aquele filho da puta imbecil. O engraçado é que eu usaria Brad no meu pequeno jogo de sábado. No fim das contas, ele acabaria sendo o meu pequeno peão. O pensamento do que o esperava me fez rir. Todo mundo que recebe um convite, aguarda minhas festas com expectativa.

E eu estava pensando em fazer desta, a noite mais memorável da vida de Tyler.

Capítulo 7

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 1994

— Dean, isso é tão engraçado. — Eu ri.

Correndo pelo campo, estávamos ofegantes após a ousadia de Dean. Ele tinha acabado de tocar a campainha da Sra. Baxter, coisa que fazia regularmente. Ela estava gritando atrás de nós, ao nos ver sair correndo. Ela soava como um gato.

Acalmando-se, Ian virou-se para mim, quando viu que eu olhava para Dean.

— Tudo bem — disse ele, tentando quebrar o nosso transe. — O que você tem para mim?

Afastando o olhar do meu, Dean olhou para seu outro melhor amigo.

— Desafio você a colocar uma venda nos olhos por cinco minutos, sem se mexer.

Isso pareceu estranho. Até Ian parecia perplexo.

— Ok, isso é fácil. O que posso usar como venda?

— Use isso. — Dean tirou uma bandana do bolso e entregou-a a Ian. Quando ela estava firmemente presa no lugar, Dean fez sinal para que eu fosse com ele.

Estendendo a mão, ele me segurou e lá fomos nós, correndo em direção a algumas árvores. Nos agachamos e rimos por alguns segundos, antes de nos acalmar.

— Por que você fez isso, Dean?

Dean olhou para mim, com seus olhos azuis brilhantes. Ele estava com onze anos e eu apenas nove.

— Eu só queria ficar sozinho com você, por alguns minutos. — Ele sorriu, fazendo meu coração bater tão forte, que eu quase poderia ouvi-lo.

Pegando minha mão, ele acariciou-a com os dedos.

— Suas mãos estão sempre macias. Adoro tocá-las.

Corando, virei o rosto, mas era difícil ignorar o seu toque. Era muito bom.

— Era isso o que eu queria ver — disse Dean, assustando-me.

— O quê? — perguntei, voltando-me para encará-lo.

Erguendo a mão na minha bochecha, ele sorriu.

— A minha Rosey.

****

Eu não podia acreditar que Louisa tinha me convencido a ir a essa festa, hoje à noite. Eu estava prestes a dormir na casa de um estranho, mas parecia que todos estavam competindo por um convite. Eu não sabia o que se passava por trás das portas fechadas, mas a jornalista que havia em mim estava intrigada. Eu também estava consciente de que precisava espantar as teias de aranha que estavam se formando em uma certa parte da minha anatomia. Talvez esta fosse a minha noite. Agora que eu não estava em casa, meu estranho não poderia me impedir de transar. Meu Deus, eu realmente precisava

transar.

Seguindo pelo que eu só podia descrever como a entrada da Mansão, Louisa e eu estacionamos, mas não pude evitar, fiquei embasbacada com o lugar.

— Cacete, Louisa! Que porra de lugar é esse? Quem é o dono?

Ela balançou a cabeça.

— Não sei. É um mistério total. Venho tentando há meses receber um convite. Então, de repente, recebo um que me dá direito a trazer um acompanhante. Claro que eu só podia escolher você. — Ela sorriu brilhantemente e piscou para mim.

— Alguém sabe quem é o dono do lugar?

Ela balançou a cabeça novamente.

— Tenho tentado descobrir. Ninguém sabe se o proprietário fica aqui quando as pessoas estão na festa. Dizem que ele é um recluso, que só sai à noite.

Fiz uma careta.

— Ele é uma espécie de Grande Gatsby ou algo do tipo?

Louisa riu.

— Acho que tudo é possível. Estou ansiosa para entrar e ver como é por dentro. Tenho certeza que a jornalista que há em você também está.

Eu estava um pouco apreensiva com isso, mas sorri. Fiquei intrigada, com certeza. Muito intrigada.

— Certo. Então, agora que estamos aqui, vamos entrar e ver o que tem lá dentro.

Abrindo a porta do carro, Louisa sorriu.

— Ah, com certeza, sim!

Já do lado de fora do carro, Louisa e eu tiramos nossas bolsas de viagem do porta-malas do carro e caminhamos até a escadaria da casa. Eu não tinha certeza do porquê, mas a casa era um tanto assustadora. O tempo estava fechado, o que fazia com que ela ficasse ainda mais sombria. Parecia velha e cinza, mas grande ao mesmo tempo. Eu estava começando a me perguntar se alguém da família Addams atenderia a porta.

Eu certamente não estava preparada para o que veria no interior da Mansão. Depois que tocamos a campainha, fomos recebidas por um homem mais velho, bastante atraente, ostentando um bigode muito interessante. Seus cabelos eram grisalhos e ele usava um terno preto com gravata borboleta. Sorrindo educadamente, ele perguntou se poderia ver o nosso convite e identidade. Quando já estava tudo certo, nós caminhamos pelo corredor mais moderno que já tínhamos visto. Achei que seria tudo tão velho e imponente no interior como era do lado de fora.

Louisa ofegou.

— Nossa! De todas as coisas que imaginei, não esperava por isso.

Balancei a cabeça.

— Pensei que iriamos entrar e encontrar armaduras de pé, uma em frente à outra, nos corredores. — Estremeci com o pensamento.

Louisa riu, mas fomos interrompidas por um homem que abriu a porta.

— Se vocês seguirem por aqui, encontrarão o lugar onde todos os convidados aguardam. Vou levar suas malas para seus quartos. Por favor, peguem suas chaves. Srta. Temple, seu quarto é o de número vinte. Srta. O'Shea, o seu é o de número vinte e um.

Balançamos a cabeça concordando e pegamos as chaves.

— Obrigada. Você pode me informar se o proprietário estará aqui, esta noite?

O homem sorriu para mim.

— Sinto muito, mas não posso. Não o conheço, então não saberia lhe informar.

Eu duvidava que ele estivesse dizendo a verdade, mas acenei.

Louisa e eu ficamos paradas, olhando-o sair. Nós estávamos um pouco nervosas com o que iríamos encontrar quando a porta fosse aberta.

Respirando fundo, Louisa deu de ombros.

— Não vai ser nada demais, amiga.

Ela segurou a maçaneta e empurrou a porta. Eu não sabia bem o que estava esperando, mas com certeza não achava que encontraria um monte de gente bebendo e batendo papo. A maioria dos hóspedes eram homens, mas havia algumas mulheres sentadas, que ficaram nos observando quando nós entramos na sala. Fiquei pensando se elas eram como nós… duas loucas!

Claro que, assim que a porta foi aberta, o silêncio tomou a sala, e cada par de olhos se virou em nossa direção.

Como nós, todos estavam bem vestidos, mas de forma casual. Pelo menos, respirei aliviada por ter vestido algo que combinava com qualquer ocasião. Para mim, nada poderia dar errado com um pretinho básico. E sem esquecer dos saltos altos.

— Boa noite — um dos homens falou ao entrarmos. — Sou John, este é Jose, e o cavalheiro ao lado dele é Pete. Posso saber seus nomes?

— Sou Tyler — respondi, estendendo-lhe a mão. — E esta é Louisa.

Observei John enquanto ele me cumprimentava. Todos os homens presentes eram de tirar o fôlego. As mulheres também eram extremamente bonitas. Eu me senti um pouco exposta. Fiquei me perguntando se havia uma lista de critérios ou não. E se eu não atendesse às expectativas do dono? Eu nem sabia por que estava me preocupando com isso.

Outra coisa interessante é que as pessoas aqui tinham entre vinte e tantos a trinta e poucos anos. Pareciam ter diferentes níveis econômicos, mas ninguém parecia pobre.

John era alto e seu corpo era bem constituído. Seus cabelos eram escuros e penteados para trás e seus olhos, azuis. Ele usava uma camisa branca de linho e tinha uma covinha na bochecha esquerda, que aparecia quando ele sorria. Jose parecia mediterrâneo, com sua pele oliva suave, olhos castanhos claros e cabelo castanho ondulado. Bonito. Pete era loiro, não tão alto, com um sorriso meio insolente.

— Prazer em conhecê-los — consegui dizer ao soltar a mão de John.

— O prazer é todo meu. — John passou os olhos em Louisa e eu, fazendo-nos corar.

— Acho que estou perdendo as apresentações.

Voltamos a atenção para a voz atrás de nós e o que encontrei quase me derrubou no chão.

Louisa e eu ofegamos.

— Brad?

Brad sorriu cautelosamente ao se aproximar. Eu não tinha certeza se ele ainda estava com raiva de mim, após o incidente daquela noite.

— Tyler, é bom vê-la novamente. E esta é Louisa, certo? — Brad inclinou-se, dando um beijo em minha bochecha.

— Sim, você lembrou. — Louisa balançou o cabelo ruivo e não pude deixar de notar Pete respirar fundo, com sua visão. Parecia que ela já tinha um admirador.

— Faz parte do meu trabalho ser o mais atento possível. Além disso, acho que não é uma noite que eu poderia esquecer facilmente. — Brad olhou em minha direção e eu me encolhi um pouco.

— Não envergonhe a pobre moça, Brad. Pelo amor de Deus. — John olhou para ele.

Brad apenas deu de ombros e aproximou-se.

— Então, você já conseguiu descobrir que tipo de relacionamento você e aquele cara têm?

Com Brad focado em mim, Louisa tomou isso como sugestão para continuar conversando com John e os outros. Notei que Pete tencionou a musculatura imediatamente. Acho que ele queria marcar o território.

— Não estou num relacionamento, Brad. É difícil explicar, mas não estou com ninguém.

Brad parecia confuso e eu não poderia culpá-lo.

— Você está sendo perseguida ou algo assim? Você sabe que isso é contra a lei, certo?

Não pude segurar o riso. Brad parecia enxergar o que se passava comigo antes que eu pudesse falar qualquer coisa. Queria falar para ele, mas sentia algum tipo de lealdade mórbida pelo *meu estranho*.

— Não é nada que eu não possa lidar.

Brad olhou para mim, com severidade.

— Tyler, se alguém está invadindo sua casa e deixando bilhetes como aquele, você precisa dar queixa na polícia.

Senti meu pânico aumentar.

— Está tudo bem, de verdade. Estou cuidando disso. — Sorri para ele, mas acho que ele não estava muito convencido.

Enfiando a mão no bolso, ele tirou um cartão.

— Quero que você fique com isso e me prometa que vai me ligar, caso algo assim volte a acontecer. De dia ou à noite, você consegue falar comigo, ok?

Peguei o cartão, balançando a cabeça, sentindo um certo formigamento ao notar sua preocupação. De repente, Brad parecia ainda mais irresistível do que quando nos conhecemos.

— Obrigada por se preocupar comigo. Obrigada.

Ele sorriu e acariciou minha bochecha.

— Sinto muito por não ter ouvido o que você tentou explicar. Para falar a verdade, pensei muito sobre você nos últimos dias.

Antes que eu tivesse chance de responder, senti um toque em meu ombro.

— Aqui, Tyler. Uma taça de um excelente espumante. Cortesia do Grande Gatsby. — Louisa piscou e me entregou a taça.

— Grande Gatsby? — Brad perguntou, com uma sobrancelha levantada.

— Tyler achou que o dono poderia ser alguém como ele, já que não temos uma pista de quem possui este lugar.

— Você sabe quem ele é? — perguntei a Brad, esperando que ele nos desse alguma luz.

— Não faço ideia. Sou amigo de John e ele me convidou. Ele disse que há meses esperava uma oportunidade para vir e só agora recebeu o convite.

— Exatamente como eu.

— Que estranho. Não estamos numa espécie de Jogos Mortais, no qual alguém aparecerá usando uma máscara, pedindo que um corte a perna do outro, né? — Louisa e Brad riram.

— Parece estranho mesmo — ele respondeu. — Acho que vamos descobrir em breve.

Assim que ele falou isso, a porta se abriu, interrompendo a nossa conversa. Dois homens entraram. Mais uma vez, os dois eram bonitos, mas um fazia mais o meu tipo. O mais atraente tinha cabelos bagunçados e olhos azuis brilhantes. Ele era muito alto e musculoso, com uma sombra de barba por fazer. Assim que o vi, cambaleei, pensando por um momento que o meu Dean estava finalmente aqui para me buscar.

Ele olhou pela sala e imediatamente me viu, encarando-me com um olhar intenso. Foi tão

hipnótico que nem percebi que Brad havia colocado seu braço ao meu redor, até que ele me puxou para ele. Não pude evitar de revirar os olhos.

Rapidamente, o brilho daquele olhar desviou do meu e seguiu seu caminho, acompanhado do outro homem. Ele passou por mim, sem me dar um segundo olhar, e foi conversar com as pessoas que estavam no canto da sala, incluindo as duas outras moças. Elas praticamente pularam nele quando ele se aproximou. Acho que não era meu Dean mesmo.

— Que rude. Quem era? — Olhei para Brad, John e os outros, mas eles só balançaram a cabeça.

— Acho que ele é outro convidado — John falou.

— Parece um asno pomposo. — Eu bufei.

— Não se preocupe com ele. — Brad sorriu e me puxou para mais perto. — Vamos mantê-la sempre acompanhada.

Sorri para Brad quando o homem que nos recebeu mais cedo veio anunciar que o jantar estava servido. Tinha que admitir, eu estava muito intrigada com o que encontraria lá.

Fomos levados para uma grande sala, com uma monstruosa mesa no centro. Os pratos, talheres e tudo mais estavam cuidadosamente arrumados sobre a mesa. Garrafas de champanhe, vinhos branco e tinto estavam ordenadamente organizados no centro, quando todos tomaram seus assentos. Fiz questão de sentar ao lado de Louisa, e Brad conseguiu sentar ao meu lado. Pete estendeu a mão para a cadeira ao lado de Louisa, antes que alguém sentasse.

— Parece que ele gostou de você — sussurrei para Louisa.

Ela corou.

— Ele é bonito, não é? Acho bom você me observar esta noite, Tyler. Pode ser que eu queira fazer uma brincadeira com ele, debaixo da mesa.

Eu ri.

— Por que não?

Louisa assentiu.

— Sim, porque não?

Capítulo 8

JAIMIE ROBERT

Dean

Vingança é um ato de paixão; vingança é um ato de justiça.

Samuel Jackson.

Eu sabia que ela não me reconheceria, porra. Isso me fez desprezá-la ainda mais. Fiquei olhando-a até que o babaca que ela conheceu no bar a agarrou. Mal sabiam eles que eu organizei a porra toda.

Balancei a cabeça, rindo comigo mesmo. Ela parecia ainda mais bonita do que eu me lembrava. Quase me arrependi dos meus planos de macular sua beleza.

Quase.

Olhei por cima, vendo Brad sussurrar algo em seu ouvido. Ela corou um pouco e jogou a cabeça para trás, numa gargalhada. Ver isso trouxe imagens à minha mente. Porra, eu queria afundar meu pau dentro dela. Queria agradá-la e puni-la ao mesmo tempo. Queria fazer isso para que eu desse prazer suficiente para que ela implorasse por mais, mas não o suficiente para que ela achasse que eu me importava com ela. Eu não me importava com ela. Queria vê-la sofrer. Queria que ela sentisse dor, quando percebesse tudo o que me fez passar. Queria ver ódio e medo em seus olhos, quando ela percebesse que eu estava bem. Eu não podia mais esperar. Planejei muito esse momento. Mas, primeiro, eu ainda precisava jogar um pouco mais. Levei muito tempo fazendo meus planos para foder tudo agora. Tinha que manter o plano original e que se fodam as consequências.

Chamando a atenção do meu tio, sussurrei em seu ouvido. Humphrey balançou a cabeça e desapareceu na cozinha com uma garrafa de vinho.

Que comecem os jogos.

Capítulo 9

JAIMIE ROBERT

Tyler

— Você está deslumbrante, Tyler. De verdade.

Brad tinha bebido um pouco e a bebida estava subindo à sua cabeça. Na verdade, suas carícias em meu rosto e em minha perna não estavam me ajudando. Ele estava me deixando louca de tesão. Cheguei ao ponto de me perguntar quando a refeição acabaria, para que eu pudesse levá-lo lá para cima e transar com ele a noite toda.

— O frango está bom? — ele perguntou, finalmente afastando-se um pouco.

— Sim, obrigada.

Com o canto do olho, vi o homem que abriu a porta para nós servir mais uma taça de vinho a Brad. Achei que ele me serviria, mas ele me ignorou e seguiu adiante. Estranho.

Franzindo a testa, balancei a cabeça e olhei para Brad.

— Parece que você quer algo comigo.

Brad riu.

— Com certeza. Muito. Talvez possamos nos encontrar mais tarde. Em que quarto você está?

Balancei minha cabeça.

— Uma dama jamais fala — provoquei.

Brad ergueu a sobrancelha.

— Vamos lá — pediu ele, cutucando um ombro.

— Quarto vinte e um.

Inclinando-se para mim, Brad beijou meu rosto e sussurrou em meu ouvido.

— Prometo te dar uma noite que você jamais vai esquecer.

Estremeci de prazer. Eu estava mais do que pronta. Eu sabia que depois do jantar deveria ter uma rodada de drinks, mas não tinha certeza se minha libido aguentaria muito mais.

Voltando a atenção para Louisa, cutuquei seu ombro. Pude ver Pete deixando sua marca, mordiscando a orelha dela.

— Está se divertindo?

Ela sorriu e olhou na direção de Brad.

— Tanto quanto você.

— Touché — eu disse, mexendo as mãos. — Se eu for para a cama um pouco mais cedo do que o esperado, você fica com raiva de mim?

Louisa riu e balançou a cabeça.

— Que graça, estava pensando a mesma coisa.

****

Os pratos foram retirados e a sobremesa, servida, mas eu já estava me sentindo satisfeita com o jantar. Tomei sopa e comi frango com batatas, mas meu estômago estava muito ocupado, fervilhando

com borboletas, para se preocupar com a comida.

Quando Brad acabou sua quarta taça de vinho, ele ficou ainda melhor. Sua mão em minha perna mostrava isso.

Quando todos acabaram de comer, o barulho das cadeiras podia ser ouvido.

— Até que enfim — Brad falou com a voz arrastada. — Te encontro em seu quarto em dez minutos, para não parecer muito suspeito.

Balancei a cabeça, agradecida por ele pensar em minha modéstia.

Segurando minha taça de champanhe, dei boa noite a Louisa e aos outros e segui para o andar superior, à procura do meu quarto. Cambaleando um pouco, cheguei ao primeiro andar e descobri que todos os quartos ali começavam com o número um. Achei as escadas e subi para o segundo andar. Quando vi o número vinte e um na porta, soube que estava no lugar certo.

Então, pensei nas paredes da casa. Eu esperava que elas não fossem finas, pois nem eu nem Louisa iriamos gostar de ouvir o que aconteceria nos quartos.

Balançando a cabeça, abri a porta do meu quarto. Era uma grande suíte. A grande cama de dossel ficava no meio do cômodo, e minha bagagem estava sobre ela. Fiquei feliz por ter levado uma lingerie decente.

Aproveitando os minutos que eu ainda tinha, desembalei minhas coisas, me despi e tentei retocar a maquiagem. Era um pouco mais difícil do que o normal, já que eu estava bêbada, mas não o suficiente para não saber o que estava fazendo. Eu sabia que queria isso, antes de começar a beber.

Depois que terminei, olhei meu reflexo no espelho por alguns segundos. Ainda bem que meu cabelo ainda estava bonito, após os eventos da noite. Eu tinha sorte. Meu cabelo era longo e liso, e nunca tive trabalho para deixá-lo arrumado. Ele secava naturalmente e estava pronto.

Saí do banheiro e voltei para o quarto, esperando por Brad. Bebi os últimos goles do meu champanhe e subi na cama, empurrando os lençóis.

Deslizando para debaixo deles, fechei os olhos, permitindo que a sensação de conforto me tomasse. A cama não só parecia luxuosa, ela realmente era.

Conforme os minutos passavam, coloquei minha cabeça no travesseiro e olhei para o teto. Talvez Brad tenha decidido não transar comigo. Ou, ainda, algo poderia estar atrasando-o. Seja o que for, já tinham se passado vinte minutos e nada dele. Se ele soubesse o quanto eu estava pronta, teria vindo mais cedo. O álcool começou a fazer efeito e fui ficando cansada. O fato de a cama ser divinamente confortável não ajudava muito.

Antes que eu percebesse, já estava dormindo.

****

Era eu quem estava gemendo em voz alta? Não sabia o que estava acontecendo, só que alguém estava me tocando e, puta merda, era muito bom. Suas mãos acariciavam meus mamilos, minha cintura, meus quadris, meu corpo inteiro.

Porra, ele era como um polvo, mas não me importava, eu estava gostando.

— Oh, Deus! — gritei respirando pesadamente.

— Shhh — uma voz soou acima de mim. — Estou aqui para fazer você gozar.

Sua voz soava tão sexy. Eu deveria ter ficado aborrecida por ele ter demorado tanto para vir, mas, agora, o jeito que ele me tocava era mais do que erótico.

Empurrando minhas pernas para abri-las, ele estava sobre mim num instante. Senti o quão duro e grande ele estava quando ele empurrou sem membro em meu estômago. Gemi de novo quando ele rasgou minha camisola e arrebatou meus mamilos. Ele estava sendo bruto comigo, mas, por alguma razão, só aumentou minha excitação.

Sem conseguir suportar, levantei minha cabeça para beijá-lo, mas fui rapidamente interrompida por um par de mãos segurando meus pulsos.

— Eu digo quando você pode me beijar, porra? Entendeu?

Que merda é essa? Ele está dando ordens para mim?

— Foda-se! Fique longe de mim!

Estava prestes a dar um pontapé nele, mas ele foi muito rápido. Antes que eu esboçasse reação, ele rasgou o resto da camisola e avançou na direção da minha boceta.

Ele não perdeu tempo com a língua. Colocou-a em mim, num instante, fazendo com que eu esquecesse qualquer ideia sobre a tentativa de pará-lo. Como ele conseguia me fazer odiá-lo e sentir tesão por ele, ao mesmo tempo? Não imaginei que Brad tivesse um homem das cavernas dentro de si.

Estava difícil de enxergar. O quarto estava tão escuro que tudo o que eu conseguia era ver as formas daquele corpo magnífico. E, cara, este corpo estava me dando tudo aquilo que eu desejava.

Com o movimento da sua língua, ele estava me deixando louca. Já recebi sexo oral de outros homens, mas nenhum deles tinha a experiência com a língua como ele. Era quase como se ele conhecesse meu corpo, como se soubesse onde me tocar.

Inclinando meus quadris, ele lambeu de cima para baixo, do meu clitóris para minha boceta. Não consegui segurar os gemidos.

— Oh, Deus — gritei novamente.

— Você gosta disso? — ele perguntou, contra minha perna. A vibração da sua voz quase me fazendo gozar.

— Sim…

— Sei exatamente o que você quer, Tyler. Conheço cada centímetro seu. Você quer gozar como nunca gozou antes?

— Oh, Deus! Sim! — gritei a ponto de explodir. A maneira como ele me tocava e falava comigo estava me incendiando.

— Você vai gozar só quando eu deixar, Tyler, e não antes. Entendeu, Tyler? — Ele me lambeu novamente e meus joelhos quase cederam. — Responda!

— Sim… por que você está fazendo isso comigo?

— Porque eu te possuo. Cada centímetro do seu corpo é meu. Só isso que você tem que saber. E a única pessoa que você precisa, sou eu. — Ele lambeu meu clitóris novamente. Não sei como ele fez isso, mas foi como se tivesse acendido um interruptor em mim.

Eu estava quase lá. Meus gemidos estavam cada vez mais altos e minhas pernas ficaram tensas com meu orgasmo iminente.

De repente, ele parou e grunhiu para mim.

— Te dei permissão para gozar?

Eu estava prestes a discutir e mandá-lo se foder, mas ele sempre conseguia ser mais rápido do que eu.

— Vire!

— Não!

— Tyler, vire-se, porra! Não vou falar de novo.

— Não!

Rapidamente, ele me virou de bruços sobre a cama. Eu queria discutir, mandá-lo se foder, mas meu corpo parecia tremer cada vez que ele me tocava.

Se eu achava que não poderia ficar pior, de repente ele me deu um tapa na bunda.

— Ai! Por que você fez isso?

Esperei que ele respondesse, mas ele puxou meus quadris para cima e empurrou seu pênis dentro de mim.

— Puta merda! — Ele bateu no meu traseiro de novo. — Desgraçado!

— Me dê a sua mão.

— Não!

— Estou ficando cansado disso, Tyler. — Ele empurrou dentro de mim novamente e quase desmaiei.

— Oh, Deus!

— Tyler, me dá a porra da sua mão. Faça o que eu mandei.

Estendendo a mão para ele, senti-o puxá-la na direção da minha boceta. Imediatamente, toquei no seu pau duro, que estava dentro de mim. Senti ao redor dele o preservativo.

— Está satisfeita agora? — Balancei a cabeça e ele soltou minha mão.

— Vou começar a me mover agora, mas não importa o quanto você queira gozar, você vai segurar. Você entendeu? Não pode gozar até que eu permita.

— Babaca!

Com força, ele puxou meu cabelo.

— Você ainda não viu nada, amor.

Antes que eu pudesse argumentar, ele começou a se mover dentro de mim. A cada impulso, eu sabia que não conseguiria resistir por muito tempo. Era muito bom. Bom até demais. Quase como se ele fosse feito para mim, projetado especificamente para Tyler O'Shea.

Eu fiquei com raiva. Irritada por ele me tratar assim. Mais que isso, eu estava com raiva de mim mesma por permitir isso. Com raiva por gostar de cada segundo em que ele estava me comendo.

— Oh, não! — Estava muito perto, não conseguiria segurar.

— Se você gozar, vou puni-la, Tyler.

Tentei o máximo que pude. Eu estava a cima dele, gritando e sentindo meu corpo estremecer. Meu orgasmo simplesmente jorrou, deixando todos os pelos do meu corpo em pé. Nunca tive um orgasmo como esse.

— Porra! — ele gemeu, puxando meu cabelo com mais força, me puxando para cima. Ainda movendo-se com força, dentro de mim, ele puxou minha cabeça para o lado e chupou com força a lateral do meu pescoço.

Parecia doloroso, mas, de alguma forma, intensificou ainda mais meus sentidos, provocando um segundo orgasmo.

— Porra, Tyler! — ele gritou, soltando o meu pescoço e empurrando com mais força.

Ele logo caiu em cima de mim, nossa respiração dura e implacável. Ficamos em silêncio por alguns momentos. Comecei a tentar compreender o que tinha acontecido. Será que ele só queria mesmo me degradar e, então, me proporcionou não só um, mas dois malditos orgasmos? Já tinha ouvido falar sobre orgasmos múltiplos, mas jamais imaginei que experimentaria.

— Você me desobedeceu, Tyler. Vai ser punida por isso.

Tentei virar para lhe dar um esporro, mas ele tinha me deitado na cama, segurando-me com força.

— Agora, você vai dormir como uma boa menina.

Já tive o suficiente dessa merda. Uma coisa era me dizer o que fazer durante o sexo. Isso era completamente diferente.

— Vai se foder!

— Acreditei que eu já tinha te fodido, Tyler. Não apenas isso, como também te dei os dois

maiores orgasmos da sua vida. Estou certo?

Fiquei em silêncio, sabendo que ele estava certo e o odiando por isso.

— Ótimo. Gosto quando uma boca inteligente com a sua sabe quando estou certo. Um dia, vou foder muito a sua boca. — Ele passou os dedos por meus lábios, fazendo minha boceta ganhar vida.

— Quer que eu te coma de novo, não é, Tyler? Quer minha boca na sua boceta, minha língua no seu clitóris, que eu enterre meu pau na sua boceta até fazer você gritar, não é?

— Sim — falei sem fôlego.

— Sim, o que, Tyler?

— Por favor.

— Eu poderia fazer isso, desde que você não tivesse me desobedecido. Mas vou voltar a fazer você gozar, Tyler. Prometo a você.

Movendo-se rapidamente, ele saiu de dentro de mim e me agarrou por trás. Ele deu beijos suaves em minhas costas e acariciou meus braços até que senti meus olhos ficando pesados novamente. Eu sabia que ele estava fazendo isso de propósito, que eu cairia no sono, mas eu não estava ligando. Era bom demais para que eu reclamasse.

Sentindo-me completamente saciada e relaxada, caí rapidamente num sono tranquilo.

****

Na manhã seguinte, acordei dolorida em lugares que nunca tinham doído antes. Minha boceta estava dolorida, o que era algo com que eu podia lidar, mas era em outro lugar que eu sentia dor. Esticando meus braços, virei a cabeça para um lado e senti a dor na lateral do meu pescoço. Fazendo uma careta, toquei onde doía, me perguntando por que ali estava tão dolorido.

Foi então que me lembrei. Brad.

Virei a cabeça e olhei para a cama. Vazia. Que estranho. Achei que ele ficaria durante a noite comigo. Chateou-me que ele tivesse agido como agiu, sem me avisar antes, me proporcionando a melhor transa da minha vida e, então, se esgueirado para fora do meu quarto.

Ao pensar nisso, me perguntei como ele entrou no quarto sem a chave. Encolhendo os ombros, tentei não pensar muito nisso. Talvez ele tivesse conseguido uma cópia ou sabia abrir fechaduras. Ele era policial e, obviamente, sabia alguns truques.

Cambaleando até o banheiro, liguei o chuveiro e me olhei no espelho para prender os cabelos. Quando me vi, quase gritei. Não admira que meu pescoço estivesse doendo. Eu estava com uma enorme marca de mordida. Era tão grande que não acreditava que a maquiagem fosse capaz de escondê-la.

Em pânico, corri para o chuveiro e tomei um banho rápido. Assim que terminei, peguei minha bolsa e liguei para Louisa. Tomara que ela já esteja acordada. Já passa das dez.

— Tyler, é você? — Louisa perguntou grogue.

— Preciso da sua ajuda, Louisa! Levanta!

— O que houve? Você está bem? — De repente, sua voz parecia mais desperta.

— Estou bem, mas meu pescoço… você tem que me ajudar. Acho que um vampiro entrou sorrateiramente em meu quarto ontem à noite e fez um banquete!

Ouvi-a rindo ao telefone.

— Parece que você teve uma boa noite, então. Brad está com você?

Sentindo meu aborrecimento crescer, bufei.

— Não, o filho da puta se foi. Fez isso em mim e desapareceu. Vou acabar com ele quando encontrá-lo!

Eu não sabia o que sentir. Gosto de me ver como uma mulher forte de espírito. Saí da casa dos

meus pais e desafiei seus sonhos de que eu fosse uma advogada, para perseguir o meu sonho. Jamais me curvei para um homem. Nunca.

— Já vou aí com meu kit de emergência.

Soltei um suspiro de alívio.

— Obrigada.

Desligando, vasculhei minha bolsa e tirei uma calça jeans e um suéter de gola V. De tudo que já fantasiei, jamais imaginei que teria um babaca sugador quase arrancando um pedaço meu. Se ele queria deixar sua marca e mandar uma mensagem para todos os caras que estavam lá fora, ele tinha conseguido.

Enquanto esperava Louisa aparecer, fiz uma varredura no quarto. Procurei em toda parte a minha camisola rasgada, mas não consegui encontrá-la. Além de ter me mordido, ele ainda levava a minha roupa? Babaca.

Se ele não tivesse me feito gozar daquele jeito, acho que eu estaria furiosa agora.

Perdida em meus pensamentos, quase não ouvi a batida na porta.

— Tyler, você está aí? Sou eu, Louisa.

O som da voz dela me fez sorrir quando pulei da cama para atender. Ao me ver, ela sorriu, mas então olhou para o meu pescoço.

— Puta merda!

Acenando para ela se acalmar, puxei-a para dentro e fechei a porta.

— Shh… alguém pode ouvi-la.

— Tudo bem que você falou que era ruim, mas, cara! Ele é algum homem das cavernas ou algo assim? Parece até que ele quis reivindicar você para o mundo, amiga.

Balancei a cabeça.

— Eu sei. Essa porra é tão infantil, não é? Parece que estou na escola de novo e Tim Baker veio em cima de mim. — Estremeci com o pensamento, lembrando-me de todos aqueles anos.

— Eu sei que você está aborrecida, mas tenho que perguntar. Valeu a pena?

Meus olhos se arregalaram, revelando a ela que tinha mais do que valido a pena.

— Louisa, foi a melhor transa da minha vida.

Louisa ofegou.

— Porra! Sério?

— Ah, merda… sim, infelizmente. Foi tão bom que, se ele quisesse de novo, eu seria incapaz de dizer não.

Ela parecia confusa.

— Por que diabos você diria não?

Franzindo a testa para ela, apontei para o meu pescoço.

— Olha o que ele fez comigo!

— Por que você o deixou fazer isso?

Corei um pouco.

— Ele estava… como posso dizer? Um tanto dominador. Ele me disse que, se eu gozasse sem que ele deixasse, me puniria. Acho que essa é a minha punição.

Se eu achava que seus olhos não podiam se arregalar mais, me enganei.

— Caralho, Tyler! Não sei se acho isso extremamente preocupante ou extremamente sexy!

Só de pensar nele, fiquei excitada novamente.

— Eu sei.

— O que você vai falar quando o encontrar?

Apertei os lábios, pensando nisso.

— Não sei ainda, vou ter que pensar em algo. Mas, primeiro, você pode me ajudar? Não quero que as pessoas me vejam assim.

Louisa me deu um olhar suave e sorriu.

— Claro. Vamos dar um jeito nisso.

Enquanto Louisa estava dando um jeito no meu pescoço, ela me contou tudo sobre sua noite com Pete. Parece que ela teve uma noite boa com ele.

— Ele me convidou para sair amanhã.

— Sério? E você vai?

Louisa deu de ombros.

— Disse a ele que ia ver. Não quero parecer muito interessada. Mas gostei dele. Sei que dizem que os melhores perfumes estão nos menores frascos… e tenho que concordar que é uma verdade!

Nós duas rimos alto e Louisa olhou para mim.

— Acho que fiz o melhor que dava.

Levantei e olhei no espelho. Ainda dava para ver o contorno fraco do que parecia ser uma contusão, mas estava muito melhor.

— Obrigada, Louisa. Não sei o que faria sem você.

Louisa sorriu docemente e colocou a mão no meu ombro.

— Sem problema, Tyler! Agora está na hora de chutarmos alguns traseiros.

Quando paramos de rir, fomos procurar Brad. Tudo parecia tranquilo na Mansão, fazendo-me pensar que todo mundo já tinha ido para casa.

Inclinando-me, sussurrei no ouvido de Louisa.

— Levando em consideração que ontem a gente estava muito ansiosa, o que acha de darmos uma olhada por aí?

Ela assentiu, ansiosamente.

— Ah, sim! Ainda quero tentar descobrir quem é o dono deste lugar.

— Eu também.

Quando descemos as escadas, o senhor que abriu a porta ontem à noite apareceu.

— Bom dia, senhoras. Espero que tenham tido uma boa noite de sono.

Balancei a cabeça.

— Ah, sim. Foi perfeito.

O homem sorriu, e foi quase como um sorriso de reconhecimento. De repente, me senti paranoica.

— Se vocês me acompanharem, vou levá-las para tomar o café da manhã.

Muito em breve, chegamos em frente a duas portas que ele empurrou. Era uma grande sala, muito bem iluminada pelo sol. Havia pequenas mesas espalhadas ao redor, que me fizeram lembrar de uma sala de jantar de um hotel. Eu podia sentir o aroma distinto de café, bacon e salsichas, o que fez meu estômago roncar.

— Por favor, sentem-se e fiquem à vontade para se servir.

Louisa e eu balançamos a cabeça e, então, voltamos nossa atenção para o salão. Logo avistei Brad sentado à mesa, com a cabeça entre as mãos. Ele não parecia bem e eu não sabia se estava me sentindo secretamente satisfeita com isso ou não.

Olhei para Louisa e fiz um sinal, seguindo até sua mesa. Parecia que todo mundo tinha ido embora, porque Brad era o único que estava lá.

— Brad — chamei quando chegamos na mesa.

Ele olhou para cima e dei um passo para trás. Ele parecia doente. Seu belo rosto estava abatido, seus olhos muito vermelhos. Parecia que ele não tinha dormido a noite toda.

Mas eu não podia deixar passar. Ele me marcou e eu precisava saber por que ele fez isso.

Estava prestes a perguntar, quando ele notou a marca em meu pescoço.

— O que diabos aconteceu com você?

Eu bufei.

— Como se você não soubesse, Brad. Vamos. Você esgueirou-se para o meu quarto, e…

Brad disparou, acenando com as mãos.

— Espere, Tyler. Do que você está falando? Eu desmaiei em um dos sofás. Fiquei lá a noite toda.

Capítulo 10

JAIMIE ROBERT

Dean

Eu estava assistindo secretamente todo este espetáculo com um sorriso no rosto. O olhar de choque no rosto de todos era maravilhoso. Na verdade, eu deveria tirar uma foto para que eu pudesse sempre olhar e rir.

Peguei meu celular no bolso e fiz exatamente isso. Eu estava imaginando o que deveria estar passando em sua cabeça. Ela ficaria louca tentando descobrir.

Só de pensar nisso meu pau endureceu. Eu sabia que comê-la novamente seria bom, mas nunca pensei que seria tão bom. Eu estava no controle até que ela gozou, então eu me perdi. Eu não podia deixá-la fazer isso comigo de novo. Ela não pode mais me controlar. Tive que lutar pelos meus poderes, antes que ela me consumisse. Só a tive uma vez, mas estava ansioso para tê-la novamente. Vou brincar com ela por um tempo e, então, fazer algo que vai assustá-la e deixá-la apavorada.

Ver o seu rosto em pânico fez uma gargalhada despertar dentro de mim. O primeiro jogo estava terminado. Depois da noite passada, eu sabia que ela desejaria mais. E eu daria mais a ela. Eu seria um ótimo amante, mas sem dar o que ela desejava no final.

Ela vai querer que eu a beije. Que a segure durante toda a noite para que ela tenha uma conexão comigo. Vou gostar de fazer isso quando ela me procurar na escuridão. Ser aquele que satisfaz sua maior fantasia. Um estranho que foge para o quarto dela. Alguém que lhe dá o máximo prazer, mas também busca o seu maior sofrimento. A dor que ela nunca teve que suportar. A dor que irá corroê-la até que não haverá mais nada.

Ela era a minha inimiga, eu era o seu lótus. E a vingança é uma merda.

Capítulo 11

JAIMIE ROBERT

Tyler

Gostaria de pensar que Brad estava mentindo ou não conseguia lembrar-se do que fez na noite passada, mas, vendo o jeito que ele me olhava, me mostrou o contrário.

Fui buscar café com uma Louisa chocada e um atordoado Brad me seguindo.

Segurando meu braço, Louisa se inclinou para perguntar:

— Se não foi Brad, quem te proporcionou a melhor transa da sua vida?

— O que vocês estão cochichando? — perguntou Brad. — Alguém pode, por favor, me dizer que merda está acontecendo?

Olhei para os dois e balancei a cabeça.

— Honestamente, não sei — respondi a ambos, porque realmente não fazia ideia.

— Fala para mim — pediu Brad —, quem fez isso no seu pescoço?

Olhei timidamente para longe e me servi de um café.

— Achei que tinha sido você.

Olhando de volta para ele, vi seus olhos se arregalarem.

— Posso não me lembrar da noite passada, mas jamais faria isso com você. Nunca te marcaria dessa forma. — Esfregando a cabeça, confuso, Brad sentou-se na cadeira mais próxima. — Juro que não faria isso com você.

Pude perceber sua confusão e que ele estava duvidando de si mesmo. Ele tinha ficado um pouco fora de si na noite passada.

Mas, lá no fundo, eu sabia que não tinha sido ele. Eu não o conhecia bem, mas sabia que ele nunca me machucaria assim. A maneira como ele me beijou naquela noite, depois do bar, me mostrou o tipo de amante que ele era.

Na minha neblina, de repente, me vi olhando ao redor da sala, procurando algo fora do comum. Eu nem sabia direito o que buscava, mas a paranoia estava bem alerta em minha mente.

De repente, Brad olhou para mim, preocupado.

— Eu não quis te machucar, não é?

Ah, merda. Ele acha que fez isso comigo.

Sentindo que precisava tranquilizá-lo, fui até ele e esfreguei seu ombro.

— Você foi ótimo, Brad. Honestamente, tive uma noite maravilhosa.

Olhei para Louisa e ela sorriu.

— Brad, eu não me preocuparia muito com isso. Eu posso te garantir que Tyler está super bem, esta manhã.

Ele olhou para mim com expectativa em seus olhos.

— Sério? Não machuquei você?

Balancei minha cabeça.

— Não, Brad. Você nunca me machucou.

Todos pareciam mais calmos… menos eu. Eu sabia que ficaria atordoada com isso o dia todo. Eu precisava descobrir quem tinha estado no meu quarto. Ele sabia meu nome, então só podia ser alguém que conversou comigo ontem.

Pensei em John ou Jose, mas não ouvi seus sotaques na noite passada. Jose tinha um leve acento mexicano ou espanhol e John, um sotaque escocês. O cara de ontem à noite parecia ser de Londres. Sua voz era rouca, comandando, territorial e sexy. Pensar nele tanto me assustava quanto me excitava. Eu o queria, precisava dele novamente. Parecia doentio, mas não conseguia apagá-lo da minha mente. A maneira como ele me tocou, o jeito como me acariciou, levando-me até meus limites. Sei que ele me marcou, mas a luxúria tomava conta do meu corpo ao pensar que ele estava me reivindicando. Era quase como se ele estivesse dizendo ao mundo que eu era sua e, por algum motivo inexplicável, eu queria que fosse verdade.

— Vamos comer alguma coisa?

A voz de Louisa me despertou.

— Claro, vamos sim.

Colocando meu café sobre o pires, levantei.

Brad ainda parecia doente, e não pude deixar de sentir pena dele.

— Você está bem, Brad? Precisa de alguma coisa?

Brad riu.

— Eu fiz isso com você, e você está me perguntando se eu estou bem? Sou um oficial que prende os caras maus, não que age como um deles.

Puxei Brad em meus braços. Ele endureceu, mas, então, passou os braços ao meu redor, em um abraço apertado.

— Brad, por favor, não se preocupe sobre isso. Você não fez nada errado. E se eu lhe dissesse que pedi para você fazer isso comigo?

De repente, ele se afastou.

— Pediu?

Balancei a cabeça, sentindo o calor esquentar meu rosto.

— Acho que sim — menti. Eu não poderia enviar Brad para casa se sentindo desse jeito.

Quando sua expressão mudou, soube que ele estava se sentindo melhor.

— Sabe, você fica sexy quando está envergonhada. — Ele empurrou a virilha contra meu corpo para provar.

— Sério? — perguntei com um sorriso tímido.

Brad assentiu e me beijou.

Capítulo 12

JAIMIE ROBERT

Dean

Não sei o que deu em mim, naquele momento, mas a visão de Brad com os braços ao redor do corpo dela, enquanto a beijava, fez a raiva correr por minhas veias. Ela não era dele para que a reivindicasse. Ela era minha. Eu a possuía e ela tinha que se dar conta dessa porra agora.

O pensamento me fez cerrar os punhos. Podia sentir minhas unhas cravadas em minha pele. Meu coração batia descompassado e minha cabeça estava tomada por visões rápidas do meu pau afundado dentro dela. Quase perdi minha mente. Quase arruinei tudo e fui lá fora reivindicá-la como minha. Era um pensamento idiota e estúpido, e eu sabia disso. Mas esta mulher trazia o meu pior à tona. Eu queria pegá-la, possui-la, dominá-la e arruiná-la. Queria violentá-la, agradá-la e consumi-la, até que não pudesse sugar mais nada dela.

Ainda tomado pela raiva, percebi algo… algo que não tinha visto antes por ter deixado que a raiva me cegasse.

Ela não o queria. Sua linguagem corporal demonstrava. Ela se esticou um pouco quando ele inclinou-se para beijá-la. Era imperceptível para qualquer pessoa, mas eu claramente vi.

Quando ele se afastou, ela sorriu sem jeito para ele.

Então, minha raiva abrandou. Minhas mãos relaxaram. Meu coração se acalmou assim como a minha mandíbula.

Neste momento, percebi algo sobre ela. Eu estava estudando-a há um bom tempo para saber como ela se sentia. Eu sabia tudo sobre ela. Das sombras, eu a observava enquanto ela se vestia, comia, escovava os dentes e, até mesmo, quando ela se tocava. Sabia o que a deixava irritada. Sabia exatamente o que ela queria e precisava. E eu teria a certeza de dar tudo a ela.

Definitivamente, eu podia dizer o que ela estava pensando. Para resumir, numa simples palavra: em mim. Eu apostaria meu dinheiro, minha vida e meu nome nisso. Ela tinha o mesmo brilho nos olhos de quando pensava em mim ao escrever aqueles bilhetes. Era o mesmo brilho que eu costumava ver quando éramos jovens. Meu plano funcionou e eu sabia que ela nunca me deixaria.

Ela me queria e eu não iria decepcioná-la. Chegaria a ela muito mais rápido do que ela imaginava. Precisava senti-la de qualquer maneira. Precisava fazer valer a minha vontade, degradá-la e violentá-la com tudo o que eu tinha.

Tyler O'Shea jamais saberia o que a atingiu.

Capítulo 13

JAIMIE ROBERT

Tyler

Era tão estranho. Antes, eu tinha desejado Brad, mas, depois de ontem à noite, não conseguia tirar da cabeça aquele que me visitou. Era quase como se ele me conhecesse de dentro para fora. Ele era um mestre em qualquer coisa erótica. Só de pensar, sentia o calor subir por meu corpo novamente.

— Vou para casa agora. Ainda não estou me sentindo bem.

Sorri e concordei.

— Acho uma boa ideia.

— Ah, você tem meu cartão, certo?

Fiz uma careta, tentando lembrar o que fiz com ele.

— Espere um segundo, deixe-me ir verificar.

Corri em direção às escadas antes que Brad pudesse responder e olhei em minhas coisas. Não conseguia encontrar o cartão em lugar algum. Mordendo o lábio, tentei lembrar onde estava. Achei que tinha colocado sobre a mesa de cabeceira. Parecia que eu tinha perdido. Talvez eu tivesse deixado cair quando subi.

Balançando a cabeça, voltei lá para baixo, onde Brad me esperava. Ele parecia tão mal, tenho certeza que ele estava ansioso para chegar em casa.

— Não consegui encontrá-lo — disse a ele.

Brad franziu a testa, mas enfiou a mão no bolso e tirou outro cartão.

— Aqui está outro. Como eu disse, tem meu telefone e e-mail. Quando quiser me ver, ligue. Seria bom levá-la num encontro adequado.

Senti certa timidez em Brad, o que me fez ter certeza de que, definitivamente, ele não era o homem que passou a noite comigo.

Pegando o cartão da sua mão, sorri.

— Seria ótimo.

Com rápido abraço e um beijo no rosto, nós nos despedimos.

— Ele não parece o tipo — Louisa disse, me fazendo pular.

— O quê?

Ela encolheu os ombros.

— Ele não parece o tipo que faz essas coisas na cama. — Após uma breve pausa, ela sorriu. — Apesar de que é sempre com os mais quietos que você deve ter cuidado.

Algo chamou a atenção de Louisa, que virou-se em direção à escada.

— Falando nisso…

Olhando na direção da escada, vi Pete correndo.

— Estive procurando por você — ele disse, um pouco sem fôlego. — Me perguntei aonde você poderia ter ido com tanta pressa.

— Tyler teve uma emergência que precisávamos cuidar.

Pete me olhou e seus olhos rapidamente pousaram em meu pescoço. Ele fez uma careta.

— Parece que um vampiro te visitou, ontem à noite.

Sorri descaradamente.

— Com a prova em meu pescoço, acho que você já sabe a resposta.

Graças a Deus estávamos no fim do outono, porque eu sabia que teria que usar lenços ou blusas de gola alta para esconder o pescoço. Eu deveria ter ficado assustada e com raiva, mas, por alguma razão, tudo que eu conseguia pensar era nos dois orgasmos que ele me deu. Tudo o que eu conseguia pensar era no quanto o queria de novo, seja ele quem fosse.

Pete sorriu, mas era nítido que ele queria a atenção de alguém mais importante. Seu olhar voltou para Louisa, olhando-a de cima a baixo, com um brilho sensual em seus olhos.

— Achei que poderíamos nos conhecer um pouco mais esta manhã — Pete ronronou, agarrando a cintura de Louisa.

Timidamente, Louisa me olhou, mas tudo que fiz foi sorrir e revirar os olhos.

— Talvez eu devesse dar uma volta e deixar os pombinhos um pouco a sós.

Vi que Louisa estava prestes a protestar, mas Pete foi mais rápido. Ele colocou os lábios nos dela tão rapidamente que ela mal teve tempo de respirar.

Balançando a cabeça, passei a olhar ao redor do lugar. Não sabia se conseguiria entrar em outros cômodos, ou ainda, passar pelo Sr. Butles, caso ele aparecesse. Mas não importava, eu estava determinada a dar uma olhada na casa antes de ir embora. Precisava saber mais sobre este misterioso Sr. Gatsby. Olhei na direção das escadas e pensei que, se havia uma boa forma de começar, era de cima.

Então, segui para as escadas.

Capítulo 14

JAIMIE ROBERT

Dean

Era difícil não rir de Tyler tentando se esgueirar pela minha casa. Ela estava decidida, mas jamais encontraria nada. A casa é minha, mas não moro aqui. Só a utilizo para organizar festas e comer algumas meninas pré-selecionadas. Eu fazia minha lição de casa antes de transar com alguém. Eu não podia, simplesmente, só transar com alguém. Claro que eu tinha necessidades, como qualquer homem, mas jamais dormiria com qualquer uma. E eu era bem seletivo quando se tratava de mulheres. Estranhamente, se Tyler não tivesse feito o que fez, eu não consideraria transar com ela. Ela não era elegante. Não se arrumava bem. Era bastante desajeitada e tinha uma boca suja que faria qualquer cara estremecer. Não gosto de mulher que fala palavrão.

Seu tipo físico também não era o que me chamava atenção. Ela era muito mais baixa do que as mulheres com quem eu costumava sair. Loira, quando minha preferência eram as morenas. Cheia de curvas, e eu preferia as atléticas. Ela é tudo o que não desejo numa mulher, mas não consigo tirá-la da porra da cabeça agora que a experimentei. Ela ainda piorou o lado dela ao foder com a minha cabeça todos esses anos atrás. Fiz questão de nunca sair com uma mulher que nem remotamente a lembrasse. Tyler era uma bruxa em saltos altos sensuais. A bruxa que me assombra desde que eu era um ingênuo e estúpido garoto apaixonado.

No entanto, ao sentar lá, observando-a sem seu conhecimento, não pude impedir a forma como meu pau estremeceu com a visão do seu traseiro arredondado, quando ela inclinou-se para olhar em uma gaveta. Ela estava lá, me provocando com seu traseiro grande e suculento, pronta para levar uma mordida. O que eu não daria para empurrar sua cabeça contra a parede e comê-la sem misericórdia. Ela adoraria cada minuto. Aposto que ela esperava por mim. Aposto que, enquanto olha ao redor do quarto, ela se pergunta se eu apareceria para lhe dar a porra que ela realmente desejava.

Queria empurrar meus limites com ela. Sentir o seu prazer. Sentir seu medo e sua dor. Ela era uma egoísta e manipuladora que não merecia ser feliz. Ela não merecia sentir alegria. Ela não merecia me sentir, mas, por pouco tempo, ela me teve. Depois que eu a tivesse usado e jogado fora, voltaria para a minha vida, mas Tyler O'Shea? Eu a arruinaria. Pedaço por pedaço, para que ela nunca mais fosse capaz de se recuperar.

Não pude segurar o sorriso ao ver seus ombros caírem em derrota. Ela pareceu sobressaltada ao ouvir um barulho e eu sabia que seu coração estava acelerado em seu peito. De um jeito estranho, ela era uma maravilha de se ver. Ela tinha essas idiossincrasias que tanto me irritavam quanto fascinavam. Ela mordia as unhas quando estava nervosa; um hábito nojento. Ela segurava a comida com um excesso de delicadeza. Eu sabia que era porque ela não queria sujar os dedos, mas isso me deixava louco. E a merda era que eu não conseguia evitar. Simplesmente ficava ali, assistindo a todos os seus movimentos, como se fosse algum tipo de compulsão.

Balancei a cabeça, tentando não prestar atenção nela. Eu não precisava vê-la, porque sabia que ela jamais encontraria qualquer coisa. Trabalhei duro para encobrir todas as minhas pistas. O que

Tyler não fazia ideia era que minha família era rica. Quando meus pais me tiveram, eles quiseram ter uma vida o mais normal possível. Eles mudaram para uma casa simples, procurando me educar da forma mais normal possível. Até o dia em que tudo mudou e tivemos que nos mudar. Meu pai nunca se envolveu com coisas comuns. Posso apenas dizer que a maioria dos seus ganhos não era muito legal. Eu até fazia uma ideia, mas nunca soube de nada com certeza até o dia em que precisamos nos mudar. Tudo o que me disseram é que meu pai arrumou um emprego na Escócia e tivemos que nos mudar o mais rápido possível. No início, não queria deixar Tyler. Essa porra quase me matou. Mas fui, como um filho obediente, com a promessa de voltar para ela. Até que, quando estava tudo certo e eu quis voltar, meu pai contou sobre a carta enviada ao seu inimigo. Achei que Tyler não sabia e jamais teria me traído dessa forma. Então, tinha que voltar e ver por conta própria. Ela não sabia que eu tinha voltado e foi então que a vi. Ela simplesmente fodeu com tudo. Porém, lá no fundo, na minha estupidez, eu ansiava por ela. Ansiava tanto, que discuti inúmeras vezes com meus pais. Então, numa noite, fiquei muito mal e fugi. E foi aí que tudo aconteceu. Foi nesta noite que meus pais foram mortos. Nesta noite, tudo mudou para mim.

Tremendo, desviei o olhar de Tyler, com desgosto. Toda vez que eu pensava sobre isso, sentia o ódio surgir como uma força invisível, que me agarrava e me pegava de surpresa, e só havia uma coisa a fazer quando eu me sentia assim. Era hora de acertar as contas. Eu precisava estar focado hoje à noite. Eu tinha um plano de ação e precisava ter certeza de que tudo correria conforme o planejado.

Estava na hora de os jogos começarem.

Capítulo 15

JAIMIE ROBERT

Tyler

Senti-me murchar. Não havia nada aqui. Senti quando fiz um beicinho ao passar pela porta. Não estava certa de que sala era aquela, mas parecia um escritório. Tudo na casa gritava "antiguidades". Só havia coisas antigas, com mobiliários muito caros. Só a mesa parecia custar o meu salário de um ano, talvez dois.

Enquanto olhava a estátua da cabeça de Davi, do outro lado da sala, ponderei quem no mundo poderia viver aqui. Por algum motivo, não conseguia imaginar que o infame Sr. Gatsby fosse tão velho quanto todas as relíquias o faziam parecer. Apesar de tudo à minha volta gritar maturidade, eu tinha a sensação de que ele era muito jovem. Talvez pelo fato de que todas as pessoas na festa tinham mais ou menos a minha idade. Ou ainda, por não conseguir imaginar que um ricaço cinquentão ficaria à espreita, nas sombras, apenas espiando, em vez de agir como um bom anfitrião.

Balançando a cabeça, segui em frente, até que ouvi um barulho que quase me matou do coração. Fosse o que fosse, me fez sentir uma vontade súbita de fugir ou correr, como num filme de ação, para a parte de trás do balcão. No entanto, tudo que pude fazer era ficar lá, como uma idiota, pronta para enfrentar o que estivesse por trás daquela porta.

Como ninguém entrou, dei de ombros e saí, descendo as escadas, em busca de Louisa. Quem sabe Pete já a tivesse deixado. Quando cheguei ao final da escada, um som me chamou a atenção. Era abafado, como um grunhido. Parecia vir do porão, mas não tinha certeza. Como sempre, meu lado curioso venceu a batalha e me vi descendo as escadas. Quando cheguei na direção de onde vinha o som, havia uma porta fechada, mas eu sabia que havia alguém atrás dela. Os sons eram quase animalescos. Era assustador, mas erótico, ao mesmo tempo.

Naquele momento, me perguntei se eu seria corajosa o suficiente para entreabrir a porta. Eu não tinha certeza, mas parecia como se alguém estivesse lutando boxe. Com o coração disparado e a garganta seca, agarrei a maçaneta da porta.

Então, meu coração parou em minha boca ao sentir a mão de alguém em meu ombro.

— Senhorita, você não pode entrar aí.

Num salto, virei e encontrei o mordomo me olhando, parecendo impressionado. Então, tudo ficou em silêncio do outro lado da porta. Quem quer que estivesse lá dentro deve ter nos ouvido.

— Sinto muito. Só estava tentando encontrar um banheiro.

Encolhi-me por dentro. Que furo, Tyler. Ainda bem que não parecia uma mentira tão óbvia.

Virando na direção da escada, ele falou para mim:

— Se você subir por essas escadas, há uma porta à sua direita. Ali é o banheiro.

Encarei isso como a minha deixa para sair e o fiz o mais graciosamente possível, com o rabo entre as pernas. Quando cheguei ao topo, me virei brevemente e vi que o mordomo havia desaparecido. Ele deve ter entrado na sala proibida.

— Aí está você, Tyler! Estava te procurando.

A voz de Louisa me fez pular, quando ela falou. Tudo estava me assustando, esta manhã. Com certeza era por que eu sabia que estava bisbilhotando.

— E aí, Louisa, Pete finalmente deixou você ir?

Ela riu, suas bochechas ficando coradas.

— Sim, já nos despedimos. Viu algo de bom?

Eu sabia que Louisa estava ansiosa para vir comigo, mas, às vezes, nossos interesses pessoais venciam a curiosidade profissional. Foi o que certamente aconteceu comigo ontem.

— Não — falei balançando a cabeça. — Olhei em cada gaveta que encontrei pelo caminho e não tinha sequer uma folha de papel. É quase como se esse lugar fosse um museu e não uma casa.

Louisa suspirou.

— Ah… bom, talvez eu consiga descobrir a sujeira deste cara, mas parece que hoje não será o meu dia. Você está pronta para irmos?

Balancei a cabeça.

— Sim. Vamos antes que o mordomo volte.

Em dez minutos, nossas coisas estavam guardadas e nossas malas no bagageiro do carro. Estava chovendo e eu odiava chuva, mas, por algum motivo, eu me sentia pronta para me enrolar na cama, comendo chocolate e assistindo a reprises de Suits. Eu amava o seriado, especialmente o personagem Harvey. Não me oporia se ele fosse meu advogado. Na verdade, Harvey podia ser qualquer coisa que ele quisesse. Ele era absurdamente delicioso.

— Você está sonhando com ele?

Meu olhar se desviou para Louisa.

— Na verdade, estava pensando que hoje seria o dia perfeito para me enrolar no sofá, comer besteira e assistir TV.

Louisa olhou para a frente, mas sorriu.

— Hmmm, tá certo… — Ela riu.

— Você vai vê-lo novamente?

Louisa franziu a testa.

— Quem? Pete?

— Não, o cara vestido de mordomo. Ele era gato.

Nós duas rimos e Louisa voltou a olhar para frente.

— Dei a ele meu número. Agora, cabe a ele me ligar. Mas acho que vou receber uma ligação dele, em breve.

Ela sorriu e ficamos em silêncio novamente. Perguntei-me se eu voltaria a ver meu indescritível acompanhante da noite passada. Fiquei um pouco enojada por ter deixado que um estranho completo entrasse em meu quarto e fizesse todas aquelas coisas maravilhosamente eróticas comigo. Mas precisava levar em consideração que ele havia me enganado. Ele não disse quem era e eu assumi que era Brad. Levando isso em conta, tudo que eu sabia era que, quem quer que ele fosse, tinha me dado a melhor noite de sexo que já tive. E eu estava ansiosa por mais.

Capítulo 16

JAIMIE ROBERT

Dean

"O homem deve evoluir para todos os conflitos humanos
Um método que rejeite a agressão, a vingança e a retaliação.
O fundamento de tal método é o amor."

Martin Luther King Jr.

Quando a ouvi na porta, todos os meus músculos ficaram tensos. Eu estava desabafando, dando socos no saco com toda força. Tentar aliviar a tensão da manhã estava funcionando. A cada soco, eu me senti mais focado, mais determinado. Então, a ouvi. Ela estava na porra da porta, e tudo poderia ter sido perdido se ela tivesse entrado. Felizmente, Humphrey pegou-a no ato, antes que fosse tarde demais.

Aí, ela se foi. Meu tio conseguiu afastá-la. Longe dos olhos, longe do coração. Agora, eu poderia voltar a treinar. Precisava socar até que faltasse o ar dos meus pulmões. Até que todos os meus músculos gritassem de dor. Tinha que me livrar da lembrança dela, na noite passada. A maneira como ela ficou quando eu estava dentro dela. O jeito como seu cabelo tocou em meu braço com tanta delicadeza, fazendo meu corpo tremer. Eu não queria que ela me afetasse desse jeito, mas parecia que ela era tão perigosa quanto há treze anos atrás. Ela estava se infiltrando em meus poros, na minha cabeça e a última coisa que eu precisava era que ela achasse que tinha um caminho para o meu coração. Ela só encontraria gelo lá. E o gelo não iria derreter para ela. Na verdade, seria insuportável ao toque. Eu não era mais o idiota apaixonado do passado. Posso ter sido, mas não sou mais. Não depois do que ela fez. Eu mudei. Precisei mudar. Depois do que aconteceu há tantos anos, não tinha outra escolha.

— Dean, não acho que foi boa ideia deixá-la vir aqui. — Humphrey ficou ali de pé e sério. Apesar de ele estar na casa dos sessenta anos, ele era surpreendentemente resistente, apesar de não parecer. Ele era alto, apenas alguns centímetros a menos do que eu. Seu cabelo era grisalho e ele tinha um bigodinho que virava nas pontas. Ele me lembrava Therry-Thomas, por ser muito parecido com ele. Claro, Humphrey sabia disso e ficou irritado quando o chamei por esse nome. Ele ficou ainda mais irritado quando o chamei de coroa. Ele também me chamava por apelidos, então, acho que estávamos quites.

Com aquela roupa, ele parecia exatamente com o papel que desempenhou. Foi ele quem sugeriu representar o mordomo. Ele era uma presença constante, especialmente nos últimos treze anos. Eu lhe devia muito. O único problema era que ele levava seu papel muito a sério demais. Ele até brincava, às vezes, me chamando de mestre Wayne. Mas eu não era um super-herói. Eu era o vilão, e Tyler, minha inimiga.

— Era necessário, Humphrey. Eu precisava que ela baixasse a guarda.

— Fingindo ser outra pessoa para transar com ela? Não acho que sua linha de raciocínio foi

boa.

Parei e encarei Humphrey.

— Se eu tivesse feito isso na casa dela, em seu quarto, ela teria se assustado. Eu tinha certeza de que ela estava pronta para mim. Mas, esta noite, ela vai saber quem entrou em seu quarto na noite passada. Vou fazê-la ter certeza desta merda.

Continuei dando socos e Humphrey me deixou sozinho. Ele sabia que eu não gostava de ser perturbado quando estava lá em baixo.

Depois de meia hora, eu estava pronto. Meus músculos queimavam e minha respiração saía em rajadas curtas. Eu estava na frente do espelho me estudando. Fui feito para este esporte. Feito para acabar com qualquer merda que cruzasse meu caminho. E muitos queriam cruzá-lo. Se aprendi algo na vida, era que o dinheiro atraía atenção indesejada. Especialmente quando me envolvi em alguns rolos do passado do meu pai, que tinha perdido tudo e achava que poderia me envolver nas merdas dele. Eu não era a porra de uma instituição de caridade nem a porra de um idiota.

Desenrolando a faixa das minhas mãos, vi quando a tatuagem de uma flor de lótus ondulou em meu ombro. Foi a segunda tatuagem que fiz. Já tinha feito várias, desde então, mas a primeira eu sempre lembraria por que o motivo me deixava enojado, agora. Eu tinha só dezoito anos quando a fiz, tendo que ficar completamente bêbado antes de fazê-la. Sou um cara durão, mas nunca fui fã de agulhas. Posso dizer que essa era a minha fraqueza. E a única coisa que eu não podia me dar o luxo era de ser fraco. Foi por isso que voltei várias e várias vezes e fiz muitas tatuagens. Precisava acabar com a porra dessa fobia. Assim, ninguém chegaria até mim. Eu era invencível.

****

Pouco depois da meia noite, eu sabia que estava na hora. Se eu conhecia Tyler bem, ela estaria dormindo em sua cama. Ela era como um relógio, previsível até demais.

Desde que comecei a trocar a posição do seu carro no estacionamento, sorri satisfeito. Acho que ela não tinha ido a lugar algum hoje, mas o carro dela estava parado, como sempre, na vaga. Tinha que acabar com esse hábito dela. Se tivesse uma emergência, tirar o carro o mais rápido possível era primordial. Sair o mais rápido possível de um lugar, tendo que fazer uma manobra no carro, era impossível. Basicamente, uma perda de tempo. Pode achar que eu tenho um pouco de TOC, mas eu sou assim.

Então, fiz o que normalmente fazia, e parei meu carro no local habitual. Era um típico dia calmo de domingo, com as pessoas se preparando para a semana de trabalho. Quando cheguei ao carro de Tyler, tirei as chaves do meu bolso. Eu sempre me assegurava de manter uma chave reserva. Com fácil acesso a casa dela, eu tinha tudo na ponta dos dedos. Devo admitir que achei que seria muito mais difícil me integrar à vida dela do que realmente foi. Usei como ideia a fantasia que Justin me contou que ela tinha, numa noite em que bebemos juntos. Não foi difícil tirar a informação dele. Tudo nele gritava desespero. Ele queria amigos, não importava o quão patético ele parecesse. Estava ansioso em agradar, e eu, ansioso para arrancar tudo dele com a ajuda da bebida.

Sorrindo e balançando a cabeça, entrei no carro de Tyler e fiz o que tinha que fazer. Era imprescindível, não importando o quanto eu queria chegar até ela.

Depois de inverter o carro na vaga, saí e tranquei a porta. Caminhei alguns passos e encontrei minha entrada de costume. Eu era o único a usar esta entrada.

Sabe, eu vinha planejando essa coisa toda há anos. Tyler era o meu fantoche e eu vinha puxando todas as malditas cordas. Comprei este edifício em que ela vive e me certifiquei de manter as coisas de uma forma que ela não quisesse se mudar. O aluguel era barato para a região. Eu sabia que ela iria querer morar próximo ao trabalho, então usei isso a meu favor. Além disso, eu tinha a chave de cada

apartamento, mas só tinha interesse em entrar em um.

Assim que cheguei ao andar superior, virei à direita, para a porta de Tyler. Havia mais dois outros apartamentos neste andar, mas ambos estavam vazios. Não podia correr o risco de ser pego por alguém. Além disso, era útil ter um lugar para escapar, caso as coisas ficassem um pouco fora de controle. Se ela tentasse correr atrás de mim, eu seria capaz de entrar em outro o mais rapidamente possível. Além disso, ela jamais sonharia que eu poderia estar ali, ao seu lado. O primeiro lugar que ela iria olhar seria na escada de incêndio ou o elevador, já que ambos ficavam longe das portas dos apartamentos.

Com a chave do seu apartamento em minha mão, entrei e prendi a respiração. Momentos assim sempre faziam meu coração bater forte, não importando quantas vezes eu fizesse isso. Não porque sentia medo. Eu podia lidar com Tyler, se fosse preciso. Era apenas uma descarga de adrenalina, por saber que estava fazendo algo que não deveria. Tyler precisava ser punida por me desobedecer na noite passada. Esta noite, eu ensinaria uma lição a ela. Tyler estava prestes a entrar na sala de aula do professor Lótus.

Capítulo 17

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 1995

Ouvi algo bater em minha janela. Ultimamente, Dean escalava até ela e entrava sorrateiramente em meu quarto, enquanto minha mãe e meu pai estavam lá embaixo. Ele nunca ficava muito tempo, mas eu sempre adorava sua companhia.

Sorri ao sair da cama para abrir a janela. Eu tinha dez e Dean, doze anos. Ele e Ian ainda eram meus melhores amigos, mas de um jeito diferente. Dean e eu éramos muito mais próximos, mais íntimos. Não sabia por que, mas eu sentia coisas ao lado de Dean que nunca senti com Ian. Coisas que nunca senti com ninguém.

Ao abrir a janela, olhei para Dean com um sorriso. Ele parecia muito bem, com seu cabelo bagunçado e seus olhos azuis brilhando à luz do sol.

Ao me ver, ele acenou, indicando que iria subir. Ele estava se tornando um especialista nisso.

— Onde estão seus pais? — ele perguntou ao passar uma perna, depois outra.

— Lá embaixo, assistindo Law and Order — sussurrei de volta. Era seu seriado favorito, então eu sabia que eles ficariam assistindo por, pelo menos, quarenta e cinco minutos.

— Bom. — Ele sorriu. — Trouxe alguns confeitos de amendoim. Vamos ver quem vai conseguir falar primeiro, com essas coisinhas coloridas na boca. — Ele começou a rir e meu coração acelerou. Era uma coisa estranha, mas eu estava acostumada. Eu não precisava de um confeito de amendoim para me impedir de falar. Só olhar Dean já fazia isso comigo.

— Seus pais sabem que você está aqui? — perguntei enquanto Dean tentava abrir o pacote.

— Claro que sim. Eles acham que você é a minha namorada.

Ofegante, coloquei minha mão sobre a boca.

— É mentira, não é?

Dean olhou para mim, parecendo confuso.

— Seria tão ruim se as pessoas achassem isso? — Seu rosto estava triste e eu odiava aquele olhar.

— Não, não me importo com o que as pessoas pensam. É só que, bem... Somos apenas amigos, certo? — Mordi o lábio e Dean olhou para o meu movimento.

Ele sorriu.

— Claro. — Suspirei de alívio e Dean continuou abrindo o pacote. — Mas você será minha namorada, um dia.

****

Eu podia senti-lo acariciar meu braço novamente. Era tão suave e erótico, que não consegui segurar o gemido.

— Tyler — ele sussurrou na escuridão. — Tyler, é hora de acordar e receber seu castigo por ter

me desobedecido ontem à noite.

Acordei assustada, o pânico começando a me tomar, por causa da escuridão.

— Shhh, está tudo bem — ele sussurrou em meu ouvido, sentando ao meu lado. — Estou aqui para lhe dar prazer, Tyler. Sempre prazer.

— É você? Meu estranho?

Ele passou um dedo pelo meu braço, me fazendo tremer.

— Sim.

Eu deveria ter ficado com medo. Deveria estar gritando, mas, por algum motivo, estava presa ao chão. Sinceramente, suspeitei dele ontem à noite, mas afastei a hipótese por achar que eu estava ficando paranoica. Tinha sido o meu estranho quem tinha vindo ao meu quarto, ontem. Foi meu estranho quem transou comigo, deixou sua marca e saiu sem deixar rastros.

— Você me marcou.

Senti o toque do seu nariz, trilhando a base do meu pescoço, para cima e para baixo, enquanto ele circulava meu peito com o dedo. Em poucos instantes, meus mamilos reagiram ao seu toque, eriçando-se.

— Preciso que todos saibam a quem você pertence. A quem você pertence, Tyler?

De repente, seu dedo estava tocando meu mamilo, que cedeu ao seu toque. Não sei que tipo de poder esse homem possuía, mas tudo o que ele precisava fazer era abrir a boca e os fogos queimavam como nunca antes. Eu não conseguia entender como ele podia me fazer sentir assim. Nem sabia como ele era, mas algo me dizia que ele era poderoso, cru, duro e absurdamente sexy. Meu corpo insistia em me dizer isso. Era a única coisa que eu tinha certeza, quando ele me tocava.

— Não pertenço a ninguém — consegui dizer, com a voz trêmula.

Meu estranho riu em meu pescoço, me fazendo tremer novamente. Suas mãos eram magistrais, acariciando cada centímetro do meu corpo. Ele parecia saber exatamente que parte do meu corpo me tocar deixava louca.

Não demorou muito até que sua mão seguiu do meu seio em direção à minha boceta. Ele acariciou ternamente o meu clitóris, antes de empurrar um dedo dentro de mim. Não consegui segurar o gemido que escapou da minha garganta.

— Seu corpo já está pronto para mim, não é, Tyler? Você pode negar, mas seu corpo não nega. Seu corpo sabe que é meu. Ele quer que eu o toque, que o envie para a porra do céu. Não é verdade, Tyler? Você quer que eu te leve ao céu?

Não pude segurar o gemido que escapou dos meus lábios, enquanto ele manipulava meu clitóris. Seu braço era forte, tocando a minha entrada. Ao acariciar seu braço com a minha mão, pude sentir cada músculo, cada ondulação, cada movimento que ele fazia ao empurrar seu dedo mais profundamente.

— Sim — falei ofegante, incapaz de esconder meu desejo.

— Posso te mostrar tudo sobre desejo e necessidade. Posso te mostrar o mundo, se você deixar, Tyler. Posso te mostrar como vai ser gostoso. Posso fazer seus sonhos se tornarem realidade, Tyler, realizar cada fantasia. Você quer, Tyler?

Seu polegar roçou meu clitóris novamente, quando seus lábios tocaram a base do meu pescoço. Ele estava tocando exatamente nos meus pontos mais sensíveis.

— Sim — falei, incapaz de esconder o quanto eu estava ligada. Eu não sabia quem ele era, mas isso só aumentou meu desejo por ele.

Não demorou muito para que sua bela investida começasse a cobrar o pedágio do meu corpo. Pude sentir o orgasmo se formando, prestes a me fazer explodir. Meu estranho parecia sentir meu

ápice iminente e acelerou. Esse era apenas o nosso segundo encontro, mas ele parecia conhecer bem o meu corpo.

Pude sentir a intensidade se apertar, agora. Estava chegando com mais força e mais rápido, conforme seus movimentos se aceleravam. Eu gozaria a qualquer minuto e sabia que seria inesquecível.

Mas, quando meus gemidos estavam prestes a escapar dos meus lábios, me libertando do meu clímax, ele parou.

— Não — gritei, incapaz de esconder minha decepção.

— Shh — ele disse, colocando um dedo nos lábios. — Lembra quando disse que foderia sua linda boca? — Ele arrastou o dedo sobre meus lábios, fazendo-me sentir a evidência do meu quase gozo em sua mão. — Lembra? — ele perguntou de novo, mordiscando minha orelha. Balancei a cabeça. — Ótimo. Sugiro que você abra essa linda boca e chupe meu pau.

Não sei por que, mas ouvi-lo exigir que eu o chupasse me deixou mais excitada do que nunca. Eu queria chupá-lo, mas também queria tanto gozar, que sentia meu corpo queimar.

— Você vai terminar o que começou, se eu fizer?

Ele balançou a cabeça.

— Ok.

Segurando meu braço, ele foi para a beira da cama.

— Agora — ele disse, me puxando para cima. —, fique de joelhos.

Ao obedecer o seu comando, consegui vê-lo pela primeira vez. Ele usava um moletom, então não tinha como vê-lo perfeitamente, e ele foi tão cuidadoso na forma como me guiou, que não consegui ver seu rosto. Perguntei-me o que veria, se ele deixasse. Tudo me fascinava de um jeito, que comecei a pensar em A Bela e a Fera. Não que eu me achasse bonita, mas era por causa das semelhanças entre as situações. Pude ver que ele era forte, definitivamente todo homem, e com certeza, ele gostava de manter a forma. Só precisei tocá-lo para perceber isso.

Ao me ajoelhar na sua frente, ele abaixou as calças apenas o suficiente para que eu o tomasse com minha boca. Ele saltou livre, totalmente ereto e pronto para mim. Só de saber que eu o excitava me deixava ainda mais louca de desejo.

Segurando meu cabelo com força, mas com cuidado, ele me guiou até a ponta do seu pênis. Era tão grande que quase gemi de prazer.

Rapidamente, coloquei minha língua para fora e passei-a pela ponta do seu pênis. Meu estranho endureceu, mas gemeu em apreciação. Lambi toda a extensão, voltando a lamber novamente a parte superior do seu pênis. Com um toque na minha cabeça, ele me fez engoli-lo por inteiro. Era quase uma mordaça, mas segurei firme.

— Isso é bom, Tyler. Bom, pra caralho — ele balbuciou. Podia mandá-lo se foder quando acabasse isso, mas seu elogio me fez derreter. Eu queria agradá-lo. Queria lhe dar o prazer que ele me deu. Pode me chamar de doente, mas eu ansiava por ele e por seu toque.

Com a mão no meu cabelo, meu estranho me guiou novamente para trás, num ritmo constante. Deixei-o me orientar.

Com um movimento da minha língua, rodei seu eixo como seu fosse um pirulito. Ele gemeu, me fazendo querer ir mais rápido.

— Calma, Tyler. Não quero gozar tão rápido. Sua boca é boa pra caralho, quero senti-la enquanto eu puder.

Era difícil não continuar num ritmo acelerado. Bastava tê-lo assim, gemendo, que me fazia sentir como se eu tivesse o poder nas mãos. Eu não tinha, é claro, porque estava de joelhos. E mesmo com

o pau na minha boca, ele ainda queria fazer valer a sua autoridade.

Puxei a boca para cima, passando meus dentes ligeiramente contra seu eixo, antes de afundá-lo em minha boca, novamente. Ele grunhiu e o barulho fez minha boceta arder. Eu o queria dentro de mim. Não sei por que me sentia assim, já que não sabia nada sobre ele. Ele era muito autoritário e, por alguma razão desconhecida, eu estava amando cada minuto disso.

— Tyler, você vai me fazer gozar, se continuar fazendo isso. Se não quiser que seja na sua boca, sugiro que você pare…

Eu deveria ter parado. Devia tê-lo tirado da minha boca. Mas cada palavra proferida me fez desejar continuar. Então, aumentei a velocidade. Pude sentir o aperto em meu cabelo, mas ele estava me deixando definir o ritmo agora. Ele estava tão perto de gozar, que só me segurava.

— Porra, Tyler, eu vou… — seu grunhido ressoou no quarto, quando senti seu sêmen quente bater em minha garganta. Engoli tudo, sentindo seu corpo tenso.

Quando ele tirou o pau da minha boca, lambi meus lábios, sentindo o alívio da dor de ter seu pau grande em minha boca. Era muito maior do que eu estava habituada.

— Eu sabia que sua boca seria gostosa, mas não estava preparado para essa porra tão gostosa. — Meu estranho acariciou meus cabelos, para enfatizar o elogio. — Volte para a cama e abra as pernas — ordenou.

Não hesitei. Estava pronta para ele. Ainda podia sentir o peso do meu quase orgasmo.

Com a mão estendida para me apoiar, deitei na cama, enquanto ele fechava as calças.

— Boa menina. Isso aí. Abra as pernas mais um pouco. Hummm, perfeito — ele murmurou, enquanto eu fazia o que me era dito.

Meu estranho ficou lá por um tempo, seu olhar negro me assombrando, por baixo do seu capuz. Não podia ver seu rosto. Não tinha como saber se ele estava feliz, triste ou irritado. Tudo o que eu conseguia ver era a bela forma deste homem tão grande e forte, que tirava meu fôlego.

Fiquei ali, nua, esperando que ele viesse a mim, esperando que ele me agradasse, como fez na noite anterior. Eu estava louca por ele com tanta intensidade, que achei que fosse estourar.

Depois de alguns segundo me olhando, ele se moveu. Pensei que ele deslizaria aqueles dedos grandes e fortes até as minhas coxas. Achei que ele me foderia com os dedos, me lamberia com sua língua deliciosa, até que eu gozasse. Mas ele não fez nada disso. Em vez disso, ele deu as costas e saiu pela porta.

Por um minuto, achei que estava enlouquecendo. Talvez ele tivesse ido buscar algo. Ou estivesse na cozinha, porque já tinha conseguido o que queria de mim e agora iria me matar. Este pensamento me deixou apavorada.

Finalmente, encontrei coragem, levantei da cama e fui, na ponta dos pés, para a sala. Por que eu estava andando na ponta dos pés em meu próprio apartamento, eu não fazia ideia. Procurei-o na sala de estar e na cozinha. Com certeza, minhas facas estavam todas ali. Nada parecia fora de lugar.

Foi aí que me dei conta de que ele tinha ido embora. Então, percebi que ele tinha me enganado. Que filho da puta! Ele me fez chegar até quase o clímax, me fez pagar um boquete para ele e, então, foi embora. Quem ele achava que era?

— Foda-se, babaca! — gritei sozinha. Sim, venho fazendo muito disso ultimamente. Estava louca de raiva por ele fazer algo assim comigo.

Neste momento, nua na sala de estar, comecei a repassar a cena na minha cabeça. O que eu fiz de tão errado que provocou essa atitude sua? "*Tyler, é hora de acordar e receber seu castigo por ter me desobedecido ontem à noite*".

Merda, por que não prestei atenção no que ele disse quando abri os olhos? Por que não

registrei? Achei que ele me marcar era a sua punição, mas não. Ele tinha que seguir em frente e me fazer entrar no seu jogo. Bom, se ele acha que vou me curvar para ele novamente, ele está muito enganado.

Voltando para o quarto, senti algo embaixo dos meus pés. O que era aquilo?

Acendi a luz e vi o que estava no chão. Peguei os pequenos pedaços de papel e os estudei por um momento. Vi uma letra B e percebi o que era aquilo: o cartão de visitas do Brad.

Bom, com isso, ele respondia a minha outra dúvida. Ele estava nos vendo hoje pela manhã. Ele estava me perseguindo fora de casa e decidiu demarcar seu território novamente. Não sabia se me sentia enlouquecida ou irada por isso.

Recolhendo os pedaços de papel do chão, levei-os para o lixo. Ele fez questão de cortá-lo em pedacinhos, assim não tinha como juntá-los novamente e decifrar o número do telefone.

Balançando a cabeça, coloquei meu pé sobre o pedal e joguei os papéis no lixo, observando-os cair da minha mão. Balancei a cabeça novamente, entre divertida e frustrada.

— Ok, já entendi. Não posso gozar, a menos que você deixe e também não posso ter outro homem na minha vida.

O que havia de errado comigo? Ter esse estranho na minha vida estava me deixando louca. Eu não só estava deixando que ele mandasse em mim, como agora eu estava falando sozinha? Eu precisava tomar uma atitude.

Tirando o pé do pedal, voltei para o meu quarto.

— Bem, se você acha que vou deixá-lo fazer isso comigo de novo, está muito enganado.

Capítulo 18

JAIMIE ROBERT

Dean

"A antiga lei do 'olho por olho' deixa todo mundo cego.
O tempo está sempre certo, para fazer a coisa certa."
Martin Luther King Jr.

Com uma saída apressada, desci correndo as escadas, entrei no carro e fui embora. Agora, eu precisava de velocidade. Precisava sentir o ronco do motor V8 do meu Dodge Challenger debaixo de mim. Precisava apenas dirigir, sem destino. Eu tinha vários outros carros, mas nenhum me despertava a adrenalina que meu Challenger me proporcionava. Ele era elegante, rápido e ronronava como um gato filho da puta. Era disso que eu precisava depois de deixar Tyler daquele jeito. Ela me deixou nervoso esta noite. Mais uma vez, seu veneno me intoxicou e não pude afastar sua linda boca do meu pau. Eu era um mestre em controle e tinha sido assim, por toda minha vida. Eu mandava e as pessoas obedeciam. Mas, esta noite, assim como na noite passada, ela me fez desmoronar debaixo dela. Eu não esperava que ela me tomasse assim. Achei que deveria lhe dar a chance de se afastar e gozaria sobre seus seios empinados. Eu teria feito isso, se ela concordasse. Na verdade, era isso que eu esperava. Eu queria marcá-la o máximo que pudesse. De forma pervertida, eu queria ver meu sêmen espalhado por todo o seu corpo. Queria ver seu rosto quando ela me visse marcando-a como minha.

E ela era minha. Tive a certeza no minuto em que pus os pés em seu apartamento. Eu sabia onde ela guardava seus cartões de visita. Sabia tudo sobre a Tyler. Então, fui até a gaveta do armário onde ficava o telefone, olhei dentro e lá estava. Foi a primeira coisa que fiz antes de ir até ela. Sorri, pensando que ela estaria, provavelmente, descobrindo isso agora. Sem dúvidas, ela viria me procurar, mas eu já estava muito longe. Ela estava nua, então duvido que correria atrás de mim. Outro ponto a meu favor. Toda vez que tomei Tyler, me certifiquei de que ela estaria completamente nua. Eu estaria vestido para esconder minha identidade, mas Tyler sempre nua. Sempre aberta e vulnerável. O pensamento do que fiz fez meu pau se contorcer. Tudo o que se referia a ela fazia meu pau se contorcer.

Dirigindo pela autoestrada M5, agarrei o volante, tentando não me distrair. Eu estava no controle. Eu a controlava, não o contrário. Jamais deixaria que ela me fizesse de otário novamente.

Ao passar pelo cruzamento, a caminho de casa, não pude segurar o pequeno sorriso que apareceu em meu rosto, ao pensar em transar com ela novamente. Eu tinha certeza de que ela estaria resistente. Ela estaria tão louca por eu tê-la deixado assim, que sabia que ela lutaria, quando eu voltasse.

Mas eu tinha um às na manga. Sempre tinha, no que se referia a Tyler. Ela se acostumaria comigo, eventualmente, e, quando chegasse a hora, eu iria atacar.

Capítulo 19

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 1995

Dean estava em meu quarto novamente, e nós estávamos jogando Dois-Oito. Ele me disse que tínhamos que jogar cartas, para que ele pudesse se distrair do que realmente queria fazer comigo. Eu só tinha dez anos e realmente não sabia o que ele queria dizer com isso, mas esperava que ele quisesse me beijar. Quando Dean não estava olhando, eu apenas ficava olhando para os seus lábios, lambendo os meus e tentando imaginar como seria. Era bobagem, porque eu era muito jovem. Por outro lado, Dean tinha doze anos, um pouco mais velho e, muito possivelmente, mais experiente do que eu. Eu ficava louca só de imaginá-lo beijando outra garota, mas, se isso já tinha acontecido, ele mantinha em segredo. Nunca ouvi falar sobre outra menina, nenhuma mesmo. Mas todas o queriam. Eu via o jeito que olhavam para ele e davam uma risadinha, mas odiava o fato de me usarem por saber que eu era sua amiga. Elas eram simpáticas comigo e faziam perguntas sobre ele. Falsas. Eu odiava gente falsa. Nunca fui ingênua de achar que elas seriam minhas amigas. Dean e Ian eram os meus verdadeiros amigos.

— Aha! — Dean gritou, me fazendo pular. Estava olhando para ele por muito tempo, de novo. — A menos que você tenha outro dois, Rosey, você tem que pegar quatro cartas. — Ele olhou para cima, vendo meu olhar e sorriu. Senti a queimação familiar em meu rosto, então olhei para as minhas cartas. Droga, eu não tinha um dois.

Estendendo a mão, peguei quatro cartas e as coloquei em minhas mãos. Eu já tinha dez cartas e Dean, apenas quatro. Ele sempre foi muito melhor do que eu neste jogo, mas isso era porque, provavelmente, eu passava muito tempo olhando para ele.

— Não quero que você vá — ele disse, de repente. Olhei para cima e o vi com uma expressão triste. Meu estômago doía só de pensar em não estar perto dele pelas próximas três semanas. Nós passaríamos três semanas na Toscana novamente, mas Dean não poderia ir. Meus pais não permitiram, sem se importarem com o quanto implorei.

— Também não quero ir — respondi.

Sempre fiquei ansiosa pelas férias na Toscana, mas não mais desde que conheci Dean. Ian iria conosco, já que nossos pais se davam muito bem, e, embora tivéssemos uma enorme piscina, eu sentiria falta de Dean terrivelmente.

Colocando suas cartas para baixo, ele estendeu a mão para colocar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Tremi e ele sorriu, fazendo borboletas voarem em meu estômago.

— Vou sentir sua falta, Rosey — disse ele, acariciando com o dedo o meu rosto corado.

Fechando os olhos, só havia uma coisa que eu poderia dizer.

— Vou sentir sua falta também.

****

Não dormi muito bem ontem à noite. Talvez por frustração por não ter gozado, ou ainda por raiva, por ele não ter me dado o que tinha prometido. Eu sabia que ele voltaria. Não sabia quando, mas eu iria para o inferno se o deixasse assumir o controle assim novamente. Claro, ele me proporcionava orgasmos incríveis, mas sempre sob o seu comando. E eu não me deixaria mais ser comandada dessa forma.

Ao ficar pronta, fui para o trabalho. Quando cheguei em casa ontem, me certifiquei de que tudo estava pronto para a coluna ser impressa hoje. Estava ansiosa para ver a carta de Jeremy no jornal. Esperava ter uma chance de ir visitá-lo hoje, com mais daqueles salgadinhos que ele gosta e a continuação do livro que ele estava lendo. Eu nunca sabia ao certo como seria o meu dia, mas tentaria ao máximo. Não por sentir pena ou por ele não receber visitas, mas por realmente gostar da sua companhia. Apesar da sua óbvia solidão e desejo de manter todo mundo longe, Jeremy era apenas um garoto. Ele amava Top Gear e, levando em conta o seu autógrafo de David Tennant, ele também adorava Doctor Who. Ele gostava de sair para se divertir, como qualquer outro adolescente, e também se interessava pelas garotas. A julgar por sua reação a mim, talvez gostasse até mesmo das mulheres um pouco mais velhas.

Cheguei ao escritório às oito e meia, com uma xícara de café. Olhei para o escritório de Andrew Walker e pude ver que ele já tinha chegado também. Ele estava esfregando a barba, um profundo olhar de concentração em seu rosto. Ele estava, obviamente, lendo algo. Talvez algum dos editores tenha lhe dado algo para ler e aprovar, antes de ser impresso. Independente do que ele estava fazendo, parecia ocupado e me fez pensar que eu deveria me ocupar também.

Sentando em minha mesa, foi exatamente o que eu fiz. Estava lá há cerca de vinte minutos quando meu telefone tocou. Olhei para o identificador e era Andrew.

— Bom dia, Sr. Walker — falei nervosa, ao telefone.

— Bom dia, Tyler. Pode vir ao meu escritório, por favor? — Olhei em direção à sua sala e ele estava olhando para mim.

— Claro. Agora?

Ele riu.

— Sim, por favor.

Ao final da chamada, levantei e segui para sua sala. Eu estava um pouco nervosa com o que ele queria. Parei do lado de fora da sua porta, bati e ele me mandou entrar. Entrei, fechando a porta atrás de mim, e fui timidamente até a sua mesa.

— Sente-se, Tyler. Não se preocupe. Não vou mordê-la.

Sorri e soltei um suspiro que não tinha me dado conta que estava segurando. Realmente não sei por que estava tão nervosa por estar ali. Talvez por ele ser meu chefe e acho que todo mundo se sente assim quando está perante o chefe.

Sentando à sua frente, esperei.

— Estive olhando a coluna esta manhã e, devo dizer, estou impressionado. Você teve um bom retorno sobre isso?

Ansiosamente concordei.

— Ah, sim. Definitivamente. Estou recebendo uma quantidade enorme de e-mails diários por causa da coluna. É incrível como tem tanta gente que guarda sentimentos por pessoas que estão distantes. Hoje em dia, com a tecnologia, acho que é mais complicado para as pessoas falarem sobre seus sentimentos cara a cara. As pessoas usam apenas seus computadores e celulares, em vez de fazer novos amigos.

Andrew sorriu com o meu comentário e recostou-se na cadeira.

— Verdade — respondeu ele, entrelaçando os dedos. — Estive pensando, Tyler. Sei que você gostaria de ter uma coluna fixa e que você começou a fazer isso com o intuito de unir as pessoas, mas acha que isso é algo que você pode fazer sempre?

Arrumei a minha postura.

— Você quer dizer, como uma coluna permanente?

Andrew inclinou-se, ainda com as mãos entrelaçadas.

— Sim, se der certo, por que não? Vamos fazer uma experiência por um mês e, se você ainda estiver recebendo mensagens e despertando interesse, vamos tornar isso um recurso permanente no jornal. O que acha? Isso significa que você trabalhará duas vezes mais, mas tenho certeza que, com sua dedicação e tenacidade, você dá conta do recado.

Sorri com tanta intensidade, que ele não conseguiu não retribuir.

— Parece ótimo. Vou me esforçar para fazer o meu melhor para tornar a coluna um sucesso. Prometo a você.

Soltando as mãos, ele colocou-a nos braços da sua cadeira e se levantou. Eu sabia que era para dizer que a conversa estava encerrada.

— Tenho certeza que você vai, Tyler. Se tiver algum problema, não deixe de me falar.

Levantando, balancei a cabeça.

— Sim, claro.

Já estava na porta, prestes a virar a maçaneta quando o ouvi me chamar.

— Tyler?

— Sim?

Ele limpou a garganta.

— Estou intrigado com esse menino, Jeremy. Ele é um jovem rapaz e as pessoas adoram ler histórias sobre amor juvenil. Existe alguma forma de fazermos uma reportagem sobre ele? Talvez marcar uma entrevista? Tentar entrar em contato com essa garota, Julie?

Imediatamente, me senti tensa. Sabia que Jeremy queria permanecer anônimo e não iria quebrar minha promessa, não importando se seria bom para minha carreira.

— Sinto muito, Sr. Walker. Ele quer permanecer anônimo. A única coisa que falou sobre si mesmo é que seu nome é Jeremy, ele tem quinze anos e gosta de uma menina chamada Julie. Admito que tentei retornar seu e-mail, para pedir outras informações, mas ele deve ter colocado algum dado errado. Infelizmente, o e-mail voltou.

Segurei a porta com tanta firmeza, como se para mostrar que eu tinha controle sobre alguma coisa. Não queria que ele achasse que eu estava mentindo. Eu estava e odiava. Mas foi necessário para proteger Jeremy. Certamente, eu não trairia sua confiança em mim.

Andrew suspirou e sentou-se.

— Tudo bem, com certeza, em breve, outra história assim aparecerá.

Suspirei de alívio por dentro.

— Espero que sim. Obrigada, Sr. Walker.

Ele balançou a mão.

— De nada.

Rapidamente, saí da sua sala e voltei para minha mesa. Desabei e enterrei a cabeça em minhas mãos, para esconder minha respiração ofegante. Não gosto de mentir para o meu chefe, mas não tive escolha.

— Você está bem, Tyler?

Olhando para cima, vi o rosto preocupado de Louisa, que me observava.

— Estou bem. Acabei de sair do escritório do Sr. Walker.

Louisa sentou-se na beira da minha mesa e colocou uma mão em meu ombro.

— Sinto muito, amiga. Foi muito ruim?

Eu ri um pouco e balancei a cabeça.

— Não. Na verdade, é exatamente o oposto. Ele ficou tão impressionado com a coluna *À Distância*, que deixou que eu a fizesse permanentemente. Isso se continuar indo bem, é claro. Ele me deu um mês para ver o resultado.

Louisa deu um suspiro.

— Tyler, isso é fantástico! É o que você sempre quis, não é?

Balancei a cabeça.

— Claro.

Louisa franziu um pouco a testa.

— Então por que você parecia tão estressada quando cheguei aqui?

Suspirei, tentando pensar em uma desculpa. Parecia que minha mentira não tinha acabado ainda.

— Estou apenas preocupada. É minha primeira oportunidade de verdade e, devo admitir, estou um pouco assustada. E se não der certo?

— Você se preocupa demais, Tyler. Se você ficar com isso na cabeça, de que vai falhar, provavelmente é o que irá acontecer. Lembra do que eu falo sempre?

Balancei a cabeça com um sorriso e falamos juntas.

— Atitude mental positiva.

Nós rimos.

— Você está certa, é claro. Estou sendo boba. Vai dar certo, porque vou me certificar de que tudo corra bem.

Ela segurou minha mão com força, por um segundo, e falou:

— Claro que vai. Preciso voltar ao trabalho. Tenho um artigo sobre o juiz Lyons para escrever e sei que meu chefe o quer pronto.

Sacudi a cabeça e vi Louisa seguir para sua mesa. Essa era a notícia chocante do dia. Um juiz de alto escalão estava envolvido com prostituição de menores. Além de ser um choque para todos, isso também significava que todos os casos que ele havia atuado nessa área poderiam ser levados a julgamento novamente.

Isso me fez pensar em meus pais, por um momento. Precisava saber se isso os afetaria. Decidindo ser uma filha leal, rapidamente peguei meu celular e liguei para minha mãe.

— Tyler, estou feliz por falar com você, mas devo admitir que estou um pouco decepcionada por não ter sido mais cedo.

Suspirei.

— Sinto muito, mamãe. As coisas estão muito agitadas.

— Você sabe, sempre me orgulhei de você, querida. No entanto, devo admitir que acho que preferia que você fosse professora, como você sempre falou que queria ser, ao invés de jornalista. Sabe que sua irmã poderia arrumar um emprego para você, na América. Você poderia ser uma educadora infantil lá.

Tive que rir.

— Mãe, parece até que você quer me ver pelas costas, me mandando para o outro lado do mundo.

Ela riu.

— Mas, por incrível que pareça, vejo mais Emily do que você.

Sorri, lembrando-me dos meus sonhos. Sempre quis ser jornalista, mas a minha segunda escolha era ser professora de jardim da infância. Por mais estranho que parecesse, eu adorava crianças. O pensamento de trabalhar com elas me enchia de um sentimento de orgulho e realização. Acho que o pensamento de vê-los crescer e aprender coisas novas fazia isso comigo.

Devo admitir, às vezes era tentador procurar o lado mais fácil da vida. Não que ensinar crianças pequenas fosse fácil. Mas a minha vida seria mais ordenada do que é agora. Eu certamente tinha as qualificações para me tornar professora, além de licenciatura em Inglês, eu tinha licenciatura em Educação. Sempre fui muito entusiasmada, quando jovem. Achei que, se eu odiasse o jornalismo, precisaria de um plano B. Eu tinha a opção de ser professora aqui ou nos Estados Unidos, e o fato de a minha irmã ser casada com um americano ajudava bastante.

— Sinto muito, mãe. Prometo que vou visitá-la assim que puder.

— Espero que sim. Seu pai também sente a sua falta. — Ela suspirou. — Ouça, meu bem. Tenho que estar no tribunal em cinco minutos. Preciso ir.

Lembrando que esse é o motivo pelo qual liguei, eu falo.

— Sim, por isso mesmo que liguei. Soube do juiz Lyons?

Ela suspirou em frustração.

— Sim, uma merda de situação. Parece que todos os seus casos serão analisados novamente. Uma bagunça do caralho. Desculpe, querida.

Ri, sabendo que ela estava pedindo desculpas pelos palavrões.

— Tudo bem, não se preocupe com isso.

— Tenho que ir. Estão me chamando.

— Ok, mãe. Nos falamos em breve.

— Acho bom mesmo — ela respondeu antes de desligar.

****

O dia passou rápido demais, simplesmente porque fiquei escolhendo entre inúmeras mensagens as que eu considerava as melhores. Eu estava recebendo centenas. Era muito cansativo, meus olhos ardiam e meu corpo estava dolorido, mas adorei. Era realmente muito bom fazer algo positivo para as pessoas. Pela primeira vez, eu sentia que estava ajudando o mundo exterior. Pode parecer bobagem, mas não há amor o suficiente no mundo. Era como se eu estivesse ajudando ao próximo, mesmo que uma pequena parcela, a se aproximar de outras pessoas. Nada poderia ser mais gratificante do que isso.

A outra razão para o meu dia ter sido corrido era que eu tive que agilizar meu trabalho para conseguir visitar Jeremy. Eu estava ansiosa para vê-lo. Queria que ele tivesse a certeza de que eu estaria com ele, ele gostando ou não. Seria complicado sair sempre às cinco horas, mas eu estava determinada a fazer por ele o que eu pudesse, mesmo que isso significasse chegar às sete, todas as manhãs.

A única coisa que me decepcionou foi o fato de não ter recebido resposta à mensagem de Jeremy. Talvez fosse cedo demais ou ela jamais leia. A última opção me deixou desconfortável. Eu realmente queria que Jeremy pudesse dar o seu primeiro beijo.

Terminando de fazer tudo a tempo, consegui sair um pouco depois das cinco. Tanto Ian quanto Louisa levantaram as sobrancelhas para mim, mas não fiquei tempo suficiente para ouvir o que eles tinham a dizer.

Consegui chegar no hospital a tempo de passar a última meia hora da visita com Jeremy. Caminhei até a porta e encontrei com a mesma enfermeira que sorria para mim, mas não disse nada. Jeremy estava lendo uma revista, enquanto todos os outros pacientes tinham membros da família ou

amigos com eles. Isso fez meu coração doer. Não parecia certo que ele estivesse sempre sozinho, lutando contra o câncer sozinho. Simplesmente, não conseguia entender como ele poderia querer isso para si.

— Jeremy — falei, após me recompor.

Ele olhou para cima e abriu um sorriso cativante.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, colocando a revista em seu colo. Era uma revista Top Gear, é claro.

— É assim que você normalmente cumprimenta as pessoas? — perguntei com uma carranca.

Olhando ao longe por um momento, ele sorriu descaradamente.

— Bem, depende se a referida pessoa me traz salgadinhos.

— Você já comeu aquele inteiro?

Jeremy me olhou como se eu fosse louca.

— Ué, já se passaram dois dias.

Enfiando a mão na bolsa, peguei mais pacotes de Stiksy, o bendito salgadinho que ele tanto gostava.

— Que bom que trouxe esses, né?

Seu rosto se iluminou e, naquele momento, todo o esforço valeu a pena, só para vê-lo sorrir.

— Você é gata e ainda me traz Stiksy. Como poderia não me apaixonar?

Revirei os olhos.

— Pode parar, garoto. Não vamos voltar ao papo de beijo, de novo.

Jeremy bateu em sua cama.

— Ah, droga! Achei que dessa vez eu conseguiria. — Ele sorriu. — Seu visitante apareceu na noite passada?

Meu rosto corou imediatamente ao lembrar do ocorrido. Jeremy percebeu meu embaraço e sorriu.

— Apareceu, não é? E o que ele fez dessa vez? Uma refeição? Massa de pão? Ou ele comeu seu bolinho?

Quase engasguei com o comentário sobre comer. Infelizmente, não foi nada disso que aconteceu na noite passada.

— Ele está se tornando um pé no saco, Jeremy. Desculpe minha linguagem. Ele continua colocando o papel higiênico no lugar errado. Se ele considera algo fora do lugar, ele coloca onde ele quer. É como se ele estivesse dominando a situação. Estou surpresa que ele não tenha feito xixi por todo o meu apartamento para demarcar seu território.

Fiz uma careta de desgosto e então me perguntei se eu tinha levado minha ânsia em dizer algo sobre isso a Jeremy um pouco longe demais. Às vezes, era difícil lembrar que Jeremy tinha apenas quinze anos, por ter que lidar com tanta coisa.

Jeremy pareceu tranquilo. Na verdade, sua gargalhada foi tão alta, que todos na enfermaria olharam para nós. A maioria intrigado, mas os enfermeiros abriram um grande sorriso. Acho que eles estavam felizes por ter alguém com ele.

— Vocês dois parecem um velho casal. Para ser honesto, eu ficaria assustado com uma situação dessas e diria para você chamar a polícia, mas você falou que ele vem fazendo isso há três anos, não é? — Assenti. — Já considerou a possibilidade de essa pessoa ser um amigo seu? Ele poderia secretamente gostar de você e esta ser a única maneira que ele viu para se comunicar com você e demonstrar o que sente.

Estava prestes a replicar que me chatear não me aproximaria da pessoa, quando, de repente,

pensei em Ian. Sei que tínhamos um relacionamento pouco convencional, mas sempre estive certa de que era apenas brincadeira. Será que Ian queria levar as coisas adiante?

Tentei ligar a voz misteriosa com a de Ian, mas não tinha comparação. A voz era rouca e exalava masculinidade. A de Ian era profunda, mas certamente não tão sensual quanto a do *meu estranho*. Tudo bem que ele poderia usar algum tipo de recurso para mudar a voz para que eu não a reconhecesse. Mas seu corpo não parecia com o dele. Não que eu já tenha visto o corpo do *meu estranho*. Ele sempre se certificava de estar completamente coberto. Ele quase parecia um vilão prestes a me roubar.

O problema era o que ele me roubava. Ele roubava meu corpo e me deixava querendo mais. Apesar do que ele me fez semana passada, eu ainda queria mais. Nada disso fazia sentido. Talvez fosse porque ele era misterioso e fazia meu corpo tremer. Merda, ele não tinha nem que me tocar. Bastava abrir a boca e sussurrar para mim com aquela voz rouca e já era o suficiente.

Não conseguia ver Ian fazendo tudo isso. Ele parecia um pouco suspeito, talvez eu devesse me atentar, mas eu duvidava que chegaria a algum lugar.

— Não sei, Jeremy. Mas fico feliz por você ter sugerido isso. É algo que vou ficar atenta. Sei que devo tentar descobrir mais sobre isso.

Jeremy sorriu, abriu um pacote do salgadinho e colocou em sua boca.

— Que bom que pude ajudar.

Balancei a cabeça quando ele me ofereceu um.

— Estou cheia ainda do almoço. Bom, estou cansada de falar de mim. Como você está se sentindo hoje? — Ele parecia um pouco pálido.

Jeremy deu de ombros.

— Estou um pouco cansado, mas bem. Acho que não posso correr a maratona, mas não posso reclamar. Fiz quimio ontem, então ainda estou sentindo os efeitos dela.

— Promete uma coisa para mim? — Saber que ele estava sozinho nisso estava acabando com o meu coração.

— Depende.

Enfiei a mão na bolsa e tirei um cartão com o meu telefone. Anotei à caneta meu celular e o telefone de casa.

— Tome isto — disse, entregando-lhe o cartão. — Quero que você me prometa que, se precisar de mim, não importa a hora, vai me ligar em qualquer um desses números, ok?

Olhei para ele com firmeza e recebi um sorriso insolente de volta.

— Vamos, admita. Você está apaixonada por mim, não é?

Sorri, mas balancei a cabeça.

— Estou falando sério, Jeremy. Quero que você me prometa. Não importa a hora.

Colocando as mãos para cima, seus olhos se arregalaram um pouco.

— Tá bom, tá bom. Eu prometo.

Afundando para trás na cadeira, suspirei.

— Obrigada. Ah, mais uma coisa.

Jeremy revirou os olhos.

— Oh, Deus. O que é desta vez?

— Jeremy! — eu o repreendi e nós dois rimos. — O que achou do livro?

Jeremy sorriu para mim triunfante.

— Terminei no início desta tarde.

— Sério? Que rápido.

— Como você pode ver, não tem muito o que fazer aqui — ele respondeu, revirando os olhos para mim novamente. Eu sabia que ele estava brincando, mas ainda assim senti uma pontada de tristeza.

— Você gostou? — perguntei. Eu só o conhecia há poucos dias, mas sabia que a última coisa que ele queria era a simpatia de alguém.

— Amei. Quero mais — respondeu ele, com os olhos brilhantes.

Abri a bolsa novamente e peguei a sequência do livro. — Que bom que comprei um presente também.

Seu rosto se iluminou novamente, acenando freneticamente para mim.

— Você deve ser meu anjo. — Ele suspirou. — Obrigado.

Acariciei seu braço suavemente.

— Não há de quê.

— Desculpe-me, senhorita — uma voz suave me chamou. Virei e vi a mesma enfermeira. — O horário da visita já encerrou.

Meus olhos se arregalaram e verifiquei meu relógio para me certificar de que ela estava certa.

— Nossa, foi muito rápido.

Jeremy sorriu e olhou para a enfermeira.

— Ela está assim porque está apaixonada por mim.

— Jeremy!

— Você não tem culpa, cada enfermeira daqui também é apaixonada por mim. Acho que tenho um encanto natural que todas as mulheres amam.

A enfermeira riu, mas revirou os olhos. Parecia que eu não era a única em quem ele estava constantemente dando em cima.

— Acho que você deve se concentrar em comer, Jeremy, em vez de dar em cima de todo mundo. Você precisa ficar forte para poder sair daqui e conquistar o coração de todas as garotas — disse a jovem enfermeira com um sorriso.

— Quem disse que preciso conquistar o coração de qualquer garota? Já tenho várias aos meus pés.

Rindo, levantei-me.

— Você é incorrigível, Jeremy. Não deixe de fazer o que a enfermeira falou. Você parece um pouco pálido. E não esqueça o que pedi.

Jeremy sorriu para mim.

— Sim, senhora.

Sorri para ele.

— Vou tentar visitá-lo sempre que puder, mas, se algum dia eu não puder vir, saiba que é por causa do trabalho, não porque não quero ver você.

Jeremy deu de ombros e pegou sua revista de volta.

— Não importa. Vou entender.

Eu sabia, pelo jeito que ele falou, que ele se preocupava mais do que deixava transparecer. Ele estava desesperado pela minha presença e, devo admitir, eu também estava um pouco desesperada pela sua. Não o conheço muito bem, mas gosto muito dele.

— Tudo bem. Se cuida. — Sorri e virei em direção à porta.

— Você também. — Ele acenou com um pequeno sorriso e, imediatamente, voltou a ler.

Assim que cheguei mais perto da porta, virei-me e fiz um sinal para a enfermeira.

— Oi, posso saber seu nome?

A enfermeira loira sorriu.

— Sim. É Kimberly.

Sorri, pegando outro cartão da minha bolsa, escrevendo meus telefones de casa e celular e, em seguida, entreguei a ela.

— Você pode me fazer um favor? Se ele precisar de alguém, pode me ligar? Deixei um cartão com ele, mas não estou certa de que ele vá usá-lo. Ele parece teimoso como uma mula.

Ela mordeu o lábio, um pouco insegura.

— Não sei… tenho ordens de contactar o lar adotivo, caso haja algum problema.

Revirei os olhos.

— Eu sei. Mas parece que as pessoas de lá não se preocupam o suficiente nem para vir visitá-lo. — Ela sorriu, concordando comigo, mas eu a olhei suplicante.

Ela suspirou.

— Tudo bem. Eu não deveria fazer isso, mas vou ficar com seu número e te ligo, desde que você não fale a ninguém que fui eu.

Coloquei a mão sobre o coração.

— Prometo. — Sorri, mas lembrei de outra coisa. — Ah, outra coisa! Ele nunca pode deixar o hospital, apenas por algumas horas, só para dar uma volta?

Kimberly respirou fundo.

— Às vezes, ele tem dias bons, às vezes ruins. Também depende. Se você estiver pensando em levá-lo para sair, precisa pedir permissão ao Serviço Social. Ele só tem quinze anos, mas isso até o próximo domingo, quando ele faz dezesseis. Aí, ele é livre para decidir.

Levantei a sobrancelha.

— Sério? Ele não mencionou. É uma fase importante… normalmente os jovens da sua idade ficam loucos para contar para às pessoas.

Kimberly suspirou, parecendo triste novamente.

— Eu sei. Não conheço você, mas parece ser uma boa pessoa. Fico feliz que ele tenha alguém em sua vida. Ele tenta dizer que as coisas não o afetam, mas a gente sabe que sim. Fazemos o nosso melhor, mas só podemos ir até certo ponto.

Balancei a cabeça.

— Claro. Vocês fazem um trabalho excepcional. Tiro meu chapéu para vocês, de verdade.

Ela abriu um grande sorriso.

— Obrigada. Isso significa muito.

Eu estava prestes a sair, mas precisava saber mais. Eu duvidava que Jeremy me contaria.

— Você pode me dizer mais sobre sua condição?

Kimberly mordeu o lábio de novo, olhando por cima do ombro.

— Bem, eu não deveria, mas vou te contar um pouco. Jeremy tem Leucemia Linfóide Aguda. É um tipo de câncer que afeta as células brancas do sangue. As células brancas do sangue ajudam a protegê-lo de infecções e doenças. No caso de Jeremy, as suas são cancerosas e, não só isso, elas se multiplicam. Ele está sendo corajoso, mas eu sei que isso deve estar afetando-o. Ele estava em remissão por um tempo, mas ficou doente e o câncer voltou. Era quase como se ele tivesse decidido que bastava. Ele desistiu. Continuamos a tentar fazê-lo ver as coisas de forma positiva, mas acho que isso só o deixou mais deprimido. Desculpe. Não deveria estar lhe dizendo tudo isso.

Colocando uma mão em seu braço, eu sorri.

— Estou feliz que tenha dito, Kimberly. Prometo que vou manter o que você falou estritamente entre nós. Vou embora, não quero que você se sinta desconfortável, mas estou realmente feliz por

você ter me contado.

Kimberly sorriu.

— Tudo bem. Tenha uma boa noite.

Sorri de volta.

— Você também, Kimberly.

Eu poderia ter tomado o ônibus, mas, quando saí do hospital, decidi dar uma caminhada. Sentia como se tivesse o peso do mundo sobre os meus ombros, o que parecia um pouco egoísta quando Jeremy estava passando por tudo aquilo. De certo modo, eu gostaria que houvesse algo mais que eu pudesse fazer. Então, a caminho de casa, comprei uma daquelas embalagens tamanho família do salgadinho que ele gosta e o terceiro livro da série que ele está lendo. Seria algo para lhe dar na minha próxima visita. Eu estava determinada a visitá-lo sempre que pudesse.

Ao chegar em casa, coloquei minha bolsa e casaco sobre o sofá e corri para a cozinha, para abrir uma garrafa de vinho. Coloquei uma refeição congelada no micro-ondas, apertei o botão e comecei a me despir, para tomar um banho. Eu estava exausta, então, um chuveiro quente, uma taça de vinho e uma refeição pareciam um sonho.

Assim que cheguei ao banheiro, quase capotei. O filho da puta tinha entrado no apartamento de novo e colocado o papel higiênico do jeito errado.

— Argghhh! Se eu quisesse um marido para me irritar, eu tinha me casado, porra! — Sério, o que havia de errado comigo? Agora virou um hábito gritar sozinha? Pergunto-me por que os vizinhos não mandaram alguém do hospício vir me buscar.

Suspirei frustrada, mas entrei no chuveiro. Tomei um longo banho, me sentindo melhor. Vesti meu pijama, coloquei a refeição num prato e fui pegar a taça de vinho no balcão.

Congelei no lugar. Todo o vinho em minha taça havia milagrosamente desaparecido.

Fiquei ali, por um momento, me perguntando o que fazer. Meu coração estava acelerado, meu corpo arrepiado e os pelos na parte de trás do meu pescoço estavam em pé.

Depois de me recompor, fiz uma busca pela casa, procurando em todos os cantos do apartamento, mas não havia nada. Até fui do lado de fora do apartamento, rosnando como uma idiota, com uma frigideira na mão. Se eu o tivesse encontrado, teria batido nele, me vingando pelo que ele fez ontem à noite. E também teria um vislumbre do homem que fazia parte da minha vida nos últimos três anos.

Parecia que ele tinha ido e vindo. Entrou enquanto eu estava no chuveiro, fez seu joguinho e saiu. Só tinha uma coisa a fazer. Coloquei a frigideira ao meu lado, enchi minha taça de vinho e sentei em frente à TV com a minha refeição. Ele poderia fazer o jogo que quisesse, mas eu não lhe daria a satisfação de pensar que suas ações me incomodavam.

Acho que eu sabia o que ele estava fazendo. Ele queria que eu soubesse que ele estaria sempre lá, sempre fazendo parte da minha vida, eu gostando ou não. E eu odiava o fato de gostar. Odiava que ele trouxesse à tona tantas emoções em mim. Odiava que, mesmo que ele tentasse me mostrar que ele estava aqui, eu nunca conseguia esquecê-lo. Ele era o *meu estranho*. O inominável, o homem sem rosto que me visitava… não apenas vigiando a minha vida, mas os meus sonhos. Ele sempre estava lá, no fundo da minha mente. Ao mesmo tempo em que eu adorava, também odiava por me afetar tanto. Mesmo ele tendo sabotado uma possível relação com Brad. No entanto, eu agi como se isso não me importasse. E o motivo era porque não conseguia tirar o estranho da minha maldita cabeça.

Quando minha refeição terminou e metade do vinho se foi, lavei a louça e arrumei minhas coisas para o dia seguinte. Enquanto estava deitada na cama, me perguntei se ele viria até mim esta noite. Só queria ouvir um pouco mais aquela sua voz sexy e rouca.

Demorei para pegar no sono, mas meus olhos foram ficando pesados demais para me preocupar se *meu estranho* viria. Pouco tempo depois, adormeci.

****

— Tyler… — sua voz sussurrou na escuridão. — Tyler, estou aqui para você agora. Estou aqui para terminar o que comecei ontem à noite.

Eu não sabia se estava sonhando ou não, mas a sensação de suas mãos sobre mim estava me fazendo pensar o contrário. Senti suas mãos sobre meu corpo, me acariciando, me tocando em lugares que ele sabia que me fariam gozar sob seu toque. Então, notei seu cheiro almiscarado. Ele estava estimulando meus sentidos e fazendo meu corpo arrepiar. Seu hálito quente fez cócegas na base do meu pescoço. Ele era gentil quando queria, mas um pouco duro às vezes. Ele não me machucava… bem, não causava dor real, mas gostava obviamente de me dominar.

De repente, eu estava completamente acordada, porque percebi que não conseguia mover minhas mãos. Tentei, em vão, me mover e tocar-lhe, mas minhas mãos estavam presas.

— O que está acontecendo?

Ele estava aqui novamente, em cima de mim, com o dedo pressionado contra os meus lábios.

— Não se preocupe. Não vou te machucar. Vim pedir desculpas pelo meu castigo de ontem.

— Me amarrando?

Ele riu e eu podia sentir a vibração em meu peito.

— Prometo que você só sentirá prazer. Está na hora, Tyler. Estou aqui para lhe dar todo o prazer. Mas antes preciso verificar uma coisa.

Senti-o deslizar de cima de mim e o vi quando se afastou de mim. Ele estava vestindo um moletom com capuz novamente, o que devia ter me causado pesadelos, mas, em vez disso, fez meu corpo arrepiar e deixou meus joelhos fracos.

De repente, percebi que ele estava indo para o meu banheiro.

— Juro por Deus, se você trocar esse papel higiênico de lugar de novo, vou te caçar e chutar o seu traseiro.

Ouvi um barulho no banheiro. Ele voltou para mim.

— Duvido muito que você poderia chutar a minha bunda, Tyler, mas adoraria ver você tentar.

Eu ia responder, mas ele estava de volta, enchendo meus sentidos e encostando seu pau duro em meu estômago.

Com um dedo nos meus lábios novamente, ele arrastou-os suavemente pelo meu queixo.

— Shh, Tyler. Tente não fazer barulho. Pode fazer isso por mim? Você será capaz de segurar seus gritos de desejo? Consegue manter a boca que me chupou, ontem à noite, quieta?

Oh, Deus, eu não conseguia resistir. Gemi.

— Tyler, mal toquei em você e já não consegue se controlar? Que desobediente.

Eu estava desesperada por ele e sabia disso. Mas eu também estava desesperada por algo mais. Precisava saber mais sobre o meu estranho. Precisava de qualquer coisa que ele pudesse me dar.

— Qual o seu nome?

Senti sua mão tocar a lateral do meu torso, passando pela minha coxa, arrepiando a minha pele.

— Amo o fato de que você está sempre nua quando venho visita-la. Você tem que dormir sempre nua. Sempre — ele sussurrou em meu ouvido, me fazendo gemer novamente.

— Qual é o seu nome? — perguntei novamente, determinada a não deixá-lo me enrolar.

— Sempre com perguntas, Tyler. A única coisa que você precisa fazer é sentir. Apenas sinta.

Com um toque, ele beliscou a ponta do meu mamilo, me fazendo arquear as costas.

— Você veio até mim, ontem à noite. Você me comeu, me marcou, me fez te chupar, mas não

quer me dizer seu nome. Diga-me! — exigi.

Senti quando ele suspirou, mas baixou a cabeça para tomar meu mamilo, atormentando-o com sua língua.

— Lótus — ele sussurrou, tomando todo meu mamilo em sua boca.

Gemi novamente, meu corpo pedindo para que eu me movesse e o tocasse, mas eu não podia. Meu instinto me dizia para esfregar minhas mãos nele. Dar-lhe tanto prazer quanto ele estava me dando, mas eu estava presa. Frustrada e ligada ao mesmo tempo.

— Que espécie de nome é Lótus? Esse não pode ser seu nome real.

Com a boca em meu mamilo, senti sua mão trilhar por baixo do meu seio, fazendo o caminho até a minha entrada. Ele colocou um dedo dentro de mim, me fazendo ofegar.

— Sempre tão molhada para mim, não é? Lótus é o meu nome, Tyler, e, se eu pudesse, marcaria-o em você, para que todos pudessem ver que você é minha.

Com um gemido, estremeci, incapaz de segurar o meu desejo por ele.

— Você rasgou o cartão — respondi sem fôlego. — Você não tinha o di…

— Shh — ele sussurrou de novo, o seu dedo sobre meus lábios. — Brad nunca poderia dar-lhe o que te dou, Tyler. Você e eu sabemos disso.

Eu sabia disso. Mas o *meu estranho* não tinha me beijado nem uma vez. Nunca senti seus lábios nos meus. Eu precisava, desejava essa conexão com ele.

— Beije-me — exigi contra o seu dedo.

— Há uma coisa que você precisa saber sobre mim, Tyler. Eu não beijo. Eu fodo, e eu vou te foder até você ver as estrelas caindo do céu. Entendeu? — Ele empurrou seu dedo de volta dentro de mim, me fazendo choramingar. — Você entendeu? — ele rosnou.

— Sim! — Porra, eu odiava e amava que ele tinha esse poder de me comandar. Agora, eu estava à sua mercê. Eu deveria estar me cagando de medo, mas tudo o que importava eram suas mãos e sua bela boca, beijando e acariciando cada centímetro do meu corpo. Eu não sabia o que ele ia fazer comigo, mas sabia que eu ia adorar cada minuto.

— Vou fazer você gozar, Tyler. E quando o fizer, você vai gritar meu nome. Quero ouvi-lo em sua boca. Quero ser capaz de quase provar meu nome quando você o gritar. Diga meu nome, Tyler. Fale agora.

— Lótus — falei sem fôlego, enquanto seus lábios estavam acariciando o meu estômago.

— Boa menina — ele murmurou, abaixando a cabeça na direção do meu clitóris. No início, pensei que ele iria me lamber. Na verdade, minha boceta estava doendo por isso. Mas, em vez disso, ele parou, abriu o zíper da calça, rasgou um pacote de preservativo com a boca, colocou a camisinha, e enfiou-se em mim. Com força.

Gritei com o prazer e a dor. Era quase como se os dois estivessem ligados. Eu sabia que ele não me daria a conexão final de intimidade, mas ele sabia como me deixar fraca com a necessidade.

— Levanta essa bunda gostosa do caralho, Tyler. — Fiz, como se estivesse no piloto automático. — Isso. — Ele me penetrou, me fazendo gritar.

— Porra! — ele grunhiu em meu ouvido, quando começou a se mover. Ele não era gentil. Segurando meus quadris, ele impulsionava para mergulhar mais fundo em mim. Eu não estava acostumada a ser usada e abusada assim. Mas, por alguma razão, ter minhas mãos amarradas desta forma, fazia com que o orgasmo rapidamente estivesse a caminho.

— Lótus — choraminguei, observando quando sua força masculina tomou meu corpo. Tudo que pude fazer foi observar. Tudo que pude fazer foi sentir. E era exatamente isso que ele queria que eu fizesse.

A pressão neste ângulo era intensa. Era um pouco estranho estar amarrada e ter que manter minha bunda elevada, mas definitivamente valia a pena. A cada impulso, ele tocava no meu ponto fraco, e eu sabia que explodiria em breve. Não importava o quanto eu gostaria de saborear este sentimento dele dentro de mim, eu sabia que, se continuasse neste ritmo, não duraria.

E não tinha como pará-lo. Ele estava se movendo cada vez mais forte, mais rápido e tentando me segurar para que eu não caísse. Não conseguia entender de onde ele tirava sua força. Ele era uma força implacável da natureza, e eu sabia que não havia ninguém como ele. Agora que provei *meu estranho*, meu Lótus, não havia como voltar atrás.

— Lótus! — gritei, incapaz de prender por mais tempo.

Com um aperto em meus quadris, ele só mergulhou com mais força. Eu sabia que ele estava forçando meu orgasmo. Não estava me dizendo para parar, desta vez. Ele queria que eu gozasse. Ele estava me dizendo para tê-lo.

— Goza para mim, Tyler. Deixe-me te ouvir gritar a porra do meu nome.

Só isso bastou. Explodi, gritando seu nome, assim como ele queria que eu fizesse. Eu podia sentir-me apertando em torno dele, como se meus espasmos estivessem com raiva de seu pênis.

— Porra, Tyler! — ele gritou quando seu movimento se intensificou. Eu podia senti-lo crescer dentro de mim. Ele iria gozar a qualquer momento e eu queria capturá-lo e mantê-lo para sempre.

— Porra! — ele gritou de novo quando caiu em cima de mim.

Capítulo 20

JAIMIE ROBERT

Dean

A vingança é doce e não engorda

Alfred Hitchcock

Porra, o que foi isso? Perdi essa merda novamente. Qual o problema com essa mulher e a merda da sua magia vodu? Sua boceta parecia me colocar sob algum tipo de feitiço hipnótico. Era quase como se ela estivesse me provocando e eu estivesse sendo rapidamente sugado.

Eu estava sobre ela, respirando seu delicioso cheiro de cacau. Lembrei-me do seu perfume, quando pequena. Sempre me fazia querer mais dela, desde então.

Ainda estava lá, dentro dela, a nossa respiração pesada, saboreando aquele perfume como se fosse a melhor coisa do mundo. Eu estava perdendo todos os meus malditos sentidos com ela. Era quase como se eu estivesse sendo aprisionado por uma boceta. E não havia nada na porra do mundo que fosse fazer Dean Scozzari ser aprisionado por uma boceta. Nem agora nem nunca.

Com um grunhido frustrado, saí de cima dela, tirei o preservativo e caminhei em direção ao banheiro.

— Você vai me soltar? — Ouvi-a gritar.

Jogando o preservativo no vaso sanitário, fechei o zíper das minhas calças. Eu estava saindo. Eu só fui lá para transar com ela, desamarrá-la e ir embora. Mas, por alguma razão, senti que precisava fazer valer a minha reivindicação sobre ela novamente. Eu precisava dela na minha vida por mais tempo. Não havia nada mais erótico do que ver uma mulher amarrada sem ter como se mover. Era tentador demais.

Cada pedaço do meu corpo a queria. Meu pensamento dizia para dar o fora de lá. Mas por que eu deveria? Por que eu deveria sentir tanta necessidade por ela? Ela era apenas uma trepada, pura e simples. Apenas um jogo para passar meu tempo até que eu atingisse meu objetivo. Ela logo saberá quem eu sou, mas eu precisava fazê-la passar por isso primeiro.

Balançando a cabeça, caminhei de volta para o seu quarto. Curiosamente, ela estava exatamente como eu a deixei.

Vulnerável.

Nua.

Perfeita.

Sexy, porra.

Vi quando ela me observou. Pude ver os olhos se apertando, tentando me ver. Tenho me mantido escondido dela. Não podia arriscar que ela me visse e me reconhecesse.

— Você vai me soltar agora? — ela perguntou e não pude evitar o sorriso que tomou meu rosto. Ela não estava exigindo. Ela estava pedindo, e isso fez meu pau levantar novamente.

Então, soube que não poderia sair. Eu tinha que prová-la. Tinha que senti-la se contorcendo debaixo de mim, me atormentando com a boceta mágica dela.

— Vou, mas tem algo que preciso fazer primeiro. — Indo em direção à ponta do seu pé, belisquei-o, fazendo-a grunhir.

— O que você vai fazer?

Pude ouvir uma ligeira ansiedade em sua voz, e isso só me deixou mais forte. Eu não queria assustá-la, mas, ao mesmo tempo, queria que ela sentisse alguma coisa, qualquer coisa parecida com o sentimento que eu tive todos aqueles anos, os anos que foram roubados de mim.

Engatinhando sobre a cama, deslizei minha mão até sua coxa, começando minha jornada rumo à sua boceta deliciosa. Como sempre, ela respondeu ao meu toque. Nunca era o suficiente para ela. E era exatamente isso que eu queria. Achei que teria que trabalhar mais para ganhar a sua confiança, mas todos esses anos a perseguindo valeram a pena. Ela estava tão habituada a mim, agora, como um par de sapatos confortáveis. Mas não iria transar com ela de forma confortável.

— Tyler, você faz alguma ideia de como parece sexy amarrada assim? — Ouvi-a murmurar e sabia que ela estava disposta para eu tomá-la novamente. Podia apostar que ela estava esperando por isso.

Olhando para ela, vi a luxúria. Vi o seu desespero querendo me tocar. Sua puxada na fita vermelha amarrada em suas mãos me dizia isso. Mas eu não podia deixá-la ganhar o controle.

Agarrando seus seios expostos, tomei um dos seus mamilos em minha boca e chupei com mais força. Ela gritou de prazer e eu soube que não tinha machucado. Esse pensamento fazia com que eu me desprezasse ainda mais. Queria afundar o pau nela outra em vez, mas só tinha planejado fodê-la uma vez. Eu não poderia ter muito dela. Por isso me obriguei a trazer apenas um preservativo. Sabia exatamente o que aconteceria antes mesmo de chegar aqui. Eu tinha planejado até o último detalhe e parte desse plano envolvia fazer algo com ela novamente, hoje à noite. Eu estava apenas esperando o momento certo para atacar e sabia quando seria esse momento.

— Por que você me deixa fazer essas coisas com você? — sussurrei na escuridão.

Ela congelou por um momento, depois riu levemente.

— Não tenho outra escolha. — Ela puxou as restrições, para enfatizar.

— Mas você não estava amarrada da outra vez.

Ouvi-a dar um suspiro. Era quase um suspiro resoluto.

— Como eu disse, não tenho outra escolha.

Beijei seu mamilo, roçando meus dentes, mas o comentário dela parecia brincar na minha cabeça.

— Por quê? — perguntei, tentando ver a resposta em seu rosto.

— Porque parece que você é tudo o que sempre esperei.

Parei. Apertando os olhos fechados, tentei forçar suas palavras deixarem a minha cabeça. Mal sabia ela que eu era tudo o que ela sempre esperou. Tudo o que ela sempre disse que queria. Mas o que ela tinha feito era muito mais importante do que tudo isso. Ela precisava ser punida. Precisava ser marcada. E era exatamente isso que eu estava prestes a fazer.

— Preciso que você abra as pernas para mim, Tyler, e incline essa porra desse quadril gostoso.

Ela suspirou.

— Você sempre xinga assim?

Suspirei de volta para ela.

— Você nunca para de fazer perguntas?

Senti seu aborrecimento.

— Perguntas? Não sei quase nada sobre você. Tudo o que sei é que você é o *meu estranho*, tem um perfume gostoso, trepa igual a um animal e diz que Lótus é o seu nome. Qual o seu verdadeiro nome? Quem é você?

Não queria que ela ficasse me perguntando essas coisas. Eu estava preparado para isso, sabia que aconteceria. Na verdade, achei que aconteceria antes, mas, por alguma razão, ela sempre me deixava tomar o controle.

— Sou o homem dos seus sonhos, Tyler. E agora vou fazer seus sonhos se tornarem realidade.

Mergulhei meu dedo dentro dela novamente, sentindo como ela ainda estava molhada. Eu sabia que a tinha. Sabia que ela cederia e obedeceria ao meu comando.

Afastei-me um pouco dela e olhei para a doce e bela mulher diabólica que se contorcia embaixo de mim.

— Agora, Tyler — falei, acariciando seu traseiro com a outra mão. — Preciso que você levante um pouco mais. Vou segurá-la, mas você precisa levantar os quadris. — Ela fez o que pedi e meu pau pulsava contra a minha calça.

Tirando meu dedo da sua boceta, toquei-a um pouco mais, até chegar em outra parte interessante do seu corpo. Imediatamente, senti-a tensa, como eu esperava. Eu duvidava que alguém já tivesse estado ali antes.

— Shh… está tudo bem. Não vou te machucar, Tyler. Prometo. Apenas sinta.

Com meu dedo molhado da sua boceta, umedeci-a lá. Brinquei com ela por um tempo, com meu dedo e, para minha surpresa, ela respondeu. Com a outra mão, comecei a massagear seu clitóris. Não muito forte, apenas o suficiente para deixá-la relaxada e pronta para mim. Não demorou muito para que seus gemidos soassem pelo quarto.

Sabendo que ela estava disposta, gentilmente coloquei o dedo em sua bunda. Não fui bruto, já que eu sabia que ela não iria gostar. Ela era virgem lá, então, tive que ter cuidado para não ir com muita sede ao pote.

Para minha surpresa, senti Tyler empurrar o corpo para baixo. Ela estava gostando, o que tornou mais difícil manter meu autocontrole para não puxar minha calça para baixo e trepar com ela novamente.

— Lótus… — ela sussurrou, fazendo-me manter meus olhos fechados. Tive que me concentrar no que estava fazendo. Tinha que ter certeza de que ela sentiria muito prazer. Isso não era para mim, agora. Neste momento, eu precisava me fortalecer. Fazê-la ver que ela não podia viver sem mim.

Empurrando um dedo dentro dela, abaixei minha cabeça e empurrei minha língua em sua boceta. Ela se contorceu e gemeu, e pude senti-la querendo mais. Sabia que, para ela, não era o suficiente.

— Oh, Deus! — Ouvi seu grito, quando comecei a lamber seu clitóris implacavelmente. Eu amava o seu gosto. Era como o mel mais doce do mundo.

Impiedosamente, lambi e empurrei meu dedo dentro dela, fodendo sua bunda. Eu sabia que ela estava perto de gozar. Podia sentir sua respiração se tornar mais superficial. Podia sentir seu aperto contra meu dedo, quando seu orgasmo estava prestes a atingi-la. Pouco antes de ela gozar, puxei meu dedo para fora, afastei meu rosto e fiquei sobre ela. Coloquei uma mão em sua boceta e, com um dedo dentro dela e outro no clitóris, levei-a ao clímax. Ela gozou, gritando meu nome e, então, perdi o controle. Aproximei minha cabeça do seu pescoço e a chupei, com todas as minhas forças. Tudo isso a fez gozar ainda mais alto. Ela gozava e eu a chupava. Tudo o que eu queria era fodê-la com força novamente.

Assim que ela começou a se acalmar, afastei minha mão e minha boca, observando-a fechar os olhos. Ela estava linda com o brilho do luar em seu rosto.

Mas, então, ela se mexeu ligeiramente. Sua cabeça caiu para o lado e foi então que o vi. Não sei por que ainda não tinha notado antes. O medalhão. A porra do medalhão que dei a ela quando éramos jovens. Por que ela estava com essa porra agora? Por que diabos ela ainda o usava?

Pensando nisso, levantei da cama. Como ela se atreve a jogar comigo assim? Como ela ousa pensar que havia qualquer conexão entre nós, depois do que ela tinha feito?

— Lótus, o que há de errado?

Tinha que sair de lá, rápido. A raiva borbulhava em minhas veias. Tudo o que eu conseguia ver, quando fechava meus olhos, eram meus pais. Eu precisava ir e tinha que ser rápido.

Com um puxão, soltei a fita que estava segurando suas mãos na cama. Não foi o suficiente para libertá-la, mas o suficiente para que ela pudesse se soltar.

— Lótus? — ela me chamou, obviamente se perguntando o que houve para minha súbita mudança de temperamento. Mas eu não ficaria por perto para responder a ela. No momento em que a libertei o suficiente, fui embora.

Capítulo 21

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 1996

— Você gosta de flores, Tyler? — Balancei a cabeça com um sorriso.

— Quando nos casarmos, vou comprar-lhe uma flor todos os dias, até o dia em que eu morrer.

Meu coração explodiu de amor por este menino. Ele era tão alto e estava ficando cada vez mais forte, mas sempre com aquele sorriso torto que eu adorava. Seu cabelo ainda era escuro, quase preto, mas ele tinha os olhos azuis mais impressionantes que eu já tinha visto. Era simplesmente belo.

— Você não quer pensar em casamento aos treze anos, Dean. Não seja bobo. — Eu ri.

Dean estava sério quando segurou minha mão.

— Não estou sendo bobo — ele disse, olhando dentro dos meus olhos. — Estou apenas afirmando um fato.

****

Assim que ouvi a porta bater, sabia que ele não voltaria. Não sei o que fez com que ele ficasse tão chateado comigo, mas não podia pensar nisso agora. Eu precisava libertar minhas mãos, agora que a diversão tinha, obviamente, acabado.

Balançando as minhas mãos, consegui soltar a fita e me sentar. Meus pulsos e pescoço estavam doloridos, mas não tanto quanto o meu coração. Por alguma razão, o sentimento de rejeição me atingiu, fazendo escapar um soluço.

Eu não conseguia entender. O que fiz de errado? O que eu poderia ter feito para que ele mudasse de atitude tão drasticamente?

Balancei a cabeça, perguntando-me o que havia de errado comigo. Ele era um estranho, que sorrateiramente entrava no meu quarto, fazia coisas eróticas comigo, me perseguia e sabia tudo sobre mim. Então, por que eu parecia quase obcecada, perguntando-me se ele voltaria? Era quase como se eu tivesse me perdido para ele, agora. Uma vez, fui sua obsessão. Agora, parecia que eu estava tão doente quanto ele.

Suspirando, saí da cama e me certifiquei que ele não estava mesmo no apartamento. Entrei no banheiro e vi que ele mexeu no papel higiênico de novo.

Filho da pu… Não faça isso, Tyler. Não o deixe vencer. Respire profundamente, apenas respire.

Fiquei ali por um momento, os olhos fechados e respirando a minha frustração. Tentei controlar a raiva. Isso nunca iria mudar. Curvando-me, troquei o papel higiênico de lugar antes de acender a luz. Quando o banheiro se iluminou, me senti cegar um pouco, mas não tanto que não pudesse notar a mordida do outro lado do meu pescoço. Qual o problema dele com essa coisa de me marcar?

Suspirando, passei um dedo sobre a área machucada, olhando meu reflexo. Meu cabelo parecia

ter sido arrastado por uma cerca viva, mas eu tinha sido amarrada e abusada de uma maneira gloriosa.

Balançando a cabeça, percebi que o tinha deixado me tocar num lugar jamais explorado antes. Achei que iria doer, mas ele foi tão gentil e parecia tão certo, que me vi desejando mais. Nunca pensei que desfrutaria de algo assim, mas ele parecia saber exatamente o que estava fazendo. E isso tanto me assustava quanto animava.

Limpei-me e voltei para a cama, mas acho que não conseguiria dormir facilmente. Eu estava exausta, mas também estava preocupada. Nunca sabia se ele estava indo ou vindo.

Eu sabia que gostava do seu controle, mas havia algo sobre ele que eu não conseguia entender. Eu não sabia se deveria sentir medo, animação, ansiedade ou todas as opções anteriores. Tudo o que eu tinha certeza era que havia algo familiar nele. Na maior parte das vezes, ele era tão suave e tão certo, que superava todo o resto. Tratar-me dessa maneira parecia não importar, no grande esquema das coisas. Não quando ele era o único que me fazia sentir viva, desde Dean.

Por instinto, toquei nas asas de anjo, lembrando-me do dia em que ele me deu o medalhão de presente. Ele me fez fazer uma promessa e eu a mantive, mas Dean não havia mantido a sua. Ele nunca mais voltou e nunca mais ouvi falar dele novamente. Demorou mais de um ano para que eu parasse de olhar por cima do ombro, esperando-o voltar. Passei mais de um ano chorando no travesseiro, pulando a cada vez que o telefone tocava ou alguém batia na porta. Na verdade, acho que nunca o superei. Ele tinha sido o meu primeiro amor, e isso é difícil de superar. Mas meu estranho estava fazendo um bom trabalho, apesar de tudo. Ele foi o primeiro homem que me despertou as mesmas coisas que eu sentia com Dean. O primeiro a abrir meus olhos e me fazer ver quem era a Tyler verdadeira. Eu sabia que gostava de coisas "*diferentes*".

Tive um namorado, há um tempo, chamado Alan. O sexo era bom, mas não parecia ser o suficiente. Uma noite, pedi para que ele me fodesse com força por trás e batesse em mim. Ele me olhou como se eu tivesse pedido para que ele pulasse de um penhasco.

Para resumir, não fizemos, porque ele não se sentia confortável com a possibilidade de me machucar. Uma semana depois, nós terminamos. Fiquei bem. Na verdade, estava chocada comigo mesma por ter sugerido aquilo e continuar normalmente, depois daquilo, seria impossível.

Suspirando, me virei na cama e vi uma sombra na parede. Eu sabia que era apenas a luz de fora, mas ainda parecia um pouco assustador. Parecia um corvo negro, com o bico aberto, suas asas abertas prontas para atacar sua presa. Talvez ele estivesse tentando me dizer algo. Talvez eu fosse a presa. Eu era a presa do *meu estranho*, mas amei cada segundo.

Fiquei olhando por vários minutos. Vi a sombra se transformar no que parecia ser um morcego vampiro. Uma sombra bastante apropriada, pensei na minha neblina sonolenta, considerando que *meu estranho* gostava de me morder.

Então, algum tempo depois, me vi no canto do quarto. Eu estava com medo e assustada, me escondendo de algo, mas não sabia o que.

Das sombras, uma figura apareceu. Achei que era um monstro que tinha vindo me pegar, mas, quando se aproximou, percebi que era Dean. Meu Dean estava aqui!

Meu coração estava acelerado, quando o garoto que amei por toda a minha vida se ajoelhou ao meu lado, sorrindo. Sorri de volta, sentindo-me absolutamente eufórica com a ideia de que ele estava aqui para me salvar. Meu Dean tinha voltado, assim como prometeu, e veio me salvar dos monstros.

— Tyler, o que você está fazendo? — ele perguntou com seu sorriso de lado.

Então, me lembrei exatamente do motivo pelo qual eu estava lá, encolhida das sombras.

— Estou me escondendo nas sombras, assim o monstro não pode me encontrar.

Dean riu, mas chegou mais perto. Inclinando-se contra a minha orelha, pude sentir sua respiração quente.

— Tyler — ele sussurrou, me fazendo tremer com a sensação da sua boca tão perto do meu ouvido —, você não pode se esconder nas sombras.

— Por que não? — perguntei, querendo que ele me levasse dali.

— Porque são as sombras que estão perseguindo você.

Levantei da cama, pingando de suor. Estava escuro e eu estava com medo. Não conseguia recuperar o fôlego. Acendi a luz do meu quarto. Tudo ainda estava escuro e silencioso.

Levantei, fui ao banheiro e liguei o chuveiro. Tudo estava no lugar, o rolo de papel higiênico exatamente como deixei.

Ao pular no chuveiro e deixar o calor me envolver, comecei a pensar no que meu sonho significava. Por que Dean, assim, de repente? Por que ele parecia tão assustador? Fechei os olhos e lembrei que meu último pensamento antes de dormir tinha sido em Dean enquanto olhava as sombras sinistras. Tudo fazia sentido agora. Senti-me relaxar ao perceber que era apenas meu subconsciente me pregando peças. Dean jamais me machucaria. Ele sempre disse que eu era sua namorada e sempre acreditei. Acredito até hoje. Só queria saber onde ele estava e o que estava fazendo. Apenas saber que ele estava vivo e feliz já era o suficiente. Não saber nada me deixava preocupada e frustrada.

Depois de me acalmar um pouco, desliguei o chuveiro, me sequei e voltei para a cama. Não havia mais sombras para me assustar agora. Tudo parecia normal, tão normal quanto poderia. Fiquei ali esperando o sono me encontrar. Acho que estava mais cansada do que imaginava, já que não precisei esperar tanto.

Capítulo 22

JAIMIE ROBERT

Dean

A vingança é o ídolo despido de adoração de uma idade semibárbara.

Percy Bysshe Shelley

Dirigir não me ajudaria. Normalmente, a velocidade ajudava a aliviar as pressões do dia, mas eu estava tenso demais esta noite.

Por que diabos ela estava usando o colar? Por que ela ainda se importa com isso?

Nenhuma quantidade de condução poderia me ajudar. Normalmente, a velocidade ajudaria a aliviar as pressões do dia, mas eu estava muito enrolado esta noite. Que porra ela estava fazendo usando o colar? Por que diabos ela se importa o suficiente sobre isso para ainda usá-lo? Não fazia qualquer sentido.

Batendo no volante, agarrei-o com força. Claro! A bruxa estava usando seus truques novamente. Eu tinha sido envolvido em seu feitiço vodu. Muito esperta, Tyler, mas não vai acontecer novamente.

Sei que ela não sabia quem eu era e não fazia ideia do que estava fazendo, mas, no entanto, ela era venenosa. Ela costumava ser a minha cura, sempre soube as coisas certas a dizer e fazer. Eu a valorizava e a amava de uma forma que ninguém conseguiria fazer igual.

Não me importava mais, porque Tyler tinha acabado comigo. Eu seria o sonho de qualquer psiquiatra… se eu tivesse um. Eu estava doente e amargurado, mas ela também. Afinal, quem em sã consciência deixa um estranho vagar por sua casa e não faz nada sobre isso? Quem, no seu juízo perfeito, deixaria alguém que não conhece entrar e fazer coisas que ela nunca tinha feito? De certo modo, me frustrou quando ela deixou. Eu poderia ser qualquer um, mas ela simplesmente abriu a porta e me deixou entrar. Eu sabia que, em pouco tempo, ela me deixaria entrar em seu coração. Eu só tinha que ter a certeza de que ela não achasse que poderia entrar no meu, já que eu não tinha um.

Suspirando, sinalizei para a esquerda, na região de Barnes. Eu tinha coisas muito mais importantes a tratar agora. Eu precisava encontrar com Jimmy em meia hora, para que pudéssemos conversar sobre um assunto… chato. Um dos meus homens me traiu e eu não admitia isso. Ninguém trai Dean Scozzari.

Ninguém deve sequer ousar.

Capítulo 23

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 1997

— Que filme você quer assistir, Tyler? Queremos te mimar. — Dean sorriu e Ian passou as mãos pelos cabelos, esperando que eu respondesse.

— Não sei — falei, mordendo os lábios. — Eu queria assistir Debi & Lóide, mas a classificação é doze anos.

Dean e Ian riram. Ian colocou a mão sobre meu ombro e deu um aperto suave.

— Esqueceu que está fazendo doze, hoje?

Meus olhos se arregalaram e todos nós rimos.

— Ah, droga! Acho que estou agindo "meio loira" hoje.

Dean piscou para mim, me fazendo corar.

— Você está linda.

Nos olhamos por um tempo, então Ian pigarreou.

— Vamos para a fila, comprar os bilhetes.

Pouco tempo depois, estávamos com o ingresso nas mãos, e seguimos para a sala. Sentamos em nossos lugares faltando dez minutos para começar o filme.

Ian se virou para nós.

— Vou comprar pipoca, vocês querem?

Dean e eu balançamos a cabeça e ele mostrou um pacote de batatas fritas em formato de anéis.

— Não, obrigado, Ian.

Ian assentiu e saiu para comprar a pipoca. Pouco tempo depois, a sala ficou escura e todo mundo parou de falar, apenas o farfalhar dos pacotes de alimentos soava.

Do nada, Dean pegou minha mão esquerda e segurou-a delicadamente. Olhei para ele com um sorriso, enquanto ele gentilmente tocou meus dedos.

— Você tem mãos tão delicadas, Tyler. Elas são tão perfeitas. Por que você tem que ser tão perfeita?

Minha respiração ficou presa. Ela sempre ficava quando Dean estava por perto. Eu o amava desde que o conheci. Eu sabia que só tinha seis anos naquela época, mas eu sabia. O sentimento nunca mudou. Só ficou mais forte, conforme eu crescia.

— Não acho que sou perfeita — sussurrei, seu toque suave me fazendo tremer um pouco. Ele sempre soube como me deixar arrepiada.

Dean ignorou meu comentário e tirou um dos anéis de batata do pacote. Ele inspecionou o tamanho, por um momento e, então, virou-se para mim com um sorriso.

— Um dia, será real — disse ele, colocando-o no meu dedo.

Ele não disse mais nada, depois disso. Apenas sorriu, me dando uma piscadela, antes de voltar sua atenção para o filme. Fiquei completamente chocada e fascinada por este garoto que eu jamais deixaria de amar.

Pelo resto do dia, andei com o anel em meu dedo.

****

Os próximos dias se passaram em uma névoa. Trabalhei pra caramba, visitei Jeremy após o trabalho e planejei uma surpresinha para ele. Trabalhei muito para me certificar de que daria certo. Entrei em contato com o hospital e acertei com eles e, por cortesia, avisei o Serviço Social. Mas eu sabia que eles não se oporiam. Só precisava me certificar de que ele estaria forte o suficiente para deixar o hospital.

Meu estranho não apareceu mais. Fiquei triste e com raiva, mas também sentia raiva de mim mesma por me sentir sexualmente frustrada. Estava ficando tão louca que, em algumas ocasiões, acordei gritando seu nome, meus dedos brincando com a minha boceta molhada. Eu era descaradamente devassa para ele. Eu ansiava por ele, como se fosse a minha próxima refeição. Eu queria devorá-lo e, mais do que tudo, queria que ele me devorasse. Queria que ele me tomasse. Que trepasse comigo até me deixar em carne viva, até que eu estivesse esgotada. Eu queria tudo que ele pudesse me dar. Lótus estava se tornando um vício e eu me odiava por causa disso. Odiava me sentir fraca com a necessidade. Odiava o fato do desejo dele estar se tornando a minha obsessão, por me fazer sentir coisas que eu não sentia há muito tempo. Pode me chamar de estúpida, mas eu estava me apaixonando por este homem sem rosto. Ele era tudo o que sempre quis, tudo o que sempre desejei e estava, francamente, me matando.

Louisa me convidou para uma festa de Halloween, no SoHo, neste sábado. Eu vou, é claro, senão ficaria em casa sentada, rezando e esperando que ele viesse até mim. Se ao menos houvesse algo que eu pudesse fazer, para me vingar por ter me deixado na mão, por me fazer esperar, por me dar esperança, por não estar comigo.

****

No sábado, me arrumei para almoçar com a minha mãe. Eu não a via há algum tempo e estava ansiosa por isso. Eu precisava da distração e do seu conforto maternal, que me acalmaria agora. Não importa sua idade, um filho sempre precisará da sua mãe.

Pegando minhas chaves, deixei o apartamento e resolvi olhar meu carro. Senti uma pontada de tristeza quando vi que ele estava do mesmo jeito que o deixei ontem. Eu estava tão acostumada a ver meu carro estacionado ao contrário. Era como se o meu estranho estivesse me abandonando, ou me punindo por algo. Desejei saber o que era. Não sei o que poderia fazer sobre isso, mas não saber estava me deixando louca.

Caminhando por mais ou menos vinte minutos, me aproximei do bistrô italiano na High Street. Sempre adorei comida italiana. Dean, provavelmente, tinha tudo a ver com isso. Sua família, de origem italiana, apresentou-me todos os tipos de pratos. Ele disse que seu pai escolheu seu nome em homenagem ao famoso cantor e ator Dean Martin. Era uma coisa tradicional em sua família, considerando que seu tio tinha o nome de um ator famoso. Acho quer era Humphrey Bogart, mas não tinha certeza. Nunca conheci o tio de Dean.

— Querida — minha mãe falou, levantando-se para me dar um beijo. Ela parecia, como sempre, intocada. Seu cabelo loiro era impecavelmente arrumado em um coque, seus cílios longos acentuados com a quantidade perfeita de máscara para os cílios. Não havia um fio de cabelo fora do lugar, nenhuma imperfeição para mostrar que ela era normal. Estava sempre vestida com as melhores roupas de grife, sempre misturada com a alta sociedade. E quem poderia culpá-la? Ela havia

trabalhado duro para chegar onde estava agora. Ganhou dinheiro e trabalhava apenas para os melhores clientes… porque ela podia. Todo mundo queria que ela fosse sua advogada. Já tinha sido apelidada de Rottweiler, simplesmente porque ela era feroz num tribunal. Sua reputação era tamanha, que os advogados de defesa rezavam para não enfrentá-la no tribunal. Ela nunca perde e acho que é isso que faz as pessoas se acovardarem.

— Oi, mãe, como você está? — perguntei, sentando na cadeira em frente a ela.

— Feliz por ver minha outra filha predileta. — Ela sorriu. Era um belo sorriso. Não importa sua reputação, ela sempre tinha um sorriso carinhoso para mim.

— Como está a vida, Tyler? Conheceu alguém?

Sim, conheci um cara. Não faço ideia do seu verdadeiro nome. Não sei como ele realmente é, mas ele trepa como nenhum outro e, por mais que eu tente, não consigo parar de pensar nele.

— Não, ninguém — respondi com um sorriso.

Minha mãe franziu a testa.

— E Ian? Achei que vocês tinham aquele pacto… você vai chegar aos trinta em breve.

Balancei a cabeça.

— Não precisa me lembrar. — Ainda faltavam dez meses, mas eu temia a data.

— Ian é um bom garoto.

Eu ri.

— Ele não é mais um garoto — respondi, pensando nas coisas safadas que ele gostava de fazer, especialmente quando bebia.

— Achei que vocês se encontravam, especialmente depois que Dean desapareceu.

A dor me atingiu tão forte como no último dia que vi Dean. Por instinto, segurei o medalhão e o acariciei, me odiando por querer algo de volta, que não era meu.

— Por que você odeia tanto o Dean?

Eu tinha que saber. Minha mãe e meu pai estavam sempre me empurrando em direção a Ian. Quanto mais eles empurravam, mais eu me rebelava. Era Dean. Era sempre Dean.

Minha mãe cruzou as pernas.

— Nunca odiei Dean. Só acho que era uma má influência para você. Ian era o único que sempre teve bondade no coração, cuidando de você.

Balancei a cabeça, e estava prestes a responder quando uma garçonete veio com duas taças e uma garrafa de Prosecco.

— Tomei a liberdade de pedir o Prosecco. Espero que você não se importe. — Balancei minha cabeça, mas estava ansiosa para voltar para a nossa conversa.

— O que você gostaria de pedir? — perguntou a garçonete, olhando de mim para minha mãe.

— Spaghetti di Mare — minha mãe respondeu.

— Molto bene — a garçonete respondeu com uma risadinha, em seguida, virou-se para mim.

— Quero um Carbonara.

Anotando, a garçonete assentiu.

— Si, perfecto. — Ela pegou os menus de volta e caminhou em direção à cozinha.

— Você não acha que esse prato engorda muito, Tyler?

Revirei os olhos.

— Comi muito pouco nos últimos dias. Acho que meu corpo pode lidar com algo mais calórico, uma vez ou outra. — Minha mãe era daquelas que se certificava o tempo todo se eu e minha irmã não estávamos comendo besteira.

— Por que você comeu pouco? — Ela franziu a testa com preocupação, pegando a taça para um

gole.

Fiz o mesmo.

— Estava cheia de trabalho, nada demais. — Coloquei a taça sobre a mesa e esperei sua resposta.

— Me preocupo que você esteja trabalhando demais. Achei que você fazendo a coluna teria mais tranquilidade.

Eu tinha, mas não iria dividir com ela meus segredos sobre Jeremy, meu estranho e as coisas que me mantinham ocupadas no momento.

— Quero que tudo saia perfeito.

Rindo, minha mãe cruzou as pernas e se inclinou um pouco.

— Você sempre foi muito dedicada. Mesmo quando criança.

Levantei a sobrancelha.

— Sério? Pergunto-me a quem puxei.

Minha mãe sorriu.

— Touché, Tyler. Acho que você sempre será uma lutadora. Está em seus genes.

Eu ri um pouco, mas o aborrecimento do assunto anterior ainda pairava em mim.

— Então, sobre o que falávamos antes, por que é tão importante que Ian e eu fiquemos juntos? Nos conhecemos desde que éramos bebês e acho estranho. Não tenho nenhum interesse romântico em Ian. Somos amigos e sempre seremos, mas preciso te falar a verdade. Sinto falta de Dean. Penso nele todos os dias. Ainda me pergunto o que diabos aconteceu com ele e por que ele nunca voltou para mim.

Minha mãe se encolheu com minhas palavras.

— Sinto muito, Tyler. Não sabia que você se sentia assim.

Suspirei, sentindo-me relaxar um pouco.

— Acho que não era difícil de notar, mamãe. Eu ansiava por ele. Na verdade, ainda anseio. Sei que parece loucura, mas ele foi meu primeiro amor. Você deve se lembrar.

Minha mãe sorriu, uma pitada de nostalgia brilhou em seus olhos.

— Seu nome era Blake e ele era considerado o bad boy na minha escola. Eu estava apaixonada, mas seus avós não suportavam o menino. Acho que a história realmente se repete. Mas a diferença é que eu cresci e esqueci o bad boy, concentrando-me no que era importante na minha vida. Desde os treze anos, eu sabia que queria ser advogada. E não deixaria nada ficar no meu caminho.

— Você sabe o que aconteceu com Blake? — perguntei. Nunca soube nada sobre essa fase da minha mãe e isso parecia intrigante.

Minha mãe sorriu, um pouco maliciosamente.

— Engraçado, Blake foi meu terceiro caso em julgamento. Ele tinha vinte e quatro e tinha ido para a prisão algumas vezes. Seu caso era um assalto triplo, além de quatro acusações de porte de substância ilegal. Quando o vi, achei que não seria capaz de conduzir seu caso. Considerei me afastar, mas eu estava apenas começando. Tinha ganhado meus dois últimos casos e não deixaria ninguém interferir. Minha carreira era a minha vida.

— Então, você o enfrentou?

— Sim. O pior é que uma das casas que ele roubou era do prefeito. Ele sabia que tinha cometido um grande erro. Foi condenado a prisão por quinze anos, mas saiu em sete.

Balancei a cabeça em descrença.

— Uau! Você nunca se preocupou com…

— Vingança? — ela perguntou, interrompendo-me. Balancei a cabeça. — Um pouco, mas,

quando ele saiu, voltou à vida do crime. Parece que seu destino era crime e prisão. Ele teve sua chance de se vingar, mas eu meio que sabia que ele não faria nada.

Vi o brilho em seus olhos, então tive que perguntar:

— Por quê?

Minha mãe tomou outro gole de sua bebida.

— Porque ele me escreveu enquanto estava na prisão. Ele disse que ter sido condenado, comigo como advogada de acusação, tinha sido a coisa mais sexy e inesquecível que tinha vivenciado. Ele sabia que seria preso, mas ficou feliz que a advogada fosse eu. Ele adorava repetir o caso em sua cabeça e eu era a sua lembrança mais agradável ao ir para a prisão. Terminou dizendo que adoraria se nós ficássemos juntos novamente, mas sabia que eu era casada, com um bebê a caminho. Ele me desejou felicidades.

Uau, isso era demais. Parecia que, em vez de se agarrar ao ódio e à vingança, ele aceitou seu destino e usou minha mãe como seu ídolo.

— Deve ter sido engraçado, saber que Blake fantasiava com vocês dois juntos novamente, um dia.

Minha mãe concordou.

— Claro, mas Blake e eu somos duas pessoas diferentes, querendo diferentes formas de vida. Eu respeitei isso, assim como ele.

O diabinho dentro de mim precisava saber.

— Sim, mas você nunca pensou como as coisas teriam sido se você tivesse esperado por ele? Nunca considerou que, se não tivesse conhecido o papai, poderia ficar com ele, ainda que por um tempo?

Minha mãe sentou-se contra sua cadeira, perdida em pensamentos.

— Acho que uma parte de mim sempre se perguntou como as coisas teriam sido, como eu teria vivido se tivesse ficado com ele, o bad boy. — Minha mãe ergueu as sobrancelhas, me fazendo rir. — Mas sei que não estaria onde estou agora. Não teria conhecido o seu pai nem teria duas filhas belas e saudáveis. Estou feliz com a minha vida. Seu pai me dá tudo o que preciso e muito mais. Por que eu iria ansiar por alguma coisa?

Balancei a cabeça, mas a minha versão depravada me fazia querer saber sobre esse cara, Blake. Eu me perguntava o que estava fazendo agora, e se ele ainda pensava em minha mãe. Aposto que sim. A romântica em mim desejava que sim, porque me dava esperança de que Dean ainda pensava em mim. Dean era o meu Blake, mas ele não era um bad boy. Ele só era excitante demais, com uma malicia deliciosa, que era uma das coisas que me fez apaixonar-me por ele.

Suspirei, me perguntando se ele tinha casado, se estava com filhos. Caso sim, será que ele pensava em mim? Apesar de nunca poder perdoar um homem que pensa em mim, enquanto está com sua esposa, isso não impediu a pequena semente de esperança que brotou dentro de mim.

Depois que minha mãe terminou de contar a sua história, a garçonete veio com as refeições. A maior parte da conversa depois disso foi conversa fiada. Minha mãe e meu pai iriam visitar minha irmã na próxima semana e ficaram decepcionados porque eu não poderia ir. Eu iria um dia, mas agora tinha muitas coisas acontecendo.

Deixamos o restaurante com um abraço e a promessa de nos vermos em duas semanas, quando eles estariam de volta. Eu estava satisfeita com o almoço, mas também um pouco tonta com a história da minha mãe. Acho que, de certa forma, a história se repete. Eu só queria saber se nunca encontraria o meu felizes para sempre, como a minha mãe encontrou. Meu futuro estava cheio de possibilidades e incerteza. Era assustador, mas também um pouco emocionante. Deus sabe o que o amanhã pode

trazer.

Um pouco mais tarde, tomei banho e procurei em meu guarda-roupa uma fantasia. Era muito provocante, na minha opinião, já que a saia era muito curta. Pelo menos, tinha uma capa para esconder meus atributos. Eu iria de vampira, esta noite. Uma princesa da noite, que gostava de morder e sugar o sangue de suas vítimas.

Ri, pensando que era bem apropriado, considerando que o meu estranho gostava de me morder. Tenho certeza de que, se ele pudesse tirar meu sangue, ele tiraria. Não sei por que, só de pensar nisso, meu coração acelerou e minha boceta latejou. Nunca pensei que fosse querer que alguém me mordesse, mas, desde que meu estranho fez isso, eu queria mais e mais. Meus orgasmos pareciam mais intensos quando ele me mordia. Era uma mistura de dor com prazer, que me tirava o fôlego.

Balançando a cabeça em consternação, peguei a roupa e me concentrei em me arrumar. Não me permitiria pensar no meu estranho hoje. Ele, obviamente, estava fazendo algum tipo de birra, jogando seu ursinho no canto, e me fazendo pagar por algo que eu nem sabia o que era. Se ele queria se comportar assim, tudo bem. Recusei-me a pensar nele hoje à noite, então fiz o melhor para esquecer. Vesti-me, apliquei mais maquiagem do que pretendia e arrumei o cabelo numa massa de cachos sexy. Minha feminilidade e sex appeal seriam a minha vingança hoje à noite. Eu me recusava a me deixar ser afetada por ele. Ele tinha que saber que não poderia me tratar assim e desaparecer. Da próxima vez que ele viesse, se viesse, eu recusaria seus avanços. Ele tinha que saber que Tyler O'Shea não aceitava qualquer merda de ninguém.

Eu queria que ele pudesse me ver agora. Ele nem saberia o que o atingiu.

Capítulo 24

JAIMIE ROBERT

Dean

"Ao buscar vingança, você cava duas sepulturas: uma para si mesmo".

Douglas Horton

Segui Tyler por todo o caminho até o clube. Eu já sabia que ela iria e planejei tudo de acordo com a sua programação. Era bom que fosse uma festa de Halloween, assim eu poderia ir usando meu moletom com capuz e uma máscara de Mike Myers e pareceria completamente normal.

Estacionei meu Challenger em um local seguro nas proximidades e caminhei em direção ao clube. Ele estava lotado, com uma longa fila na frente. Eu já tinha feito arranjos para entrar por trás. Também fiz arranjos para que Tyler e Louisa entrassem assim que chegassem. Dei as instruções, incluindo uma foto sua e uma descrição do que ela usaria. Eu não era o filho de um deus do crime para nada.

Bati na porta dos fundos. O segurança, Tony, também conhecido como Teddy, abriu-a. Ele era um negro careca, com os músculos mais impressionantes que eu já tinha visto. Eu sabia que eu era um cara durão, mas nem eu era estúpido o suficiente para ir contra um cara como ele. Felizmente, ele estava um pouco desconfiado de mim. Todo mundo que me conhecia sentia-se desconfiado, e era assim que eu gostava. Ter pessoas que desconfiam de você impõe respeito, e todos me respeitavam. Eles não tinham escolha, a não ser, é claro, que quisessem uma bala na cabeça.

— Oi, Dean. Beleza?

Sorri para Tony. Embora ele fosse enorme, seu sorriso o deixava mais suave. Ele parecia um grande urso de pelúcia, daí o apelido de Teddy.

— E aí, Teddy? — Ele me deixou passar pela porta, e fechou-a atrás de mim.

— Indo — ele disse, encolhendo os ombros. — Estarei de serviço a noite inteira. Por falar nisso, e sua garota, Tyler? Ela já está lá fora? Está usando a roupa que você me falou?

Senti vontade de fechar os olhos, para não pensar nisso. Saber que ela estava vestida com aquela fantasia de vampira sexy, com a saia curta e a capa longa cobrindo seu traseiro, fez meu pau acordar. Não importa o quanto eu me esforce para me acalmar, apenas pensar nela era o suficiente.

— Sim — falei, sem rodeios, entregando-lhe meu telefone. — Aqui tem uma foto que tirei dela, esta noite.

Tony pegou o telefone da minha mão e olhou a foto por um tempo longo demais.

— Porra! — ele gritou. — Tá explicado porque você está pegando.

Sem pensar, peguei o telefone da mão dele. Ouvi-lo falar assim sobre ela fez meu sangue ferver. Ela era minha, de mais ninguém.

— Faça a porra do seu trabalho, Tony.

Ele recuou parecendo estar em choque.

— Sinto muito, cara, não tive a intenção de ofender. Vou procurá-la agora. Tenha uma boa noite.

Um pouco mais calmo, bati em suas costas. Precisava controlar o meu temperamento. Eu não deveria me preocupar que outro homem estivesse com tesão nela.

— Você também, Teddy. — Em seguida, ele saiu e fui deixado vagando no local, como eu queria. Era ótimo ter poder. Era ótimo comandar a cortesia das pessoas. Eu era justo, desde que não tentassem puxar meu tapete.

Com a máscara na mão, caminhei pelo corredor em direção a uma das entradas para o hall. O local estava tranquilo, já que a maioria dos funcionários estava fora dali, fazendo seu trabalho. O único barulho que se ouvia era o som fraco de *Thriller* ecoando pelo local.

Parado em frente à porta, eu estava ali, prendendo minha máscara e sorrindo com o pensamento de surpreender Tyler. Ela não me esperava, me ver aqui com certeza iria chocá-la. Eu estava contando com suas habilidades de observação para me localizar. Eu sabia que ela não fazia ideia de como era a minha aparência, mas ela com certeza conhecia o meu moletom com capuz. Acho até que ela já tinha uma ideia da minha forma física. Considerando que essas eram as únicas coisas que ela sabia sobre mim, eu estava confiante de que não teria problemas para ganhar sua atenção.

Coloquei a mão sobre a maçaneta e a virei, ouvindo a música de forma mais clara. Estava aos berros, mas eu estava acostumado. Eu praticamente morei em clubes assim, quando criança. Tyler nunca soube deste lado da minha vida. Ela era apenas uma menina inocente, pelo menos era o que eu achava. Ela era virtuosa, pura e intocada. Nunca desejei que ela fosse maculada por esse lado da minha vida.

Passando pela porta, deixei meus sentidos me levarem. O clube estava enchendo, a música bastante alta, as roupas a caráter. O clube estava escuro, mas as luzes estroboscópicas piscavam pela sala, iluminando zumbis, bruxas e mortos-vivos.

Segui até o bar e pedi uma cerveja, sentando num canto. Eu conhecia o clube como a palma da minha mão. Conhecia todos os pontos de entrada e saída, os melhores lugares para sentar e observar.

Já tinham passado uns cinco minutos que estava tomando minha cerveja, quando vi Tyler. Ela entrou com Louisa, seu cabelo caindo em ondas. Ela usava um delineador preto nos olhos e um batom vermelho brilhante, para acentuar sua aparência de vampira sexy. Suas longas pernas eram destacadas pela saia e tudo o que eu conseguia pensar era em segurá-la e levá-la para fora do clube, escondendo suas pernas do resto do mundo. Elas pertenciam a mim e só a mim.

O monstro verde que despertou dentro de mim se acalmou quando ela entrou e pulou de susto com um boneco parado à sua esquerda. Ela colocou a mão sobre o coração e riu com Louisa. A imagem fez meu peito apertar e, num momento de loucura, ri junto com elas.

Merda, eu precisava me concentrar. Ela está fazendo sua magia vodu em mim novamente, sem nem mesmo perceber. Ela não era alguém a ser admirada, para se rir junto, com a coisa de flores e corações. Ela era minha inimiga, meu ponto focal de destruição e nada mais. Tive que chutar minha própria bunda e me concentrar no plano.

No momento em que ela se acalmou, ela e Louisa caminharam até o bar e pediram suas bebidas. Com um doentio interesse, sentei-me lá. Eu estava praticamente babando com a visão dela e a única coisa que eu queria fazer era trepar com ela. Possui-la e lembrá-la a quem ela pertencia. A quem ela sempre pertencerá. Mas eu tinha que me lembrar da razão para eu estar lá. Eu precisava tomar dela o máximo que eu conseguisse. Ela precisava saber que não havia escapatória.

Então, sentei e esperei, aguardando o momento certo, observando-a ficar levemente tonta. Elas dançaram e riram, parecendo estar se divertindo. Em alguns momentos, alguns caras tentaram abordá-la e dançar com ela, mas eu fiquei feliz de ver que ela os afastou.

Mais ou menos uma hora depois, fiz meu movimento. Emergi das sombras, deixando minha

cerveja sobre a mesa. Eu não estava aqui para beber. Estava aqui para assistir. E para pegar meu prêmio.

Tyler estava um pouco mais perto de mim, na pista de dança. Se ela olhasse em minha direção, sem dúvida me veria. Fiquei observando e esperei por mais dez minutos, enquanto ela dançava, se balançando no ritmo da música. Ela parecia bastante envolvida pela batida.

Na metade da música, fiz os arranjos para lhe enviar minha mensagem. Eu não tinha dúvidas de que ela iria me procurar no minuto em que ouvisse a música.

Como planejado, a canção chegou ao fim e minha música soou pelos alto-falantes. Ela congelou e pude ver seus olhos se arregalarem quando The Police cantou "*Every Breath You Take*".

Por instinto, ela olhou ao redor e, como planejei, seus olhos caíram sobre mim. Pude ver o brilho de reconhecimento em seus olhos castanhos. Eles capturaram os meus e, mesmo que não pudesse me ver, soube que ela me viu. Ela sabia quem eu era. Sabia que eu estava aqui para reivindicá-la.

Enquanto ela me observava, me movi ao redor do salão. Fui deliberadamente devagar, para que ela pudesse acompanhar cada movimento meu. Louisa estava dançando com o tal de Peter, completamente alheia.

Enquanto eu circulava pelo salão, como um leão pronto para atacar, um outro animal, uma espécie de gato doméstico, cruzou a fronteira. Tocou Tyler por trás, agarrando a sua cintura, dançando com ela. Achei que ela fosse dizer que não, como fez com os outros, mas ela olhou para mim, desafiadoramente, e aceitou os avanços do homem.

Meu sangue ferveu. Cada fibra do meu corpo mandava que eu rasgasse a garganta do cara e cortasse a porra das mãos dele, por se atrever a tocar no que era meu.

Apertando os punhos com força, vi quando seu olhar atirou punhais em mim. Ela fechou os olhos e começou a se balançar contra ele, passando os dedos pelo seu cabelo. Eu sabia por que ela estava fazendo isso, sabia o porquê da súbita mudança de atitude. Ela estava tentando me punir. Ela tentava me afetar, mas eu mostraria a ela, em breve, que não era a atitude mais acertada.

Tentando me acalmar, voltei a andar lentamente, chegando mais perto do meu objetivo. Tyler abriu os olhos, tentando me encontrar. Ao me ver, ela sorriu timidamente e continuou balançando a bunda gostosa na virilha do idiota. Cada pedaço meu desejava dar um soco nesse cara, mas acho que Tyler esperava, secretamente, que eu fizesse uma cena. Ela esperava que eu perdesse a calma, mas o que ela não sabia era que eu podia ser muito perigoso. Eu poderia esmagar sua traqueia numa fração de segundos. Minha mão se moveria tão rapidamente que ela nem perceberia que tinha morrido, até que ela olhasse ao redor e visse apenas a sua alma.

Então, me movi lentamente, mantendo meu ritmo, apesar de estar pronto para explodir cada vez que esse cara colocava a mão em seu quadril ou passava os dedos em seus braços. Andei, controlado como antes, até chegar ao meu destino. Bati em suas costas, fazendo sinal para que ele caísse fora. Ele agiu exatamente como imaginei, deu de ombros como se eu fosse um pequeno incômodo. Então, peguei seus dedos e os esmaguei até que pude sentir a pressão, vendo seu rosto vermelho com a dor. Eu poderia admirar um pouco mais a vista, mas eu tinha um peixe maior para fritar.

Tyler virou e viu que a minha mão segurava a dele, e então Teddy veio e o levou para longe. Dizer que seu rosto parecia chocado era um eufemismo. Ela tinha visto o meu poder e isso fez meu pau pulsar ainda mais.

Puxando-a para mim, passei meus dedos sobre seus braços, para cima e para baixo. No início, ela ficou rígida, incapaz de compreender o que estava acontecendo, mas o meu toque era muito poderoso. Sempre seria poderoso demais para Tyler resistir.

Em pouco tempo, ela relaxou na curva do meu corpo, balançando ao som da voz de Sting, que dizia que eu sempre cuidaria dela. Ela agora sabia que pertencia a mim. Cada respiração, cada passo, cada sorriso, eu sempre estaria lá, observando-a e esperando por ela.

Enquanto ela movia a bunda em minha virilha, assoviei, tentando recuperar o meu controle. Sua roupa a deixava parecida com a princesa das sombras que eu sabia que ela era. Sabia que Tyler tinha um lado negro esperando para sair. Por que mais ela deixaria que eu entrasse em sua casa e fizesse todas aquelas coisas com ela? Secretamente, ela adorou cada segundo.

Puxando seu quadril, encaixei meu pênis em sua bunda, segurando seu cabelo. Com um puxão mais firme, trouxe a sua cabeça para trás, para que eu pudesse ver seus olhos. Eles estavam fechados, mas sua expressão era de desejo. Ela me queria. Ela me desejava. Ela me pertencia.

Passando a mão pelos seus cabelos, toquei a curva das suas costas, empurrando algumas mechas para fora do caminho. Segurando-a por trás, enfiei a mão por dentro da sua saia e alcancei sua calcinha. Olhei em volta para me certificar de que ninguém nos observava e, com um puxão rápido, arranquei a pequena peça do seu corpo. Tyler estremeceu sob o meu toque. No passado, ela me possuiu. Agora, ela estava sob meu encanto.

Colocando a calcinha no bolso da minha calça, virei-a de frente para ela me encarar. Seu rosto estava cheio de luxúria, sua respiração era entrecortada e seus olhos estavam vidrados de desejo. Aposto que, se eu colocasse um dedo dentro dela agora, ela estaria mais molhada do que nunca. Eu tinha que saber. Eu precisava descobrir.

Segurando-a, discretamente coloquei a mão entre nós, chegando à fenda da sua boceta. A capa longa que ela usava era perfeita, eu podia tocá-la sem correr o risco de ser apanhado com facilidade.

Os olhos de Tyler se arregalaram, mas ela não me mandou parar. Ela estava muito ligada em mim para me mandar parar. Eu tinha o poder e ela sabia disso. Ela olhou para minha máscara, tentando encontrar meus olhos, tentando desesperadamente ver o rosto por trás dela. Mas ela não veria. Não esta noite.

Com um movimento suave, alcancei seu clitóris. Tyler suspirou, fechando os olhos, enquanto eu mergulhava meus dedos dentro dela. Ela estava molhada… ah, completamente molhada. Ela quase me fez explodir em minhas calças, por saber o quanto ela me queria.

Com cuidado e o mais discretamente possível, segurei-a com força, enquanto meu dedo fodia a sua boceta, arrastando o polegar para cima e para baixo em seu clitóris. Continuei tocando-a, acompanhando a batida da música para fazê-la desmoronar. Eu a tinha de todas as maneiras. Eu a possuía e controlava cada parte dela, e nada nesse mundo me faria parar.

Vi a expressão atormentada e erótica cruzar o belo rosto de Tyler. Ela estava em doce agonia sob meu toque. Quando acelerei o ritmo, Tyler mordeu o lábio, sabendo que gozaria em breve. Eu sabia que ela estava quase no auge. Queria senti-la gozar em meus dedos, senti-la perder o controle. Queria que ela confiasse que eu poderia controlá-la e mantê-la segura. Aqui. Comigo. Mais ninguém.

E não havia mais ninguém. O salão estava lotado, cheio de gente dançando, se balançando na batida da música. Ninguém se importava com ninguém, exatamente como eu queria. Era apenas eu e Tyler. Tyler e eu.

Segurei a cintura dela com mais força, enquanto sentia seus gemidos reverberarem em seu peito e no meu. Ela estava perto do ponto de ruptura.

Com outro dedo, apliquei pressão em seu clitóris, deslizando em sua umidade. Queria sentir seu gosto, queria lamber cada gota. Tyler endureceu. Cada músculo do seu corpo dando lugar a um orgasmo intenso, e pude senti-la desmoronar. Senti sua vagina apertar meus dedos e, apenas isso, foi quase o suficiente para me fazer explodir. Ela resistiu quando continuei meu ataque, mas a segurei no

lugar. Eu não a deixaria ir. Não agora. Ela era muito bonita de se ver. Era quase linda demais para ser maculada. Se não a conhecesse, jamais faria isso.

Conforme puxei meus dedos para fora da sua boceta apertada e molhada, segurei-a no lugar, enquanto ela se acalmava. Ela parecia precisar de um tempo. Eu poderia dizer que deve ter sido um dos orgasmos mais intensos que ela já teve. Sorri ao me dar conta de que Tyler era exibicionista, em segredo. O fato de ter pessoas ao nosso redor fez com que a resposta do seu corpo fosse ainda mais intensa. Tive cuidado, no entanto. Eu sempre fui corajoso. Era o que eu fazia dia após dia. Era como eu tinha que ser. Constantemente eu olhava por sobre o ombro, certificando-me que ninguém estava próximo demais para que eu fosse atingido. Eu não era burro para não saber que havia pessoas lá fora que adorariam que eu desaparecesse, assim como meus pais. Mas estava determinado a não deixar isso acontecer comigo. Eu era simplesmente muito bom naquilo que fazia.

Olhando nos olhos de Tyler, eu soube que ela estava satisfeita. Ela estava praticamente cantarolando, depois do seu orgasmo. O que ela não sabia é que não tínhamos terminado ainda. Ela parecia contente em apenas ficar nos meus braços, balançando-se no ritmo da música. Uma nova música tocava. Outra música que poderia ter sido feita para Tyler. Ri ao ouvir a letra: "*Ela sente como se alguém a estivesse observando*" soou em meus ouvidos quando Tyler me olhou com um sorriso.

Eu não poderia deixá-la muito complacente comigo. Era quase como se eu a estivesse confortando, agora. Eu precisava mostrar minha autoridade novamente. Precisava que ela soubesse quem manda.

Puxando a sua mão, a levei para longe da pista de dança, na direção de uma das saídas de funcionários.

— Certamente, não poderemos voltar aqui — disse ela, mas não respondi. A necessidade de enterrar meu pau em sua boceta assumiu o controle. Tive que mostrar a ela quem era o chefe. Ela me testou a noite inteira e precisava saber que seria punida por isso.

Ainda puxando-a pela mão, levei Tyler a uma sala escura, que parecia ser um depósito. Não era confortável nem aconchegante, mas nem era para ser. Era possível sentir o cheiro de umidade e água sanitária, entre alguns outros produtos de limpeza que eram mantidos aqui. Escolhi este local propositadamente. Queria que Tyler soubesse que ela não era tão especial quanto se achava. Eu ainda podia usá-la. Ela pareceu um pouco irritada, mas não o suficiente para se afastar de mim. Eu a tinha e ela sabia disso. Eu poderia fazer qualquer coisa que quisesse com ela e ela deixaria.

Com a respiração entrecortada, Tyler olhou ao redor da sala. Ela inalou, sem dúvida sentindo o cheiro. Mas a curiosidade foi mais forte e ela virou-se para mim.

— Você é dono deste lugar ou algo assim? Você parece comandar as coisas por aqui, tendo em vista o que aconteceu com o cara lá fora e o segurança.

Coloquei meus dedos sobre seus lábios, parando suas perguntas incessantes.

— Tire a capa — exigi.

A tensão era palpável. Seus olhos me encararam e eu sabia que ela estava debatendo consigo mesma. Seu corpo queria fazer como o instruído, mas sua cabeça queria mandar eu me foder. Quando ela não obedeceu, dei um passo à frente.

— Tire. A. Porra. Da. Capa. — Era mais do que uma exigência, eu estava comandando.

Um suspiro deixou seus lábios, enquanto eu observava seu seio subir e descer. Ela queria que eu transasse com ela. Meus dedos não foram o suficiente para acalmar a necessidade dentro dela. Ela sofria por isso. Vivia para isso.

Seu estranho.

Seu lótus.

Esperei, pensando se teria que tomar uma atitude extrema e arrancá-la dela, mas Tyler me surpreendeu. Sua mão chegou ao seu pescoço, desamarrando a fita. A capa caiu no chão, e um grunhido involuntário saiu dos meus lábios. Tyler estremeceu. Até o som da minha voz a afetava.

Meu pau endureceu mais. Achei que teria que trabalhar mais para ter a princesa sombria, mas parecia que eu já a tinha. Ela era minha. Totalmente, completamente, incompreensivelmente minha. Eu queria agarrá-la e trepar com ela da forma mais intensa que ela já havia sido comida na vida.

Olhei ao redor da sala e vi uma mesa no canto.

— Vá para lá e se curve. Agora.

Para minha surpresa novamente, ela obedeceu, caminhando em direção à mesa e curvando-se para mostrar sua linda bunda. Andei até ela e a circulei, como se ela fosse a minha presa. Eu precisava olhá-la assim. Ela era magnífica de se ver. Seu corpo quase estremeceu, com a necessidade, ao sentir meu cheiro ao passar por ela. Ela estava desesperada por mim e com o pensamento do meu pau agindo no piloto automático.

Aproximei-me por trás, levantando a pequena saia. Acariciei sua bunda com lenta deliberação.

— Você não dançou com ninguém até ter me visto. Por quê? — Continuei acariciando-a, enquanto esperava resposta. Ela não fazia ideia do que eu estava prestes a fazer, mas seu corpo tremia de desejo.

— Eu posso dançar com que…

Bati com força na sua bunda, ouvindo seu grito de dor e excitação. Depois, voltei a acariciá-la, com movimentos circulares.

— Vamos tentar de novo? — perguntei. — Por que você dançou com aquele cara, sabendo que eu estava te olhando?

Seus olhos se fecharam por um breve momento, sua respiração mais irregular do que nunca.

— Foda-se.

Eu a senti tensa, me dando a dica de que ela sabia o que estava vindo. Ela queria isso. Ela sabia que seria punida se não respondesse à pergunta, então ela estava deliberadamente me provocando. Que pequena cadela safada você é, Tyler O'Shea.

O som do tapa ecoou na sala quando Tyler tentou desesperadamente sufocar o gemido. Mas não adiantava. Seu corpo estava ansioso para traí-la.

— Tyler, estou decepcionado com você. Você precisa parar de lutar contra mim e me dizer a verdade. Eu sei por que você fez isso. Só quero ouvir isso da sua boca gostosa. — Segurando com força o seu cabelo, puxei-a contra mim, esfregando meu pau latejante em sua bunda. Ela fechou os olhos com um gemido, me deixando saborear sua necessidade.

— Você quer transar com um punheteiro qualquer? — murmurei em seu ouvido. — Quer as mãos de um filho da puta qualquer em você? — Colocando as mãos em seu peito, segurei e apertei seu mamilo, sentindo-os duros e prontos para mim.

— Por favor — Tyler gemeu novamente. Ela estava desesperada para que eu a tomasse.

Colocando a mão sobre sua bunda, acariciei-a mais um pouco, antes de dar outro tapa.

— A porra da resposta está errada, Tyler. — Agarrei-a com força, puxando-a para mim, as mãos ainda segurando seu cabelo com força. — Você quer transar com aquele filho da puta, Tyler?

— Não! — ela gemeu.

Minha mão tocou seus seios novamente, acariciei-a, brincando com seus mamilos. Inclinando-me mais perto do seu ouvido, fechei os olhos por alguns segundos, saboreando seu aroma de coco.

— Por que não, Tyler? — sussurrei, apertando seu mamilo ereto.

— Porque… — ela gemeu de novo sob o meu toque, mas eu queria ouvi-la.

Abaixei a mão e dei outro tapa em sua bunda.

— Por que, Tyler?

Ela rugiu como o tigre enjaulado que eu sabia que ela era.

— Porque eu quero que você me foda! Sempre quero que você me foda! — Seus olhos brilhavam com fúria, desencadeando um incêndio dentro de mim. A necessidade me tomou quando abri minha calça, deixando meu pau livre. Quase suspirei de alívio. Ele tinha estado dolorido por toda a noite. Ele estava à procura da sua libertação e eu estava prestes a dar a ele.

Tyler gemeu, sabendo muito bem o que estava acontecendo atrás dela. Eu não tinha planejado tocá-la para saber se ela estava molhada, mas o cavalheiro em mim precisava ter certeza de que ela estava pronta. Abaixei a mão e ela estava encharcada.

— Você vai ser punida agora — eu disse.

Tyler tentou virar, mas segurei-a no lugar.

— O que isso signif…

Não a deixei terminar. Mergulhei meu pau dentro dela, observando seus olhos se arregalarem e os lábios ficarem entreabertos com um gemido.

Eu sabia o que ela estava pensando. Tinha planejado fazer isso em outro momento, mas, pela forma como ela se comportou esta noite, achei que a punição era muito apropriada. Ela queria descobrir como transar seria um castigo. Não era, mas ela só descobriria depois o que eu quis dizer com isso.

— Oh, Deus — ela gemeu quando empurrei nela novamente. Eu não havia percebido, mas quando meu aperto afrouxou em seu cabelo e ela gaguejou um "*não*" é que percebi que ela gostava.

Segurando seu cabelo com mais força, puxei-o quando penetrei com mais força dentro dela. Eu podia senti-la. Era quase como se ela tivesse sido feita só para mim. Ela era tão apertada, tão quente, tão deliciosamente macia em volta do meu pau que não pude segurar a porra de um grunhido que escapou de meus lábios.

Tyler estremeceu novamente, fazendo-me bombear mais rápido e mais forte. Tentei manter o foco, porque eu precisava, mas cada instinto do meu corpo me mandava esquecer de tudo e apenas senti-la. Desfrute-a. Leve-a como ela quer ser tomada. Eu não podia deixar minhas emoções tirarem o melhor de mim. Sim, eu tinha que tomar seu prazer, mas não poderia transformar isso em algo bom para ela. Eu não fazia isso por ela. Só precisava de Tyler para atender aos meus desejos obscuros.

Agarrando seu quadril com uma mão, puxei-a contra mim, agarrando seu cabelo. Ela não tinha outra escolha a não ser me deixar assumir o controle total e possuí-la completamente.

— A quem você pertence, Tyler? Quem é a única pessoa que pode tocar em você? — Bati nela para reforçar minhas palavras. Tyler gritou.

Eu continuei. Eu ficava empurrando meu pau cada vez mais fundo em sua umidade. Eu queria rastejar dentro dela. Eu queria consumir cada centímetro dela.

— A quem você pertence, Tyler? — gritei novamente, sentindo uma sensação familiar tomando conta de mim. Eu não poderia gozar. Ainda não.

Puxei-a novamente e Tyler soltou um grito estrangulado.

— Oh, Deus! Eu vou gozar! — ela gritou.

— Tyler! — gritei, exigindo que ela dissesse.

— Lótus! — ela gritou quando sua boceta apertou meu pau. — Eu sou sua, Lótus. Totalmente sua.

A sobrecarga sensorial assumiu. Era maravilhoso sentir sua boceta apertar meu pau, durante seu

clímax. Eu estava enlouquecido, quando a ouvi gritar meu nome, dizendo que pertencia a mim. Tinha sido demais. Com um último aperto em seus quadris, eu rugi, gozando dentro dela.

Respirei, tentando colocar meu corpo para agir. Eu tinha que sair de lá. Não podia ficar lá, permitindo-a acalmar seu corpo junto ao meu, após este intenso orgasmo.

Tyler estava acabada. Seus olhos se fecharam e ela praticamente abraçou a mesa com as duas mãos, tentando conter a respiração.

Abri um sorriso torto enquanto olhava para ela. Ela parecia destruída, e tudo isso tinha sido causado por mim. Ela provavelmente iria odiar a si mesma depois disso. Aposto que ela nunca tinha deixado ninguém tratá-la assim antes. Não só isso, aposto como ela nunca pediu a ninguém para tratá-la assim. Ela tinha adorado e aposto que ela iria me odiar.

Tirando o pau de dentro dela, fechei minha roupa antes que fosse tarde demais. Eu sabia que ela me odiaria por mais uma coisa. Sua punição. E sabia que ela levaria um tempinho para me perdoar depois disso.

Só para acrescentar sal a ferida, bati em seu lindo traseiro uma última vez, antes de virar em direção à porta.

— Lótus? — Eu a ouvi me chamar, quando virei a maçaneta. — Lótus! — ela gritou, enquanto eu caminhava porta a fora.

Isso tinha sido canalha da minha parte e eu sabia disso, mas não pude segurar o sorriso. Pela primeira vez, desde que isso tudo começou, senti como se tivesse conseguido algo.

Eu ainda a seguiria até em casa, esta noite. Queria ter certeza de que ela havia chegado em casa segura. Eu não era um bastardo filho da puta. Mas quanto a trepar com ela hoje? Acho que, por hoje, já tive o suficiente.

Capítulo 25

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 1998

— Marco! — gritei, tentando encontrar o caminho de volta.

— Polo! — Ouvi tanto Dean quanto Ian gritarem de volta. Eu ri. Não conseguia segurar. Este parecia um jogo tão infantil para alguém da minha idade. Eu tinha treze anos, praticamente uma mulher. Bem, uma adolescente, pelo menos.

— Marco! — gritei novamente, frustrada e com medo por não saber o que estava ao meu alcance. Com medo de cair ou bater em algo que pudesse me machucar. Mas Dean estava lá. Eu sabia que podia confiar nele para me proteger. Ele sempre estaria lá para cuidar de mim. O meu melhor amigo no mundo todo. Era difícil de explicar, já que tínhamos Ian em nossa pequena unidade. Nós éramos amigos há sete anos, mas Dean sempre foi e sempre será o meu favorito. Claro que eu não deixaria Ian saber disso. Não gostaria de ferir seus sentimentos, nem que um deles achasse que tinha favorecimentos em relação a mim.

— Polo! — eles gritaram tão alto, que agi com meus instintos. Aguçando minha audição, tinha a sensação de que ambos estavam atrás de mim. Dean parecia estar mais perto, mas eu não tinha certeza.

Sorrindo, continuei. Dei um passo, depois outro, sentindo a necessidade desesperada de segurar em algo.

— Marco! — gritei novamente, sentindo minha adrenalina atingir seu pico. Eu queria muito aquilo, antes que alguém tomasse o meu lugar.

— Polo! — Ouvi-os novamente. Eu tinha certeza de que Dean estava ao meu alcance agora. Com uma descarga de adrenalina, avancei em direção à sua voz, na esperança de não tropeçar. Peguei-o, ou acho que peguei.

— Tyler, eu te subestimei. Você estava sendo tão cautelosa até há pouco.

Eu ri.

— Não sou uma garota maricas, não é?

Senti a mão de Dean subir e achei que ele iria desamarrar a bandana em meus olhos, mas ele carinhosamente acariciou minha bochecha. Respirei fundo e fiquei quieta quando meu coração começou a bater freneticamente.

Eu queria derreter com seu toque. Queria estender minha mão e segurar a sua, acariciando-o carinhosamente enquanto ele fazia o mesmo comigo. Em vez disso, apenas fiquei lá, tentando esconder o gemido que queria escapar dos meus lábios.

Senti sua mão tocar ternamente os meus lábios, me fazendo ofegar.

— Nunca falei que você era, linda — ele respondeu, antes de devolver minha visão.

****

Senti como se eu tivesse sido usada e abusada, mas não era isso que eu queria? Não o encorajei a me bater e puxar meu cabelo? Quem era essa Tyler O'Shea? A quem ela pertence? Quem deu a ela o orgasmo mais explosivo da sua vida?

Essas questões e muitas outras pairavam em minha mente. Fui deixada com uma enxurrada de emoções. Eu estava obcecada com o *meu estranho*, porque eu era tão doente e sombria quanto ele. Eu sabia que o que tínhamos era completamente não-convencional. Eu sabia que o que tínhamos jamais iria durar. Mas eu não podia desconsiderar que meu corpo gritava por ele. Noite após noite, eu o procurava, esperando que ele viesse até mim. Sem sucesso, tentei ganhar algum controle, mas tudo o que ele fez foi jogar minha tentativa no chão, com um aceno. Quem era este homem que comandava tudo com tanto poder? Quem era ele que, com um estalar de dedos, tinha todos baixando a cabeça a suas vontades? Acho que eu conseguiria descobrir quem ele era agora. Ele era, obviamente, bem conhecido neste clube, o que significava uma das duas coisas: ou ele era dono do clube ou ele conhecia muito bem os proprietários. Eu poderia fazer uma busca nos arredores e tentar descobrir algo.

Suspirei, pensando em como deveria parecer indigna, debruçada nesta mesa, depois de ser comida por um homem sem rosto. O que havia de errado comigo? E por que ele simplesmente levantou e saiu logo depois de gozar?

Foi então que um raio me atingiu. Ele disse que iria me punir. Sexo com o meu estranho sempre foi intenso, mas esta noite foi ainda mais forte por algum motivo. Mais eletrizante. Não é só isso, por que senti algo dentro de mim quando ele gozou?

Levantando-me, senti que estava um pouco tonta, mas usei a mesa como apoio. O orgasmo ainda zumbia pelo meu corpo, me fazendo desejar deitar. Mas eu não podia ficar lá para sempre. Precisava sair de lá.

Quando fiquei totalmente de pé, senti algo escorrer pela minha perna. Engoli em seco, colocando uma mão em minha boca. Eu não precisava olhar para saber o que descia pelo interior da minha coxa.

Olhando para baixo, vi e, instintivamente, limpei com a mão. Eu precisava de um banheiro, um lenço, qualquer coisa para me limpar.

Enquanto eu olhava para a textura pegajosa em minhas mãos, algo meu veio à mente e quase desmaiei. Ele gozou dentro de mim? Meu estranho me puniu não usando um preservativo.

Merda, e agora? O que eu deveria fazer? E se ele tivesse doenças? E se ele tivesse HIV? Ele não teve esse tipo de preocupação com relação a mim? E se ELE tivesse, para que ele se preocuparia se eu tenho ou não?

— Puta merda! — gritei. Eu estava em pânico. Precisava pensar de forma racional sobre isso. Só para a minha própria paz de espírito, eu gostaria de fazer o teste. Será que ele era realmente tão doente que, se ele estivesse contaminado, teria deliberadamente não usado camisinha? Talvez ele achasse que me deixar em pânico seria uma boa punição. Ele provavelmente estava rindo de mim, sabendo que eu deveria estar louca de preocupação. Eu estava, mas precisava pensar nisso com calma. Ele gostava de fazer joguinhos, esse era só mais um a acrescentar à lista. Ele era doente e sombrio, mas era um jogo, puro e simples.

Tentando controlar o pânico, peguei minha capa do chão. Sacudi a poeira e coloquei-a, na esperança de esconder qualquer coisa que estivesse aparecendo. Tinha que ter algum banheiro próximo, ainda que fosse para funcionários. Seria até melhor, já que eu precisava de privacidade para me limpar.

Timidamente, girei a maçaneta e abri a porta, ouvindo o barulho abafado da música. Eu estive

um pouco embriagada, mas, depois do acontecido, eu estava completamente sóbria. Eu não conseguia acreditar que o deixei me tocar no meio do clube, na frente de todos. Mas, principalmente, não conseguia acreditar na merda que ele fez. Tudo o que esse homem fazia me surpreendia e excitava. Nunca tive esse tipo de experiência com ninguém antes. Bem, tive com Dean, mas eu era mais jovem e não era tão sexualmente madura quanto agora. Ele fazia meus joelhos tremerem, meu corpo esquentar, minhas entranhas se contorcerem, meu estômago dançar, tudo ao mesmo tempo. Ele estava se tornando a minha obsessão e meu vício, além de me assustar além da conta.

Caminhando pelo corredor escuro, cheguei a uma porta onde se lia "Banheiros exclusivos para funcionários". Eu estava apreensiva em entrar. E se tivesse alguém lá dentro? Eu nem sabia se poderia entrar em apuros por estar aqui.

— Com licença, senhorita.

A voz me assustou. Virando, vi o cara grande que deixou Louisa e eu entrar no clube na frente dos outros.

— Precisa de ajuda? — Ele sorriu. Apesar do seu tamanho, ele definitivamente não me intimidou.

— Sinto muito. Estou um pouco perdida. Eu realmente precisava usar o banheiro. Espero que esteja tudo bem.

O grandalhão balançou a cabeça, mostrando os dentes perfeitamente brancos.

— Claro, mas você deve voltar para o salão, assim que terminar. Você não pode ficar aqui.

Sorri para ele timidamente.

— Eu sei, sinto muito. Acho que só me perdi no caminho. — Havia um significado oculto nesta frase e acho que ele sabia disso. Seu sorriso insolente me disse tudo.

— Tô sacando — disse ele, piscando para mim. — Vou esperar você terminar e, então, posso levá-la de volta para lá. O clube é seguro, mas nunca se sabe quando alguém mal-intencionado pode aparecer farejando problemas.

Eu deveria ter ficado irritada ou assustada com o fato de ele ficar lá fora enquanto eu me limpava, mas eu estava era muito grata, na verdade. Eu também precisava fazer algumas perguntas, mas, quanto mais tempo eu ficava ali, mais consciente de que ele podia sentir o cheiro de sexo vindo de mim eu ficava.

Balancei a cabeça e entrei. Felizmente, os banheiros pareciam limpos e cheiravam melhor do que a sala que Lótus me levou.

Por que diabos eu estava chamando-o de Lótus, quando esse, obviamente, não era o seu nome? Eu sabia que precisava descobrir muita coisa, mas tinha que me limpar primeiro.

Pegando alguns papeis toalhas, me limpei, tentando me livrar de qualquer odor possível. Quando terminei, me olhei no espelho. Merda! Eu parecia como se tivesse sido muito bem fodida. Meu cabelo estava emaranhado e disforme, de Lótus segurá-lo com força. Meu batom estava borrado, mas não sabia como era possível, já que ele não me beijou.

Merda, será que pareci uma prostituta lá fora? Não admira que o cara estivesse sorrindo para mim daquele jeito. Eu não tinha dúvidas de que ele sabia o que tinha acontecido, mas fez vista grossa. Isto, entre outras coisas, eu precisava descobrir.

Limpei-me o melhor que pude, me olhei no espelho uma última vez antes de me aventurar. O grandalhão estava a poucos metros da porta, encostado na parede.

— Sentindo-se melhor? — ele perguntou, com um sorriso torto.

Sorri de volta.

—Sim, obrigada.

Ele endireitou-se e fez sinal para que eu fosse na sua frente.

— Depois de você, Srta. O'Shea.

E ali estava! Minha confirmação de que ele sabia exatamente quem era o *meu estranho*. Quando ele viu que não me movi, ele franziu a testa. Sorri para ele e comecei a andar.

— Qual o seu nome?

— Tony, senhorita, mas as pessoas me chamam de Teddy.

— Te chamam assim porque você parece com um grande urso de pelúcia?

— Sim, senhorita.

Considerando que ele parecia relaxado, fui direto na sua jugular.

— Diga-me, Tony. Quem é ele?

Tony ficou tenso, sabendo exatamente o que eu estava perguntando. Havia algo mais, que vi quando ele endureceu. Uma sombra de medo em seus olhos. Como alguém tão grande e forte poderia se sentir assustado com a mera menção do *meu estranho*?

— Não sei do que está falando, moça.

Balancei a cabeça, fazendo muxoxo para ele.

— Vamos, Tony. Não somos estranhos aqui. Chame-me de Tyler, você já sabe meu nome mesmo.

Seus olhos se arregalaram e vi seu pomo de Adão se mover, antes de ele falar.

— Sou apenas um segurança aqui, Tyler.

Ele sorriu, mas eu sabia que ele estava ficando mais desconfortável a cada minuto com esta conversa. Eu não gostava de pressionar as pessoas, mas não tinha como não fazer.

— Você fez com que eu e minha amiga entrássemos aqui na frente de todo mundo. Você surgiu do nada quando ele machucou a mão daquele homem. Você o levou, sem perguntas. Nem mesmo uma palavra para o cara. É por que você o conhece e ele mandou que você fizesse isso, não é, Tony?

Sua respiração acelerou quando ele parou diante de uma porta.

— Sinto muito, Tyler. Não sei o que você quer dizer.

Ele colocou a mão na maçaneta e estava prestes a abri-la quando o interrompi. Tony olhou para cima, o medo em seus olhos.

— Me desculpe por estar perguntando isso. Sei que você está com medo dele, posso ver. Só, por favor, me diga uma coisa e eu vou. Devo ter medo dele?

Tony fechou os olhos. Era nítido que ele estava debatendo consigo mesmo se deveria divulgar algo. Achei que ele me colocaria para fora, mas ele me surpreendeu.

— Não sei o que ele quer com você, Tyler. Não tenho nada com seus malditos negócios. Mas vou te dar um conselho. Tenha cuidado, ok?

Balancei a cabeça com um sorriso, grata a Tony por ter me dito isso. Quando soube que não havia mais nada a acrescentar, ele abriu a porta e fez um gesto para eu passar.

Apertando sua mão levemente, murmurei um "obrigada" e saí. Merda, minha cabeça estava girando. Cinco minutos com o segurança me mostraram que ele era não só poderoso, mas também perigoso.

Mas o quão perigoso ele era?

Capítulo 26

JAIMIE ROBERT

Dean

"A vingança põe a prova o seu próprio carrasco"

John Ford

Voltei para casa, para os meus convidados e a festa que eu havia planejado há muito tempo para esta noite. Eram apenas dez horas, e eu tinha certeza de que não tinha perdido muito. Eu tinha que tê-los aqui, esta noite, como testemunhas. Algo aconteceria mais tarde, e eu tinha que ter certeza de que todos os meus pontos estavam cobertos.

Estacionei meu Dodge Challenger na garagem, e me aventurei na cozinha, onde eu sabia que Humphrey estaria esperando por mim. Com certeza, ele estava de pé, caminhando ao lado da ilha da cozinha. Ele parecia ansioso e eu sabia por quê.

No minuto em que fechei a porta, a cabeça de Humphrey virou. Vi, imediatamente, uma mistura de alívio e raiva em seu rosto.

— Puta merda, Dean. Por que demorou tanto? De todas as noites, você tinha que ter escolhido logo a de hoje para perseguir a garota?

Suspirei, jogando as chaves sobre o balcão.

— Está tudo bem, tio. Estou coberto. Ela está nas minhas mãos, agora. — Sorri maliciosamente, mostrando-lhe o quão relaxado eu estava.

— Você está se fodendo, seu merda! Ela está dominando a sua cabeça, como você disse que não deixaria acontecer.

Era o suficiente. Bati meu punho na bancada, ganhando sua atenção.

— Chega! — Certamente não o deixaria falar assim comigo. — Ela não está me dominando, Humphrey. Ela saiu esta noite e vi isso como uma oportunidade. Não foi um bom momento, eu sei, mas já estou ganhando o prêmio máximo. Ela está desmoronando, Humphrey. Já posso sentir.

Balançando a cabeça, Humphrey passou as mãos pelo cabelo grisalho.

— Contanto que você não desmorone com ela, Dean. Você trabalhou muito para isso. Não pode deixar que ninguém te veja enfraquecido. Foi estupidez da sua parte ter saído hoje, com toda essa merda que está prestes a acontecer. Além disso, já pensou se ela começa a rodear o clube, fazendo perguntas? Já pensou nisso, Dean? E se alguém te delata, depois de anos, e faz a coisa toda ir por água abaixo?

Peguei uma garrafa de água na geladeira e tomei um grande gole.

— Você me subestima, coroa. Ninguém vai falar nada. Posso garantir.

Humphrey fechou os olhos por um momento.

— Bom, é melhor que você esteja certo. Odeio imaginar que você fez toda essa operação para trepar. — Balancei a cabeça, sorrindo. Humphrey sorriu de volta.

— Menos, coroa.

Balancei a cabeça novamente, sabendo que Humphrey tinha se acalmado um pouco.

— Então, como estão os convidados?

Ele jogou as mãos para o ar.

— Como o esperado. Eles acabaram de comer, mas estavam se perguntando onde você estava. Principalmente o nosso convidado especial, o superintendente da chefia de polícia Carmichael.

Merda, eu tinha me esquecido dele. Ele era meu convidado principal hoje porque eu precisaria dele, principalmente se a merda batesse no ventilador hoje à noite e a polícia fosse chamada.

— Não se preocupe com ele. Vou sair e ir lá encontrar com o velho peidão. Tenho certeza de que posso apresentá-lo a uma das minhas meninas esta noite e animá-lo.

Humphrey balançou a cabeça, mas ainda não parecia cem por cento feliz sobre a coisa toda. Acho que eu não deveria ter saído hoje à noite. Eu estava prestes a fazer algo que exigia toda a minha atenção, e quanto mais testemunhas, melhor.

Meu telefone tocou. Peguei-o do bolso e olhei a mensagem.

— É Jimmy, ele está a caminho.

Humphrey suspirou.

— Ótimo. É melhor você levar sua bunda lá para fora agora, antes que ele chegue.

— Sim, senhor! — Humphrey era tão paranoico, às vezes.

— Juro que não entendo como você pode estar tranquilo com essa porra toda.

Bebi o resto da minha água e joguei a garrafa no lixo, enquanto me dirigia para a porta.

— Tudo acontece por uma razão, Humphrey. Qual o sentido de ficar estressado com as coisas? Se tiver que acontecer, vai acontecer. Basta deixar que a natureza siga seu curso.

Humphrey deu um tapinha em minhas costas.

— Você e essa merda de carma. Acho que você não bate bem da cabeça. Que homem, em sã consciência, tem uma flor tatuada no ombro?

Virei para ele com uma carranca.

— Ei, é uma flor de lótus. E o que você quer dizer? Que sou um maricas?

— Não, estou dizendo que você é um idiota. — Ele sorriu para mim, triunfante.

— Você pode ser mais velho do que eu, mas isso não significa que tenho que aturar suas merdas, coroa. — Eu estava brincando com ele novamente, e ele sabia disso. Ele odiava quando eu o chamava de coroa.

— Agora, vai, porra. Você já está começando a me irritar.

Rindo, abri a porta do corredor. Rapidamente liguei de volta para Jimmy e, em seguida, pedi que algumas das minhas meninas viesse o mais rápido possível. Eu não tinha dúvidas de que elas estariam aqui dentro de uma hora.

Tirei meu moletom com capuz, coloquei-o no armário ao lado da porta e segui para o lounge. Com certeza, todos os meus convidados estariam bebendo, a ponto de compartilharem segredos que iriam se arrepender pela manhã. Eu não era como eles. Beber só ilude a mente. Eu nunca ficava bêbado. Isso coloca você numa posição vulnerável, e era exatamente isso que acontecia com o idiota do Jimmy. Muita bebida e boceta. Ele estava fraco e precisava acabar com essa miséria de uma vez por todas.

Sexo, drogas e álcool sempre vão vender, e eu podia oferecer muito disso às pessoas. Esta era a minha vantagem esta noite. Eu tinha um superintendente bêbado e excitado, sentado com outras pessoas na sala, provavelmente se vangloriando do seu status. O cara me deixava doente, mas ele serviria ao seu propósito esta noite. Tive certeza de lhe pagar generosamente para estar aqui.

Como esperado, quando entrei, Carmichael estava no centro do show, um copo do meu melhor

scotch em uma mão e um charuto na outra.

— Caçar vermes é o meu trabalho. Faço isso há vinte anos e fiz valer cada porra das patentes que ganhei.

Todo mundo se virou ao me ver, mas Carmichael foi o último a olhar.

— Ei, Dean, meu rapaz. Como está, filho? Estava me perguntando onde você tinha se enfiado.

O cara era patético. Ele fez minha pele arrepiar. Adoraria pegar minha faca e cortar sua língua fora. Em vez disso, sorri e sentei ao lado do velhote.

— Desculpe, tive um… problema feminino para resolver, digamos assim.

Todos riram, mas a conversa continuou. Carmichael inclinou-se com uma piscadela.

— Você conseguiu dar um jeito nela?

O velho era um filho da puta pervertido, mas tive que dar o que ele queria. Eu tinha certeza de que era exatamente isso que ele queria mesmo.

— Dei-lhe o suficiente para que ela não reclame, por um tempo, digamos assim.

Carmichael me deu um tapinha nas costas.

— Esse é o meu garoto. Esse é o meu garoto.

— Me desculpe por chegar atrasado. Ela estava no Buddies, por isso demorou um pouco mais do que imaginei.

Carmichael levantou a sobrancelha.

— Buddies, hein? Tem umas vadias de alto nível naquele clube.

Balancei a cabeça com um sorriso.

— Tem mesmo, Aidan. Tem mesmo.

— Então, o que você tem feito ultimamente?

Ainda tinha isso em relação a Carmichael. Ele era um bastardo intrometido. Sem dúvidas, ele sabia que eu não trabalhava no lado certo, mas sempre fazia a mesma pergunta, na esperança de que ele conseguisse me pegar. Nunca disse a ele nada que ele não precisasse saber. Só falava para ele coisas que eu achava serem suficientes para manter sua maldita boca fechada.

Então, falei sobe uma propriedade que eu vinha pensando em comprar na Europa, tendo em visto o colapso econômico daqui. Com dinheiro na mão e os contatos certos, eu poderia conseguir uma pechincha em lugares como Espanha, Itália ou França. Eu sabia que isso o deixaria entediado, mas era exatamente o que eu queria. Isso faria com que a surpresa que estava chegando fosse ainda mais especial para ele.

Cerca de quarenta e cinco minutos mais tarde, Humphrey entrou e sussurrou em meu ouvido.

— As meninas chegaram e estão esperando na outra sala.

Sorri para ele, e me virei para Carmichael.

— Que maravilha! Aidan, tenho uma pequena surpresa para você. Tenho certeza que vai adorar.

Exatamente como pensei, seu sorriso bêbado apareceu.

— Que tipo de surpresa? — ele perguntou, lambendo os lábios.

— Você vai ver. Posso te garantir que vai ser boa. Vamos, Humphrey vai liderar o caminho e eu estarei lá em um minuto.

Ele balançou a cabeça, erguendo-se do seu assento e seguiu. Voltei a minha atenção para as outras pessoas na sala e me desculpei.

— Fiquem e bebam à vontade. Preciso resolver alguns negócios com o Sr. Carmichael. — Todos assentiram, sem se importarem. Contanto que tivesse comida e bebida à vontade, eles não se preocupariam com nada. Ali estava cheio de idiotas, mas eu infelizmente precisava mantê-los ali porque serviriam a um propósito.

Quando eu estava me encaminhando para a outra sala, veio a mensagem de texto que eu esperava.

Ele está pronto para você. Assim que você desejar.

Digitei uma resposta.

Esteja lá em trinta minutos. Segure o fogo.

Abri a porta do salão e, como esperava, Carmichael estava sentado em uma das minhas cadeiras, com Samantha num joelho e Katie em outro. Samantha era sempre a favorita, por ter longos cabelos loiros e seios grandes. O que a tornava tão singular era o fato de ela ser natural. Eu gostava que as minhas meninas fossem o mais naturais possíveis. Katie, por outro lado, era morena. Ela tinha seios pequenos, mas grandes o suficiente para encher a mão. E isso já era o suficiente para qualquer cara. Querer mais do que isso era ganancioso. Era isso que eu amava nos seios de Tyler. Eles se encaixavam perfeitamente em minhas mãos. Eles eram suaves e sedosos, com os mais belos mamilos. Só de pensar nela já fico duro. E, esta noite, eu precisava desempenhar o papel do perfeito anfitrião com tesão.

— Aidan, vejo que você já recebeu as meninas. — Sorri. Sentei na cadeira em frente a ele e vi que Carmichael estava babando por elas. Elas eram exuberantes. Com as ligas de fora, era isso que tornava tudo ainda mais emocionante para ele.

Katie estava cumprindo bem o seu papel, mordiscando a orelha dele e brincando com seu peito. Samantha tinha a mão em sua barriga, enquanto acariciava seus cabelos com a outra.

— Elas são simplesmente deliciosas — ele afirmou e as meninas riram.

— Posso te garantir que você vai amá-las, Aidan. Katie chupa um pau que é uma coisa de louco, e Samantha tem uma boceta que parece ser feita de ouro.

As meninas ofegaram, mas riram de novo, cumprindo seu papel muito bem. Eu não sabia se era verdade, mas sabia de vários clientes que ficaram muito satisfeitos com elas. Por isso elas foram escolhidas para esta noite. Precisava ter certeza de que ele seria mantido ocupado por algumas horas.

— Você já as experimentou? — perguntou Carmichael, com o olhar vidrado de luxúria. Ele olhou para Katie, lambendo os lábios.

Fiz um gesto para Samantha vir até mim. Ela obedeceu e sentou-se diligentemente no meu joelho. Com um puxão, beijei-a suavemente, massageando seus seios. Ela gemeu sob meu toque. Eu sabia que ela estava gostando, mas, verdade seja dita, eu não estava sentindo nada. Ela não era igual a Tyler.

Pare de pensar sobre Tyler, seu idiota. Talvez eu devesse trepar com Samantha para tirar Tyler da cabeça!

Não preciso disso agora. Precisava me concentrar na tarefa que eu tinha em mãos. Afastei-me, sorrindo para Samantha, antes de voltar minha atenção para Carmichael. Ele estava observando com bastante interesse. Acho que ele estava excitado com a cena.

— Experimento sempre, tanto que sempre volto para tomar um pouco mais. — Sorri para Carmichael e voltei minha atenção para Samantha. — Samantha, tire seu top. Mostre a esse adorável cavalheiro os seus atributos.

Samantha sorriu, ainda no meu colo, e desabotoou a blusa. O tempo todo eu estava olhando para Carmichael, mas ele só tinha olhos para Samantha. Ele lambeu os lábios novamente, uma gota de suor se formando em sua testa. O filho da puta estava com um tesão da porra e não iria se acalmar.

Samantha se levantou e aproximou-se de Carmichael, para que ele pudesse olhar seus seios.

— Venha aqui, Samantha. Quero recompensá-la por ser uma boa menina. — Ela fez como mandei e sentou em meu colo novamente. Imediatamente, abocanhei seu mamilo. Ela gemeu e jogou a

cabeça para trás. Eu sabia que ela sempre me desejou, mas eu jamais a havia tocado, nem mesmo chupado seu mamilo.

— Dean — ela suspirou, enfiando os dedos em meu cabelo. Porra, eu queria ouvir Tyler me chamar pelo meu nome quando eu estivesse com ela.

Afastando esse pensamento, levantei a sainha de Samantha, expondo a boceta nua tanto para Carmichael quanto para Katie.

— Ela não é linda? — murmurei, tentando me manter no meu papel. Cada instinto me mandava enfiar o dedo na boceta da Samantha e fodê-la, dar a ela o que ela queria, só para que eu conseguisse provar a mim mesmo que Tyler não estava me controlando. Mas se eu nunca toquei em Samantha em quaisquer outras circunstâncias, por que faria agora?

Foda-se essa merda! Aquela maldita mulher com a boceta vodu estava brincando comigo novamente. Tudo o que eu queria fazer era empurrar Samantha do meu colo e dar o fora de lá.

— Sim, ela é — respondeu Carmichael, com a respiração mais pesada do que nunca. Eu sabia que isso era o suficiente. Eu tinha o anzol e a linha prontos. Não que ele precisasse de mais incentivo. Eu poderia ter pedido a Katie para fazer um pequeno show para o nosso superintendente-chefe, mas eu tinha coisas mais urgentes a tratar. Agora era a minha vez de agir.

— Aidan, você gostaria de ir a um lugar mais privado, para que você possa conhecer Katie melhor? Para ser honesto, estou morrendo de vontade de conhecer Samantha melhor. — Sorri maliciosamente para ele e dei um tapa na bunda de Samantha. Ela deu um pulo, rindo de novo, e vi o sorriso se alargar no rosto de Carmichael.

— Eu adoraria — ele grunhiu, olhando para Katie com luxúria em seus olhos.

Com um toque na bunda de Samantha, ela se levantou. Fiz o mesmo, segurando sua mão.

— Se você me der licença, Sr. Carmichael — falei com um sorriso, dirigindo-me para a porta. — Katie, você poderia levar o Sr. Carmichael para o quarto trinta e seis? — Ela assentiu, mas ainda estava sentada no colo de Carmichael. — Aidan, quando eu acabar com Samantha, você gostaria que eu a mandasse ao seu quarto?

Ele sorriu como a porra do gato de Cheshire. Parecia que todos os seus aniversários e presentes de Natal haviam chegado num único dia.

— Se sua boceta é de ouro, como você disse, então com certeza, porra!

Eu ri, mas senti meu estômago doer. Estava na hora de acabar com essa charada.

— Samantha, depois de você — falei apontando para a porta. Ela atravessou, blusa na mão, peitos saltando enquanto andava. Para qualquer homem, esse seria o jogo do século, mas para mim ela não fez nada demais.

Quando chegamos ao corredor, agarrei a blusa dela e ofereci para ajudá-la a colocar de volta. Ela obedientemente cumpriu, virando-se com um sorriso.

— Obrigada por cumprir seu papel — falei, puxando as mangas da blusa para cima. — Se você não se importa, fique no quarto trinta e quarto. Espere em torno de uma hora e vá encontrar Carmichael. Tenho que ir.

Ela assentiu e me virei para sair, quando senti a mão tocar meu braço.

— Dean, se você quiser continuar de onde parou, eu ficaria mais do que feliz de ajudá-lo. Só me dizer a hora e o lugar, e estarei lá.

Balancei a cabeça com um sorriso.

— Não toco nas minhas mulheres, Samantha. Regra número um.

Andando em minha direção, ela colocou um dedo em meus lábios.

— Você me tocou hoje — ela ronronou, passando o dedo por meus lábios. — Eu gostei, e quero

mais.

Afastei-me, apontando para as escadas.

— Isso foi algo necessário, Samantha. Agora, faça o que eu disse e suba as escadas, antes que Carmichael e Katie apareçam. Tenho algo a fazer.

Afastei-me, vendo Samantha subir as escadas com uma expressão insatisfeita no rosto. Essa era uma das razões para eu nunca tocar nas minhas meninas. Elas podiam ficar pegajosas e complicar as coisas. Quando eu trepava com alguma, eu a vetava do trabalho de antemão. E também me certificava de que elas soubessem que era uma transa de uma noite apenas. Esse era o meu lema desde os dezoito anos. Bem, isso até eu reencontrar Tyler. Ela era a exceção à regra. Ela era o meu fantoche de vingança.

Andando pela garagem, peguei as chaves do Aston Martin Vanquish. Eu precisaria de estilo hoje. Algo elegante e suave, para me ajudar a relaxar antes de fazer o que estava prestes a fazer.

— Vai com o Vanquish, desta vez? — Humphrey perguntou das sombras, enquanto eu colocava um pé no carro.

— Acho que estou precisando de uma mudança. Estarei de volta em quarenta e cinco minutos. — Ele balançou a cabeça, eu entrei e, com um clique do botão, a porta da garagem foi aberta. Dirigi um pouco para a frente e, pouco antes de sair, olhei para Humphrey pela janela aberta. — Certifique-se de que todos os nossos clientes estejam sendo atendidos, coroa.

Com isso, saí em disparada, notando Humphrey carrancudo, atirando algo em minha direção. Ri, mas logo me concentrei na tarefa que eu tinha em mãos. Pegando meu telefone, liguei para Jimmy.

— Jimmy, ele ainda está pronto para mim?

Então, o ouvi rir e o som de um tapa. Um grito reverberou no telefone.

— Sim. Estou mantendo-o aquecido para você.

— Ótimo. Estarei aí em quinze minutos. — Jogando o celular no assento do passageiro, pressionei o pé no acelerador, ouvindo o ronco do motor V8. Isso sempre me acontecia. Era difícil não fechar os olhos e apenas ceder a esse som.

O frio que entrava pela janela encheu minhas narinas e invadiu meus pulmões. Eu precisava disso agora. Precisava me manter alerta, focado. Eu planejava isso há anos e finalmente conseguiria executar minha vingança final.

Parei na parte externa do armazém, abri o porta-luvas e tirei minha faca. Ela tinha uma boa borda serrilhada e eu iria usá-la hoje.

Quando saí do carro, o cheiro de poluição do rio Tâmisa me bateu com uma força pungente. De certo modo, isso me acalmou, saber que este seria o lugar onde os restos mortais de Antonio Pinzano estariam. Ele merecia apodrecer num rio tão poluído quanto ele.

Sentindo a adrenalina, caminhei até a porta de correr e a abri, cumprimentando Nicky ao entrar. O cheiro de carne queimada me bateu. Eu nunca conseguia superar aquele cheiro. Não importava o quão acostumado com isso eu estivesse, isso ainda me fazia vomitar.

Subi as escadas e tudo estava quieto… até que eu ouvi o som de assobio de um ferro quente na pele. Uma voz gritou em italiano, falando que Jimmy era um babaca. Eu tive que rir com isso. Mesmo depois de ser torturado por tanto tempo, Pinzano ainda tentava mostrar que tinha colhões. A questão era que ele não fazia ideia do que faríamos com ele.

Quando entrei, Pinzano estava pendurado de cabeça para baixo, sobre um poço ardente. Boa parte do seu cabelo estava chamuscado, com bolhas formando-se no topo da sua cabeça. O cheiro era ainda pior aqui, mas engoli a ânsia de vômito. Eu não entendia como Jimmy aguentava. Ele parecia tão frio quanto um pepino.

Como ele estava pendurado, vi o sangue escorrer pelas queimaduras e cortes que Jimmy tinha feito nele. Com o gotejamento, o fogo estava ainda mais vivo, fazendo com que as chamas ficassem brilhantes, o que, certamente, não era uma boa coisa para o Sr. Pinzano.

— Ah, nosso convidado de honra chegou, Sr. Pinzano. Você vai gostar. — Jimmy sorriu para mim e Antonio Pinzano puxou contra suas restrições. Ele não podia me ver por estar com os olhos vendados. Eu havia pedido isso. Queria estar perto dele, quando ele, finalmente, me visse. Queria estar perto quando eu olhasse dentro dos olhos do homem que ordenou a morte dos meus pais, para ver o choque e o medo em seus olhos, quando ele percebesse quem estava por trás do seu súbito sequestro.

Para ser honesto, tinha sido muito mais fácil do que ele esperara. Sua paixão por álcool e mulheres era, em última análise, a sua morte. Fiz uma das minhas meninas, Serena, persuadi-lo a ir até um flat que eu possuía. Eu quase não o usava e era o local perfeito para começar a minha vingança. Eu nunca quis o flat, era apenas uma compra estratégica. Por todo esse tempo, venho planejando este dia. Pinzano estava ficando fraco e previsível. Ele frequentava sempre o mesmo bar. Ele escolhia uma mulher e deixava seus homens, enquanto saía para transar com elas. Ele estava ficando complacente, mas, como sempre, eu o estava observando. Durante anos, estudei sua rotina diária e rapidamente peguei-a. E ela foi a sua queda.

— Como está S.? — perguntei me referindo à Serena.

— Está bem. Ela só precisou colocar a bunda gostosa no colo dele e ele estava perdido. Parece que ele não conseguiu colocar o pinto dele para trabalhar rápido o suficiente, já que ela precisou levá-lo até o flat. Ela parecia um pouco irritada. Foi muito interessante quando apareci. — Nós dois rimos. Eu costumava imaginar que várias das minhas meninas se sentiam assim, algumas vezes. Eu nunca as forcei. Só pedia que, se elas não quisessem algum trabalho, que deveriam partir. Elas sempre tinham o direito de recusar um cliente. Só queria que elas tivessem um motivo decente para fazer isso.

Acalmei-me e dei uma olhada em Pinzano, pendurado lá, praticamente queimando vivo. De vez em quando, ele choramingava ou uivava, quando as queimaduras doíam demais.

Agachei, olhando para o rosto do homem que arruinou a minha vida.

Levantando a mão, desatei o nó da bandana que estava em torno dos seus olhos, me preparando para olhar para eles uma última vez.

Assim que ele estava sem a venda, Pinzano piscou algumas vezes, então seu olhar pousou em mim. Ele franziu a testa, tentando descobrir quem eu era, mas, em seguida, uma centelha de reconhecimento brilhou. Lá estava. Aquele olhar que esperei rever pelos últimos treze anos. A euforia que sentia por dentro não era igual a nenhuma outra que eu já havia experimentado.

— Pinzano, seu filho da puta doente! Como você está? — Sorri como se ele fosse um amigo há muito perdido.

— Você! — ele gritou, ainda que fosse doloroso. — Eu deveria ter mandado meus homens terem voltado para acabar com a sua raça, naquela noite.

Balancei a cabeça.

— Sim, você deveria. Você subestimou o menino magro, com aparência frágil, não é? Não sou mais tão magro e frágil agora, certo?

— *Mi metterò per questa*! — ele disse em italiano o equivalente de "Vou te pegar por isso!".

Balancei a cabeça, fazendo um muxoxo, enquanto peguei minha faca.

— Isso não é jeito de cumprimentar o garoto cujos pais você matou, não é? Mas vou compartilhar um pequeno segredo, sabe? Você não vai me pegar. E sabe por quê? Porque, em cerca

de, digamos, cinco minutos, você estará morto.

— Seu babaca!

Olhei para Jimmy e balancei a cabeça.

— Ele não está feliz, não é, Jimmy?

Jimmy sorriu.

— Não, chefe.

Voltando a olhar para Pinzano, fiz uma careta.

— Você acha que eu deveria colocar um sorriso em seu rosto? — perguntei a Jimmy.

— Ah, sim — ele respondeu, balançando a cabeça. — É o mínimo que podemos fazer.

Posicionando a minha faca, segurei-a horizontalmente em sua boca. Pinzano começou a gritar, pânico irradiando por suas veias. Com um empurrão forte, eu enterrei tão forte quanto eu conseguia, ouvindo a carne sendo cortada. Pinzano gritou e gemeu muito, mas eu não dei a mínima.

Dei um passo para trás, o calor da fogueira chegando em mim. Fique lá com Jimmy, inclinando a cabeça para um lado, admirando meu trabalho manual.

— Acho que eu poderia ter feito um pouco melhor com o lado esquerdo do seu rosto. O que você acha, Jimmy?

Jimmy abaixou a cabeça ainda mais, para ter uma visão melhor. Ele franziu a testa, depois assentiu.

— Sim, está um pouco torto lá, mas é melhor vê-lo sorrir, agora. Ele estava começando a me deprimir.

Inclinando-me um pouco, limpei minha lâmina nas roupas de Pinzano.

— Esse negócio de matar alguém faz uma bagunça terrível. — Dei um tapinha em sua barriga saliente. — Não se preocupe, raio de sol. Isso tudo vai acabar em breve. Só tem mais uma coisa que preciso fazer antes de você virar comida de peixe. — Eu ri e pude ouvir Jimmy rindo também. Ele sabia exatamente do que eu estava falando, e pegou a espada Samurai que eu havia guardado especialmente para este dia. Jimmy voltou do canto da sala e me entregou. Admirei seu brilho por um momento. Na base da espada, havia uma inscrição de uma flor de lótus. Ela era verdadeiramente magnífica.

Pinzano viu e o pânico o tomou, quando a posicionei em seu pulso direito.

— Sabe, eu sempre quis cortar as mãos do filho da puta que matou meus pais. Agora que estou aqui, acho que preciso tomar um fôlego. Você sabe, só para conseguir admirar melhor a cena.

Fechando os olhos, respirei fundo. Pude ouvir Pinzano choramingar. Ele sabia o que estava por vir e não havia nada que ele pudesse fazer.

Quando abri meus olhos, o atingi. Não fiz muito esforço para cortar a mão direita. Ela estava no chão em uma fração de segundos. Pinzano gritou, mas foi difícil para ele, já que seu rosto estava todo cortado.

— Isso foi por matar minha mãe, Isabella Scozzari.

Não perdi tempo. Fui até o outro lado e ataquei a outra mão, observando-a cair no chão. Havia sangue por toda parte e me surpreendi por ele ainda estar vivo.

— E isso, seu merdinha, foi por meu pai, Michael Scozzari. — Entreguei a espada para Jimmy e peguei minha faca serrilhada.

Ajoelhei-me novamente, olhando nos olhos repletos de dor do meu inimigo.

— E isso — eu disse, colocando a faca em sua garganta — é pela família que você destruiu. — Com um golpe rápido, cortei sua garganta. Pinzano se contorceu, mas rapidamente seu corpo ficou frouxo.

Retirando o lenço de Pinzano, limpei a lâmina novamente, em seguida, coloquei o lenço de volta no bolso superior. Quando estava pronto para sair, me virei para Jimmy.

— Tudo bem você cuidar do resto?

Jimmy acenou.

— Nicky está esperando lá na frente. Ele vai me dar uma mão. Não se preocupe, está tudo sob controle.

Ao chegar na porta, dei um tapinha nas costas de Jimmy.

— Obrigado, meu amigo. O resto do dinheiro já está na conta.

Jimmy acenou.

— O prazer foi meu.

Acenando para Nicky, segui para o Vanquish. Eu precisava chegar em casa e me certificar de estar lá, caso acontecesse qualquer eventualidade e Carmichael quisesse sair – depois de ter trepado, é claro. Eu sabia que as meninas o fariam cortar um dobrado. Não havia dúvidas de que, no minuto em que Katie colocasse a boca em seu pau, ele gozaria, provavelmente, em dez segundos. Idiota do caralho.

Olhei para o relógio, notando que eu estava indo embora quarenta minutos após chegar. Tudo estava indo como o planejado. Eu só precisava chegar em casa rápido e sem ser notado pela polícia. Cada célula do meu corpo queria que eu aumentasse a velocidade. Queria abrir a janela e sentir a brisa fria bater em minha pele, ouvindo o rugido do V8 conforme ele alcançava a estrada. Mas eu não poderia. Teria que guardar isso para um outro momento. Por enquanto, voltar sem ser pego era meu objetivo número um.

Mas não pude segurar um sorriso ao me lembrar da imagem de Pinzano queimando, de cabeça para baixo, como o porco que ele é. Quantas vezes sonhei com esta noite e a planejei até os últimos detalhes? Agora que o canalha tinha sido eliminado, eu poderia me concentrar em Tyler. Sem dúvidas, ela deveria estar chateada comigo, por deixá-la por tantos dias e, então, reaparecer. E provavelmente estava chateada comigo por não ter usado preservativo.

Meu pau se moveu em minhas calças, em busca da sua boceta macia e úmida. Eu queria mais, ansiava por mais, como se ela fosse a batida do meu coração. Mas eu não tenho um coração. Se tivesse um, ele seria preto de raiva, preenchido com ódio e desejo. Desejo de esmagar, ferir, de vingar meu passado. A vingança corria em minhas veias como uma maré interminável. Nunca pare. Nunca desista. Nunca recue.

Manobrando o carro, voltei para a garagem, onde Humphrey estava me esperando. Ele meu deu um sorriso tranquilizador, e eu sabia que era a minha resposta para saber se estava tudo bem.

Desliguei o carro e saí.

— Cinquenta minutos, Dean. Estou impressionado. — Ele deu um tapinha nas minhas costas quando entramos na cozinha.

— Está tudo bem aqui?

— É claro. Os sanguessugas estão mamando em suas bebidas, como se fosse a última. Katie está com Carmichael e Samantha ainda está no outro quarto, como você pediu.

Balancei a cabeça.

— Bom, vou subir. Preciso estar no quarto antes que ele saia e me pegue subindo as escadas.

Humphrey concordou, sabendo que a explicação do que aconteceu teria que ficar para depois. Imediatamente, tive uma ideia e corri até a geladeira. Tirei uma garrafa de champanhe e duas taças. Tirei minha camiseta, jogando-a na lavanderia. Humphrey, leal como sempre, me entregou uma nova e uma loção pós-barba.

— Use isso. Você estava cheirando a cigarro com essa camisa, mas, mesmo sem ela, ainda consigo sentir o cheiro. — Balancei a cabeça, agradecido por ele pensar em tudo.

Subindo as escadas, eu estava no meio do terceiro lance, quando Carmichael apareceu.

— Ah, aí está você! Eu estava me perguntando o que estava tomando tanto o tempo de Samantha.

Eu ri, grato por ter tido essa ideia do caralho.

— Fui buscar uma garrafa de champanhe. Ela fica mais depravada quando bebe. — Nós rimos e continuei com meu ato. — Você já acabou com a adorável Katie?

Carmichael balançou a cabeça.

— Claro que não. Na verdade, estou feliz que você está aqui para que eu possa pedir — ele sussurrou as palavras, então eu soube que ele queria que eu me aproximasse. Subi o resto dos degraus, para ouvir o que ele tinha a dizer, mas estava consciente de que ainda estava cheirando a fumaça. Eu não podia me foder com uma merda, não depois de ter feito tudo para que não tivesse problemas.

— As meninas — disse ele, apontando para os quartos com a cabeça. — Será que elas nunca, você sabe… brincam juntas, às vezes?

Com um sorriso, dei um tapinha em seu ombro.

— Você quer ver um joguinho menina com menina, não é mesmo, Sr. Carmichael? Juro, você me surpreende a cada dia.

Ele riu, sua barriga gorda balançando no roupão que ele estava usando.

— Bem, é a fantasia de todo homem, não é?

Balancei a cabeça.

— Também acho. Na verdade, eu estava tentado a pedir-lhes isso quando estávamos na sala, mas eu estava muito interessado em ter Samantha na minha cama.

Carmichael jogou a cabeça para trás, rindo. Eu podia ver a oscilação do seu queixo duplo ao rir.

— Eu entendo. Ei, por que não vamos para o meu quarto e elas podem fazer um show para nós dois? Nós podemos apreciá-las, antes de termos prazer, o que acha?

Eu não queria isso. Cada osso do meu corpo repelia esta ideia idiota, mas o que eu deveria fazer? Eu tinha que manter essa porra de charada; caso contrário, Carmichael iria ficar desconfiado. Então, respirei fundo, peguei o telefone do meu bolso e disquei o número.

— Humphrey, traga-me outra garrafa de champanhe e mais duas taças, por favor. Carmichael e eu temos uma festa para aproveitar. — Com um sorriso perverso, olhei para ele e vi a alegria absoluta naquela cara de porco. Ele meio que me fazia lembrar do Chefe Wiggum, dos Simpsons. Ele era um idiota e estava me prendendo nisso. Ele devia saber que Samantha e Katie eram meninas que trabalhavam com sexo. O problema era que seu pau decidiu ser mais esperto do que se cérebro de ervilha, mas estava funcionando a meu favor. Nunca imaginei que minha noite terminaria assim. Achei que ele usaria as meninas, faria o que conseguisse e ia embora. Mas, agora, ele queria me envolver. Será que ele não acreditou quando eu disse que estava com Samantha? Será que ele enxergou a mentira? Balancei a cabeça por dentro. Claro que não. Ele não tinha como suspeitar. Eu estava interpretando bem o meu papel. É óbvio que ele acreditava que eu tinha subido e trepado com a Samantha. Por que não acreditaria?

Guardando meu celular, indiquei as escadas.

— Depois de você — eu disse, fechando meus olhos quando ele se virou.

— O que *diabos* eu faço agora?

Capítulo 27

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 1999

— Dean, o que houve? Por que você não foi na escola hoje? — Dean sorriu, abrindo aquele sorriso de lado que sempre deixava meu coração acelerado. Mas ele parecia cansado, e isso me preocupava um pouco.

— Estou bem. Não consegui dormir na noite passada. Meus pais me levaram para um clube que meu tio é dono.

Meus olhos se arregalaram.

— Por que eles o levaram lá, Dean? Hoje era dia de escola.

Ele riu e estendeu a mão para mim. Imediatamente a segurei e sentei-me ao lado dele.

— Às vezes, eu vou ao clube do meu tio. Não tem nada demais. Eu fico lá sentado, comendo pipoca e ouvindo música.

Revirei os olhos, mas senti um certo desconforto.

— E, com certeza, fica olhando aquelas mulheres dançarem. — A frase saiu da minha boca antes que eu conseguisse notar o que estava falando. O monstro verde do ciúme me pegou com uma força desconhecida para mim.

— Você está com ciúmes? — ele perguntou, o olhar de cansaço sendo substituído por um animado.

— Não — eu disse, desviando o olhar.

Agarrando meu queixo, Dean me fez olhar para ele.

— Saber que você sente ciúmes de mim, por olhar para outras garotas, me faz pensar em coisas que eu não deveria. Tenho dezesseis e você mal completou catorze anos, mas você torna isso muito duro para mim.

Minha respiração falhou, enquanto eu olhava para os mais belos olhos azuis que já tinha visto. Eu nunca cansaria daqueles olhos.

— Tyler, a única pessoa para quem eu olho o tempo todo está sentada bem aqui, me encarando com seus olhos castanhos.

Um desconforto que nunca senti pulsava e ardia entre as minhas pernas. Eu queria que ele beijasse agora. Eu queria que ele fizesse o que ele disse que pensava sobre mim.

— Pare de me olhar assim, Tyler.

Afastando a cabeça, fiz uma careta.

— Assim como?

— Como se você quisesse que eu te beijasse.

Eu não sabia de onde veio essa Tyler corajosa, mas ela tomou conta de mim.

— Você não quer me beijar?

Dean riu, mas acariciou minha bochecha.

— Tyler, eu preciso me conter para não beijar você, todos os dias. Mas, se eu fizer, não vou ser capaz de parar. Recuso-me a tocá-la até que você tenha dezesseis anos.

Meus ombros caíram, mas o meu coração se encheu com o fato de que ele me queria. Pensei em casar e ter filhos com ele. Eu só queria Dean. Sempre só vou querer o Dean.

— Não se preocupe, Tyler — ele disse, apertando a minha mão. — A nossa hora vai chegar.

****

Na manhã seguinte, acordei com uma dor de cabeça latejante. Não por ter bebido demais na noite passada, mas por ter dormido muito profundamente após a noite memorável. Sonhei o tempo todo com Dean e o *meu estranho*, um sonho que era ao mesmo tempo um pesadelo e a minha maior fantasia. Sonhei com a ternura de Dean e o toque rústico do meu estranho, como se eles estivessem me puxando um para cada lado. Era quase como se meu sonho estivesse me pedindo para fazer uma escolha. Quem eu queria, Dean ou *meu estranho*. Eu não podia negar que queria os dois. Desejava o toque suave de Dean, mas também queria a pegada do meu estranho, quando ele me puxava pelos cabelos e enfiava seus dedos dentro de mim. No meu sonho, eles estavam em guerra, gritando o tempo todo na minha cabeça. Arqueei minhas costas e abri meus lábios com um gemido, incapaz de esconder o desejo que esses dois homens despertavam em mim. Dean acariciava delicadamente o meu mamilo, enquanto o meu estranho puxava o outro com os dentes. A cada toque, cada carícia, cada mordida, eu me inclinava, sabendo que o orgasmo me tomaria a qualquer momento. Achei que eles dois duelariam, mas tudo que eles fizeram foi concentrar todos os esforços exclusivamente para me dar prazer. Senti-me devassa e egoísta, pensando em como eu poderia exigir isso dos dois homens. Quem era eu para exigir isso deles? E, por que diabos, eles estavam fazendo isso por mim? Eles estavam se oferecendo livremente, adorando o meu corpo e meu estranho estava, inclusive, usando cada parte do meu corpo.

Com Dean de um lado e Lótus do outro, Dean lambeu meu mamilo e o sugou suavemente. Ele esfregou meu clitóris com tanta delicadeza e ternura, que meu corpo inteiro vibrou. Ao mesmo tempo, meu estranho estava com meu outro mamilo em sua boca, chupando com força e rapidez. Ele batia em minha boceta com os dedos, mantendo-me em delírio. A gentileza, combinada com a brutalidade, fez meu orgasmo chegar com força. Ele o soprou, e ouvi sons de fogos de artifício em minha cabeça. As cores brilhantes parecendo dançar diante dos meus olhos, enquanto eu gritava e me contorcia a cada toque.

Foi o mais intenso e erótico sonho que já tive. Nunca fantasiei em ter dois homens antes, mas o sonho pareceu abrir meus olhos. Eu sabia que me sentia assim apenas porque envolvia Dean e *meu estranho*, e só de pensar nos dois me adorando, sentia meu pulso acelerar. Mas eu queria que o sonho fosse verdadeiro. Desejava a carícia de Dean e as mãos ásperas do *meu estranho* em mim. Senti um desejo que jamais imaginei sentir.

Afastei meu edredom e fui para a cozinha buscar um copo d'água e aspirina. Eu não fazia ideia de que horas eram, mas não conseguia dormir. Só fiquei pensando em Lótus e no que ele fez comigo na noite passada. Como sempre, o deixei me dominar. Em vez de puni-lo, ele acabou me castigando. Eu deveria odiá-lo, mas tudo o que eu queria era que ele batesse em minha bunda e me jogasse sobre a mesa da cozinha. Meu Deus, o que havia de errado comigo?

Balançando a cabeça, segui para o chuveiro. Olhei a hora e entrei em pânico. Merda, eram mais de meio dia e eu deveria estar no hospital à uma.

O mais rápido possível entrei no banho, me vesti e saí apressada. Nem me incomodei em aplicar a maquiagem. Quase que nem consigo escovar os dentes. Tinha que ir ao hospital e me

certificar de que tudo correria conforme o planejado. Jeremy era a minha prioridade hoje, e eu estava determinada a não deixá-lo desanimado. Meu objetivo era lhe proporcionar o melhor aniversário de dezesseis anos que ele pudesse sonhar.

Correndo para o hospital, cheguei à enfermaria com alguns minutos de sobra. Entrei e Jeremy olhou para cima e sorriu, fazendo meu coração se aquecer.

— O que você está fazendo aqui? Ainda não está na hora da visita — disse ele, com um grande sorriso. — Ah, a propósito, você parece estar na merda.

— Bem, boa tarde para você também, seu merdinha.

— Ei, você não pode falar coisas assim. Sou novo, lembra?

— Bem, agora que você fez dezesseis anos, posso falar com você como eu achar melhor. Chupa essa, aniversariante!

Ele balançou a cabeça com um sorriso.

— É isso mesmo, né?

— Ah, sim. É assim. Você e eu precisamos sair daqui. Tenho que levar você a um lugar. Sente-se pronto para uma aventura?

O rosto de Jeremy iluminou-se.

— Você está falando sério? — ele sussurrou.

Levantando a mão, respondi.

— Palavra de escoteiro.

Jogando as cobertas, Jeremy saiu da cama.

— Então, o que estamos esperando?

Ri com sua ânsia.

— Bem, primeiro, eu queria ter certeza de que você estava bem o suficiente para sair, e segundo, não acho que seria uma boa ideia se você deixasse o hospital de pijama.

Jeremy franziu a testa e se olhou

— Ah, merda. Você está certa. — Ele viu o meu olhar e encolheu os ombros. — O quê? Eu tenho permissão para dizer isso agora. Tenho dezesseis anos.

Eu estava prestes a lhe responder que ele era muito novo para falar assim, quando a enfermeira Rachael trouxe algumas roupas.

— Oi, Tyler. Como você está?

Sorri, feliz por saber que todos eles me conheciam, por aqui. Eu estava me tornando uma visita regular na enfermaria.

— Bem, obrigada, Rachael. Como está Fluffy, melhorou?

Rachael sorriu, acenando.

— Muito melhor agora, obrigada. Eu a levei ao veterinário e descobri que ela estava gripada. Tomou remédio pelos últimos dois dias e já está muito melhor.

— Que ótimo — respondi sorrindo.

Eu sabia que isso era importante para Rachael. Ela era jovem e deixou escapar que, além do seu trabalho, seu gato, Fluffy, era o único outro suporte de vida para ela. Era incrível a quantidade de informações sobre a vida de uma pessoa que você pode conseguir fazendo algumas poucas perguntas. Claro que o fato de ser jornalista ajudava. As pessoas pareciam simplesmente se abrir para mim. Em poucos dias, descobri que Rachael tinha vinte e quatro anos, recém saída de um relacionamento abusivo e o único que ela conseguia confiar agora era em Fluffy. Eu sabia que o gato era extremamente importante para ela e precisava saber como ele estava.

— Peraí — Jeremy falou. — Você deu o nome de Fluffy ao gato? — Ele levantou a sobrancelha

e ela corou.

— Deixe-a em paz — falei quando vi o constrangimento dela, dando a ele um olhar de reprovação. Virei para Rachael. — Essas roupas são de Jeremy?

— Sim. Eu sabia que você estava chegando, achei melhor já deixar tudo pronto. Eu o chequei mais cedo. Sua pressão arterial está um pouco baixa, mas, se ele estiver se sentindo bem, pode ir.

Ele pegou as roupas.

— Obrigado, Rachael. Estou bem para ir.

Fiz uma careta.

— Você tem certeza disso? Não quero exigir demais de você, se não estiver bem. Podemos cancelar e marcar outro dia.

Jeremy balançou a cabeça com veemência.

— Por favor, não me tire esta chance, Tyler. Estive esperando por isso há um longo tempo. Onde quer que você queira me levar, eu quero ir.

Eu sorri, mas, em meu estado um pouco atordoado, não me mexi. Jeremy olhou para mim por um momento.

— O quê? — perguntei.

— Bem… a menos que você queira ver meu corpo, sugiro que você vire para o outro lado, enquanto me visto.

— Oh, desculpe — respondi, rindo.

Rachael sorriu e puxou a cortina para dar a Jeremy privacidade.

— Sabe, você é a melhor coisa que aconteceu a ele — disse ela, afastando-se do seu cubículo. — Antes, ele costumava sentar-se durante o horário de visitas e ler. Eu costumava vê-lo. Ele sempre dizia que estava bem sozinho, mas, no fundo, eu sabia que ele não estava. Às vezes, com uma pitada de tristeza, ele olhava para as outras pessoas na sala. Mas, desde que você entrou na sua vida, ele não para de rir e brincar. Ele observa o tempo como um falcão e, quando dá quatro horas, ele constantemente olha ao redor para ver se você chegou. Ele fica de olho em qualquer movimento, secretamente esperando que seja você.

Senti meu coração se aquecer. Eu sabia que Jeremy realmente deveria se sentir assim. Ninguém gosta de ficar sozinho. Só queria que ele falasse comigo, em vez de esconder a sua dor em piadas e flerte. Mas, agora que ele sabia que me tinha, ele poderia falar sempre que quisesse. Quando ele estiver pronto, estarei aqui para ele.

— Vocês sabem que estou bem aqui e posso ouvir tudo que vocês estão falando sobre mim. Não é porque vocês fecharam a cortina que abafou o som.

Jeremy empurrou a cortina e abriu um grande sorriso. De pé, com roupas comuns, ele parecia diferente. Com quase um metro e setenta, ele era um pouco mais alto do que eu. Ele estava usando um par de tênis com jeans escuros e casaco com capuz estilo marinheiro. Disfarcei a risada ao pensar no moletom com capuz, que era semelhante ao do *meu estranho*, o que diferenciava era que o do *meu estranho* era mais escuro. Talvez eu achasse que era mais escuro, por ele só aparecer em ambientes sem luz.

Jeremy também usava um boné de beisebol. Ele realmente parecia com garoto de dezesseis anos agora.

— Uau, você parece… como posso dizer isso? Legal?

— Extremamente atraente? — ele perguntou.

Balancei a cabeça.

— Sempre tem uma resposta para tudo, não é, Jeremy?

Ele concordou.

— Sim, senhora.

Puxando seu boné, sorri.

— Está pronto para irmos?

Jeremy suspirou e revirou os olhos.

— Não falei isso pelos últimos dez minutos? Ai, ai.

— Não seja arrogante, mocinho. Vamos lá. — Fiz um gesto para Jeremy passar na frente, mas ele não precisava de muita persuasão. Ele saiu da ala mais rápido do que pude registrar.

— Ah, caramba! — falei, indo em direção à porta.

— Divirtam-se! — Rachael gritou atrás de mim.

— Vamos sim. Obrigada, Rachael.

— Vejo vocês mais tarde.

Corri o máximo que pude para tentar alcançá-lo. Para alguém tão pálido e magro, ele podia correr muito rápido.

— Ei! Ei! — gritei, chamando sua atenção. — Como sabe para onde vamos?

Jeremy parou e se virou para olhar para mim, com uma expressão triste no rosto.

— Não sei aonde você está me levando, Tyler. Só quero sair deste hospital, mesmo que seja por apenas algumas horas. Você pode entender isso?

Ele me olhou com seus olhos cansados e, naquele momento, tudo o que eu queria era abraçá-lo.

— Entendo perfeitamente. Você pode ir o mais rápido que quiser, mas é melhor estar pronto para correr… agora! — Eu nem sequer terminei a frase. Saí correndo e rindo.

— Ei! Isso é trapaça! — ele gritou atrás de mim, mas logo ele estava ganhando de mim. E não me importava. Secretamente, queria que ele ganhasse mesmo.

Logo, estávamos lado a lado. Então, ele passou por mim, indo em direção ao elevador. Jeremy conseguiu fechá-lo rapidamente, acenando para mim, quando as portas fecharam.

Não perdi tempo. Com um sorriso, bufei e fui direto para as escadas. Corri o mais rápido que pude, sem derrubar ninguém. A última coisa que eu queria era derrubar alguém doente. Isso não seria nada bom.

Cheguei no piso inferior tão rápido, que as portas do elevador ainda estavam se abrindo quando eu passei. Jeremy me viu e correu atrás de mim, tentando recuperar a dianteira. Eu estava quase na porta quando vi Jeremy me alcançando, com o canto do olho. Ele passou por mim e, em instantes, estava do lado de fora.

Parando momentaneamente, balancei a cabeça, sorrindo. Esse menino nunca deixava de me surpreender. Jeremy estava rapidamente se tornando o irmão mais novo que eu nunca tive.

Ao abrir a porta, o vi debruçado, tentando recuperar o fôlego. Encolhi-me instantaneamente, sentindo-me culpada por fazê-lo se esforçar tanto.

Corri até ele.

— Jeremy, você está bem? Sinto muito. Eu não deveria…

Jogando a mão para cima, ele olhou para mim, com censura.

— Não tire isso de mim, Tyler. Por favor. Estou bem, de verdade. Trate-me como um garoto normal de dezesseis anos, prestes a embarcar numa aventura. Por favor, me dê isso.

Tentando lutar contra as lágrimas, assenti.

— Claro — respondi, agarrando seu ombro.

Com um sorriso, Jeremy olhou para a minha mão.

— Você simplesmente não pode manter suas mãos longe de mim, não é?

Revirei os olhos.

— Jeremy, você nunca desiste? — Balancei a cabeça com um sorriso.

— Só vou parar quando estiver morto. Agora, tenho duas perguntas. Em primeiro lugar, aonde você está me levando?

Fiquei ali, imóvel, esperando a outra pergunta. Quando ele não fez, balancei minhas mãos para ele continuar.

— E a outra pergunta?

Jeremy me deu um sorriso arrogante.

— Bem, esta é a pergunta mais importante de todas. Você me trouxe salgadinhos?

Rindo, procurei em minha bolsa e retirei um pacote.

— Pronto, pergunta mais importante respondida, mas, quanto à primeira pergunta, você vai precisar esperar um pouco mais.

Jeremy não tinha mais uma expressão divertida no rosto, mas eu não ia deixá-lo me chatear. Ele teria que esperar para ver a surpresa.

— Vamos lá, Jeremy. Vamos andando. Temos um cronograma a cumprir. Não podemos nos atrasar.

Jeremy balançou a cabeça, mas me seguiu até meu carro.

— É o seu? — ele perguntou, dirigindo-se para o banco do passageiro.

— Aham. Este é o meu bebê. Economizei anos para compra-lo. — Era um Alfa Romeo Spider, mas era o meu bebê.

Quando nós dois entramos, Jeremy sorriu em aprovação.

— Você tem bom gosto para uma garota.

Eu ri.

— Há! Obrigada. — Liguei o carro e seguimos para o nosso compromisso.

Jeremy não parava de olhar pela janela, observando tudo como se fosse a primeira vez que ele via a paisagem. Era difícil afastar meu olhar para longe deste menino, que parecia tão forte debaixo do seu corpo frágil. Jamais o vi tão feliz e, é claro, me senti orgulhosa de ter ajudado a deixá-lo assim.

— O que estamos fazendo nesta área? — ele perguntou de repente, me fazendo saltar.

— Oh, você verá em breve. — Estacionei em uma vaga e olhei a hora. Ainda tínhamos cinco minutos. Estávamos na região do aeródromo de Redhill, obviamente, ele descobriria o que iriamos fazer. — Vamos fazer uma pequena caminhada de três minutos, até a sua surpresa.

Puxando-o para mim, dei o braço a ele, e abri o sorriso mais alegre que consegui.

— Caminhe comigo, Jeremy.

Ele balançou a cabeça e fez o que lhe foi dito, andando ao meu lado com uma expressão ansiosa no rosto. Era nítido que ele estava animado.

À medida que dobramos a esquina, sua expressão mudou. Sua boca abriu e seu sorriso se abriu de um jeito que eu jamais tinha visto.

— Santo… porra — ele sussurrou.

— Jeremy! — eu o repreendi, rindo.

Ele olhou para mim, sua boca ainda aberta.

— Desculpe, mas você precisa concordar que este momento é foda.

Eu ri, cedendo.

— Tudo bem, vou relevar.

Depois de fechar a boca, ele olhou para mim.

— Isso é o que eu acho que é? Não viemos aqui só para olhar, certo, nós vamos voar?

Puxando-o pelo braço, eu ri.

— Não, claro que não viemos aqui só para olhar. Eu não seria tão cruel.

Jeremy coçou a cabeça.

— Mas como você…? Como você poderia ter…? Quer dizer, isso é realmente caro, não é?

Balancei a cabeça.

— Costuma ser, mas tenho um amigo que é amigo de um piloto. Ele me deu o contato e consegui um bom desconto.

De repente, Jeremy virou e me puxou para um abraço apertado.

— Não sei como lhe agradecer. Isso é tão incrível!

Saindo do seu abraço, segurei seus ombros.

— Valeu a pena cada centavo, só para ver um sorriso em seu rosto. Feliz aniversário, Jeremy. Agora, quer voar comigo?

Jeremy sorriu.

— Claro!

Rindo, segui até a um homem próximo ao helicóptero. Ele olhou para cima, me viu e abriu um sorriso.

— Você é Tyler O'Shea? — ele perguntou quando chegamos mais perto.

— Sim, e você deve ser Charlie. Prazer em conhecê-lo. — Estendi a minha mão e ele me cumprimentou, com um sorriso brilhante.

Ele voltou sua atenção para Jeremy.

— E este deve ser Jeremy.

— Sim, senhor — respondeu ele.

— Você quer subir a bordo, Jeremy? O tempo está perfeito para a viagem.

— Claro! — Jeremy gritou novamente, nos fazendo rir.

— Se quiser — Charlie disse com uma piscadela. —, você pode ser o meu copiloto. O que acha de sentar na frente comigo? Posso até deixá-lo pilotar um pouco.

Jeremy ofegou, mas não perdeu tempo, subindo no helicóptero. Charlie riu e era nítido que ele estava tão alegre quanto eu.

Antes de entrar, Charlie se virou para mim.

— Ele é bem menino, não é? — Abri um sorriso orgulhoso. — Ele é seu irmão ou algo assim?

— Não, apesar de desejar que fosse. — Pelo menos, ele teria uma vida melhor, pensei.

Charlie sorriu, mas não pressionou para saber mais. Ele me ajudou a subir no helicóptero e me ajudou a afivelar o cinto, antes de sentar em seu lugar e ajudar Jeremy.

Jeremy parecia que mal podia se conter. Ele estava em êxtase, olhando para todos os controles e fazendo pergunta após pergunta a Charlie.

Ele nos disse que estávamos prestes a decolar. Eu tinha reservado um voo de meia hora porque era o máximo que eu podia pagar. Mas eu estava realmente muito animada. Eu nunca tinha voado em um helicóptero, portanto, esta também era a primeira vez para mim.

Em poucos instantes, estávamos fora do chão e meu estômago deu um nó imediatamente. Era uma sensação estranha. Eu tinha viajado de avião, mas isso era um pouco diferente. Senti-me menos no controle, por alguma estranha razão. Talvez fosse porque podia ver muito mais, e estávamos subindo na vertical. Não era terrível. Na verdade, eu estava gostando. E, olhando para Jeremy, eu podia dizer que ele se sentia da mesma forma.

Não demorou muito e estávamos no ar, com uma visão panorâmica de Londres abaixo de nós.

Quando nos aproximamos do interior de Londres, tudo entrou mais em foco enquanto olhávamos através do horizonte. A cidade parecia incrível daqui de cima. À frente, dava para ver a London Eye e o Shard, o arranha-céu em forma de pirâmide. As nuvens eram poucas e o sol estava brilhando, dando-nos o grande dia que eu estava esperando. Se alguém merecia, era Jeremy. Ele estava olhando para todos os lados, quase como se estivesse desesperadamente tentando absorver tudo.

Tentei desviar o olhar, mas não consegui. Como se sentisse que eu estava olhando, ele virou-se para mim e deu um sorriso daqueles que me aquecia o coração.

— Eu gostaria de ter trazido uma câmera — ele gritou.

Então, lembrei que eu tinha comprado uma câmera descartável, para ele, para ser usada especificamente hoje. Ele poderia tirar as fotos e eu revelaria o filme depois.

Procurei em minha bolsa, peguei a câmera e cutuquei o ombro de Jeremy. Ele viu a câmera e ofegou.

— Obrigado! — Ele sorriu e virou para fotografar tudo o que pudesse.

Enquanto ele fotografava a paisagem, olhei para baixo e admirei os barcos que navegavam sobre o Rio Tâmisa. À distância, eu podia ver a Grosvenor Bridge e a Estação de Victoria. Ver tudo aqui de cima parecia estranho. Isso me fez ver Londres sob uma ótica completamente diferente. Era como se eu estivesse vendo a cidade novamente, por uma nova perspectiva.

— Ei, Tyler! — Jeremy gritou.

Eu virei e ele bateu uma foto.

— Jeremy, eu não estava pronta para isso!

Ele apenas sorriu.

— Vem, vamos fazer uma *selfie*.

Sorrindo, cheguei para frente, para perto de Jeremy. Ele rapidamente capturou nossa foto e eu me afastei.

— Vai ser a minha favorita!

— Será a minha também. Vou fazer uma cópia para nós dois. — Jeremy sorriu e voltou a olhar para frente.

Em seguida, passamos pela Câmara dos Comuns, seguindo pela Tower Bridge. Pouco depois, Charlie virou a aeronave e estávamos voando de volta para Redhill. Rapidamente estávamos sobrevoando os campos, o que me surpreendeu. Eu não fazia ideia de que a Inglaterra era tão verde fora dos arredores de Londres.

— Quer pilotar um pouco? — perguntou Charlie.

Jeremy parecia animado, mas também um pouco hesitante.

— Não se preocupe — disse Charlie. — Eu não vou deixar você cair. — Ele e Jeremy riram. Eu, por outro lado, não achei esse comentário tão divertido. Talvez eu tivesse um pouco mais medo de voar do que eu pensava.

Charlie indicou para Jeremy pegar o joystick e estendeu a mão no lugar por um minuto para mostrar-lhe como controlá-lo. Quando Charlie pareceu satisfeito, ele deixou Jeremy assumir o controle e, até mesmo, pediu-lhe para virar lentamente para a direita. Ele fez e nós saímos um pouco fora do curso, mas Charlie rapidamente nos colocou de volta aos trilhos. Acho que perdi algumas semanas da minha vida.

— Você está bem aí atrás? — perguntou Charlie, percebendo minha expressão preocupada.

— Sim, estou bem. Obrigada. Isso tudo é novo para mim também.

Charlie riu e olhou para Jeremy.

— Ele é um piloto natural. Talvez eu deva me preocupar com o meu trabalho com esse garoto

por perto — Charlie falou e Jeremy sorriu com alegria.

— Então — continuou Charlie. — Agora que você experimentou, você viria de novo?

Jeremy assentiu com entusiasmo.

— Com certeza! Este é o melhor dia que já tive na minha vida.

Jeremy continuou a sorrir, mas não pude deixar de me sentir triste por seu comentário. Em poucos anos de vida, Jeremy nunca teve dias como este, nos quais estava na companhia de alguém que se importava com ele, e isso não era certo. Não deveria ter sido assim.

Quando chegamos mais perto de Redhill, Charlie pegou os controles de volta e começou a descer em direção à pista de aterrissagem. Vi as horas e percebi que tinha passado um pouco mais da meia hora que havia sido agendada. Sorri, imaginando que o piloto tivesse curtido a companhia de Jeremy, de forma que ele tinha perdido a noção do tempo.

Ao aterrissarmos, meu estômago pareceu voltar a terra, e eu suspirei. Eu tinha desfrutado do passeio. Só fiquei nervosa quando eles brincaram sobre a aeronave cair. Sempre temi morrer em um acidente de avião ou afogada no mar. Era algo que eu sabia que não deveria ficar pensando a respeito, mas eu pensava.

— O que achou? — Charlie me perguntou quando aterrissamos.

— Foi ótimo. Obrigada. Ele, certamente, teve um dia memorável.

— Por nada. — Charlie sorriu. — Talvez, da próxima vez, você possa vir para ter algumas aulas. — Ele olhou para Jeremy com uma piscadela e posso dizer que ele ficou muito empolgado.

Após sair do helicóptero, Charlie abriu a porta para mim, me entregando um cartão.

— Se Jeremy estiver interessado em algumas aulas, posso lhes dar um bom desconto. Ele tem um talento natural.

Pegando o cartão, sorri.

— Obrigado, Charlie. É definitivamente algo a considerar.

E eu pensei muito, sobre muitas coisas quando, após nos despedirmos de Charlie, voltamos para o hospital. Apesar de Jeremy parecer encantado com o seu presente de aniversário, eu estava com a incômoda sensação de que ele estava escondendo o que ele estava realmente sentindo.

— Você está bem? — perguntei quando estávamos no carro, no meio do caminho para casa.

Jeremy afastou os olhos da janela.

— Eu? Estou bem. Um pouco cansado, mas me sentindo ótimo, depois disso. Não posso agradecer o suficiente por hoje. Jamais vou esquecer. — Ele abriu um grande sorriso, virando a cabeça para olhar para fora da janela. Com o canto do olho, porém, pude ver a mão de Jeremy voltada na minha direção. A palma da sua mão estava virada para cima, num gesto de carinho, e não pude segurar o sorriso choroso que me envolveu. Peguei a mão dele, que entrelaçou os dedos firmemente ao redor dos meus, apertando ligeiramente. Ele não me olhou, nem disse uma palavra, mas eu sabia que Jeremy estava fazendo o seu melhor para me dar algo que não era a sua jovial paquera.

Mantive a minha mão na sua, enquanto pude, mas, quando nos aproximamos do hospital, eu tive que soltá-la. Eu não queria quebrar aquela conexão, porque eu não sabia se conseguiria recuperá-la novamente.

Estacionei o carro, nós dois saímos e caminhamos até a entrada principal. Não pude deixar de notar que Jeremy estava andando muito mais devagar agora do que quando saímos. Os círculos escuros estavam de volta, sob seus olhos, e sua respiração estava um pouco ofegante. Eu não disse nada, mas estava aliviada por estarmos no hospital.

Quando entramos no elevador, Jeremy começou a balançar um pouco sobre seus pés. Eu o

segurei firme, minha frequência cardíaca acelerando. Eu estava rezando para o elevador se apressar e chegar ao seu andar. Eu estava assustada. Ele estava parecendo mais e mais doente a cada segundo.

— Jeremy, você está bem? — Eu só precisava de alguma tranquilidade. No entanto, eu sabia que não importava o quanto ele me tranquilizasse, não havia como escapar do fato de que havia, obviamente, algo seriamente errado.

— Estou bem — disse ele e, em seguida, caiu no chão. As portas do elevador se abriram e eu comecei a gritar para alguém para me ajudar. Rachael e outra enfermeira logo apareceram. Eu estava quase sendo afastada pelos enfermeiros quando um médico correu e checou seu pulso. Apontando para as enfermeiras, o médico ajudou a pegá-lo e tirá-lo do elevador.

— Quais sintomas ele apresentou antes de entrar em colapso? — o médico me perguntou.

Minha respiração falhou, minhas mãos estavam suadas, e as lágrimas estavam enchendo meus olhos, ameaçando cair. Eu tinha feito isso com ele. Isso era tudo culpa minha.

— Ele… ele falou que estava cansado. Sua respiração estava superficial e ele pareceu tonto.

Do nada, Jeremy começou a convulsionar. Achei que eu iria desmoronar. Se eu não tivesse exigido tanto dele… Se eu tivesse escutado minha consciência dizendo que, talvez hoje fosse uma má ideia… Jeremy estava doente e eu era a responsável por deixá-lo pior.

À medida que ele foi levado para um quarto, longe de olhares indiscretos, eu o segui, desesperada que alguém me dissesse que ele ficaria bem.

Lentamente, Jeremy foi se acalmando. Peguei a mão dele.

— Jeremy, não se atreva a me deixar. Agora você tem alguém aqui que precisa de você. Não desista de mim. Lute por mim, Jeremy. Lute! — Soltei um soluço e Rachael estava logo ao meu lado, me agarrando pelos ombros.

— É tudo culpa minha — eu chorei. — Eu não deveria tê-lo levado.

Rachael sacudiu a cabeça.

— Você não pode se culpar por isso. Sim, Jeremy é um menino muito doente, mas você deve ter-lhe dado um dos melhores dias que ele já teve. Nós todos concordamos que ele merecia isso hoje. Você não pode se culpar por isso. É apenas uma daquelas coisas que acontecem, que não são culpa de ninguém.

Acalmando-me um pouco, lembrei-me da expressão sorridente de Jeremy no helicóptero. Lembrei-me do olhar de alegria quando ele disse que este foi o melhor dia de sua vida.

— Será que ele vai ficar bem? — Eu finalmente perguntei.

Rachael sorriu.

— Ele vai ficar bem. Às vezes, quando as células brancas estão muito baixas, os pacientes com o tipo de leucemia de Jeremy podem ter uma convulsão.

— Ele tem um pouco de líquido nos pulmões — disse o médico. — Precisamos de um raio-x de tórax imediatamente.

A enfermeira ao lado dele acenou e meu coração entrou em pânico novamente.

— O que isso significa?

— Pneumonia, provavelmente — respondeu o médico. — Como ele tem um sistema imunológico tão fraco, ele é vulnerável a todos os tipos de infecções.

— Será que ele vai ficar bem, doutor?

Ele franziu um pouco a testa e isso me preocupou.

— É muito cedo para dizer sem um raio-x e alguns exames de sangue. Assim que tivermos os resultados, vamos saber com mais certeza. Mas Jeremy é um lutador, então, tenho certeza de que ele vai lutar contra isso com toda a sua força. — Provavelmente, numa tentativa de tentar aliviar meus

medos, ele abriu um grande sorriso.

— Posso ficar com ele? — Eu não achava que eles deixariam, mas eu tinha que perguntar.

O médico deu de ombros.

— Claro, a primeira coisa que ele fez hoje de manhã foi nomear você como o parente mais próximo — o médico falou e foi embora.

Fiquei ali, absolutamente chocada. Só quando senti uma mão no meu ombro foi que estremeci e olhei para Rachael.

— No minuto em que Jeremy acordou esta manhã, ele perguntou se ele poderia indicá-la como parente mais próximo. Ele considerava isso um presente de aniversário. — Rachael sorriu suavemente e levou Jeremy para tirar o raio-x.

Tudo o que eu pude fazer foi ficar e esperar, chocada e perplexa sobre o que eles falaram. Jeremy não disse uma palavra para mim sobre me nomear como parente mais próximo. Fiquei encantada, é claro, mas uma parte de mim achou que eu não merecia isso. Não depois do que aconteceu. Não importa o que as pessoas dissessem, eu não conseguia deixar de me culpar por tudo isso. Fiquei pensando o tempo todo que eu deveria ter prestado mais atenção.

Parecia que haviam se passado horas até que Jeremy fosse levado de volta para a enfermaria, uma máscara de oxigênio em seu rosto. Isso fez meu estômago doer. Ele parecia tão pálido e tão mal, comparado ao seu normal. Havia círculos roxos sob seus olhos, e sua pele estava praticamente amarela.

Sentada ao lado dele, tudo o que eu podia fazer era segurar sua mão e olhar para ele. O que começou como um dia fantástico tinha se transformado em um pesadelo. Ele deveria estar comemorando seu décimo sexto aniversário, não inconsciente em um hospital. Ele era tão jovem e tinha toda a vida pela frente. Parecia cruel que ele teve este dia maravilhoso… para tudo acabar num piscar de olhos.

Então, tudo o que eu podia fazer era me sentar. Mantive-me ao lado da sua cama, determinada a ser a primeira pessoa que ele visse ao acordar. Ele agora me tinha, e eu o faria ter certeza de que sabia disso. Eu nunca desistiria dele, só esperava que ele não desistisse de si mesmo.

Capítulo 28

JAIMIE ROBERT

Dean

"Eu sou um lutador. Acredito na coisa do olho-por-olho. Eu não sou um babaca vingativo. Não tenho nenhum respeito por um homem que não bate de volta. Se você matar meu cão, é melhor esconder o seu gato".

Muhammad Ali

A noite passada foi uma merda. Achei que as coisas estavam indo bem, até que o otário do Carmichael quis compartilhar sua fantasia comigo. No final, é claro, tive que enrolar. Entrei lá, fingi amar o show e, então, disse que queria um boquete de Katie. Deixei Samantha com Carmichael e desci para o *lounge*, para beber algumas doses de Bourbon. Eu não tinha o costume de beber muito, mas achei que esta noite justificava. Eu precisava colocar isso para fora… com urgência. Eu sabia o que precisaria fazer e amanhã seria o dia que eu faria.

Descendo para o porão, coloquei meu moletom e comecei a bater no saco de areia. Todos os meus músculos doíam a cada soco. Lembrei-me de Carmichael e de seu tesão da porra. Lembrei-me dos gritos patéticos de Pinzano, quando o torturei antes da sua morte. Voltei a lembrar de Carmichael, quando ele me coagiu a assistir ao showzinho particular das duas vadias. Normalmente, eu gostava desse tipo de coisa, mas esta noite eu não estava focado nisso, apenas em seguir em frente. Nunca estive interessado em Samantha ou Katie, e nunca me interessaria. Suponho que ele a segurou lá pelos últimos nove minutos que ainda ficou no quarto, depois que saí. Ele deu alguma desculpa, dizendo que precisava ir, e eu pude respirar aliviado. Era uma merda a menos para eu me preocupar.

— Não se desgaste muito! — A voz de Humphrey soou de longe.

Parei abruptamente, olhando para cima.

— Eu só precisava desabafar depois de ontem à noite — respondi, continuando a socar.

Humphrey chegou um pouco mais perto e suspirou.

— Você percebe que agora você é intocável, não é? Agora que você se livrou de Pinzano e fez parecer tão fácil, ninguém ousará tentar tomar o seu lugar. Todo mundo vai ficar com muito medo de você. Achei que era isso que você queria. Por que você não parece feliz?

— Estou sentindo a porra de uma felicidade absurda — rosnei, grunhindo cada vez que dava um soco.

Humphrey bufou.

— Você não me engana, Dean. Você parece como um fio apertado, pronto para explodir. Qual é o problema? — Humphrey ficou em silêncio por um instante e eu sabia o que estava por vir. — É ela, não é?

Fechei os olhos e tentei manter minha compostura.

— Não a traga para essa merda. O que aconteceu ontem não tinha nada a ver com ela.

Humphrey soltou um muxoxo.

— Mas, ainda assim, você não conseguiu deixá-la sozinha, na noite passada, não é? Você teve que ir vê-la, apesar de ser uma das noites mais importantes da sua vida. Apesar de estar planejando esta noite há anos!

Cerrei os punhos com raiva, odiando o fato de que ele estava certo. Neste caso, achei que a melhor defesa era o ataque.

— Deu tudo certo ontem à noite, não é? Pare de ficar no meu pé, coroa!

Humphrey fechou os olhos e balançou a cabeça com um suspiro exasperado.

— Escute, vou dizer isso simplesmente porque você é filho do meu irmão e eu me preocupo com você. Você não acha que já fez o suficiente? Se ela está mexendo com a sua cabeça, então, pare. Ninguém vai pensar que você é um perdedor porque ninguém precisa saber. Eu nunca vou pensar mal de você.

Levantando meu punho, bati um pouco no saco e, então, fechei os olhos.

— Não posso desistir agora. Espero por isso há muito tempo.

— Mas você não acha que você já pode tê-la arruinado? Você não acha que, se você seguir com isso, as coisas podem sair dos trilhos muito rapidamente?

Senti a raiva surgir.

— Ei, de que lado você está?

— Seu, Dean, pelo amor de Deus. Só estou preocupado que você esteja indo longe demais e possa se queimar. Ela já foi importante para você. Ela ainda é, mas por razões diferentes, agora.

Não queria ouvir mais nada. Não queria que suas palavras verdadeiras ressoassem em minha mente e, eventualmente, em minha alma.

— Você pode chamar Shifu para mim?

Os olhos de Humphrey se arregalaram.

— Está tão ruim assim?

Tirando minhas luvas, joguei-as no canto.

— Quer que eu vá fazer isso sozinho? — perguntei com um grunhido.

Humphrey acenou.

— Não, claro que não. Vou ligar para ele agora.

Humphrey saiu, mas não pude deixar de notar o sorriso malvado estampado em seu rosto. Ele sabia que chamar Shifu significava que eu esperava ter minha bunda chutada, mas o jeito que eu estava agora me fez pensar o contrário. Eu estava pronto para chutar alguns traseiros.

****

Shifu veio prontamente. Quando envolvia receber o triplo de dinheiro que ele normalmente recebia, isso acontecia. As pessoas diziam que dinheiro não era tão importante, mas era o que movia o mundo, na minha linha de trabalho. Dinheiro, sexo, drogas e a porra do álcool.

— Pronto para ter sua bunda chutada? — perguntei ao meu professor de caratê. Eu o conheci aos dezoito anos, quando ainda era um garoto magricela. Ele ajudou a me transformar no homem que eu sou agora. Ele me ensinou a lutar e, rapidamente, virei faixa preta em Tae Kwon Do. Dizer que eu havia superado todas as expectativas era um eufemismo. Shifu era uma das poucas pessoas a quem eu devia a minha vida.

Movendo minhas mãos, estalei meus dedos, olhando-o atentamente.

— Pode vir, *sensei* — eu disse, piscando para ele e apontando para frente.

Shifu me deu um meio sorriso e franziu um pouco a testa.

— Parece que estamos animados hoje. Vamos ver aonde isso vai nos levar.

Ficamos em posição. Com uma investida, Shifu veio em minha direção, seus punhos movendo-

se de um lado para o outro. Com um gancho de esquerda e depois de direita, consegui segurar todos os seus movimentos. Eu estava focado esta manhã, que era uma das razões pelas quais eu precisava disso. Eu tinha que colocar a cabeça no lugar, e este treino talvez fosse a única coisa que me ajudaria a fazer isso.

Com um chute de esquerda, Shifu tentou me atacar na cabeça, mas eu agarrei seu pé e joguei-o no chão.

— Parece que estar animado me deixa mais forte. Acho que você não vai tirar onda comigo hoje, hein?

Shifu fez uma careta e rapidamente levantou-se. Ele parecia um pouco chateado e desconcentrado, o que não era comum. Ele veio até mim de novo, com um soco direto, depois gancho, então soco… todos os golpes foram defendidos com precisão.

Quando nada disso funcionou, Shifu tentou um giro com um pontapé duplo, mas bloqueei também.

Em poucos minutos, eu já tinha defendido o suficiente. Fui para o ataque, golpeando Shifu com uma série de chutes e socos. Senti que, depois de um tempo, ele estava pronto para recuar, mas eu ainda estava em chamas. Eu podia sentir a frustração dentro de mim, sentindo mais sangue frio do que já senti em muito tempo.

Com um movimento, dei uma chave de braço em Shifu, algo que eu jamais havia conseguido fazer. Então, me senti poderoso, vencendo aquele que sempre tinha sido superior a mim.

Com sua cabeça em meus braços, não perdi tempo. Manobrei por trás do meu corpo, levantei-o no ar e joguei-o no chão. Com um sorriso malicioso, zombei.

— Acho que você já não é mais tão jovem quanto antes. — Pisquei para ele, mas ofereci minha mão para levantá-lo.

Shifu fez uma careta e bateu na minha mão, tirando-a do caminho.

— Devo estar num dia ruim, só isso. Qualquer dia desses, pego você de novo.

Balancei a cabeça.

— Sim. Claro, *sensei*.

Com os músculos quentes e me sentindo melhor, me despedi de Shifu e fui para o chuveiro. Senti-me bem depois de acabar com Pinzano, e ainda melhor agora que tinha chutado o traseiro do meu professor. Tudo o que eu sentia agora era tesão e, quanto mais eu pensava em enterrar meu pau em Tyler, mas excitado eu ficava.

Depois de uma chuveirada, me preparei para o resto do dia, tentando colocar os negócios em ordem antes de visitar Tyler.

O dia tornou-se noite, e a noite arrastou-se até a madrugada, quando entrei em meu Dodge e fui para o seu apartamento. Eu estava duro e pronto para ela. Precisava sentir sua boceta apertada em mim. Precisava senti-la gozar, me implorando para trepar com força.

Após estacionar, caminhei até minha entrada secreta, com um sorriso no rosto. Quanto mais perto eu ficava, mais meu pau ficava duro com o pensamento de entrar em sua boceta macia e molhada. Queria deixar minha semente. Queria marcá-la tão profundamente, que só o pensamento quase me fez gozar.

Alcancei o topo das escadas e peguei as chaves. Entrei, observando que todas as luzes estavam apagadas, como o normal.

Assim que entrei no quarto, minha respiração acelerou, meu coração batia forte e meu pau pulsava contra meu jeans. Instintivamente, lambi meus lábios, já sentindo sua doçura em minha língua. Eu era como um animal faminto, pronto para caçar, atacar, devorar.

Empurrando a porta do quarto, meus olhos se ajustaram à escuridão e caíram em sua cama. Quando vi que ela não estava lá, comecei a entrar em pânico. E se ela estivesse escondida, me esperando? E se ela estivesse esperando para me atacar? O pensamento fez meu pau pulsar ainda mais forte e minha cabeça doer. Ela não poderia ter vantagem sobre mim. Isso iria contra todo o meu propósito. Eu estava perseguindo-a, não o contrário. Precisava manter o foco. Se ela estivesse escondida em algum lugar, eu precisava estar pronto para ela como ela estaria para mim. Tinha que ter certeza de que todas as saídas estavam livres e, principalmente, as luzes, apagadas. Não podia permitir que Tyler acendesse qualquer luz, isso revelaria quem eu sou. E eu não estava pronto para isso ainda.

Cuidadosamente, procurei atrás das portas, embaixo da cama e no banheiro. Tive a certeza de me manter alerta o tempo todo, enquanto andava pela casa. Quanto mais eu procurava, mas certeza eu tinha de que ela não estava aqui e eu parecia um idiota. Coisa que eu não podia permitir.

Depois de verificar em todos os cantos, olhei ao redor da sala, procurando indícios de que ela possa ter estado aqui hoje. Fui até seu telefone e pude ver que havia três mensagens, a primeira enviada por volta de uma e meia. Ou ela não tinha estado aqui ou saiu com muita pressa, antes de verificar suas mensagens. Onde diabos ela estava?

De alguma forma, Tyler teve uma vantagem sobre mim hoje, e não gostei. Não gostei nem um pouco desta merda.

Capítulo 29

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 2000

— Por que você sempre tem que parecer sexy em qualquer coisa que usa, Tyler?

Olhando para Dean, corei. Eu tinha acabado de sair da escola e estava usando o mesmo uniforme escolar de sempre. Nunca me achei sexy no uniforme da escola. Era apenas uma saia plissada, camisa branca e gravata, além do blazer preto e vermelho. Nada extravagante e, certamente, nada sexy.

— Para com isso, Dean — protestei, empurrando seu ombro.

— Só estou falando a verdade. Posso levá-la para casa? — Seus lábios sensuais se curvaram num belo sorriso. Ele sempre deixava meus joelhos fracos quando sorria. De alguma forma, ao fazer isso, ele me fazia sentir a garota mais preciosa e estimada da terra. Era quase como se aquele sorriso tivesse sido feito só para mim.

— Claro que pode — finalmente consegui dizer, após meu coração se acalmar um pouco. — Mas acho que Ian está saindo em um minuto. Ele vai querer ir com a gente também. — Ian continuava estudando na mesma escola, mas Dean decidiu trabalhar para seu pai. Isso me preocupou um pouco. Dean só tinha dezessete anos, e eu sabia que seu pai trabalhava com pessoas que eu não gostava muito.

— Ok — ele respondeu, colocando delicadamente uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Vou ter que te admirar até que ele chegue.

E assim ele o fez. Ficamos ali, apenas nos olhando. Era tão fácil me perder naqueles olhos azuis.

Naquele momento, eu quis que esse sentimento nunca tivesse fim.

****

Acordei atordoada, me perguntando, por um momento, onde eu estava. Claro. No hospital. Eu tinha caído no sono, debruçada sobre a cama de Jeremy novamente. Eu estava aqui há quatro dias e, durante esses quatro dias, não houve qualquer mudança. A única vez que o deixei para ir para casa, fui buscar alguns pertences e meu laptop, e então me arrastei de volta para a enfermaria. Trabalhei no hospital e disse à Suzie que não podia ir para o escritório por estar muito gripada. Achei que era uma boa desculpa. Muitas pessoas haviam ficado doentes no escritório, e era quase um milagre que eu também não tivesse pego essa gripe.

O bom disso é que eu ainda poderia fazer tudo o que precisava, sem estar fisicamente no trabalho. Eu sabia que as pessoas achariam estranho, tendo em vista que nunca fiquei doente, desde que comecei a trabalhar lá, há três anos.

Além disso, eu poderia trabalhar nas fotos que Jeremy tirou. Eu estava determinada que ele as visse ao acordar. Peguei a que Jeremy tirou comigo e fiz uma cópia para nós dois. Comprei um porta-

retratos para a minha cópia, determinada a pendurar na parede, quando estivesse em casa. Nós dois parecíamos tão felizes… era como se isso tivesse acontecido há um milhão de anos.

O médico apareceu várias vezes ao dia para vê-lo, e seus sinais vitais estavam melhorando a cada dia. Eu me agarrava à esperança, porque era a única coisa que eu tinha para me segurar. Eu falava para ele, dia após dia, que ele não se livraria de mim. Ele tinha que melhorar, porque eu não o deixaria desistir. Eu era a sua âncora, assim como ele era a minha. Precisávamos um do outro. Nossa ligação era muito forte para nos afastarmos agora.

Pensando se eu deveria me mover, me mexi um pouquinho. Senti que cada osso e músculo do meu corpo gritaria, no momento em que eu levantasse a cabeça.

— Quem é Dean?

A voz de Jeremy me assustou, me fazendo levantar a cabeça mais rápido do que eu tinha planejado. Eu tinha razão. Ela doeu. Muito.

— O quê? — perguntei, ainda um pouco grogue, mas, assim que meus olhos fixaram em Jeremy, eu ofeguei. Ele parecia muito melhor. — Jeremy! — gritei, levantando da cadeira para dar-lhe um grande beijo.

Jeremy riu.

— Sentiu tanta falta assim de mim?

Balancei a cabeça e lhe dei um empurrãozinho. As lágrimas estavam começando a escorrer.

— Não se atreva a fazer isso comigo de novo! Eu estava completamente assustada.

Jeremy riu.

— Eu sei. Rachael já me colocou a par. Você realmente ficou no hospital durante todo esse tempo?

Acenei concordando e vi seus olhos úmidos.

— Obrigado — ele sussurrou, virando a cabeça para o outro lado. Eu sabia que ele estava emocionado e tentava desesperadamente conter as lágrimas.

— Como está se sentindo? — perguntei, tentando mudar de assunto.

— Me sinto muito melhor. Eu ainda estou um pouco cansado, o que é estranho, porque eu estive dormindo pelos últimos quatro dias. — Ele sorriu e olhou para mim quando toquei sua mão.

— Sinto muito, Jeremy. Não deveríamos ter saído naquele dia.

O sorriso de Jeremy desapareceu quando ele puxou minha mão.

— Não se atreva a tirar isso de mim. Eu não teria feito nada diferente. Foi o melhor dia da minha vida. Outra coisa a tirar da minha lista. A única coisa que resta agora é um beijo da Julie. — Ele sorriu.

Sem querer pensar na sua lista de coisas a fazer antes de morrer, mudei a abordagem.

— Bem, isso é algo para fazermos quando você estiver melhor e fora do hospital.

Jeremy parecia triste e olhou para sua cama.

— Isso me assusta um pouco, sabe? Sair daqui… não quero acabar em algum tipo de centro para garotos da minha idade.

Dei a Jeremy um sorriso insolente. Eu estava planejando isso pelos últimos quatro dias. Parecia o certo.

— Quando você estiver melhor, gostaria de morar comigo? Você podia ficar lá em casa, voltar para a escola, e, quando estiver pronto, ir para sua própria casa. Não vou permitir que você seja um sem teto, Jeremy. De jeito nenhum.

— Você está falando sério?

Balancei a cabeça.

— Mais sério do que nunca.

Tão rápido quanto seu sorriso surgiu, ele desapareceu e Jeremy balançou a cabeça.

— Não posso. Você já tem trabalho suficiente sem ter que lidar com um adolescente pendurado em você. Não seria justo. E o *seu estranho*? Ele pode não gostar de me ver vivendo com você.

Devo admitir, o pensamento passou pela minha cabeça, mas, no fim, isso não importou.

Agarrando sua mão, apertei-a.

— Não seja bobo, Jeremy. Se ele não ficar feliz, ele pode ir embora e encontrar outro apartamento para comer biscoitos e trocar as coisas de lugar. — Eu ri. — Será divertido. Eu tenho um quarto que uso como escritório, mas podemos comprar-lhe uma cama. Posso levar minhas coisas de trabalho para o meu quarto. Há muito espaço lá. — Quando ele não disse nada, mordi meu lábio. — Vamos lá, Jeremy. Quero você comigo. Quero que você saiba que tem alguém. Estou aqui por você, agora. Eu lhe disse que você não se livraria de mim tão facilmente. — Dei-lhe o meu sorriso insolente e ele finalmente sorriu.

— Bom, vou ficar com você, mas com uma condição. Você precisa se comportar. Não posso lidar com você entrando sorrateiramente em meu quarto à noite, não importa o quão irresistível você me ache.

Eu ri, colocando a mão sobre meu coração.

— Prometo.

Ouvir o que Jeremy tinha acabado de dizer sobre entrar sorrateiramente em seu quarto me fez pensar sobre o meu estranho. Pergunto-me se ele tinha estado em meu apartamento, se ele tinha ficado frustrado, sem saber onde diabos eu estava. O pensamento me fez sorrir.

— Puta merda! — Jeremy gritou. Levantei minha sobrancelha para ele, que apenas deu de ombros. — Você tem que admitir, este é definitivamente um momento puta merda.

Eu sorri.

— Sim, acho que eu tenho que concordar com você nisso.

De repente, Jeremy se sentou.

— Agora que nós vamos ser colegas de apartamento, você vai me contar sobre Dean?

Minhas costas se endireitaram e meus olhos se arregalaram.

— Como diabos você sabe sobre ele?

Jeremy sorriu.

— Pouco antes de você acordar, você gemeu e sussurrou *Dean*. Eu percebi que queria dizer algo para você. É alguém importante para você?

Eu me encolhi. É claro que ele era importante para mim. Ele era o mundo para mim. Ele foi meu primeiro amor, então desapareceu sem deixar rasto. Algo que acho que nunca vou superar. Dei de ombros.

— É complicado.

Jeremy não estava acreditando.

— Complicado porque você ainda tem sentimentos por ele? — Quando eu não disse nada, ele revirou os olhos. — Ah, vamos lá, Tyler. É comigo que você está falando. Não finja que não posso ver o que está realmente acontecendo. Conte-me. Qual é a história?

Suspirei, mas aceitei o fato de que Jeremy era agora uma parte de mim e, provavelmente, sabia mais sobre mim do que qualquer um. Eu confiava nele implicitamente e esperava que ele sentisse o mesmo com relação a mim.

Ajeitando-me em meu lugar, comecei a minha história.

— Bem, quando eu era pequena, morava em Buckinghamshire. Meu melhor amigo era um

menino chamado Ian. Quando passei para o segundo ano da escola, Dean chegou. Nós éramos inseparáveis. Crescemos juntos, brincamos juntos, passamos pela puberdade juntos. Nós tínhamos uma conexão, um vínculo forte que achei que duraria até o dia em que morrêssemos.

Jeremy rapidamente cortou.

— O que aconteceu? — Ele parecia realmente interessado e isso me fez sorrir. Mas também me fez ficar um pouco triste por tudo que eu havia perdido.

— Como eu disse, nós crescemos juntos e éramos muito próximos, mas Dean e eu tínhamos uma ligação ainda maior. — Vi Jeremy levantar a sobrancelha. — Não era assim, Jeremy. Ele sempre foi um cavalheiro. Ele dizia que queria ficar comigo, mas esperaria que eu crescesse. — Jeremy sorriu. — Para com isso! Por que tudo tem que ter maldade com você? — brinquei.

Jeremy balançou a cabeça com um sorriso.

— Brincadeira. Por favor, vá em frente. Eu quero ouvir o resto.

Eu vi o quão sério ele estava, então continuei.

— Dean deixou suas intenções claras. Ele mesmo sugeriu casamento e flores…

— Flores?

Balancei a cabeça.

— Sim, flores. Ele dizia que eu era o tipo de mulher que deveria receber uma flor a cada dia, ao chegar em casa, e que ele faria isso quando nos casássemos. Ele esperou por mim e, quanto mais ele esperava, mais eu queria que se tornasse real. Eu o amava, Jeremy. Sei que parece loucura, mas é algo que…

— Que você nunca vai superar — finalizou Jeremy.

Eu sorri, mas acenei.

— Sim, exatamente.

— Então o que aconteceu? Quer dizer, algo deve ter acontecido; caso contrário, você o teria mencionado. Nem uma vez você falou no nome dele. Se não fosse por esse sonho, acho que eu jamais saberia quem ele era.

Sorri, pensando em como ele era perspicaz para alguém tão jovem.

— Eu ainda sou muito amiga de Ian. Nunca perdemos o contato. Fomos para a escola, universidade… tudo juntos. E, agora, trabalhamos no mesmo jornal.

— Mas Dean?

— Dean desapareceu, um dia. Ele e sua família sumiram, sem falar uma palavra. Dean tinha me avisado que isso poderia acontecer, mas nunca imaginei que aconteceria mesmo. Ele me prometeu que voltaria para mim, caso isso acontecesse, mas ele nunca mais voltou. Desde este dia, não sei por que ele sumiu, ou ainda, por que ele nunca mais voltou como deveria. Como eu disse, ele foi meu primeiro amor e alguém que achei estar destinado a passar o resto da minha vida.

— Você e ele… — Jeremy perguntou com um sorriso.

— Não. — Sorri de volta. — Mas era o que aconteceria quando eu fizesse dezesseis anos. Ele estava determinado a esperar por mim…

— Então, ele se foi antes que você completasse dezesseis anos?

— Não, só depois.

— Então, vocês nunca tiveram oportunidade.

— Não.

— Então, com quem você perdeu?

Suspirei.

— Depois que fiz dezoito anos, fomos para a casa de um amigo. Foi uma grande festa, todo

mundo estava comemorando os resultados do fim do semestre. Eu estava um pouco bêbada e conheci um cara. Nos demos bem de imediato. Seu nome era Dillon e eu gostei dele porque ele era meio misterioso. Alcoolizada, falei para ele que eu era virgem. Ele ficou chocado, acho que todas as meninas da minha idade já tinham saído com alguém. Eu era uma exceção. Bem, uma coisa levou a outra. Ele ofereceu, eu aceitei e o resto é história.

— Foi bom? — ele perguntou, animado.

Estremeci um pouco, lembrando que foi um pouco doloroso.

— Foi como eu esperava para minha primeira vez, mas Dillon era incrivelmente delicado. Ele foi paciente e amável, tornando todo o processo mais agradável do que eu poderia ter imaginado. — Por que diabos eu estava lhe contando isso eu não fazia ideia.

— Então, o que aconteceu com Dillon? Se viram outra vez? Tiveram um relacionamento?

Balancei minha cabeça.

— Não. Nunca mais soube dele, mas eu fiquei bem. Dillon me deu aquilo que eu estava querendo e, se tivesse que fazer tudo de novo, eu faria. Preferi que fosse com alguém por quem eu não tinha sentimentos. — Suspirei, afundando em minha cadeira. Olhei para cima e encontrei os olhos de Jeremy. — Por que estou lhe dizendo tudo isso? — perguntei com uma risada.

Jeremy deu de ombros.

— É fácil contar todos os seus segredos para alguém que você sabe que não vai julgá-la. Esse é o problema com os amigos, às vezes. Uma vez que eles sabem tudo sobre você, eles julgam tudo o que você diz e faz. Eles sempre têm conselhos e sempre querem se meter.

Vi a expressão de Jeremy e soube que ele havia sido magoado por alguém.

— Eu entendo o que você quer dizer, Jeremy, mas nem todas as amizades são assim. Você pode ter amigos para compartilhar experiências e oferecer consolo quando necessário, sem controle ou julgamento. Qualquer um que queira julgar sua vida não é verdadeiramente seu amigo. — Me mantive em silêncio por um tempo, me perguntando se deveria perguntar mais sobre isso. — Alguém te magoou, Jeremy?

Ele olhou para baixo e acenou.

— Sim. Seu nome era Stuart e ele era o filho de um dos pais adotivos que ficaram comigo. Tínhamos mais ou menos a mesma idade e nos tornamos amigos muito rapidamente. Senti como se, finalmente, tivesse encontrado alguém em quem pudesse confiar. O problema era que ele só estava me usando como bode expiatório. Sempre que ele fazia algo errado, ele me culpava. Eu ficava me perguntando por que era acusado de coisas que não havia feito. Na terceira vez, ele roubou dinheiro dos pais e disse que eu havia pego a bolsa da sua mãe. Quando seus pais me falaram que Stuart havia me pego no flagra, percebi o que ele estava fazendo. Ele nunca foi meu amigo.

Coloquei minha mão sobre a dele.

— Sinto muito por ouvir isso, Jeremy. Espero que Stuart tenha seu castigo no final. Ele nunca foi digno da sua amizade e espero que você perceba isso. Também espero que você perceba que nem todo mundo é como Stuart. Eu nunca, jamais, o machucaria intencionalmente ou faria algo para entristecê-lo. Você tem a minha palavra sobre isso.

Jeremy sorriu e puxou minha mão.

— Você parece cansada. Por que não vai para casa e dorme um pouco? Podemos os dois dormir um pouco, e você pode vir me visitar amanhã de manhã. A menos, claro, que você precise ir para o trabalho.

Balancei a cabeça.

— Não. Tenho trabalhado daqui do hospital pelos últimos quatro dias. Amanhã já é sexta. Posso

muito bem tirar a semana de folga. — Abri um grande sorriso. — Tem certeza de que vai ficar bem? — Embora estivesse exausta, o choque dos últimos quatro dias estava cobrando seu preço, eu não queria deixá-lo. Ver Jeremy caído no chão me fez sentir completamente impotente, abalada e confusa.

Ele balançou a cabeça.

— É claro. Isso lhe dá uma desculpa para me trazer salgadinhos amanhã. — Ele piscou com um sorriso travesso.

— Ok — respondi, ainda um pouco insegura. — Por favor, me chame se acontecer alguma coisa. Eles me disseram que você me indicou como seu parente mais próximo, na manhã do seu aniversário. Senti-me tocada.

Jeremy me deu um sorriso tímido.

— Puta merda! Me sinto feliz por ter tocado em você.

Engoli em seco.

— Jeremy, pare com isso agora.

Jeremy riu e não pude deixar de rir com ele.

— Sinto muito. Não pude evitar. Você cai na pilha tão fácil. Viver com você vai ser divertido.

Olhando para Jeremy, vi uma pitada de felicidade pela primeira vez. Ele parecia praticamente radiante. Com esse pensamento em mente, eu estava determinada a me certificar de que ele lutaria pela sua vida, porque agora ele me tinha para lutar com ele.

Assim que me levantei, Rachael se aproximou.

— Parece que estamos muito melhores agora — ela o repreendeu divertidamente.

Concordei.

— Ah, sim. Ele está, definitivamente, melhorando. — Rolando os olhos, balancei minha cabeça.

— Ela me ama secretamente — Jeremy sussurrou para Rachael.

Eu ri e olhei para Rachael.

— Vou para casa. — Fiz uma careta para ele. Ele e Rachael riram quando eu agarrei o meu casaco.

— Se ele precisar de mim para qualquer coisa, não importa a hora, me liga. — Rachael assentiu e Jeremy revirou os olhos.

— Estou bem aqui, sabia? Posso ouvir tudo o que você diz.

Eu me encolhi.

— Sinto muito. É que me preocupo com você. Eu não quero ver você assim de novo.

Ele viu as lágrimas em meus olhos e seu rosto se suavizou.

— Eu sei. Eu realmente não quero que isso aconteça novamente.

Respirei fundo, tentando controlar meus sentimentos.

— Bem, estamos todos de acordo, então. — Me inclinei sobre a cama de Jeremy e dei um beijo suave em sua testa. — Durma bem, vejo você amanhã. — Virei e comecei a ir embora.

— Com meus salgadinhos! — ele gritou.

Com um aceno, eu ri e caminhei para fora da porta.

— Com os salgadinhos.

Quando cheguei do lado de fora, o ar frio da noite me envolveu e eu cerrei os dentes. Estava escuro e frio, e eu só desejava chegar em meu carro. Os últimos quatro dias tinham sido bem difíceis e, agora, tudo o que eu queria era deitar.

Entrei no carro e dei a partida. Liguei o aquecedor e segurei o volante com uma respiração profunda. Eu não queria perder o controle aqui. Eu não podia. Precisava chegar em casa, primeiro. Eram apenas nove da noite, mas não me importava. A primeira coisa que eu faria, ao chegar, era

tomar um banho e ir direto para a cama.

E foi exatamente isso que eu fiz.

Capítulo 30

JAIMIE ROBERT

Dean

"A vingança é estéril.
É o alimento terrível que alimenta.
Seu prazer é assassinato e seu fim é desespero.

Friedrich Schiller

Eu estava irritado, querendo saber onde ela esteve nos últimos quatro dias. Estive até nos arredores da casa dos pais dela, me perguntando se ela havia descoberto quem eu era e decidido fugir para o lugar mais seguro que podia pensar. No entanto, uma parte de mim não acreditava que Tyler era o tipo de garota que corre e se esconde. Ela é daquelas que enfrenta tudo de frente. Eu sabia disso porque ela era a garota por quem me apaixonei no passado. A garota com quem achei que fosse me casar. A garota que me transformou na aberração que eu sou. Tyler não se deu conta de que eu teria dado a ela qualquer coisa que ela me pedisse. Ela nunca ficaria sozinha nem sentiria medo, nunca passaria vontade. Eu poderia dar a ela qualquer coisa que ela quisesse, mesmo que fosse o seu sonho mais selvagem. Mesmo que ela quisesse ver as estrelas de perto, no espaço. Eu teria ido ao inferno para dar a ela. A única coisa que teria pedido em troca era seu amor, afeto, lealdade completa e absoluta. Não acho que isso era pedir demais. Agora, eu sou um homem incapaz de amar. Um demônio que feria e destruía. Uma besta em busca de vingança.

Eu estava ficando impaciente. Queria saber onde ela estava e com quem estava. No final, acabei indo para o seu apartamento um pouco mais cedo do que o normal, só para que eu pudesse tomar uma decisão sobre o meu próximo passo, se ela não estivesse lá. Peguei o Vanquish hoje à noite para dar um descanso ao Dodge. Eu tinha vindo até aqui muitas vezes naquele carro. Era melhor permanecer evasivo em minhas ações. Eu não queria tornar-me demasiado previsível.

Estacionei em minha vaga e subi as escadas. Meu coração batia forte, sem saber o que encontraria. Eu não queria sentir novamente a decepção de encontrar um apartamento vazio, que não era utilizado há dias.

Virando a chave cuidadosamente, puxei meu capuz e abri a porta. Estava tudo escuro, então achei que ela não estava em casa. Mas, logo a seguir, vi sua bolsa, casaco e chaves, e soube que ela estaria em algum lugar. Fechei a porta o mais silenciosamente possível e segui para o quarto dela. Parei em frente à porta e, quando a abri, o que vi me assustou. Tyler estava deitada na cama, usando uma camisola. Ela estava enrolada em uma bola, segurando alguns lenços. Ela tinha chorado. Uma parte de mim queria correr até ela, pegá-la em meus braços e dizer-lhe que tudo ia ficar bem. Eu, aquele que queria machucá-la, de repente desejava protegê-la do horrível mundo exterior? O que havia de errado comigo? Eu precisava colocar a cabeça no lugar. Por um momento, achei que, talvez, eu devesse sair. Na verdade, me virei para fazer exatamente isso, quando ouvi sua voz.

— Por favor, me abrace — ela sussurrou, com um gemido em sua voz. Meu corpo todo ficou tenso, os dentes cerrados, e meu coração bateu forte com o pensamento de que Tyler precisava de mim. É claro que ela precisava de mim. Era isso que eu tinha planejado o tempo todo. Mas por que ela estava aqui, depois de ter sumido por dias? Por que ela estava chorando? Quem diabos fez isso com ela?

Contra o meu melhor julgamento, caminhei até a cama de Tyler e deitei ao lado dela. Ela enrolou-se na curva do meu corpo, e eu imediatamente senti aquele cheiro familiar da sua loção de coco. Eu não consegui evitar. Meu pau reagiu. Ele sempre fazia isso quando estava ao lado dela.

— Onde você estava? — perguntei severamente.

— Não quero falar sobre isso. Por favor, você pode apenas me abraçar?

Meu estômago queimou com a ideia de que alguém tinha feito mal a ela.

— Algum filho da puta te machucou? — perguntei sem pensar. Parecia que eu estava me importando, quando não deveria me importar. Eu não deveria querer matar quem chegasse a meio metro dela. Eu não deveria dar a mínima para essa merda, mas, por algum motivo, um demônio despertou dentro de mim. Pude sentir a raiva me atingir, só de pensar em outro homem tocando nela, ousando se aproximar, machucando-a. Se alguém tivesse que atender a esse tipo de desejo, esse alguém era eu. Eu não deveria querer protegê-la, nem cuidar dela e, muito menos, pegá-la nos meus braços e não deixá-la mais ir.

— Ninguém me machucou — ela sussurrou novamente. O jeito que ela falou me mostrou que seu coração estava partido. Era muito difícil de ouvir. Eu estava prestes a perguntar-lhe o que aconteceu, quando ela se virou para mim. Ela tentou, mas não conseguiu ver o meu rosto. Eu podia ver os olhos cintilantes tentando me encontrar no escuro.

— Beije-me — ela murmurou. — Por favor.

Instantaneamente endureci. Eu queria beijá-la, mas sabia que, na hora que eu fizesse isso, estaria perdido. Sabia como era beijá-la e jurei que não me colocaria nessa posição novamente.

— Beije-me — ela implorou novamente, agarrando a minha blusa. Eu sabia que havia algo de errado com ela. Ela estava com dor e estava me matando vê-la assim.

Porra, eu precisava retomar o controle.

Quando não respondi, ela me abraçou mais apertado.

— Não — finalmente consegui dizer. Imediatamente, ela me soltou, e não sei por que senti uma súbita decepção me nublando.

— Se você não vai me deixar beijá-lo, deixe-me ver algo de você. Qualquer coisa. Por favor.

Eu ia dizer que não, mas pensei a respeito por um momento. Será que ela realmente iria descobrir quem eu sou só de ver uma parte minha? Eu tinha dito que não antes, mas não consegui encontrar forças em meu coração para negar-lhe isso.

Afastando-me dela, levantei minha blusa, para descobrir minhas costas. Por um momento, ela não se moveu, mas depois senti que ela saiu da cama e abriu a cortina um pouco. Com a lua brilhando em minhas costas, ela poderia ver os contornos fracos das minhas tatuagens.

Senti a cama ceder e Tyler lançando-se em minhas costas para tocá-las. Ela me surpreendeu, beijando cada uma e, puta merda, fez meu pau ficar duro.

Ela traçou o contorno da minha tatuagem de dragão.

— Eles estão lutando? — ela perguntou em voz baixa.

— Sim — respondi, sentindo seus dedos trilharem cada um.

— Por quê?

Suspirei, querendo saber se deveria responder a ela.

— Porque eles representam o bem contra o mal.

— Eles representam você?

Fiquei tenso. Não tinha certeza de que mostrar as tatuagens era uma boa ideia, e menos ainda se deveria dizer-lhe o que elas representavam.

— Sim — finalmente respondi.

— Você acha que existe o bem e o mal em você?

— Não. Não acho que haja qualquer coisa boa em mim. Acho que o dragão escuro ganha sempre.

— Não acredito — ela falou com a voz séria. — Não acredito que você seja mau.

Não estava gostando de para onde isso estava indo. Não gostava do fato de que ela estava tentando enxergar minha alma e ver bondade em mim. A bondade estava tão longe da minha vida, há tanto tempo, que não tinha mais como voltar.

— Um dragão é capaz de amar, assim como eu sou capaz de amar um dragão — ela sussurrou baixinho.

Merda, ela não estava insinuando que ela me amava, estava? Fechei os olhos.

— Você nunca poderia me amar, Tyler. Eu sou um demônio.

— Demônios não podem amar? — ela perguntou.

— Não.

— Por que não?

— Porque um demônio não tem amor a oferecer.

Ouvi-a suspirar baixinho.

— Eu não acredito em você — ela sussurrou novamente. — O que isso representa?

Senti seus dedos em minha tatuagem de lótus, no meu ombro.

— É uma flor de lótus.

— Ah — disse ela, com um ar de reconhecimento. — Porque você é o Lótus. O que isso representa?

Eu meio que sabia que ela iria perguntar, então lhe dei a resposta honesta. Certamente não era exatamente o que ela representava.

— A flor de Lótus nasce das águas barrentas.

Senti seu dedo parar de me tocar por um momento.

— Você é uma riqueza de contradições. Primeiro, você diz que você não tem nada de bom em você, então você me dá símbolos de ascensão das águas barrentas. Você quer dizer que você nasceu das águas turvas? Se foi, tem que ter bondade em você. Um dia, você vai virar flor, Lótus. Um dia, você vai sair dessas águas turvas.

De repente, fiquei irritado com ela.

— Você não sabe nada sobre mim, Tyler. Sugiro que você pare de tentar me analisar, porra. Já lhe disse que não tenho amor para dar. Nós trepamos. É isso que existe entre mim e você.

Senti Tyler recuar e imediatamente me arrependi de ser duro com ela. Eu não podia deixá-la me desvendar. Não podia deixá-la ver meu antigo eu. Achei que ela ficaria com raiva e mal-humorada, então fiquei surpreso quando ela continuou a passar seu dedo em minhas costas.

— O que isso significa?

Seu dedo estava curvo das minhas costas. Eu sabia que ela estava tocando a caligrafia japonesa.

— É faixa preta em japonês.

Ela parou o toque e ouvi um pequeno suspiro.

— Você é faixa preta em caratê?

— Sim, e em Tae Kwon Do.

A seguir, Tyler estava traçando seu dedo por todo o caminho até o outro ombro. A única tatuagem que estava escondida de sua visão. E eu não podia deixá-la ver o que era.

— Por que não posso ver seu outro ombro?

Eu sabia que ela perguntaria e soube, então, que sua inspeção em minhas tatuagens tinha acabado. Puxando o moletom de volta, suspirei.

— Feche a cortina, Tyler.

Eu sabia que estava cortando-a, mas não me importei. Ela estava ficando muito perto da minha zona de conforto agora. A tatuagem que ela estava tão desesperada para ver foi a primeira que eu fiz, pouco antes de os meus pais morrerem. Era um par de asas de anjo com o nome de Tyler no meio. Tive que fazer por ela. Queria mostrar a ela assim que voltasse, para que ela visse o quanto significava para mim.

— Por que você não se abre para mim?

— Por que você não me diz por que estava chorando quando cheguei?

Ela parou de falar, assim como eu sabia que ela faria. Dois poderiam, obviamente, jogar esse jogo. Ela levantou-se, fechou a cortina e voltou para a cama.

Eu ia virar para encará-la, mas senti suas mãos tocarem debaixo da minha camisa, acariciando minhas costas.

— Obrigada por me mostrar suas tatuagens — ela murmurou e eu sabia que ela estava mudando de tática. Ela queria que eu trepasse com ela e, é claro, eu daria o que ela queria.

— Você gozou dentro de mim — ela disse, esfregando as mãos para cima e para baixo nas minhas costas.

Meus lábios se curvaram em um sorriso.

— Estou limpo, você não precisa se preocupar.

— Eu sei — ela respondeu. — Fiz o teste.

Eu queria perguntar como ela poderia ter feito isso tão rapidamente, mas seus pais tinham tantas conexões quanto eu.

— É por isso que você esteve se escondendo de mim nestes últimos dias, porque estava com raiva?

Ela riu e arranhou minhas costas. Porra, esta mulher fazia coisas para mim que eu gostaria que ela não fizesse.

— Não. Onde estive não tem nada a ver com você.

Sua resposta me irritou e chateou. Eu a tinha deixado escapar e não deixaria isso acontecer novamente. A partir de agora, se eu não estivesse tomando conta dela, me certificaria de que outra pessoa estava.

De repente, Tyler saiu da cama. Ela se ajoelhou na minha frente, olhando para cima, em direção ao meu capuz. Com a mão direita, ela estendeu a mão para pegar no meu zíper.

Por instinto, a minha mão reagiu, segurando-lhe o pulso com força. Pude ver a dor e o choque nos seus olhos, mas ela estava ousando assumir o controle. Eu não podia deixar isso acontecer.

— Por favor — disse ela, olhando para mim. — Quero agradá-lo. Eu preciso disso.

Vi a dor em seus olhos e, por alguma razão, não consegui dizer não. Em vez disso, eu afrouxei meu aperto, fazendo-a sorrir timidamente para mim.

Com um puxão no meu zíper, ela me libertou. No momento em que ela o fez, senti um alívio enorme. Eu vinha querendo o toque dela há muito tempo, agora. Admiti para mim mesmo que eu precisava disso tanto quanto ela.

Colocando a língua para fora, Tyler lambeu delicadamente a ponta do meu pau. Eu gemi um pouco, desesperadamente querendo que ela continuasse. Acariciando seus cabelos, agarrei-a com força e ouvi um gemido escapar dos seus lábios. Tinha passado tantos dias que eu tinha esquecido que Tyler gostava de mais brutalidade.

Tyler chupou todo o comprimento do meu eixo. Fiquei impressionado que ela poderia engolir tanto. Só de pensar nisso, quase gozei e de jeito nenhum eu gozaria em sua boca hoje.

Tyler continuou provocando-me com a porra da língua deliciosa. Ela arrastou-a para cima e para baixo em meu eixo, antes de chegar à ponta. Com um movimento, ela mergulhou no meu pau com prazer. Por um tempo, relaxei e deixei-a ficar no centro do palco. Segurei seu cabelo com força e guiei-a para baixo, sentindo a necessidade de fazê-la engolir o máximo possível.

Quando estava perto de gozar, agarrei seu cabelo e a afastei.

— Pare. — Respirei pesadamente. — Levante-se — pedi. Ela fez como lhe foi dito e olhei sua camisola. Seus seios eram lindos, cobertos pelo tecido e os mamilos lutavam contra ele. — O que eu disse a você sobre usar coisas na cama? — perguntei. Ela ia responder, mas não lhe dei chance. Em vez disso, rasguei o tecido em seu corpo, observando-o quando caiu no chão. Tyler olhou para mim com luxúria em seus olhos arregalados. Ela não conseguia acreditar que eu tinha feito isso, mas ela adorou que eu o tenha feito.

— Viu, é essa merda que acontece quando você usa algo na cama. Agora você sabe o que acontecerá na próxima vez. — Olhei seu belo corpo. Tyler nunca foi uma garota magra, mas amei isso nela. Ela tinha curvas em todos os lugares certos, e os peitos eram do tamanho perfeito. Nem muito pequeno nem muito grande.

— Vire-se — pedi novamente. — Ande para trás, de costas para mim. — Ela fez como instruído e eu acariciei seu traseiro. Isso era outra coisa para admirar nela. A bunda de Tyler era redonda e perfeita. Tudo em Tyler era perfeito.

Passando minhas mãos em volta da sua cintura, viajei em direção aos seus seios. Peguei um em cada mão e belisquei seus mamilos. Ela jogou a cabeça para trás e gemeu.

— Eu me pergunto se você está molhada para mim, Tyler. Gostaria de saber se está tão encharcada para mim como acho que você está. — Continuei a beliscar e massagear seus seios. Ela estava praticamente balançando sob o meu toque. Ela sofria por uma libertação que somente eu poderia dar a ela.

Ouvi-a murmurar algo ininteligível quando minha mão vagou para baixo do seu estômago e, em seguida, para sua boceta. Meu dedo abriu os lábios quando mergulhei mais fundo para encontrá-la molhada e inchada para mim.

— Está sempre molhada para mim. A. Porra. Do. Tempo. Todo — eu disse, mergulhando meu dedo dentro dela. Ela resistiu, inclinando-se um pouco e empinando a bunda na minha frente.

Meu pau pulsou, quase como se estivesse cheirando-a, procurando seu calor úmido como um radar. Eu queria agarrá-la e mergulhar profundamente dentro dela. Em vez disso, manobrei minha mão e toquei-a por trás. Mergulhei um dedo dentro e fora, estocando sua boceta. Tirando o dedo, toquei mais para cima da sua boceta, encontrando seu clitóris. Agarrei-o suavemente, e ela quase caiu com o meu toque. Porra, eu amava sua reação a mim. Adorava que ela estava sempre tão em sintonia comigo. Adorava que ela precisasse da minha misericórdia.

— Você ama quando eu toco na sua bocetinha, não é, Tyler? — Ela gemeu e eu esfreguei ainda mais o seu clitóris. — Não ama?

— Sim — ela respondeu sem fôlego. — Lótus, por favor. Preciso de você dentro de mim. Preciso sentir você.

Ignorei seus apelos e continuei. Assim que meus dedos ficaram molhados o suficiente, levei-os em direção à sua bunda. Ela ficou tensa no início, mas depois, ao lembrar da outra vez, relaxou e se curvou para mim. Encarei isso como permissão e mergulhei um dedo em seu ânus. Ela gemeu novamente, dando-me o seu prazer. Meu pau doía. Estava quase insuportável resistir.

Puxando meu dedo, agarrei seus quadris e posicionei meu pênis.

— Última chance, Tyler. Eu posso colocar uma camisinha, mas…

— Por favor — ela implorou, interrompendo-me. — Apenas me come.

Sorri para o seu apelo, mas não quis esperar mais.

— Como quiser — eu disse e mergulhei meu pau nela. Tyler gritou, e meu pau praticamente sentiu o calor da sua boceta molhada o envolver. Sua vagina se apertou um pouco e não pude segurar o grunhido que me escapou.

Elevando os quadris, Tyler subiu e desceu no meu pau, tentando tomar o controle quando ela me montou. Eu a deixaria fazer isso por um tempo, mas sabia que não seria capaz de durar muito tempo. Eu gostava de estar no controle. Era tudo que eu conhecia desde a morte dos meus pais.

Quando Tyler abriu as pernas um pouco, senti-a se abaixar para acariciar minhas bolas. Foi quando percebi que precisava tomar o controle de volta.

Eu reagi rapidamente, segurando-a no lugar em cima do meu pau. Ela gemeu em frustração, mas rapidamente eu tinha a sua rendição enquanto acariciava seu clitóris e seus seios. Ela tentou mover-se novamente, mas a parei. Eu precisava ser o único a dominar.

Continuando a minha fricção, senti Tyler gritar enquanto seu orgasmo estava se aproximando. Sem tempo a perder, agarrei seus quadris e forcei-os para cima e para baixo no meu pau. Fiz ela me montar rápido, sua respiração ofegante e os gemidos tornando-se fora de controle.

— Lótus — ela gritou gemendo e se contorcendo embaixo de mim. — Me morda — disse ela.

Seu pedido quase me chocou, mas este era o lado selvagem de Tyler saindo. O lado que desejava ser fodida implacavelmente e tratada com deboche.

Firmei-a com uma mão e puxei seu cabelo para trás com a outra. Tyler gritou, quando a puxei de volta para mim.

— Você quer que eu te morda? — sussurrei em seu ouvido. Ela gemeu de novo assim que agarrei seu cabelo. — O que você diz, Tyler? Que porra você precisa me dizer? — Agarrei seu cabelo com mais força, fazendo-a tremer e gemer ainda mais alto.

— Me morda, por favor — ela implorou, e eu quase gozei dentro dela naquele momento.

Levando minha mão até seu peito, continuei seguindo até chegar em seu queixo. Puxei sua cabeça para trás e agarrei seu pescoço. Chupei-o e ela gemeu, desesperada para se mover mais rápido, mas também para sentir minha boca sobre ela. Quando ela me montou, desci um dedo até seu clitóris. Tyler gritou e senti seu aperto em meu pau. Fechei os olhos, chupando mais forte em seu pescoço, sabendo que estava prestes a gozar.

Tyler gritou e eu a segurei com mais força, mergulhando meu pau dentro dela. Ela me deixou estabelecer o ritmo novamente, quando o prazer pulsante da sua vagina apertou meu pau. Pude sentir a pressão crescente em minhas bolas. Permiti o prazer se formar enquanto eu a guiava para cima e para baixo, grunhindo.

Gemendo, senti que gozei dentro dela. Meu pau bombeou a minha libertação sem parar. Tyler gemeu novamente, enquanto empurrei mais uma vez contra ela.

Deixando minhas mãos de lado, Tyler caiu sobre mim, descansando no meu pau. Fechei os olhos, respirando fundo e desfrutando do orgasmo inesquecível. Não sabia como, mas ela sempre me deixava louco.

Sabendo que eu não podia ficar por aqui, bati na bunda dela para que ela se movesse. Tyler gemeu um pouco, mas entendeu o recado. Levantando-se, ela fez uma careta, me fazendo querer perguntar se ela estava bem. Por que diabos eu deveria me importar se ela estava bem? A mulher era uma bruxa, que jogava seu feitiço vodu nas pessoas e eu não podia deixá-la me enfeitiçar. Ela não me prenderia como fez por todos aqueles anos. Eu era fraco e vulnerável naquela época. E também estava apaixonado. Envolvido cegamente por uma boceta. Mas não mais. Eu não permitiria.

— Você vai me deixar agora, não é? — ela sussurrou deixando transparecer uma leve tristeza em sua voz.

— Você conhece as regras, Tyler. O que você quer me dizer com isso? Que não quer mais aproveitar o que temos feito? Que não quer mais satisfazer seus desejos sombrios.

Ela riu e não pude deixar de virar para olhar para ela. Tyler estava incrível, deitada em sua cama, completamente nua e minha. Minha. Para. Sempre. Porra. Ela não precisava dizer nada. Só a sua presença era suficiente para fazer meu corpo vibrar com a necessidade, meu pau bombear com sangue e minha cabeça ficar em agonia. Uma parte de mim queria voltar no tempo e esquecer tudo o que aconteceu. Tomar Tyler em meus braços e dizer que tenho entrado sorrateiramente em seu quarto pelos últimos três anos. Eu sempre estive em sua vida, de uma forma ou de outra. Ela não sabia, mas cresci basicamente com ela e com Ian. Eu nunca desapareci como ela assumiu. Eu tinha estado mais ao lado dela do que ela podia imaginar.

— Eu só queria que você ficasse um pouco mais — ela ronronou, me dando a visão do contorno perfeito do seu corpo. Vi quando seus cabelos se espalharam ao redor dos seus ombros, deixando seus seios maiores. Vi a curva da sua cintura, quando ela virou o seu corpo e, em seguida, novamente quando seus quadris gritaram para eu agarrá-los.

De jeito nenhum. Ah, não, pequeno Dean. Você não vai deixar seu feitiço envolver você agora. Vá! Vá antes que você cometa um erro enorme.

Fechei meu zíper e levantei, notando Tyler ainda deitada em sua cama. Ela me viu seguir para a saída e fez beicinho.

— Sem mau humor, Tyler. Voltarei para te dar mais. Pode ter certeza.

— Você é uma provocação — ela sussurrou enquanto eu me dirigia para a porta.

Deixei escapar uma risada áspera.

— Você é a provocação, Tyler. Você está deitada na cama, parecendo uma porra de uma deusa do sexo. Como você pode esperar que eu não queira trepar com você de novo?

Levantando-se da sua posição, Tyler virou-se para mim, abrindo um pouco as pernas para que eu pudesse ter uma visão melhor. Não consegui evitar. Grunhi. Meu pau inchou e meu coração acelerou enquanto eu olhava para o seu corpo nu. Quando ouviu meu grunhido, Tyler estremeceu e abriu aquele sorriso sexy dela. Fechando os olhos, ela fez um barulho de satisfação, gemendo enquanto seus olhos procuravam meu rosto.

— Por que não me come de novo? Trepa comigo do jeito que você quiser, Lótus. Por que você não vem até aqui e me come de novo? Quero que você me foda. Você pode me foder com força, como você sabe que eu gosto.

Que. Porra. É. Essa?

Que merda era essa que ela queria fazer comigo? Será que ela não sabe que botões está apertando? Ela não conseguia ver o demônio escondido dentro de mim? Aquele que queria violentar, machucar e devorá-la até que não tivesse mais nada?

Apertando minhas mãos firmemente, grunhi de novo. Tyler deixou escapar um pequeno suspiro, e eu sabia que ela estava molhada. Eu só tinha que estar no mesmo lugar que ela e era o suficiente

para que sua boceta latejasse. Ela era a porra de um diabo disfarçado.

Fechei os olhos e tentei desesperadamente me acalmar. Não importava o quanto meu corpo ansiava por tomá-la de novo, não importava o quanto meu pau latejava em protesto, eu não podia deixá-la ganhar. Eu estava no controle, não ela.

Respirei fundo e, então, abri meus olhos novamente, tentando não olhar muito para ela. Eu sabia que, se fizesse isso, eu cederia.

Então, tentei usar uma postura mais brincalhona.

— Você não pode ter muito de uma coisa boa, Tyler. Boa noite.

Saí acenando e desci as escadas. Eu estava com um tesão da porra. Eu não conseguia mais ter o suficiente quando se tratava de Tyler. O que eu disse tinha um pouco de verdade. Se você tem muito de algo bom, você passa a ser complacente com aquilo. Jamais quero que Tyler seja complacente comigo. Queria mantê-la na ponta dos pés, implorando por mais.

Sempre implorando por mais.

Quando me aproximei do Vanquish, peguei meu telefone para ligar para Jimmy.

— Oi! E aí, chefe? — Ouvi seu rude sotaque londrino quando entrei no carro.

— Preciso que você faça um outro trabalho.

— Ok. Com quem você quer que eu acabe?

Rangendo os dentes, balancei a cabeça. Pensar em Jimmy encostando em Tyler me encheu de raiva.

— Não quero que você acabe com ninguém. Quero que você vigie alguém para mim, por um tempo.

— Me passe os detalhes.

Suspirei. Eu não queria dividir Tyler com ninguém, mas não poderia estar em vários lugares ao mesmo tempo, e eu precisava saber o que ela estava fazendo durante o dia. Por que ela tinha ficado sumida por uma semana, e quem foi que a perturbou. Se eu descobrisse que alguém a havia machucado, eu arrancaria a porra do seu coração fora e daria para os cães comerem.

— Vou enviar-lhe uma foto mais tarde, mas, por agora, preciso que você esteja neste endereço por volta das sete horas, amanhã de manhã. — Dei o endereço do prédio.

— Vou vigiar uma mulher, certo?

Notei o tom da sua voz e isso fez meu sangue ferver.

— Sim, e você pode manter todas as ideias de merda de se aproximar dela para si mesmo. Você vai apenas vigiá-la, Jimmy. Nada mais.

— Uau, Dean. Fica frio, cara! Tá tudo belezinha!

Merda, não preciso disso. Agora Jimmy sabia que eu tinha uma fraqueza. Minha fraqueza era uma bruxa que usava salto alto sexy. Eu nunca havia demonstrado minha fraqueza e foi assim que construí meu império. Sem mostrar minha vulnerabilidade. Tyler rapidamente se tornaria um alvo se Jimmy algum dia quisesse me ferrar.

— Tudo o que você precisa fazer é segui-la e relatar para mim se ela faz qualquer outra coisa além de ir ao trabalho e voltar para casa. Entendeu?

— Claro, chefe. Ela está com você?

Suspirei profundamente, tentando me manter em cheque.

— Não é da sua maldita conta.

— Você não está pensando em machucá-la, não é? Quer dizer, eu não me importo de ser envolvido em qualquer coisa, mas eu não machuco mulheres ou crianças, Dean. Essa merda é fodida demais.

Fechando os olhos, respirei fundo. Eu estava pensando em machucá-la, não apenas no sentido a que Jimmy estava se referindo.

— Jimmy, se você tem que perguntar, certamente não me conhece. Eu já pedi para machucar uma mulher ou se envolver em alguma situação que machucaria uma mulher?

— Não.

— Quando fomos, naquela época, na casa de Tommy para ensinar-lhe uma lição e o encontramos lá com sua mulher e filho, eu não disse que o plano estava suspenso?

— Sim, você disse. Desculpe, chefe. Não pensei antes de falar.

Liguei o carro.

— Só preciso que você a vigie. Não quero que você pergunte nada. Tudo o que você precisa fazer é vigiá-la e me dizer se ela fizer algo fora do normal. Você pode fazer isso por mim?

— Claro.

— Ótimo. Vou enviar-lhe mais detalhes em breve.

Desliguei e saí com o carro, em direção à Mansão. Eu não queria ficar lá, mas eu teria que ficar pelos próximos dias. Eu não tinha ouvido falar da polícia, mas imaginei que eles ainda não tinham encontrado o corpo de Pinzano. Sem dúvida, o corpo inchado do filho da puta surgiria em algum lugar em breve, se já não tivesse.

Quando me aproximei da garagem, pressionei o botão da porta e estacionei o carro ao lado do meu Jaguar XF. Eu não usava esse carro há algum tempo. Acho que eu deveria para não ser visto sempre no mesmo veículo.

Quando saí, coloquei as chaves no lugar e atravessei a porta, entrando na cozinha. Humphrey estava ali, sorrindo, e eu sabia o que aquilo significava.

— Divertiu-se esta noite?

Abrindo a porta da geladeira, peguei uma garrafa de cerveja. Abri e tomei um gole.

— Um cavalheiro nunca conta. — Eu sorri.

— Humm — ele respondeu. — Estranho como você sempre me contou sobre suas conquistas, mas Tyler está fora dos limites? O que há de tão especial nela?

Eu sabia para onde isso estava indo, mas fiz o meu melhor para não deixá-lo me tirar do sério.

— Tyler é especial e você sabe muito bem as razões.

Sorrindo, Humphrey pegou uma maçã e mordeu-a.

— Sim, mas você é o cara que não fode a mesma boceta por muito tempo. Seu lema sempre foi: uma vez é o suficiente. Quando foi a última vez que você comeu alguém além de Tyler? Eu sei que você não trepou com Samantha ou Katie naquela noite. Mas também não chamou nenhuma outra vadia para fazer isso.

Eu grunhi e tomei outro gole da minha cerveja.

— Estou ocupado demais para me preocupar com uma mulher choramingando, Humphrey. E é só isso que elas fazem. Não importa quantas vezes eu fale que essa merda acontecerá uma vez, uma única vez, elas querem ser sempre *aquela* que vai me conquistar. Aquela que vai alcançar o coração de Dean Scozzari.

Humphrey suspirou, dando outra mordida na maçã, antes de chegar à porta.

— Olhando de onde estou, Dean Scozzari já foi conquistado. Na verdade, isso já aconteceu há muito tempo. Só acho que ele ainda não percebeu.

Humphrey saiu pela porta e fiquei refletindo sobre o que ele disse. Fiquei puto ao perceber que estava mais envolvido por Tyler do que deveria, mas, mais do que isso, o que me deixava fora de mim é que alguém conseguisse enxergar isso.

Jogando minha cerveja fora, andei até o porão e segui para a sala de cinema. Eu quase não usava este lugar como deveria, mas, esta noite, tudo o que eu queria fazer era assistir a um filme de Bruce Lee. Antes de tudo, peguei outra cerveja e enviei as informações sobre Tyler para Jimmy. Quando acabei, tentei me concentrar no filme. Mas era impossível. Normalmente, Bruce Lee me prendia, mas não esta noite. Hoje, só o que eu conseguia ver era o corpo de Tyler se movendo, para cima e para baixo no meu pau, enquanto ela gemia meu nome. Ela não saía da minha cabeça e eu odiava essa porra.

****

Eu estava no quarto de Tyler e pude ver Lótus. Ele estava sobre ela com uma faca e ela estava gritando para que eu a ajudasse.

— Dean! Dean, por favor, me ajude. Por favor, faça-o parar! — ela gritou, olhando nos meus olhos.

Em um pânico cego, eu rugi e corri para enfrentar Lótus, jogando-o no chão. Eu queria matá-lo por se atrever a tocá-la. Queria vê-lo morto por pensar que estava tudo bem machucá-la. Mas algo estava bloqueando o meu caminho. Era como se eu tivesse um vidro invisível na minha frente, me impedindo de salvá-la. Bati e chutei com todas as minhas forças, mas não quebrava nem cedia. Era mais forte do que eu e me senti fraco.

Pude ver o medo nos olhos de Tyler e a sensação de impotência me cercou. Eu queria ajudá-la. Eu queria salvá-la do demônio.

Lótus virou para mim, enquanto eu estava lá, dando-me um sorriso mau. Ele estava me provocando, sabendo que não havia nada que eu pudesse fazer para detê-lo.

Virando a cabeça, ele voltou-se para Tyler e levantou a faca no ar. Eu não podia me mover, não conseguia respirar, e senti como se estivesse perdendo-a, pensando que eu jamais veria Tyler novamente.

Quando a faca desceu, Tyler olhou para mim uma última vez gritando meu nome.

— Dean!

— Dean!

Acordei com um sobressalto, o suor escorrendo pelo meu rosto enquanto eu me mexia para recuperar o controle. Por um breve momento, não sabia onde diabos eu estava e o pânico aumentou como nunca antes. Senti um puxão no meu ombro e estava prestes a virar e… até que vi que era Humphrey.

— Puta merda, Dean! Você parece uma bosta. O que diabos há de errado com você? Eu estava te chamando e você só gritava algo que eu não conseguia entender.

Dando-me conta de que tudo não passava de um pesadelo, senti minha respiração estabilizar. Ei ainda podia vê-la com olhos suplicantes, e ainda podia ouvir seus gritos para que eu a salvasse. Assim como eu tinha falado, o demônio sempre vencia. Tyler nunca me dava ouvidos, mesmo quando éramos mais jovens.

— Estou bem. O que você quer? — perguntei.

— Os policiais estão aqui, Dean. Eles estão esperando por você lá em cima.

Esfregando meu rosto com as mãos, suspirei e olhei para o meu relógio. Porra. Eram dez e meia? Eu dormi por quase dez horas?

— Ok. Vou subir.

— Você não quer tomar um banho primeiro? Eu posso segurar esses filhos da puta para você. Seria um prazer.

Olhei para o rosto sorridente de Humphrey, sabendo o quanto ele odiava a polícia. Há um tempo, ele se envolveu num golpe de roubo de carros. Ele foi muito bem-sucedido por um tempo, mas acabou ficando complacente e começou a cometer erros. Claro, a polícia estava seguindo-o, mas Humphrey não tinha percebido. Então, uma noite, eles invadiram sua garagem, confiscaram os carros e o prenderam.

— Não, tudo bem. Vamos acabar logo com isso. Nós sabíamos que eles apareceriam em algum momento. — Levantei minha sobrancelha para ele. Acho que ele sabia o que eu queria dizer. Eu não precisava matar ninguém aqui para levantar qualquer suspeita. Qualquer incidente, por menor que fosse, relacionado a gangues que acontecia por aqui, eu era imediatamente o suspeito número um. Mas eu nunca tinha sido pego, simplesmente porque eu era sempre cuidadoso. Meus pais eram bons no que faziam e me ensinaram muita coisa. Foi por isso que aprendi tanto, em tão pouco tempo. Com a morte repentina dos meus pais, eu tive poucas opções.

Passei por Humphrey e subi as escadas até o lounge. Eu sabia exatamente para onde ir assim como ele sempre soube para onde levar os visitantes como estes.

Quando abri a porta, os dois policiais sentados no meu sofá de três mil libras se levantaram. Um dos oficiais parecia ter cerca de trinta e tantos anos, enquanto o outro parecia que tinha acabado de sair das garras da *Hendon*, uma academia de formação da polícia. Ele era só um garoto. Um novato merdinha, que devia cheirar a bunda de todos os oficiais hierarquicamente superiores.

— Cavalheiros, o que posso fazer por vocês? — Sorri docemente para ambos, estendendo a minha mão. O policial mais velho sorriu, apertando-a, mas eu nem sequer a ofereci para o mais novo. Ele tinha a expressão de "*ele é culpado*" antes mesmo que eu entrasse na sala. Eu era, mas todo mundo era inocente até que se provasse o contrário.

Sentando, indiquei que eles fizessem o mesmo. O tempo todo, o merdinha observava cada movimento meu e, sem dúvida, estava puto porque não o cumprimentei.

— Posso oferecer-lhes uma bebida? Um café ou chá, talvez?

O merdinha estava prestes a falar, mas o policial mais velho antecipou-se.

— Não, mas obrigado. Devo dizer, Senhor Scozzari, que você parece um pouco cansado esta manhã. Foi dormir tarde na noite passada?

Eu ri.

— Digamos que sim. Às vezes, as mulheres podem exigir muito de você, mas certamente, não estou reclamando. — Pisquei para o policial mais velho, que riu junto comigo. O merdinha pareceu não achar tão divertido. Muito provavelmente, ele não tinha sequer trepado com alguém ainda.

— Suponho que você esteja se perguntando por que estamos aqui — disse o policial mais velho, parecendo sério de repente. Percebi que as gentilezas tinham sido encerradas. — Sou o sargento detetive Cartwright e este é o investigador Constable Tomlinson. Estamos iniciando as investigações do assassinato de um homem cujo corpo foi encontrado no Tâmisa, próximo à área de Kingston, nas primeiras horas da manhã de ontem.

Ele fez uma pausa e eu balancei a cabeça, perplexo.

— Isso é terrível. Sabe quem é?

Cartwright pigarreou.

— Ele estava irreconhecível quando o encontramos. Parece que ele foi torturado antes da sua morte. Mas os relatórios iniciais sugerem que ele era Antonio Pinzano.

Cerrei os dentes, mas dei ao oficial um sorriso irônico. Foi deliberado, é claro. Este gesto, no entanto, de alguma forma o confundiu.

— Parece que você ficou feliz com isso, Sr. Scozzari.

Balancei a cabeça, inclinando-me para trás na cadeira, sentindo-me completamente à vontade.

— Não sejamos inocentes, Detetive Cartwright. Acredito que você esteja aqui porque já sabe da minha história com o homem. Ele foi responsável pela morte dos meus pais. Quem não ficaria satisfeito ao saber que o assassino da sua família está morto?

A postura de Cartwright se endireitou

— Supostamente responsável.

Eu sorri, não pude evitar. Eu sabia exatamente quais eram as suas táticas, o que eles esperavam que eu fizesse. Ele queria que eu demonstrasse raiva pelo seu comentário, que eu perdesse a calma. Talvez, revelando algo no calor do momento. Eu era muita coisa, mas estúpido não era uma delas.

— Certo — respondi apenas, mostrando-lhe que o seu comentário não significava nada para mim. Cartwright não ficou feliz com meu comportamento calmo, longe disso. Na verdade, era ele quem estava perdendo a calma.

— Você está admitindo ser o responsável por sua morte?

Endireitando minha postura, fiz o meu melhor "olhar ofendido".

— Falei alguma palavra que sugeriu que eu tinha qualquer coisa a ver com sua morte?

— Bem, você admitiu que gostou de saber que ele estava morto.

— Sim, admiti e sim, estou mesmo. Mas isso em nada demonstra que tenho algo a ver com isso. Sem falsos pudores, detetive Cartwright, eu odiava o homem. Ele matou meus pais e eu adoraria ter sido aquele que arrancou seu último suspiro, mas isso não significa que eu tenha feito isso.

Cartwright sorriu.

— Então, vamos ver se entendi. Você não teve nada a ver com a morte do Sr. Pinzano?

Balancei minha cabeça.

— Não, claro que não. Eu posso ser o filho de um Scozzari, mas isso não significa que eu sou um deles. Se você levantar minha vida, o que sei que você deve ter feito, você vai ver que eu possuo muitas empresas legítimas que me geram uma renda legítima. — Eu me inclinei na minha cadeira e sorri para os dois. Não precisei fazer mais nada porque eu sabia que era exatamente o que eles pensavam. Mas não tinham nada para me incriminar.

— Humm — Cartwright meditou. — Entendo, mas você deve ter pensado em vingança, Sr. Scozzari. Qualquer um pensaria se acreditasse saber quem matou seus pais.

A palavra "vingança" piscou na minha cabeça. Era para o que eu vivia e respirava por toda a minha vida adulta. Claro que eu queria vingança. Eu precisava de vingança e exigia minha vingança. Quem não faria isso?

— Há uma grande diferença entre pensar em vingança e fazer vingança, detetive Cartwright. Você, como um homem da lei, sabe disso.

Ele balançou a cabeça e olhou para suas anotações, enquanto o merdinha apenas olhava para frente. Se esta situação não fosse tão grave, eu estaria rindo até agora.

Folheando suas anotações, Cartwright, de repente olhou para cima.

— Sr. Scozzari, pode me dizer onde esteve entre onze horas da noite de sábado até às três horas da manhã de domingo?

Olhando para o alto, fingi que estava pensando.

— Humm, sábado à noite. Eu estava aqui mesmo. Eu ofereci um jantar. — Sorri brilhantemente, sabendo o que estava por vir.

— Ótimo. Você seria capaz de dar os nomes de todos os seus convidados para que possamos verificar a sua história?

Balancei a cabeça.

— Claro, mas havia um convidado especial, com quem fiquei a maior parte da noite. Tenho certeza de que ele não se importaria de confirmar a minha história.

Cartwright parecia um pouco chateado com a notícia, mas não tão chateado como ficaria nos próximos segundos. A postos com sua caneta, Cartwright olhou para seu bloco de notas.

— Certo. Quem era essa pessoa?

Com um sorriso brilhante, bati meus dedos no braço do sofá.

— Não acho que você precise escrever seu nome. Vocês o conhecem muito bem. Carmichael. Aidan Carmichael.

Cartwright olhou para cima, com uma expressão chocada no rosto. O merdinha do Tomlinson apenas olhou, de boca aberta.

— Você quer dizer o Superintendente-Chefe Aidan Carmichael?

Sorri, então me inclinou para frente.

— O primeiro e único — eu disse num sussurro, antes de lhes dar uma piscadela insolente. Eu sei que não deveria ter feito, mas não consegui me segurar.

— Ele esteve aqui desde as dez horas, mais ou menos, e não saiu daqui até por volta das quatro horas da manhã. Começamos nosso jantar um pouco tarde porque eu tive uma reunião mais cedo, com um parceiro de negócios no Buddies, no Soho. Fiquei lá até umas dez. Cheguei em casa às dez e meia e fiquei a noite toda. Carmichael pode, certamente, confirmar isso.

Cartwright sorriu resolutamente, balançando a cabeça ligeiramente enquanto escrevia tudo.

— Tudo bem — disse ele, levantando-se do sofá. Sua pequena sombra logo seguiu seu exemplo e eu soube que era a minha deixa para ser educado e mostrar-lhes a porta.

— Vou falar com o Superintendente-Chefe Carmichael, quando eu voltar. Entretanto, se você pudesse escrever uma lista com os nomes das outras pessoas que estavam aqui com você, isso seria ótimo.

Eu sorri e balancei a cabeça.

— Com certeza. Se você me deixar o seu número, posso te mandar por fax, mais tarde.

Cartwright enfiou a mão no bolso e tirou um cartão de visitas.

— Isso seria ótimo. Obrigado pela sua cooperação. Manteremos contato.

Balancei a cabeça.

— Sem problemas. Tenham um bom dia. — Apertei ambas as mãos, mas não sorri para o merdinha. Ele estava muito ocupado, chateado por não poder colocar sua algema brilhante, que estava presa no cinto, em minhas mãos.

Eles saíram e vi quando foram embora. Não pude conter a onda de orgulho que senti.

— Você não tem vergonha — Humphrey sussurrou para mim, por trás.

Virei-me, olhando-o balançar a cabeça, enquanto ele ria. Eu não pude segurar o sorriso que se formou.

— O quê? — perguntei, tentando bancar o inocente.

— Nada — ele disse, rindo um pouco mais alto. — Só acho surpreendente que você seja exatamente como o seu pai, só que ainda mais astuto. Não me admira você se safar do assassinato.

Eu sabia que ele estava tentando ser engraçado, então, apenas ri com ele.

— Foda-se, coroa — respondi em tom de brincadeira. — Você não tem uma certa amiga que deveria visitar agora? — Olhei para ele intrigado. Humphrey estava namorando uma mulher chamada Sonia, dona de uma loja de roupas em Ealing. Ele era amado e sabia disso.

Ele olhou para nada e, em seguida, falou.

— Humm, acho que eu deveria estar me arrumando.

Balancei minha cabeça.

— E você ainda diz que estou ligado numa boceta específica.

Humphrey agitou o dedo para mim.

— Ah, sim, mas a diferença é que eu admito. Você não faria isso.

Balancei a cabeça e me virei para sair, mas Humphrey disse:

— Se você tiver qualquer problema com Carmichael, deixe-me saber.

Balancei a cabeça.

— Tenho certeza de que posso lidar com Carmichael, mas obrigado.

Acenei e subi as escadas para tomar um banho. Sem dúvida, os policiais estariam voltando para a delegacia agora, e sua primeira parada provavelmente seria na sala do superintendente-chefe. Isso me fez sorrir. Eu conhecia Aidan Carmichael há pouco mais de cinco anos. Segui-o, descobri todos os seus hábitos, seus pontos fortes, suas fraquezas. O que ele gostava, o que não gostava. Levantei tudo isso e, então, "acidentalmente" esbarrei nele em um bar, numa noite. Sua equipe favorita, Chelsea, estava jogando naquela noite, e eu fingi ser o torcedor que eu sabia que ele era. Nos demos maravilhosamente bem. Convidei-o para minha casa e ele me convidou para a sua, para que eu pudesse conhecer sua esposa, Cynthia, e suas duas filhas, Kerry e Maisy. Eu nunca quis ser seu amigo de verdade. Ele tinha uma esposa e duas filhas, mas preferia sair e usar seu status de superintendente-chefe para trepar com qualquer vadia que pudesse colocar as mãos. Eu detestava homens assim. Se havia uma coisa que eu admirava no meu pai era o fato de que ele respeitava profundamente as mulheres e tinha uma relação de total respeito com a minha mãe. Ele era louco por ela e constantemente me dizia como era importante respeitar uma mulher.

— Quando você encontrar uma boa mulher como a sua mãe, nunca tire proveito dela e do fato de tê-la ao seu lado. E nunca deixe de olhar para ela sem pensar no quão sortudo você é por tê-la. Aprecie cada segundo ao seu lado, não desperdice seus momentos com ela. Trate-a como gostaria de ser tratado. Mas, vou te dizer outra coisa, meu filho. Isso não significa fazer dela sua prisioneira, nem você é o prisioneiro dela. Se você encontrar alguém que te faça mal, nunca a deixe ver que quebrou seu coração. Mantenha-se de pé, de cabeça erguida, e mostre a ela que um Scozzari nunca se fode.

Despindo-me para entrar no banho, balancei a cabeça, sorrindo com as lembranças a respeito do meu pai. Ele sempre foi a minha inspiração. "Firme, mas justo" era a melhor forma de descrevê-lo. Ele sempre estaria lá, para oferecer uma mão, ou simplesmente sorrir e dar conselhos, quando necessário. Mas, se você o sacaneasse, você viveria para lamentar. Ninguém errava duas vezes com ele.

Debaixo do chuveiro, deixando a água quente massagear minhas costas, pensei nas coisas que meu pai me disse e no quanto suas palavras me inspiraram para buscar minha vingança contra Tyler, pelo que ela tinha feito. Eu sabia que ele aprovaria o que eu estava fazendo. Ninguém sacaneia um Scozzari. Ninguém. Tyler poderia ter tido o mundo comigo… se não tivesse me ferrado.

Saindo do chuveiro, me sequei e fui buscar uma roupa no quarto. Enquanto estava me vestindo, meu telefone começou a tocar.

— Sim? — respondi abruptamente.

— Dean, é Jimmy.

Sentando na cama, sorri.

— Fala, Jimmy, o que você tem para mim?

Ele hesitou por um momento, deixando-me assustado, imaginando que algo estava errado com Tyler.

— Ela saiu do apartamento, pouco antes das nove e caminhou até o Hospital St. Francis, na Dexter Street. Ela agora está voltando para casa.

Fiquei confuso. Não fazia ideia de por que ela faltaria o trabalho e iria para lá. Pelo que eu sabia, Tyler nunca faltava o trabalho.

— O que diabos ela estava fazendo no hospital?

Jimmy hesitou novamente e suspirou.

— Não sei.

— Que porra é essa, Jimmy? O que quer dizer com essa porra de que você não sabe?

Mais uma vez ele hesitou e eu quis rastejar através do telefone e rasgar a garganta dele.

— Hospitais me assustam,

Eu ri.

— Você está brincando comigo, né?

— Eu não estou brincando. Não posso ir a um hospital.

Balancei a cabeça em frustração.

— Jimmy, você tem quase dois metros e deve pesar mais de cem quilos. É o filho da puta mais doido que eu conheço, que tortura pessoas como hobby, mas você está com medo de uma porra de um hospital? — Eu não podia acreditar na merda que estava ouvindo.

— Eu não tenho medo — ele retrucou. — Eles me assustam.

Revirei os olhos.

— E faz diferença?

— Sim, faz a porra de uma grande diferença. Eles têm pessoas doentes lá, com germes e merda.

Agarrando minha toalha, tirei-a do meu corpo e peguei uma boxer.

— Ouça, Jimmy. Estou pagando bem para você seguir a Tyler por aí. Preciso saber exatamente para onde ela está indo e quem está visitando. Se ela voltar para aquele hospital novamente, eu não me importo com o fato de você achar que vai pegar a porra da peste negra, você vai segui-la até lá e descobrir o que diabos ela está fazendo. Você. Me. Entendeu?

Jimmy suspirou resolutamente.

— Sim.

— Ótimo. Agora, tem mais alguma coisa que você queria me contar que assuste você? Talvez palhaços? Eles te assustam, Jimmy? E dentistas?

Ouvi Jimmy murmurar:

— Foda-se!

Ri muito e encerrei a chamada. Babaca assustado, né? O cara é um gigante e tem medo de um prédio? Fala sério!

Enquanto me vestia, pensei no que Tyler poderia estar fazendo no hospital. Ela estava doente? Quando cheguei na casa dela, ela estava chorando. Será que ela tinha descoberto algo ruim, no hospital? Jimmy cagão! Se ele a tivesse seguido até lá, eu agora saberia. Eu não poderia fazer isso, para não correr o risco de ser pego, especialmente agora que ela já tinha me visto, naquela noite, na mansão.

Pensar nisso me deixou de mau humor o dia todo. Estava entre irritado e mal-humorado, me perguntando que merda havia de errado com ela. Tyler parecia saudável, mas isso não significava porra nenhuma. Se Jimmy não conseguisse fazer essa merda, eu teria que encontrar outra pessoa. Seria uma merda ter que contratar alguém que eu não conhecia. Não suporto o fato de não estar no controle. Eu sabia tudo a respeito de Tyler, mas, de alguma forma, fiquei de fora disso.

Seja qual fosse o motivo, ela tinha tirado uma semana de folga no trabalho, então deveria ser

algo importante. Tyler era muitas coisas, mas preguiçosa não era uma delas.

Então, durante todo o dia, trabalhei, fiz ligações e treinei. À noite, eu estava um pouco mais relaxado, mas isso não impediu a sensação incômoda em meu estômago. Odiei isso, porque alguém poderia facilmente interpretar como preocupação. Eu não me preocupava com Tyler porque ela não significava nada para mim.

— Dean, parece que Carmichael está estacionando aí fora.

Bom, isso significava que ele veio falar o que precisava e, então, eu poderia voltar para o meu apartamento. Eu não gostava de ficar aqui por muito tempo. Era uma casa de má reputação e de filhos da puta sugadores. A porra da escória da terra.

Servi uma bebida e ofereci a Humphrey. Ele balançou a cabeça.

— Qual o problema, Dean? Você parece abalado ou algo assim.

Cerrei os dentes.

— Estou bem.

Eu precisava me manter firme. Se Humphrey percebia que havia algo de errado, então, Carmichael também notaria. Eu não podia deixar que a merda que estava acontecendo na minha cabeça afetasse meus negócios. Esta era a minha prioridade agora, não ela.

— Certo — disse Humphrey quando a campainha tocou. — Vou mandá-lo entrar, tudo bem?

Balancei a cabeça com um sorriso e tomei um gole da minha bebida. Eu não tinha certeza do que esperar quando Carmichael entrasse aqui, mas eu imaginava.

— Dean — Carmichael falou ao entrar na sala de estar.

— Aidan, como você está? Aceita uma bebida?

Vi a sua hesitação, mas, no final, ele balançou a cabeça.

— Não. Acho que você sabe por que estou aqui.

Eu sorri maliciosamente para ele.

— Humm, recebi a visita de uma dupla dos seus homens hoje. Policiais simpáticos.

Carmichael sentou-se e colocou seu chapéu no sofá.

— Você tem alguma coisa a ver com isso, Dean? Você me usou naquela noite?

Fiz o meu melhor olhar ofendido e franzi a testa.

— Claro que não. Olha — Andando até o armário de bebidas, eu servi-lhe uma grande dose de Bourbon e sentei em frente a ele. Apesar de ter negado a bebida inicialmente, eu sabia que ele realmente queria. —, há quanto tempo somos amigos, Aidan? Cinco anos? — Carmichael assentiu e tomou um gole de sua bebida. — Nós sempre apoiamos um ao outro, além de fazermos festinhas juntos. Sábado à noite foi como qualquer outra noite. Bem, além da presença das damas, é claro. — Eu sorri, mas Carmichael permaneceu indiferente.

— Eu não sou estúpido, Dean. Embora você nunca tenha me contado, sei que devem haver coisas com as quais você lida que não são legais. Essas meninas são um excelente exemplo. Elas eram prostitutas, não eram?

Engoli em seco e levantei da minha cadeira.

— Claro que não — eu disse, pasmo. — Samantha e Katie são duas amigas de foda. Claro, elas andam atrás de mim por causa do meu dinheiro e das festas, e já transamos outras vezes, mas isso não significa que eu pague para trepar com elas, Carmichael. As mulheres não me veem. Elas veem riqueza. Quando veem que os caras têm dinheiro, elas dormem com eles, sem se importar com quem são.

Pude ver Carmichael relaxar, mas ele ainda estava um pouco nervoso.

— Não sei, Dean. Todo mundo acredita que Pinzano matou seus pais, e aí ele acaba no rio na

noite da sua festa?

Balancei minha cabeça.

— Pinzano tinha um monte de inimigos, Carmichael. Você deve saber disso. Deve haver inúmeras pessoas lá fora que ele sacaneou. Ele não fez isso só comigo. Além disso, por que eu iria esperar tanto tempo? — Quando o vi refletir, me sentei em frente a ele novamente. — Eu cresci neste meio e olha o que aconteceu com meus pais. Jurei que jamais seguiria seus passos. Eu não quero esse tipo de vida para mim ou para qualquer criança que venha a ter mais tarde. Você pode entender isso, certo?

Carmichael olhou para cima e hesitou por um momento antes de sorrir.

— É claro. Desculpe ter duvidado de você, Dean. Eu nunca deveria ter pensado que você poderia me usar assim. Peço desculpas.

Otário!

— Não se preocupe com isso. — Eu sorri. — Desculpas aceitas e tudo esquecido. Saúde — eu disse, erguendo meu copo. Carmichael sorriu e brindou seu copo com o meu.

— Acho que você deve estar se perguntando o que eu disse a eles? Eu, é claro, confirmei a sua história, uma vez que era a verdade. Obviamente, deixei de fora a parte sobre Samantha e Katie, e confio que você fez o mesmo.

Balancei a cabeça.

— É claro. É óbvio. Você é um homem casado. Quanto mais esconder isso, melhor. Pelo bem da sua família, bem como o seu — eu disse isso num tom carinhoso, mas eu não tinha esse tipo de sentimento por ele. Carmichael era um filho da puta traidor.

— Agradeço, Dean. Amo minha esposa e minhas filhas. Não posso deixá-las sofrerem por algo assim.

Se você as ama tanto, por que está trepando com qualquer vadia, seu idiota?

— O que aconteceu neste salão, naquela noite, e no andar de cima, nos quartos, permanece lá. Não se preocupe com isso, Carmichael.

Ele me deu um sorriso agradecido e engoliu sua bebida.

— A propósito, como estão Samantha e Katie?

Capítulo 31

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 2000

Andando pelo parque, a caminho de encontrar Dean e Ian, eu estava pensando no fato de que faria dezesseis anos em breve. A perspectiva me encheu de esperança e desejos para o futuro. Bem, meu futuro e de Dean. Nas últimas semanas, ele vinha me olhando engraçado. Era quase como um olhar compreensivo. Toda vez que ele fazia isso, meus joelhos ficavam moles. Ele sempre soube como fazer isso comigo, mas, ultimamente, os olhares que ele me dava eram muito mais intensos. Ele me olhava de uma maneira que significava muito mais do que um menino olhando para a menina que gostava. Era potente, poderoso, apaixonado e muito sensual.

Sorrindo, mordi meu lábio, sonhando com a primeira vez que ele me beijaria. Ele manteve sua promessa até hoje. Ele era o perfeito cavalheiro, mas eu, às vezes, gostaria que não fosse tanto. Ele me fazia querê-lo mais e mais, se isso era possível.

— Tyler? — Uma voz soou atrás de mim. — Tyler O'Shea? — Virei na direção da voz e vi um menino que me pareceu familiar. Abri um sorriso confuso.

— Não está me reconhecendo, não é? — Balancei a cabeça. — Tim Baker, da escola primária. Estudamos juntos por alguns anos, mas depois me mudei. Voltamos há pouco tempo, estou trabalhando na Sydney Street.

Ofeguei, lembrando do dia em que conheci Dean e ele socou Tim por ter sido rude comigo. Ele parecia muito maior e mais velho agora, com cabelos loiros escuros curtos e deixando o cavanhaque crescer. Era como se ele estivesse tentando seguir essa moda, mas não combinava com ele. Era muito novo para isso.

— Ah, aquele Tim — falei, com uma risadinha.

Ele balançou a cabeça, parecendo um pouco envergonhado.

— Sim, aquele Tim. Desculpe, Tyler. Eu era um garoto estúpido.

Acenei para demonstrar que estava tudo bem. Na verdade, mais do que bem. Foi por causa dele que me apaixonei por Dean.

— Não se preocupe com isso.

Tim se aproximou e sorriu.

— Sabe, tenho uma confissão a fazer.

Levantando a sobrancelha, eu sorri.

— Ah, sério?

Tim sorriu e se aproximou.

— O motivo real para eu persegui-la e puxar seu cabelo era porque eu gostava de você. Acho que ficava com ciúmes.

Comecei a rir.

— Sério, Tim? — Não podia acreditar que o menino que tinha sido tão mau comigo gostava de mim.

— Sim, merda. — Ele riu. — E nada mudou. Você continua linda, como sempre.

Corei e desviei o olhar. Era difícil aceitar elogios. Vários garotos vinham reparando em mim ultimamente, e Dean tinha ficado irado com isso. Secretamente, eu adorava.

— Você está saindo com alguém, Tyler? Eu adoraria se pudéssemos tomar um café ou ir ao cinema, qualquer dia desses.

Sorri, mas meu coração disparou. Eu não queria sair com ele, mas, ao mesmo tempo, odiava dar o fora em alguém.

— Eu sou… hum… eu meio que estou com alguém. — Percebi que ele ficou aborrecido.

— Você meio que está com alguém? Como assim? Você não está firme? Ainda pode sair e conhecer outros caras, certo? Eu adoraria levá-la para sair. — Tim acariciou meu braço, mas me deixou desconfortável. — O que acha?

— Não posso, sinto muito — eu disse, tentando me afastar, mas as coisas ficaram ruins muito rapidamente.

Antes que eu me desse conta, Tim me agarrou e tentou me beijar. Eu o empurrei, mas ele era mais forte.

— Sempre sonhei com esse momento, Tyler — ele disse, antes de pressionar os lábios nos meus. Ele aprofundou o beijo. Quando sua excitação aumentou, ele tentou chupar meu pescoço, antes de voltar aos meus lábios.

Lutei muito, mas era inútil. Ele era forte e eu estava, rapidamente, ficando sem ar.

Do nada, Tim foi subitamente arrancado de mim e voou pelo ar. Quando vi que era Dean, meus pulmões, finalmente, começaram a trabalhar.

— É a segunda vez que tenho que te ensinar uma lição, idiota. — Dean marchou para onde ele estava, mas Tim levantou as mãos em sinal de rendição.

— Sinto muito, isso não vai acontecer novamente. Não sabia que vocês dois estavam juntos.

Era tarde demais. Dean estava em chamas. Agarrando o colarinho da camisa de Tim, Dean deu um soco com força em seu rosto. Ouvi um estalo e me senti nauseada e tonta.

— Você está bem, Tyler? — Dean perguntou, a preocupação substituindo sua fúria.

Balancei a cabeça.

— Sim, estou bem. Estou bem mesmo.

Satisfeito em saber que eu não iria desmaiar, Dean voltou sua atenção para Tim.

— Agora, se eu te vir por aqui novamente, não vou ser tão tolerante, entendeu? Tyler é minha garota e ninguém toca nela, seu merda.

Segurando o nariz que sangrava, Tim assentiu.

— Agora, dê o fora daqui antes que eu mude de ideia.

Tim não perdeu tempo. Ele correu e, assim que estava fora do nosso campo de visão, Dean voltou-se para mim, e colocou um braço em volta dos meus ombros.

— Esse filho da puta não te machucou, né? Não me importo de ir atrás dele novamente, se você quiser. — Ele sorriu com malícia e eu o cutuquei.

— Dean, acho que você já fez o suficiente, mas obrigada por ter vindo me resgatar.

Virando-se, ele segurou o meu queixo e, gentilmente, esfregou o polegar sobre o meu lábio.

— Eu vou até os confins da Terra para protegê-la, Tyler. Ninguém machuca a minha garota. Ninguém.

****

Quatro semanas passaram mais rápido do que nunca. As coisas estavam indo bem na minha coluna do jornal, Jeremy estava ficando melhor com a quimioterapia, e *meu estranho* ainda me visitava ocasionalmente. Eu ainda lhe pedia para me beijar, para me falar sobre ele, mas ele nunca atendia. Eu queria mais e ansiava tanto por ele; era assustador. Como eu podia me apaixonar por um homem que não conhecia? Parecia impossível. Ele não precisou fazer nada além do que já fazia. Ele me parecia familiar e certo. Parecia perigoso, mas deliciosamente tentador. Ele era perigosamente tentador, na verdade.

Durante essas quatro semanas, preparei o quarto para Jeremy, encomendei outra cama e transferi minha mesa para o meu quarto. Arrumei tudo o que ele precisaria, incluindo uma estante repleta de livros. Ele era inteligente e, quanto mais eu pudesse estimular sua inteligência, melhor. Eu sabia que ele poderia ser bem-sucedido, assim que voltasse à escola e escolhesse o que queria ser. Um dia, ele comentou que queria ser médico, pois os médicos o ajudaram por toda a sua vida. Era uma forma de retribuir.

Outra coisa que eu vinha fazendo era procurar, secretamente, a Julie de Jeremy. Sempre que eu podia, ia ao local onde ficava o McDonald's, olhando ao redor e esperando ver uma menina com a sua descrição. Eu queria ser a pessoa que o ajudaria a realizar todos os itens da sua lista, não porque isso significaria que ele tinha cumprido tudo antes de morrer, mas para lhe dar impulso para viver. Para lhe dar o impulso tão necessário para que ele melhorasse e pudesse sair do hospital. Eu sabia que ele estava ficando louco de não poder sair de lá e, francamente, eu também estava ficando louca por ele estar lá. Eu queria-o comigo, para que ele pudesse começar sua nova vida. Queria que ele voltasse à escola e estudasse para ser médico, se fosse isso que ele queria.

Era sexta-feira à noite e eu estava me preparando para sair. Se tudo corresse bem, Jeremy deixaria o hospital em poucos dias. Ian e Louisa estavam chegando para o jantar e depois sairíamos para uma casa noturna. Eu faria espaguete à bolonhesa e Louisa aproveitaria para testar minhas habilidades culinárias.

Decidida a usar uma roupa simples, peguei um vestido branco, na altura do joelho, e calcei meus sapatos de salto alto vermelhos. Eu estava pronta para sair e para começar esta noite descontraída. Meu estranho não aparecia há alguns dias e eu estava um pouco pra baixo. Era como se precisasse que ele viesse me ver e me proporcionar um daqueles orgasmos maravilhosos para conseguir pensar com clareza. Quando ele não estava comigo, eu o desejava o tempo todo.

Fechei os olhos e imaginei o *meu estranho* me segurando. Ele fez isso com ternura o suficiente para me mostrar que ele se importava, mas não o suficiente para me deixar totalmente satisfeita. Deixei que ele me marcasse, mas, por alguma razão, acho que acreditava que, ao deixá-lo fazer isso, era uma forma de mantê-lo mais próximo de mim e um modo de ele ter uma parte minha. A única coisa que eu tinha, quando ele ia embora, era a semente que ele despejara dentro de mim, além das marcas em meu pescoço. Eu tinha marcas nos pulsos também, já que ele havia me amarrado em sua última visita. Eu queria isso. Eu pedi por isso. Eu até mesmo puxei as restrições, pois aumentava o meu entusiasmo. Eu ansiava por sua dominância e agressão. Era quase como se uma parte de mim gritasse para que ele me tomasse a qualquer custo.

Merda, o que havia de errado comigo? O fato de ficar louca ao ser amarrada por uma pessoa que eu não fazia ideia de quem era e permitir que ele violasse cada centímetro da minha vida era ruim? Eu tinha dificuldades até mesmo de tentar racionalizar e distinguir se esse comportamento era normal. Deixar um estranho entrar em minha casa e me foder como eu jamais havia sido fodida antes na vida era certo? Claro que não. Mas por que eu me sentia bem com isso, então? Por que, quando ele vinha até mim, eu me sentia viva, mais viva do que já me senti em toda a minha vida?

Eu não tinha justificativas nem compreendia, mas não podia negar o meu desejo. Eu não podia negar meu corpo a ele. Ele estava em todos os lugares: meus pensamentos, meus sonhos, minhas fantasias.

No meu coração.

Eu estava perdida para ele. Completa e totalmente atraída por seu magnetismo sexual. Era quase como se ele tivesse um imã que me puxava quando ele estava no mesmo lugar que eu. Eu estava tão acostumada a ele que acordava antes mesmo de ele entrar no quarto. Não me sentia amedrontada, assustada ou intimidada. Em vez disso, eu me sentia acesa, com mais de mil volts correndo por minhas veias. Sentia-me no auge do desejo, sedenta por um homem cujo verdadeiro nome eu não sabia. Um homem sem rosto, tirano… e depravado.

Meu depravado.

Ele nunca hesitava, vacilava ou esmorecia. Na verdade, era exatamente o oposto. Apesar do que ele queria me dar, eu queria mais. Muito mais. Mas eu sabia que ele jamais seria real. Como poderia? Como um relacionamento sério, a longo prazo, podia crescer de uma situação dessas? Ele me seguiu por anos, entrou em meu apartamento, comeu meus biscoitos e me comeu. Tomou tudo de mim e eu, de bom grado, permiti.

Mas agora, com Jeremy vindo morar comigo, eu sabia que isso teria que parar. Não tinha jeito de mantermos isso para sempre. Chegaria um momento em que isso acabaria, e com Jeremy aqui, esse seria o fim. Uma parte de mim ficava arrasada com o pensamento, mas outra parte sabia que essa era a melhor solução.

Minha preocupação era que fosse tarde demais. Meu coração doía com a ideia de não vê-lo novamente, de não sentir seu toque ou ouvir sua voz rouca. Eu me sentia em conflito, porque o único que amei com todo meu coração foi Dean. E eu ainda sonhava com ele. Ele ainda chamava meu nome durante os meus sonhos. Ainda me perguntava o que ele estava fazendo, se estava casado, com filhos. Doía pensar nisso. Em certo sentido, eu me sentia traída por ele. Ele prometeu voltar para mim, para mais ninguém. Só para mim. E, por não conseguir entender o que havia acontecido, era difícil esquecer.

A campainha me tirou desses pensamentos profundos. Era engraçado como você podia entrar num transe profundo e os minutos se passarem sem que você sentisse.

Saí do quarto e abri a porta. Ian estava lá, com as garrafas de vinho tinto e branco. Ele estava com o cabelo mais curto, camisa azul abotoada, ostentando seu sorriso insolente. Ele respirou profundamente, como sempre fazia, e me deu aquele sorriso de satisfação por saber que o molho estava no fogo.

— Você está linda, Tyler — ele sussurrou. — Praticamente perfeita, em todos os sentidos.

Eu ri.

— Não sou nenhuma Mary Poppins, Ian. — Fiz um gesto para ele entrar e ele me seguiu até a cozinha. Tive que manter o olho nele, para que ele não roubasse um pouco do molho quando eu estivesse distraída.

— Ah, acho que você é. E sobre aquele nosso acordo? Você poderia ficar em casa e fazer espaguete à bolonhesa para mim, todas as noites. — Ele parou por alguns minutos, me observando. — Você parece diferente. O que é?

Balancei a cabeça, preocupada que ele pudesse enxergar o que se passava dentro de mim. Com um gesto nervoso, coloquei meus cabelos atrás da orelha e me remexi. Ele observou e, então, ofegou quando viu meu pulso e pescoço.

Correndo, ele agarrou meus pulsos para inspecioná-los.

— Que porra é essa, Tyler? Alguém machucou você? — Tentei me soltar do seu aperto, mas ele estava afastando meu cabelo, para inspecionar meu pescoço. — Merda. No que diabos você se meteu, garota?

Afastando-me, sorri nervosa e comecei a mexer o molho.

— Não é nada, Ian. Foi só uma brincadeira íntima. — Não pude olhar em seus olhos, por sentir vergonha de admitir que eu gostava dessas coisas. Ian não sabia que eu estava dormindo com alguém, muito menos que eu gostava desse tipo de coisa.

Então, Ian parou muito próximo de mim, e não tive escolha a não ser olhar para ele. Seu sorriso se ampliou.

— Você é uma puta bizarra, Tyler. Eu não fazia ideia.

— Ah, vai se foder — eu disse, jogando um pedaço de espaguete nele.

— Não sabia que você era assim, Tyler. Não sei como me sinto sobre isso.

Revirei os olhos.

— Bem, levando em conta que você tem uma terceira perna que fica animada com qualquer merda, sugiro que você guarde seus sentimentos para você.

Ian grunhiu em meu ouvido e, então, afastou-se com um sorriso.

— Se você quiser "brincar" comigo, sabe onde me encontrar.

Virando a cabeça para ele, fiz uma carranca.

— Claro, Ian. Você está sempre pronto para a ação. Falando nisso, anda se divertindo com alguém, ultimamente?

Ian se sentou e bufou.

— Não tanto quanto você, pelo que parece. Por que você está mudando de assunto? Eu não sabia que você estava saindo com alguém. Você não disse nada.

Olhei para o molho.

— Provavelmente, porque não tinha nada a dizer. Conheci alguém. Não sei seu nome, mas temos um acordo.

Levantando-se da cadeira, Ian pegou duas taças e nos serviu o vinho.

— Porra, isso é sexy. Não fazia ideia que você era assim, gata. — Ian ergueu a sobrancelha e estava prestes a dizer algo mais, quando a campainha tocou novamente. — Vou atender! — ele gritou e correu para a porta. Ouvi a voz de Louisa, sua voz alegre irradiando até a cozinha.

— Algo cheira maravilhosamente bem aqui! — Louisa gritou.

— Eu disse que ela faz um espaguete à bolonhesa maravilhoso. O melhor de Londres.

Balançando a cabeça, servi um pouco de vinho para Louisa.

— Eu não iria tão longe, Ian.

Eles sentaram e só então eu notei o que ela estava usando.

— Porra, Louisa! O que é isso? Adorei.

— Gostou mesmo? É um Donna Karan. Economizei anos para comprar.

— Impressionante. — Eu sorri.

Olhando-me de cima a baixo, Louisa disse:

— Você também. Adorei o sapato. Lindo.

Ian revirou os olhos.

— Porra, tem estrogênio demais aqui. Qual o problema com as mulheres que, quando se encontram, precisam ficar se elogiando por mais de meia hora? Quando homens se encontram, tudo que eles se preocupam é em saber onde vão tomar sua primeira cerveja.

Louisa tomou um gole de vinho e sorriu para ele.

— Veja bem, esse é o problema dos homens. Não conseguem enxergar além dos seus próprios narizes.

Agitando o meu espaguete, eu assistia com admiração quando os dois começaram a guerra dos sexos um com o outro. Isso me fez pensar um pouco sobre minha própria guerrinha com o *meu estranho*. Não importava quantas vezes ele me mandasse chamá-lo de Lótus, eu sempre o chamava de meu estranho. De alguma forma, me parecia mais real e sombrio. Até mesmo um pouco sexy, honestamente.

— Tyler — Ian chamou.

Assustada, virei para eles. Nem sequer percebi que estava sonhando.

— Ela está fora do ar — disse ele para Louisa.

Ela olhou para mim e sorriu conscientemente.

— Saiu com Brad de novo?

Eu tinha esquecido completamente de Brad. Em pouco tempo, Louisa levantou-se e começou a inspecionar meu pescoço.

— Quem é Brad? — Ian perguntou enquanto Louisa continuou a olhar.

— Oh, querida, o que você deixou que ele fizesse com você? — Louisa piscou, mas eu vi uma certa preocupação em seu rosto. Ela não precisa ficar. Lótus nunca me machucaria. Não desse jeito. Eu sabia que ele me machucaria, mas não no sentido físico. Ele quebraria o meu coração.

— Ele nunca faz nada que eu não queira.

Ian apontou para Louisa.

— Viu? Eu disse que ela tinha virado uma vadia perversa.

Fiz uma careta, sabendo que eu tinha perdido parte da conversa.

— O que você falou para ela?

Louisa riu e Ian balançou a cabeça.

— Merda, você estava fora do ar pensando nessa coisa de amarrar, não estava?

Suspirei e Louisa esfregou meu ombro.

— Oh, deixe-a em paz, Ian. Tyler não pode evitar se anseia por algo um pouco mais pesado. — Ela piscou em direção a Ian e ele dava gargalhadas.

— Oh, sim, muito engraçado. Vamos todos rir às custas da Tyler, vamos? — Esta era uma das razões por que eu não queria contar a ninguém sobre isso.

— Sinto muito, gatinha. — Ian fez beicinho. — Prometo me comportar. Aliás, quem é Brad?

— É um policial sexy que ela conheceu em um bar, algumas semanas atrás.

Achei que Ian faria outra piada, mas ele me surpreendeu ao erguer a taça de vinho.

— Bem, contanto que ele te trate bem, não tenho queixas. — Ele, então, franziu a testa e me olhou. — Peraí. Achei que você tinha dito que não sabia o nome dele.

Louisa olhou para cima, franzindo a testa. Ah, merda. Eu deveria saber que, se Louisa se envolvesse na conversa, ela iria pensar imediatamente em Brad. Eu tinha estado tão envolvida no mundo do meu estranho e de Jeremy, que Brad era a pessoa mais distante da minha cabeça agora.

— Você está saindo com Brad ou com outra pessoa? Não acredito que Brad faria algo assim.

— Como assim? — Ian perguntou confuso.

— Quando nós fomos para a Mansão, alguém que nós achávamos que era Brad, entrou sorrateiramente em seu quarto, lhe deu os dois melhores orgasmos da sua vida e mordeu o seu pescoço.

— Louisa! — gritei, incapaz de acreditar que ela estava contando isso a Ian.

Ela deu de ombros.

— Estou apenas contando o que aconteceu, Tyler. Vocês dois se conhecem há mais tempo do que eu.

Senti uma pontada de arrependimento. Será que Ian ficaria chateado por Louisa saber mais do que ele? Espero que não. Pela expressão em seu rosto, ele parecia bastante calmo e sereno. Acho que eu era a pessoa paranoica aqui.

— Então, se não foi Brad, quem foi?

Dei de ombros.

— Não sei o nome dele.

— Como ele é? — perguntou Ian.

Como ele é? Eu não fazia ideia. O pensamento me fez rir.

— Ele tem um corpo de matar, trabalha muito, é faixa preta no Tae Kwon Do, e tem as tatuagens mais interessantes que eu já vi.

Isso era verdade. Eu sabia muito sobre ele. Sabia que ele era forte, poderoso e, a julgar pelo que vi no clube e, pelo que o segurança disse, eu sabia que ele era perigoso.

— Ele parece ótimo — disse Louisa, sentando novamente.

Ian bufou.

— Achei que só os homens costumavam pensar com certa parte de sua anatomia. Mas você não falou como ele é de verdade. Falou sobre seu corpo e coisas que ele faz.

Louisa animou-se em sua cadeira.

— E o que há de errado nisso? As mulheres também gostam de sexo, sabia?

Ian riu.

— Eu sei disso. Só pensei que as mulheres eram mais profundas do que os homens. Que elas se apegavam mais a detalhes. Não de um jeito ruim. Na verdade, isso é um elogio.

Tirando os pratos do armário, coloquei-os sobre a mesa com os talheres.

— Claro. Sem nós, o que seriam dos homens? — provoquei.

— Provavelmente, estariam em extinção. O negócio é que os homens atiram primeiro e perguntam depois. Vocês precisam de nós, mulheres. — Louisa sorriu na direção de Ian. — Nós podemos manter vocês, homens maravilhosos e cabeças-duras, um pouco mais equilibrados.

Ian assentiu.

— Não discordo de você. Além disso, a boceta de vocês realmente nos ajuda. Elas sempre nos acalmam.

Eu balancei a cabeça e fiz um muxoxo para ele.

— Sabia que você baixaria o nível.

— O quê? — ele perguntou, parecendo completamente chocado. — Estou apenas dizendo-lhe como é. Peitos… isso é outra coisa que vocês mulheres têm a seu favor. Quando um cara entrar em uma briga, mostre os peitos. Posso te garantir que rapidamente ele vai parar de dar socos.

Louisa e eu rimos.

— Esse seu comentário só serve para mostrar como você é tacanho.

Ian tomou um gole de vinho e colocou-o de volta na mesa.

— Não falo isso como um elogio para mim, mas sim para vocês. — Louisa e eu nos entreolhamos e Ian observou. — Ah, qual é, garotas? Vocês nunca usaram sexo para conseguir algo de um homem? Vocês possuem esse poder que todos os homens desejam ter.

— O quê? Peitos e boceta? — Louisa perguntou, rindo.

— Sim, vocês têm essa porra desse direito! — Ian gritou, rindo com ela. — Não sei como vocês, mulheres, conseguem levantar e ir trabalhar todos os dias. Se eu fosse vocês, ficaria em casa e

brincaria comigo mesmo durante todo o dia. Como vocês conseguem resistir a isso?

Louisa e eu rimos.

— Ah, claro. Nós não conseguimos ter o suficiente de nós mesmas. — Revirei os olhos para ele e coloquei um pouco de espaguete e molho em cada prato. — Toda vez que vou para a cama nua, não posso evitar, preciso me masturbar — eu brinquei, mas Ian arregalou os olhos.

Louisa riu, batendo na mesa.

— Acho que é a primeira vez que vejo Ian sem palavras.

Ele balançou a cabeça um pouco, como se ele estivesse tentando apagar a imagem.

— Porra. Acho que preciso usar seu banheiro. Volto daqui a pouco. — Ian levantou-se da cadeira e arrumou a calça. Isso só fez com que as nossas risadas aumentassem.

Colocando os pratos na mesa, sentei-me com Louisa e servi mais vinho.

— Você sabe, no final das contas, acho que ele está certo. — Louisa sorriu, tomando um gole. — Veja como Ian está perturbado. Aposto que ele se colocaria em nossas mãos se pedíssemos para fazer algo para nós.

Bebendo meu vinho, balancei a cabeça.

— Não o encoraje, Louisa.

Louisa riu e deu uma garfada na comida. Gemendo, ela fechou os olhos.

— Oh, uau — ela murmurou. — Este é o melhor espaguete que já provei.

— Eu te disse — Ian respondeu, sentando-se em frente a ela. — Não posso acreditar que eu não estava aqui para a cerimônia de colocação dos pratos na mesa.

— Oh, há uma cerimônia? — perguntou Louisa.

A postura de Ian se endireitou.

— Você precisa entender que levo meu espaguete muito a sério.

— Humm — Louisa meditou. — De fato, você leva. — Ela piscou para ele, mas ele estava muito absorto em seu prato. Ele devorou-o como se fosse sua última refeição. Mas ele sempre fazia isso.

— Então, aonde vamos, hoje à noite? — perguntei, mudando de assunto.

— Achei que íamos naquele clube em Baker Street. Sabe qual? O Buddies.

Tremi, relembrando a última vez que estive lá. O pensamento de ir lá novamente me encheu de saudade e apreensão. Será que ele iria me seguir novamente? Será que ele vai me reivindicar, como da última vez? Sem pensar logicamente, de repente, me senti ansiosa para a nossa noite fora.

Merda, eu estava realmente fodida.

Capítulo 32

JAIMIE ROBERT

Dean

"A vingança é como morder um cão porque o cão mordeu você".

Austin O'Malley

Apesar dos meus esforços, acabei na mansão. Eu ainda tinha um negócio para cuidar e, na maioria das vezes, eu trabalhava de lá. Meu apartamento era o meu santuário. O lugar onde eu ficava para relaxar e não para me preocupar com as merdas com que tinha que lidar todos os dias. Ultimamente, parecia que eu só me sentia relaxar quando estava com Tyler, e eu não gostava deste sentimento. Estava me sentindo confortável ao lado dela, me acostumando com a sua presença e seus desejos. Acostumei-me a estar junto dela e percebi que pensava nela quando não estávamos juntos. Isso estava nublando meu julgamento. Eu poderia lidar com isso? Será que eu poderia deixar o passado para trás e esquecer? Uma parte de mim desprezou a ideia, mas um outro lado se alegrou. Eu poderia revelar meu rosto, guardar meu moletom com capuz e acabar com isso. Mas o que aconteceria com Tyler e eu? Será que ela ainda iria me querer quando soubesse quem eu sou, ou o que a excitava era o fato de não saber a minha identidade? Ela provavelmente ficaria entediada depois de um tempo e desejaria o seu estranho de volta, seu Lótus.

Não podia mais pensar nisso. Comecei este jogo, então tinha que terminá-lo. Eram apenas os poderes mágicos de Tyler me enfeitiçando novamente. Ela sempre dava um jeito de me lançar seu feitiço. E que porra de feitiço esse.

Nas últimas semanas, Jimmy vinha observando Tyler, acompanhando seu dia. Ele estava fazendo isso porque eu não podia. Estava preso aqui, esperando o telefonema de um dos meus colegas de trabalho nos EUA; eu estava determinado a tirar partido da desaceleração econômica no exterior. As propriedades estavam sendo vendidas a preço de banana. Scott Cooper era alguém que eu havia contatado alguns meses atrás, quando fui à Miami, de férias. Devo admitir, foi mais uma operação de análise de campo do que férias propriamente ditas. Humphrey havia me colocado em contato com ele, já que Scott trabalhava no setor imobiliário. Ele tinha economizado um pouco e queria ampliar sua agência, mas não tinha o suficiente. Humphrey disse a ele que eu estava considerando expandir meus negócios para os EUA e, claro, Scott ficou muito animado em encontrar-se comigo. Eu o conheci, ele falou, gostei das suas ideias e entrei com metade do investimento. Acho que ele sabia que estava fazendo um pacto com o diabo, mas ele jamais fez nada para demonstrar que sabia que eu era algo mais que um homem de negócios. O fato de eu ter dito a ele que, se ele fodesse com tudo, eu cortaria suas bolas e sua garganta, nada tinha a ver com isso.

Então, sentei e esperei a ligação de Scott, bem como do meu advogado em Miami, que provavelmente estava aguardando suas instruções também. Assinar uma procuração tinha tornado as coisas muito mais fáceis.

A única coisa que surgiu de diferente foi o fato de Tyler estar direto naquele hospital. Comprei uma máscara para Jimmy, mandei que ele se virasse e entrasse lá. Ele ganharia um bom dinheiro com isso e eu sabia que ele poderia se foder, mas iria dar um jeito de descobrir.

Ele soube que Tyler estava visitando um garoto chamado Jeremy. Fui pesquisar sobre ele e descobri que era um menino pobre, que tinha estado dentro e fora de hospitais e lares adotivos por toda a sua vida. Ele era um paciente com leucemia. Entristeceu-me saber que ele teve uma vida difícil. Mas o que eu não entendia era o que ele tinha a ver com Tyler. Então, procurei um pouco mais e descobri a forma interessante como Tyler e Jeremy se conheceram. Muito interessante mesmo.

Estava tão empolgado com meus pensamentos, que nem percebi que Humphrey havia entrado.

— Dean… hum… como posso falar isso? A Sra. Carmichael está na porta e deseja falar com você. — Olhando para Humphrey do outro lado da minha mesa, percebi que ele parecia perplexo.

— Leve-a até a sala de estar, ofereça uma bebida e avise que estarei lá em um minuto. Você pode ficar de olho nas minhas chamadas e me avisar se Scott ligar? Vou falar com ele assim que a Sra. Carmichael partir. Acredito que esta seja uma visita passageira?

Humphrey deu de ombros, mas balançou a cabeça e saiu. Eu não precisava dessas merdas agora, já tinha muitas outras para lidar. Mas tenho que admitir, fiquei intrigado para saber por que diabos ela estava me visitando. Eu só a tinha visto uma vez, com Aidan e seus filhos, de modo que essa visita era algo totalmente inesperado. Fechando meu laptop, levantei da cadeira e fui em direção à sala. Ao abrir a porta, vi a Sra. Carmichael sentada no sofá, o mesmo que seu marido sentou com uma prostituta no colo, acariciando-a enquanto tomava um copo de Bourbon.

Olhando para cima, ela educadamente sorriu e eu sentei em frente a ela.

— Dean, obrigada por me receber.

Balancei a cabeça graciosamente.

— É um prazer, Sra. Carmichael. Algum problema? Acredito que a senhora tenha um motivo sério para essa visita.

A Sra. Carmichael olhou timidamente para o chão e se mexeu em sua cadeira.

— Na verdade, me sinto muito desconfortável por vir aqui falar com você sobre isso.

Balancei a cabeça.

— Não há motivos para sentir-se assim. Sou tão seu amigo quanto do seu marido.

Cynthia sorriu, mostrando seus dentes brancos e perfeitos. Ela devia ter cerca de quarenta anos, e era bastante atraente para alguém casada com um homem como Aidan. As pessoas, após o casamento, pareciam tornar-se complacentes e desleixadas, mas Cynthia sempre manteve uma bela aparência e usava as melhores roupas. Seu cabelo loiro era perfeitamente penteado e sua maquiagem era discreta. Além disso, ela amava o marido e as filhas.

Aidan, você é um babaca idiota!

— É bobagem, realmente, mas eu precisava te perguntar algo. Aidan tem estado mais distante do que o habitual e eu tenho tentado descobrir o porquê. Sei que é estúpido da minha parte vir aqui, mas estou tão perdida. Achei que, como vocês estão sempre se falando, talvez você pudesse saber o que há de errado.

Então, caí em mim. Aidan não era o único babaca idiota. Eu também era. Por minhas próprias razões egoístas, eu o encorajei a transar com minhas duas prostitutas naquela noite. Não importava que ele não precisasse de muito incentivo. Eu ainda tinha desempenhado um papel, machucando esta pobre mulher.

— Tenho certeza de que, seja o que for, ele vai voltar ao normal em breve. Ele provavelmente deve estar com algum problema no trabalho ou algo assim. Talvez você só precise dar um pouco de

tempo a ele. — Me senti um merda falando isso, como se ela fosse uma criança de cinco anos de idade. Cynthia, obviamente, não nasceu ontem.

— Eu sei, você está certo. — Ela sorriu. — Talvez seja só uma fase e ele logo voltará ao normal. Não sei. — Ela suspirou e olhou para fora da janela por um momento. — No fundo, sei que ele tem me enganado.

Ela olhou para longe, dando-me a impressão de que se sentia culpada por acusá-lo. Isso ou ela sentia-se envergonhada. Era ele quem deveria se sentir envergonhado, aquele babaca. E vou fazê-lo entender isso, em breve. Já estava ficando farto das suas bravatas estúpidas mesmo.

— Escute, vou conversar com ele, posso? Ele sabe que pode falar comigo a respeito de qualquer coisa. Tenho certeza de que, seja o que for, posso conversar sobre isso com ele e tentar fazê-lo colocar a cabeça no lugar. Vou lembrá-lo de que ele precisa dar mais valor ao presente que ele tem em casa. — Dei-lhe um sorriso insolente e ela corou.

— Você é tão gentil, Dean. Sabia que poderia contar com você. Você sempre foi maravilhoso conosco. Inclusive para as meninas. Vejo a forma como você olha para elas e tenho certeza de que você será um ótimo pai, algum dia. Elas até se referem a você como Tio Dean.

Sorri. Isso aconteceu, provavelmente, porque sempre comprei presentes caros em cada aniversário e Natal, mas as crianças eram realmente adoráveis. Eles eram uma família bem situada financeiramente, mas as meninas nunca agiram de forma arrogante. Elas sempre mantiveram os pés no chão.

— Você tem duas meninas incríveis, Cynthia, deve ter muito orgulho delas.

Levantando-se, ela sentou ao meu lado. Cruzou as pernas e bateu os cílios para mim.

— Você realmente acha isso a meu respeito? — ela sussurrou.

— Isso o quê? — Eu meio que sabia aonde isso ia nos levar, mas tinha que ter certeza.

— Você sabe — disse ela, desviando o olhar. —, que eu sou um presente?

— É claro. — Eu sorri. — Você é uma mulher atraente, Sra. Carmichael. Qualquer um seria um homem de sorte em ter alguém como você como esposa.

Ela tremulou os cílios para mim novamente.

— Sério? Você acha? — Ela se aproximou ainda mais.

Ah, merda.

— Hum. Sim, claro.

— Tem muito tempo desde que alguém me elogiou dessa forma, é muito bom ouvir isso. Me faz sentir mulher novamente.

Eu não podia acreditar nisso. Era difícil acreditar que seu marido era tão cego.

— Talvez, Aidan só precise ser lembrado disso.

De repente, colocando a mão em meu joelho, ela apertou-o sugestivamente.

— Ou, talvez, eu pudesse ter alguém para *me* lembrar disso.

Dando um pulo da cadeira, fiquei de pé.

— Sinto muito, Sra. Carmichael. Sei que você e seu marido estão com alguns problemas, mas não quero ser a causa deles.

— Você não me quer? — ela perguntou com um beicinho.

Olhando para ela, eu sabia que transaria com ela em qualquer outra circunstância, mas ela era uma mulher casada, e eu não ficava com mulheres casadas.

— Claro que desejo, Sra. Carmichael. Quem não desejaria? Mas não posso fazer isso. Vocês são meus amigos e eu estimo muito a nossa amizade. Não posso fazer isso. Se não tivesse Aidan nesta equação, eu adoraria ter algo mais íntimo com você, mas, por favor, entenda que não posso

fazer isso com a família de vocês.

Ver as lágrimas em seus olhos me fez sentir como um babaca ainda maior.

Ela cobriu a boca com as mãos e virou a cabeça.

— Sinto muito. — Ela soluçou. — Não sei o que deu em mim. Nunca traí Aidan antes. Isso é patético. Você me faz um simples elogio e eu ajo como uma vadia.

Eu ri, mesmo que a situação estivesse longe de ser engraçada.

— Cynthia — eu disse, sentando ao lado dela e segurando sua mão. — Não quero que você se sinta envergonhada com nada. Não é sua culpa que seu marido tenha esquecido a mulher maravilhosa que tem. Por que você não o surpreende? Sugiro que você compre uma peça íntima nova. Posso garantir que essas coisas geralmente funcionam. — Dei uma piscada sugestiva e ela sorriu. — Enquanto isso, vou conversar com Aidan e lembrá-lo do quando a família significa. Não se preocupe. Não vou mencionar nossa conversa, mas certamente não posso deixar de fazê-lo perceber como você está chateada.

As lágrimas escorriam pelo seu rosto enquanto ela sorria carinhosamente para mim. Levantando, peguei um lenço de papel e coloquei em sua mão.

— Como você sabe, nunca me casei, mas acho que é um trabalho duro. Às vezes, um casal precisa passar por momentos difíceis, a fim de testar seu relacionamento. Vocês estão casados há muitos anos, é normal ter alguns altos e baixos.

Enxugando as lágrimas, ela fungou e assentiu.

— Sim, você está certo, é claro. Obrigada.

Acariciando-lhe o ombro, balancei a cabeça.

— Sem problemas. Quer ficar um pouco mais e tomar outra bebida, até que você se sinta um pouco melhor? Eu não me importo.

Cynthia balançou a cabeça.

— Não, está tudo bem. Já te ocupei por muito tempo. De toda forma, já me sinto muito melhor.

— Você tem certeza? — Sei que sou um monte de coisas, mas um bastardo sem coração não é uma delas. Cynthia era uma daquelas mulheres que meu pai costumava sempre falar. Ela merecia o meu respeito, e ela merecia ser cuidada e respeitada pela porra do marido idiota dela.

— Tenho sim — disse ela, levantando-se. — Preciso ir e encontrar com as meninas. Elas estão em uma festa de aniversário e devo buscá-las em meia hora.

Levantando, coloquei a mão na base das suas costas e caminhei até a porta com ela.

— Obrigada — ela disse novamente, virando-se para sair.

— Disponha, Sra. Carmichael, e dê olá para as meninas por mim. — Ela sorriu, entrou no carro e partiu.

Enquanto eu a observava sair com o carro, Humphrey apareceu ao meu lado.

— Dean, Scott ligou há dez minutos. Ele disse que os documentos estão prontos para serem assinados e que já estão com o advogado.

Balancei a cabeça.

— Obrigado, Humphrey. Vou ligar para eles agora.

Voltei para o escritório e fechei a porta. Liguei para Scott e para o meu advogado, Louis, e tudo parecia estar correndo como o previsto. Fiquei satisfeito. Eu estava satisfeito com um monte de coisas agora.

O telefonema que recebi a seguir, eu atendi com prazer. Eu sabia que era Jimmy e que era sobre Tyler.

— E aí, Jimmy? O que tem para mim? — Ele hesitou e percebi que havia algo errado. — Não

me diga que ela deu um balão em você e você não sabe onde ela foi parar? O que foi desta vez? Ela está brincando de gato e rato contigo? — Eu sabia que estava sendo sarcástico, mas já estava puto com essa merda.

— Hum… o que esta garota significa para você, Dean?

Minha postura ficou rígida.

— Que porra de papo é esse, Jimmy? Desembucha!

Ele suspirou e eu sabia que não era bom.

— Eu a segui. Ela estava com a gostosa que trabalha com ela e aquele outro cara. Eles saíram para dançar há algumas horas, no Buddies, e estão ficando cada vez mais bêbados.

Quanto mais ele falava, mais eu sentia a raiva crescer. Se algum filho da puta se atrevesse a colocar uma mão sobre ela, eu o mataria pessoalmente, sem pensar duas vezes.

O próximo telefonema que recebi, eu respondi com prazer. Eu sabia que era Jimmy e eu sabia que era sobre Tyler.

Ele suspirou novamente, e eu sabia que o que ele iria falar era a pior parte, o que quer que fosse.

— Tyler estava dançando com aquele cara do trabalho… seu nome é Ian. — Eu sabia muito bem o nome do filho da puta. — Bem, ele está com ela a noite toda, mas não é só isso, Dean. Ele beijou-a.

Capítulo 33

JAIMIE ROBERT

Tyler

Merda, eu estava perdida. Não sei que diabos eu estava fazendo. Fiquei no clube por cerca de três horas, e tudo que eu tinha feito era beber e sacudir a bunda. Ian estava agindo com seu comportamento habitual, dando em cima de mim, coisa que ele fazia numa base regular. Mas isso me incomodou. E fiquei ainda mais incomodada pelo fato do *meu estranho* não estar aqui. Provavelmente, ele não podia se esconder muito aqui, mas isso me deixou irritada. Ian ficaria desconfiado se eu não o deixasse fazer o que ele fazia sempre. Quando ele enfiou a língua na minha boca, finalmente tive a desculpa para lhe dar um empurrão, fingindo ser brincadeira. Ele riu e eu continuei dançando com Louisa. Ela estava tão bêbada quanto eu e ansiosa para ir para a casa de Peter. Pobre Peter.

O tempo voou e, pouco tempo depois, eu estava indo para casa, pronunciando com dificuldade o meu endereço para o motorista do táxi. Ele parecia um pouco apreensivo, mas me levou. Seu táxi ficou a salvo. Só quando cheguei em casa e deitei na cama é que o quarto começou a girar.

Isso foi o suficiente para que eu me sentisse ainda pior. Eu realmente me arrependeria no dia seguinte. Vomitei todo o conteúdo do meu estômago e um pouco mais. Eu não conseguia me lembrar da última vez que fiquei neste estado.

Nunca mais faria isso novamente.

Puxando o papel higiênico, me dei conta de que meu estranho não apareceu aqui hoje. O rolo de papel estava exatamente na mesma posição que eu havia deixado. Era estranho como isso me aborrecia. Na minha névoa bêbada, me senti desconfortável com essa perspectiva.

Onde ele estava?

Capítulo 34

JAIMIE ROBERT

Dean

"Um homem que contempla a vingança, mantém suas feridas abertas"

Francis Brown

Era a manhã seguinte após ouvir a notícia sobre Tyler e Ian. Tive um acesso de raiva e me mantive acordado a noite toda. Eu estava começando a deixá-la me conquistar, e a filha da puta fez isso comigo. De novo.

Chega. A operação Lótus estava voltando aos trilhos. Eu não a deixaria se aproximar de mim novamente. Eu não seria um prisioneiro dela. Eu sabia que a hora da vingança estava chegando, mas tinha me envolvido e baixado a guarda por causa de uma boceta.

Não mais.

Ontem à noite, fiquei com tanta raiva, que não estava pensando direito. Quando descobri que ela foi para casa sozinha, fui atrás dela. Deus sabe o que eu teria dito ou feito, mas eu estava tão enraivecido, que não me importava. Quando cheguei ao seu apartamento e a vi desmaiada sobre a cama, é que comecei a pensar com mais clareza. Não a toquei. Na verdade, puxei uma coberta sobre ela, para que ela não sentisse frio. Que coisa doentia era essa?

Mas não pude evitar. Antes de sair, virei o papel higiênico para o outro lado. Chame isso de infantilidade ou de acesso de raiva. Não me importo. Era a única coisa que eu podia fazer para demonstrar a ela que eu ainda estava aqui, tomando conta da vida dela, envolvido em sua vida. Ela não conseguiria mais escapar da minha ira. Eu tinha me tornado completamente complacente com a Tyler. Abri uma brecha e a deixei entrar. Tinha que deixá-la ver um pouco de quem eu sou agora. Antes que fosse tarde demais. Antes que eu caísse e a levasse comigo. Avisei a ela que eu era um demônio e que demônios não podem amar. Ela, como todas as outras mulheres, tinha tentado me mudar. Por que toda mulher acha que pode mudar os homens? Por que elas achavam que podiam envolver a gente e depois arrancar a porra do nosso coração?

Não mesmo.

Estava quase saindo quando a ouvi falar algo dormindo.

— Dean — ela gritou. Congelei, deixando a raiva me tomar de novo. Ela não tinha o direito de sonhar comigo, quando permitia que outro homem enfiasse a língua na sua goela e a tocasse em lugares que só eu poderia tocar.

Só eu!

Quando cheguei em casa, tentei dormir, mas foi inútil. Acabei usando o meu saco de pancadas para desabafar. O exercício afastou o latejar da minha cabeça, os socos afastaram cada pensamento que tive sobre Tyler. Em minha raiva, comecei a fazer planos. Planos que eu colocaria em prática, em breve. Mas, primeiro, eu tinha que trepar com ela uma última vez. Fazê-la perceber que ela é minha e nunca vai pertencer a qualquer outra pessoa. Se ela queria que seu demônio agisse, era o que ele

faria.

Então, esperei anoitecer e fiquei pronto. Peguei o Jaguar desta vez, porque eu estava usando os outros dois carros com muita frequência. Era hora de mudar… em mais de uma maneira.

Estacionei o carro e subi as escadas até o seu apartamento. Era uma noite muito fria. O tipo de noite que você consegue ver o vapor saindo pela boca. Era exatamente como eu gostava: frio e implacável.

Passei pela porta e percebi que ela estava dormindo. Ela gemeu e virou-se para mim. Quase como se soubesse que eu estava lá, antes que eu fizesse qualquer som. Será que ela estava ciente da minha presença?

Sorri, apesar da raiva. Não importa quem ela deixe tocá-la. Ela jamais escaparia daquele que poderia lhe dar tudo.

Eu.

— Lótus — ela sussurrou, esfregando os olhos sonolentos. Ela estava nua, é claro, o que trouxe outro sorriso ao meu rosto. Ela estava aprendendo rápido.

— Fique de quatro. Agora! — eu bradei.

Tyler congelou instantaneamente, uma pitada de medo e o que parecia ser luxúria em seus olhos. Achei que ela iria me desobedecer, exigindo saber o que tinha acontecido comigo, mas ela obedeceu. Andei até ela e notei sua respiração ofegante. Ela estava olhando para mim agora, mas eu não a deixaria me ver.

— Olhe para frente — ordenei e ela o fez, sem um segundo olhar. Olhei suas formas nuas, admirando a curva das suas costas. Seu cabelo descansava sobre suas costas e sua bunda estava tão empinada que meu pau tencionou, em agonia para chegar até ela.

Eu não podia negar. Tyler era excepcionalmente bela. Possivelmente a mulher mais bonita que já encontrei, mas isso não desfaz o fato de que ela é uma bruxa. A mulher que usa a beleza a seu favor. Ela é uma mulher que merecia riqueza, as coisas boas da vida. E eu esperava que, quando isso acabasse, ela encontrasse alguém que desse isso a ela. Mas ela nunca ficaria completamente livre de mim. Ela nunca seria capaz de amar um homem ou ter outro homem que a tocasse como eu. E eu a assombraria para sempre. Seu Dean. Seu Lótus.

Observando-a, pude sentir o desejo de Tyler de me tocar. Desejo de que eu a tomasse da maneira que eu quisesse. De olhar para mim e ver o que eu estava fazendo.

— Olhe para frente! — grunhi novamente e, imediatamente, ela endureceu e olhou para frente. Foi então que eu presenteei com o meu toque. Neste momento, enquanto eu estava acariciando sua bunda, ela fechou os olhos, desfrutando do toque da minha mão sobre ela. Ela estava esperando por esse momento. Eu sabia.

— Você foi muito desobediente, Tyler. Você sabe o que acontece com meninas desobedientes como você?

Tyler franziu a testa e tentou virar a cabeça.

— Não sei do que você…

— Olhe para frente, Tyler. Eu não vou falar de novo. Você quer ser punida? — Merda, esta era, provavelmente, a pergunta errada. Ela provavelmente queria ser punida, mas não se isso significasse que ela não poderia gozar.

— Você não vai me deixar gozar? — ela perguntou, como se estivesse lendo a minha mente.

Eu ri um pouco.

— Só boas meninas podem gozar, Tyler. Você não foi uma boa menina, não é? Talvez, se você fizer o que eu mandar esta noite, posso conceder-lhe o seu orgasmo, mas somente se você fizer o que

eu mandar. Entendeu?

— Sim, mas não sei o que você…

Eu bati-lhe com força na bunda, fazendo-a grunhir.

— É assim que uma menina desobediente deve ser tratada, Tyler? É?

— O que eu…

Bati com força e ela gritou, ofegando e gemendo. Aposto que, se eu a tocasse agora, ela estaria pingando.

— Onde você estava ontem à noite, Tyler? — Eu não deveria abordar isso. Deveria manter o motivo da minha raiva em segredo, mas agora, eu queria falar como eu estava puto com a coisa entre ela e Ian. Ela entenderia, sem saber quem eu sou. Isso eu revelaria mais tarde. Mais cedo do que ela imaginava.

Vi os olhos de Tyler se arregalarem, como se estivesse procurando a razão pela qual eu estava zangado com ela. Então, como se ela tivesse lembrado de repente, ela fechou os olhos.

— É isso mesmo, Tyler. Nunca pense que você não está sendo vigiada. — Acariciei sua bunda novamente, fazendo-a estremecer.

— Não era o que você…

Bati com força novamente e ela gritou.

— Não nasci ontem, Tyler — gritei. — Agora, onde estávamos? Ah, sim. Punição adequada. Como você acha que deveria ser punida por suas ações na noite passada, Tyler?

Seus olhos se arregalaram.

— Você está me perguntando?

Passando a mão por debaixo dela, apertei o mamilo, fazendo-a gemer.

— Sim, estou perguntando. Você foi desobediente e precisa de punição. O que você acha que é adequado?

Eu a vi hesitar, mas também pude ver sua respiração ofegante. Eu sabia que suas fantasias sombrias estavam prestes a virar realidade, mas estavam torturando a sua mente. Doce, depravada, gostosa tortura.

Enquanto ela ponderava sobre a sua punição, olhei para sua boceta. Pude ver o brilho se umidade e queria prová-la desesperadamente. Talvez, se eu fizesse, poderia ajudá-la a decidir.

Não perdi tempo. Abaixei-me por trás dela e lambi sua boceta em direção ao clitóris, saboreando a doce umidade. Tyler estremeceu e seus joelhos quase cederam.

— Você não está me respondendo, Tyler — murmurei, voltando à minha tortura. Enfiei minha língua dentro dela e gemi em aprovação. — Você tem um gosto bom pra caralho, Tyler. Quer se provar?

Tyler gemeu e empurrou para trás em minha direção, desesperada para que eu a tocasse novamente. Seu corpo clamava por mim.

Colocando o dedo dentro dela, passei minha língua sobre seu clitóris.

— Por favor — ela implorou, estremecendo sob o meu toque. Ela estava lá, já querendo a liberação que ela sabia que só eu poderia lhe dar.

Tirando o dedo, levantei da cama e dei a volta para enfrentá-la. Sem palavras, coloquei meu dedo em sua boca.

— Prove-se, Tyler. Sinta como sua boceta é gostosa — eu grunhi.

Ela fez como instruído e fechou os olhos. Ela lambeu e chupou o dedo antes de finalmente passar os dentes. Quase perdi o controle, mas consegui me conter. Precisava puni-la primeiro.

Com o dedo ainda úmido, tracei uma linha de seus ombros, na direção do seu peito, antes de

finalmente tocar em seu mamilo novamente. Ambos estavam tão duros que era difícil manter o foco.

Com a respiração entrecortada, segui meus dedos em direção à sua fenda molhada novamente e mergulhei o dedo dentro dela. Ela gemeu e se contorceu novamente, o que tornava ainda mais difícil manter minha cabeça no lugar. Tudo que se relacionava a Tyler me fazia perder a cabeça.

Tirando meu dedo, acariciei sua bunda novamente. Tyler gemeu.

— Você pode me tomar lá… — ela sussurrou. — Quero que você segure meu cabelo com força e me foda lá.

Merda, o que ela estava tentando fazer comigo? Ela estava me dando permissão para que eu a tomasse no lugar onde ela nunca havia feito nada? Puta merda, como isso não me deixaria ligado? Não seria poético comê-la assim, na nossa última noite?

— Tem certeza? — perguntei, minha respiração ficando ofegante.

— Sim — ela sussurrou. — Por favor.

— Preciso deixá-la molhada, Tyler.

— Me espanque — disse ela, sua respiração ainda mais ofegante agora.

Não perdi tempo. Dei-lhe a surra que ela desejava.

— Tenho sido uma menina desobediente, Lótus. Você precisa me punir. Foda-me e bata em mim.

Uau, acho que estou vendo estrelas. Será que essa mulher tem alguma ideia do que está fazendo comigo? A razão pela qual eu estava aqui desapareceu completamente.

Posicionando-me atrás dela, abri minha calça e deixei meu pau duro livre. Ele saltou e foi em direção à boceta de Tyler, como se procurasse a porra do seu calor. Era quase como se meu pau tivesse vontade própria. Ele queria Tyler e sabia exatamente onde ela estava e como agradá-la.

Enfiei minha mão entre suas pernas e coloquei dois dedos dentro dela, enquanto brincava com seu clitóris. Tyler ergueu a bunda a cada impulso, gemendo meu nome. Quando meus dedos estavam bem molhados, levei-os em direção à sua bunda, lubrificando-a. Com um movimento rápido, entrei em sua boceta e senti seu aperto ao redor do meu pau.

— Lótus — ela gemeu, jogando a cabeça para trás. Puxei meu pau para fora e esfreguei a ponta em sua bunda, antes de estocar novamente em sua boceta apertada.

— Oh, Deus! — ela gritou e eu sabia que ela não conseguiria segurar por muito mais tempo.

Tirei-o novamente e esfreguei meu pau em sua bunda novamente, deixando-a realmente molhada lá. Tyler empurrou contra mim, me dando permissão. Convencido de que ela estava molhada o suficiente, penetrei pouco a pouco. Tyler estremeceu, fazendo-me parar, mas ela virou a cabeça para mim.

— Continue — ela murmurou, com a voz tensa.

Bati em sua bunda e ela gritou.

— Eu disse para você ficar virada para frente, caralho! — gritei. Era difícil manter o equilíbrio. Tyler era tão gostosa e apertada, que eu estava achando difícil manter o controle. Eu entrei mais e mais. Ela estremeceu, mas não me pediu para parar. Enfiei novamente, e já estava quase totalmente dentro dela. Eu queria estocar com força, ela estava me matando. Mas eu tinha que ser gentil. Eu não era um monstro. Eu tinha que saber que Tyler teria prazer.

Colocando minha mão em sua boceta, encontrei o clitóris e comecei a esfregá-lo. Eu tinha que tentar fazê-la relaxar um pouco, para que ela pudesse apreciar isso tanto quanto eu.

Quando ela gemeu, eu soube que poderia enchê-la completamente. Com mais um empurrão, entrei completamente e o alívio foi imenso. Eu podia continuar agora. Podia me mover em meu ritmo e ver Tyler desmoronar debaixo de mim.

Então foi isso que eu fiz e, puta merda, como ela era gostosa.

— Você é tão apertada — murmurei, agarrando um punhado do seu cabelo. — Estou machucando você?

Tyler balançou a cabeça.

— Não. Continue.

Eu fiz como ela pediu e mantive meu ritmo. Não tão rápido como eu teria gostado, mas rápido o suficiente. Com a outra mão livre agora, bati em sua bunda com força e ela gemeu com o meu toque. Passando minha mão por debaixo dela, encontrei o clitóris de novo e comecei a acariciar. Tyler gritou e eu sabia que, se eu continuasse assim, ela gozaria em breve.

— Você gosta desse tipo de putaria, Tyler? — perguntei, minha respiração irregular. Era difícil manter o foco com uma foda tão boa.

— Sim! — ela gritou.

Eu estava esfregando seu clitóris e puxando seu cabelo.

— Você quer que eu te mostre como você foi desobediente?

— Sim! — ela gritou novamente, me dando permissão para bater nela de novo. Tyler estava à beira do clímax agora, e eu não estava muito atrás. Não podia me deixar gozar antes dela. Não seria certo. Rangendo os dentes, continuei. Fechei os olhos e tentei pensar em algo além do quanto ela era gostosa.

— Lótus, continue! — ela gritou. — Me fode.

Gemendo, bati nela de novo e isso foi o suficiente para levá-la ao auge. Tyler gritou meu nome, gemendo e praguejando como a bela bruxa que era.

Com o imenso alívio por ela ter gozado, me permiti gozar também. Acelerei os movimentos e agarrei seus cabelos novamente. Perdi-me em seu corpo e comemorei quando o orgasmo começou a me tomar. Eu vibrava como um maldito leão e gozei dentro dela. Perdi completamente a cabeça durante aqueles poucos segundos. Nunca senti nada parecido em toda a minha vida. Não tinha palavras para descrever a intensidade daquele momento.

— Porra — gemi, finalmente tirando o pau da sua bunda. Eu não podia estar fazendo isso. Não podia deixá-la me destruir, como eu estava tentando destruí-la. Simplesmente, eu não podia deixar isso acontecer. De novo não.

Desmoronando, Tyler soltou um gemido, antes de virar e olhar para mim.

— Eu nunca fiz isso antes.

Balancei minha cabeça.

— Eu sei que não.

— Você veio aqui, ontem à noite, não foi? Você veio para me punir?

Ignorando-a, fechei o zíper e fui para o banheiro. Procurei um hidratante em sua prateleira. A caminho da porta, vi que o papel higiênico estava virado. Troquei-o de lugar. Com o creme na mão, voltei para encontrar Tyler ainda esparramada na cama, nua e descoberta.

— Vire de frente — ordenei.

Ela fez como lhe foi dito e, na luz fraca, notei que havia marcas em sua bunda. Esfregando um pouco de creme em minhas mãos, comecei a massageá-la.

— Humm, que gostoso — ela gemeu. — Um demônio nunca cuidaria de mim do jeito você que está fazendo agora.

Eu me encolhi instantaneamente.

— Não confunda passar um creme na sua bunda com cuidar de você, Tyler. Isto é simplesmente para me certificar de que você estará preparada na próxima vez.

Tyler virou a cabeça, tentando olhar para mim.

— Ainda haverá uma próxima vez?

O jeito que ela perguntou era quase como se soubesse que o que tínhamos, em breve, estaria chegando ao fim. Como ela poderia saber? Eu nunca tinha dado a ela qualquer indicação de que teríamos um fim em breve. Será que essa bruxa estava lendo minha mente, agora?

— O que faz você pensar que não haverá? — perguntei, terminando de passar o creme.

Quando acabei, Tyler se virou para mim com um sorriso insolente.

— Você nunca pode ter muito de uma coisa boa, certo?

Ela estava tentando ser engraçada, repetindo a mesma coisa que eu tinha dito a ela há pouco tempo. Não funcionou comigo, no entanto. Por trás desse sorriso, por trás dessa fachada insolente, havia uma dor que eu sabia que nunca iria embora. Eu a tinha em minhas mãos agora. Ela estava exatamente onde eu queria que ela estivesse, porra. Então, por que ainda me sinto tão errado? Por que, mesmo depois de tudo o que ela tinha feito, eu ainda desejava pegá-la em meus braços e nunca mais deixá-la ir?

Respondendo a ela com um tímido "*Sim*", levantei da cama e fui para o banheiro lavar as mãos. Toda vez que eu vinha a esse apartamento, parecia que eu tinha um plano, mas ele mudava completamente.

Saindo do banheiro, segui em direção à porta, mas Tyler me interrompeu.

— Beije-me — ela implorou novamente.

Parei na porta e fechei meus olhos. Eu não podia deixá-la ver o quanto suas palavras me afetaram. Eu não podia deixá-la ver o quanto ela me afetava. Era hora de ir e agir. Eu não poderia ficar trepando com ela por mais tempo.

— Não — eu disse, saindo do quarto.

Estava na hora de começar a minha vingança.

Capítulo 35

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 2001

Eu estava em meu quarto, com o walkman nos ouvidos, escutando My way, do Usher. Ele era o meu artista favorito, no momento. Eu amava todas as músicas que ele lançou, e era o melhor dançarino de todos.

Se não fosse pelo fato de a música estar terminando, eu teria perdido a familiar batida na minha janela.

Vi outra pedra quicando no vidro. Imediatamente levantei e corri para ver quem estava atirando pedras. Como se eu não soubesse.

Quando olhei para baixo, Dean estava ali de pé, usando um terno, seu cabelo penteado para trás e seus olhos brilhando com um desejo intenso.

Abri a janela.

— O que você está fazendo? — perguntei, tentando me manter o mais tranquila possível. Eu não queria que meus pais ouvissem. Eles teriam ficado loucos se soubessem que Dean estava ali fora, jogando pedras em minha janela.

— Feliz dia dos namorados — ele sussurrou, agitando uma rosa vermelha no ar.

Se eu achava que ele poderia não ser o homem dos meus sonhos, eu estava errada. Dean provou inúmeras vezes que ele era perfeito para mim. Se meus pais pudessem perceber isso…

— Dean, você é impossível — eu disse, rindo.

— Impossivelmente apaixonado pela menina de olhos castanhos brilhantes — ele sussurrou de volta. — Espera aí. Estou chegando. — Colocando a rosa na boca, Dean escalou a treliça até a minha janela.

Ao chegar no topo, ele me entregou a rosa com um sorriso insolente.

— Eu te disse que você era a garota que merecia flores.

Minha boca secou e meu coração vibrou com a possibilidade de Dean me beijar esta noite. Eu tinha mais cinco meses até que meu décimo sexto aniversário chegasse, e estava contando cada segundo de cada dia até ele. Dean me visitava, escalando minha janela de vez em quando, especialmente quando eu estava de castigo. Normalmente, eu ficava de castigo porque tinha ido visitar Dean quando não deveria. Outra vez, fiquei de castigo porque Ian me manteve na rua até tarde, quando saímos para beber. Esse castigo durou duas semanas.

No entanto, eu não estava de castigo hoje à noite. Não, esta noite eu tive que sair para jantar com meus pais porque era o vigésimo aniversário de casamento deles. Apesar de o meu coração doer para estar com Dean esta noite, eu sabia que essa era uma ocasião especial para os meus pais. Eles insistiram em celebrar comigo e minha irmã, então, como eu poderia dizer não?

Pegando a rosa da mão de Dean, inalei, sentindo seu perfume.

— Você faz ideia de como você está linda? Minha vontade é devorá-la.

Eu queimava de necessidade por ele. Eu precisava dele. Queria que ele me tomasse. Quando eu completasse dezesseis anos, eu o pediria para tirar minha virgindade. Não faria sentido perdê-la com qualquer outra pessoa. Só Dean tinha esse direito e eu simplesmente mal podia esperar por esse dia.

— E então, você não vai me dar um beijo? — ele perguntou, apontando para a bochecha.

— Obrigada — respondi, muito atordoada para formar qualquer outra palavra. Agarrando a rosa, me debrucei na janela, para alcançar o rosto de Dean. Eu esperava que, no último minuto, ele virasse o rosto e beijasse meus lábios. Cheguei mais perto e, quanto mais me aproximava, mais meu coração batia com força. Eu estava a poucos centímetros dele agora, o cheiro do seu perfume me envolvendo e tornando o desejo ainda maior. Eu estava quase lá, prestes a beijá-lo, quando uma batida na porta me fez saltar.

— Tyler, vamos sair em dez minutos. Você está pronta? — A porta se abriu, e eu escondi a rosa atrás das minhas costas.

— O que você está fazendo aí? — meu pai perguntou quando me viu rígida, na janela. Ele olhou atrás de mim, franzindo a testa. Meu coração acelerou.

Virando a cabeça, olhei para o lado de fora, mas Dean não estava mais lá.

— Por que você está ali com a janela aberta? Esse vento frio vai te fazer mal. — Meu pai seguiu até a janela, olhou para fora, e fechou-a.

— Pensei ter ouvido um barulho, então abri a janela para dar uma olhada. Era apenas o gato da Sra. Crowther derrubando uma caixa. — A mentira escorregou dos meus lábios e me preparei para ser questionada. Ele era um advogado. Conseguia farejar mentirosos e trapaceiros a meio metro de distância. Em vez disso, ele apenas sorriu, me mostrando os dentes brancos e perfeitos. Meu pai sempre foi um homem atraente, sempre muito bem vestido e bem cuidado. Assim como minha mãe.

— Bem, não demore muito — ele finalmente respondeu. — Temos a mesa reservada para as oito. Já está quase na hora.

Eu sorri aliviada, grata por ele não ficar desconfiado de mim ou, pior ainda, perguntar o que estava nas minhas costas.

— Já vou, papai. Só preciso me refrescar.

Chegando mais perto de mim, meu pai segurou meu queixo.

— Você nunca precisa se refrescar, docinho. Você sempre está linda.

Sorri docemente para o meu pai e vi quando ele saiu do quarto. Uma respiração profunda saiu dos meus lábios quando fechei os olhos. Foi por pouco.

****

Alguns dias depois, tudo estava indo às mil maravilhas. Eu visitava Jeremy a cada oportunidade e, apesar de parecer cada vez mais pálido, ele estava determinado a ter alta amanhã. Ele estava tão feliz e cheio de vida, que orei para que isso ajudasse na sua recuperação. Jeremy leu os seis livros da série que eu havia comprado e estava começando outro agora. Dei a ele um carregamento de salgadinhos, mas tinha muito mais esperando por ele em casa. Eu o matriculei na escola, e ele começaria semana que vem. Fiz o meu melhor para preparar tudo e deixá-lo o mais confortável possível, enquanto ele estava morando comigo.

Eu estava no trabalho e era quase hora do almoço. Andrew Walker parecia um pouco preocupado hoje, mas eu imaginei que ele estivesse assim porque estava rolando uma conversa de

que outro juiz e até mesmo um promotor estavam envolvidos com prostituição de menores e tráfico de drogas. A loucura do mundo parecia não acabar.

Pegando minha bolsa, fui encontrar com meus pais num restaurante. Eu não acreditava que conseguiria vê-los hoje. Deliberadamente escolhi o restaurante em frente ao McDonald's onde Jeremy disse que conheceu Julie. Eu tinha vindo aqui várias vezes, com a esperança de encontrar uma menina que combinasse com a sua descrição.

Ao me aproximar do restaurante, vi que meus pais já estavam esperando por mim. Ao me verem, eles levantaram.

— Tyler, como está o meu docinho? — papai perguntou, me dando um beijo na bochecha.

— Bem, obrigada. E vocês? — Sentei em frente a eles e a garçonete veio anotar meu pedido de Salada Caesar e uma Coca-Cola Diet. Meus pais pediram o mesmo.

— Acredita que seu pai comprou outro barco? — Minha mãe revirou os olhos, mas sorriu para ele.

— O que há de errado com o que você tinha? — Fiz uma careta. Minha mãe fez um gesto com as mãos como se dissesse: *exatamente*.

— Quero algo maior — ele respondeu com um sorriso. Meu pai sempre teve um sorriso agradável. Seus dentes eram tão perfeitos quanto os da mamãe, e ele sempre se mantinha em boa forma. A única coisa que ele não fazia era pintar o cabelo, que estava grisalho nas laterais, mas ele parecia bastante distinto.

— Pai, seu iate tem cinquenta pés. Como você pode querer algo ainda maior?

Minha mãe agitou as mãos na minha frente.

— Não adianta tentar convencê-lo, Tyler. Eu tive exatamente a mesma conversa e ele não vai escutar.

— Não vai demorar muito antes de seu grande aniversário, Tyler — meu pai disse, convenientemente mudando de assunto.

Revirei os olhos.

— Obrigada por me lembrar, papai.

— Oh, querida — minha mãe disse, colocando a mão no meu joelho. — É aí que toda a diversão começa. Você vai ter adolescentes babando em cima de você. E espere até chegar aos quarenta. É ainda pior. — Ela riu.

Balancei minha cabeça com uma risada.

— Eu não tenho nenhuma intenção de se tornar uma loba, mamãe, mas obrigada.

— Você já pensou no que você vai fazer com o dinheiro? — perguntou meu pai.

Suspirei, notando a garçonete vindo com a minha bebida. Fiquei em silêncio até que ela fosse embora, mas eu não estava feliz. Eu estava para herdar um fundo fiduciário de Deus sabe quanto, dos meus pais, quando eu completasse trinta anos. Minha irmã recebeu o dela há três anos, quando se casou. Agora era a minha vez, mas eu não estava feliz. Eu sempre fui independente, e não queria ou precisava do seu dinheiro.

— Não, pai, não pensei.

Minha mãe de repente saltou, ficando animada.

— Oh, você poderia comprar um desses novos apartamentos que estão construindo na Marcham Street. Ouvi dizer que eles serão espetaculares. Condomínio Lótus, acho que é o nome.

Virando a cabeça para encontrar seu olhar, minha boca estava aberta, em estado de choque.

— O que você falou?

Minha mãe olhou para mim sem expressão.

— Condomínio Lótus. Eles usam a flor como logotipo. Ele é administrado por algum grande empreendedor, um figurão que ninguém conhece. É uma pena porque, aparentemente, ele é muito jovem e muito sexy. Vocês dois poderiam se conhecer.

Meu coração começou a bater mais forte. Não podia ser verdade, podia? Era o *meu estranho*, o meu Lótus, este homem misterioso no comando deste empreendimento? Certamente deve ser uma coincidência.

— Se ninguém sabe quem ele é, como as pessoas podem saber que ele é jovem e muito sexy?

Meu pai riu.

— Eu continuo dizendo à sua mãe para parar de ouvir fofoca. O homem provavelmente deve ter sessenta anos, uma barriga de cerveja e um monte de pelos faciais. Eu realmente não sei de onde ela tira isso.

Minha mãe deu um muxoxo.

— Derren, vamos lá. Você realmente não acha que um homem da sua estirpe vai conseguir ficar escondido por muito tempo, não é? Muito em breve, alguém vai revelá-lo, a menos que ele mesmo o faça.

A perspectiva de isso acontecer deixou minha cabeça latejando. Não era possível que minha mãe soubesse o que estava acontecendo comigo e Lótus, mas ela bateu muito perto da marca. Certamente este homem não é o *meu desconhecido*.

Nesse momento, a nossa comida chegou e começamos a comer.

— Você tem visto Ian? — meu pai perguntou com uma sobrancelha levantada.

— Nós nos vemos todos os dias no trabalho, e toda sexta-feira para a noite do espaguete.

Meu pai riu.

— Noite do espaguete?

Dando uma garfada, balancei a cabeça.

— Sim, mas ele acha que a receita é criação minha, quando, na verdade, achei em um livro de receitas. — Eu ri da minha própria piada quando meus pais abriram um sorriso.

— Acontece — minha mãe disse para o meu pai. — que eles, na verdade, são ACB.

Olhando para minha mãe, eu fiz uma careta.

— ACB? Que diabos é ACB?

Ela se inclinou para frente, sussurrando:

— Amigos com benefícios, é claro.

— Mãe! — gritei um pouco alto demais. Olhei em volta e vi algumas pessoas olhando, mas, felizmente, não falei alto o suficiente para ganhar a atenção de todo o restaurante. — Nós podemos não discutir isso aqui, especialmente na frente do papai?

Meu pai riu.

— Eu não sou um velho tolo e bobo, Tyler. Você tem quase trinta. Não pense que eu não sei o que você está fazendo por trás das portas fechadas.

Meus olhos se arregalaram e fiquei paranoica por um segundo. Certamente, ele não sabia. Eu duvidava que nós estaríamos tendo esta conversa tranquila se ele soubesse.

— Por favor, chão, me devore.

Minha mãe gentilmente tocou a mão do meu pai.

— Derren, não vamos constranger a pobre moça ainda mais.

Balancei a cabeça em direção à minha mãe, pensando que este era o fim da conversa.

— Você está saindo com alguém?

Fechando os olhos, suspirei um pouco. Por que minha mãe e meu pai estavam sempre tão

interessados em minha vida amorosa?

— Não — eu disse, balançando a cabeça. — Não estou saindo com ninguém. Eu tenho muitas outras coisas acontecendo em minha vida no momento.

Meu pai sentou-se esticado em sua cadeira e olhou para mim.

— Como o quê, Tyler?

Eu sabia que chegaria o dia em que eu teria que contar a eles sobre Jeremy. Eu o tinha mantido em segredo por tempo suficiente, mas agora que ele está vindo morar comigo, eu não poderia escondê-lo por mais tempo. As pessoas na minha vida tinham que saber. Então, comecei a contar sobre ele e como nos conhecemos, e que ele iria morar comigo.

— Tyler. — Meu pai suspirou, dobrando o guardanapo na mesa. — O que você está fazendo é uma coisa muito, muito altruísta e corajosa, mas você não acha que está assumindo uma grande responsabilidade? Ele é um adolescente e, não é só isso, ele é um adolescente doente.

Eu suspirei.

— Que é exatamente a razão pela qual eu preciso fazer isso. Ele teve esse tipo de atitude das pessoas por toda a sua vida. Ele nunca soube como ter uma família adequada, porque as pessoas nunca permitiram que ele se aproximasse. Quando isso aconteceu, Jeremy se afastou de todo mundo, fingindo que não se importava com o fato de não ter ninguém. Ele implora para ser amado. Pouco tempo depois de conhecê-lo, eu me apaixonei por ele. Ele é o garoto de dezesseis anos mais amigável, leal e cuidadoso que já conheci, e ele precisa ter uma família. Ele tem direito a uma família, e eu vou fazer o que for preciso para que ele tenha certeza de que me tem como sua família. Por favor, me apoiem e entendam que eu tenho que fazer isso.

Baixei a cabeça, tentando não ficar muito chateada. Eu sentia amor e cuidava de Jeremy como se ele fosse meu irmão mais novo. Eu faria qualquer coisa para fazê-lo feliz e mais ainda para fazê-lo ficar bem novamente.

Sentindo a mão da minha mãe sobre a minha, olhei para cima. Pela primeira vez, vi uma verdadeira admiração em seus olhos quando ela sorriu para mim.

— Querida, por que você não nos contou sobre ele antes? Claro que vamos apoiá-la, se isso é o que realmente sente. Você, obviamente, o ama e se importa muito com este menino. Queremos encontrá-lo quando for possível.

Sorri para minha mãe e olhei para ver o sorriso no rosto do meu pai também. Eu precisava tanto do seu apoio e, a julgar pela forma como meu pai estava olhando para mim, eu o tinha.

— Obrigada — suspirei, sentindo como se um enorme peso tivesse sido tirado dos meus ombros.

— O que você está fazendo é muito admirável, Tyler. Nós não poderíamos estar mais orgulhosos de vocês.

Senti as lágrimas em meus olhos.

— Obrigada, pai. Obrigada por acreditar em mim.

Ao meu lado, minha mãe fez um muxoxo novamente.

— Não é uma questão de não acreditar em você, Tyler. Sempre acreditamos em você. Você é uma jovem muito teimosa, mas sempre acreditamos em você. — Ela levantou a sobrancelha para mim, me fazendo rir.

— Ouça — disse ela, séria, de repente. — Sei que nós oferecemos inúmeras vezes e você sempre recusou, mas, se precisar de alguma coisa, você sabe onde estamos. Seu pai e eu estamos a apenas um telefonema de distância e ficaremos muito felizes em ajudar.

Meus pais me conheciam muito bem. Eles sabiam que eu nunca pediria a eles qualquer coisa.

Não a menos que fosse uma emergência absoluta e eu precisasse desesperadamente de ajuda. Era uma estranha relação, realmente. Normalmente, os pais estavam dispostos a deixar seus filhos voarem do ninho e fazerem suas coisas. Aprenda com seus erros, ganhe o seu próprio dinheiro, e escolha seus próprios caminhos na vida. Não era o caso dos meus pais, no entanto. Desde o início, eles tinham se esforçado para me guiar. Queriam segurar a minha mão a cada passo do caminho e oferecer uma saída, quando necessário. Em certo sentido, era bom porque isso só me deu a força para querer seguir sozinha. Em vez de agarrar a opção mais fácil, eu batalhava mais.

Quando a conta chegou, meu pai insistiu em pagar. Olhando para fora, notei algo com o canto do olho: uma menina com cabelo loiro, por volta de quinze ou dezesseis anos. Ela olhou para o relógio como se estivesse esperando por alguém. Certamente ela poderia ser a famosa Julie da qual eu tinha ouvido a respeito.

Só havia uma maneira de descobrir.

Levantando, olhei para a expressão chocada dos meus pais.

— Eu realmente sinto muito, mas preciso correr. Vocês não se importam, não é? — Olhei para eles e sorri suplicante.

— Claro que não — disse meu pai. — Vai fazer suas coisas. Nós vamos resolver tudo aqui.

Agradeci e dei-lhes um beijinho na bochecha, antes de correr para fora. Felizmente, quando olhei de novo, ela ainda estava parada lá, à espera de alguém. Quando atravessei a rua para me aproximar dela, ela olhou para mim um pouco desconfiada, mas sorriu.

— Desculpe te abordar assim, mas você é a Julie?

A garota sorriu, mas ela ainda estava um pouco desconfiada de mim. Ela era muito bonita. Eu certamente tinha que concordar com Jeremy. Ele tinha muito bom gosto. Seu cabelo era liso e sedoso, seus olhos azuis eram escuros, mas radiantes. Ela tinha sardas, que tocavam levemente seu rosto, quase como um beijo. Ela seria muito bonita quando ficasse mais velha.

— Si… sim — disse ela com um ligeiro gaguejar. — Eu sou Julie.

Segurando a sua mão, sorri.

— Tyler O'Shea é o meu nome. Eu sou a melhor amiga e guardiã de Jeremy. — Vi a sugestão de reconhecimento em seus olhos, quando ela apertou minha mão. — Vou assumir que esse olhar significa que você sabe de quem estou falando.

Ela assentiu com um sorriso tímido.

— Sim, mas não entendo o que você está fazendo aqui.

Colocando a mão no meu bolso, peguei um cartão para que ela soubesse que eu estava dizendo a verdade sobre quem eu era.

— Sinto muito — falei, tentando aliviar a pressão. — Juro que não estava perseguindo você. — Revirei os olhos por dentro com a ironia. — Eu estava almoçando com meus pais ali naquele restaurante. — Apontei e, naquele momento, meus pais saíram e me deram tchau. Acenei de volta e virei para Julie novamente. — Quando eu vi você, eu não consegui acreditar em meus olhos. Jeremy me disse que conheceu você aqui e eu sabia que não poderia ser uma coincidência quando te vi. Já ouvi muito sobre você, eu sinto que praticamente já te conheço.

Ela sorriu timidamente de novo e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Jeremy fala sobre mim? — perguntou ela, desviando os olhos para o chão.

Não pude segurar o sorriso. Parecia que Julie estava tão encantada por Jeremy como eu estava.

— Todo o tempo — respondi, sorrindo.

Julie olhou para cima, viu o meu sorriso genuíno e retribuiu. Então, ela olhou para o meu cartão.

— Aqui diz que você trabalha para o Daily London?

Acenei, concordando.

— Isso mesmo. Foi assim que Jeremy e eu nos conhecemos. Eu tenho uma coluna chamada *À Distância*. Basicamente, ela ajuda pessoas apaixonadas, que nunca se declararam, a colocar para fora aquilo que sentem. Jeremy entrou em contato comigo por sua causa.

Com um suspiro, os olhos de Julie se arregalaram.

— Sério? Eu realmente gostaria de vê-lo.

Eu não podia acreditar na minha sorte. Estou vendo o último desejo de Jeremy se tornar realidade.

— Você gostaria de entrar para tomar um milk-shake? — ofereci, gesticulando em direção ao McDonald's.

Julie mordeu o lábio e olhou em volta. Ela estava em conflito.

— Vou me encontrar com duas amigas para almoçar.

— Tudo bem, prometo que não vai demorar muito. — Eu não queria pressionar a garota, mas, ao mesmo tempo, queria falar mais com ela. De preferência, fora da rua.

Por fim, ela cedeu, dando-me seu sorriso doce.

— Tudo bem, minhas amigas estão sempre atrasadas mesmo. Isso vai ensinar-lhes uma lição.

Rindo, acenei para que Julie andasse na minha frente e abri a porta. Ela pediu um milk-shake de morango e eu pedi um café, e nos sentamos perto da janela.

— Aqui é bom, para que você possa ver quando suas amigas chegarem.

Julie assentiu e olhou para mim por alguns segundos.

— Você é muito bonita — ela admitiu.

Corei um pouco.

— Ora, obrigada. Assim como você. Posso ver por que Jeremy fala tanto em você.

— Então, o que ele disse sobre mim? — ela perguntou em sua ansiedade juvenil. Sorri, lembrando de quando eu era assim. Quando era apaixonada por Dean.

Tirando o meu telefone, procurei pelo artigo original e entreguei-lhe o telefone. Julie ficou com ele por um tempo, lendo e sorrindo. Era nítido que tudo isso a fazia feliz.

— Ele quer me beijar? — ela perguntou, com os olhos arregalados de ansiedade e excitação.

— Sim, ele gosta muito de você. O problema é que ele tem estado bastante doente, no hospital, então ele não tem saído.

Colocando a mão sobre a boca, Julie ofegou.

— Oh, não. Ele está bem? Eu estava me perguntando por que eu não o via há tanto tempo.

Acariciando-lhe a mão suavemente, eu sorri.

— Ele está bem. Todos os dias, ele luta e, a cada dia, ele se torna mais forte. Ele é o garoto mais carinhoso, engraçado e fiel que já conheci.

— Ele ainda está no hospital? — Assenti. — O que há de errado com ele?

— Ele tem lutado contra a leucemia por, praticamente, toda a sua vida. Tem sido muito difícil para ele, mas, com o cuidado certo e as pessoas certas ao seu lado, tenho certeza de que ele vai sobreviver. É para isso que tenho batalhado todos os dias.

Ela sorriu.

— Você se importa muito com ele.

— Sim. Ele nunca foi uma história, Julie. Eu não me importo com a história. Eu me importo em ver Jeremy melhor, e acho que uma das pessoas que poderiam ajuda-lo é você.

— Eu?

— Sim, você. Você não gostaria de conhecê-lo? Quero dizer, corretamente?

Julie corou um pouco e mordeu o lábio.

— Eu não sei. Eu sou um pouco tímida.

De repente, várias batidas na janela ressoaram, fazendo tanto Julie quanto eu saltarmos. As duas meninas do lado de fora começaram a rir e, em seguida, foram em direção à porta.

— São suas amigas? — Ela assentiu com a cabeça. — Olha, você tem o meu cartão. Pense nisso. Se você decidir que gostaria de conhecê-lo, é só me ligar.

Pegando minha bolsa, me preparei para sair da lanchonete, assim que as duas meninas chegaram.

— Olá — eu disse com um sorriso.

— Oie — as duas falaram, olhando para Julie com uma careta.

— Estou indo. Foi bom conhecer você, Julie. Tenham um ótimo dia, meninas.

Nos despedimos, e, quando eu estava saindo, ouvi uma das meninas perguntar quem eu era. Eu apenas sorri. Cabia a Julie resolver o que ela gostaria de revelar.

Andando rapidamente de volta para o escritório, com a cabeça erguida, voltei para a minha mesa com um sorriso radiante. Louisa estava bem ali, esperando por mim, e ela não parecia muito feliz.

— Você está 15 minutos atrasada e o chefe quer ver você.

Olhei para o relógio e vi o quanto eu estava atrasada.

Merda, lá se vai o meu sorriso feliz.

— Será que ele quer me ver porque eu estou atrasada?

Louisa cerrou os dentes e colocou a mão no meu ombro.

— Sinto muito, Tyler.

Louisa não gostava de preguiçosos, mas eu sabia que ela estava genuinamente chateada pelo esporro que eu estava prestes a receber. E eu sabia que era exatamente isso que ele faria.

Fazendo a *caminhada da vergonha*, agradeci a Louisa e timidamente bati na porta de Andrew Walker.

— Entre! — ele gritou.

Fechando os olhos por um instante, respirei fundo, antes de abrir a porta. O Sr. Walker estava sentado ali, parecendo um pouco irritado.

— Sente-se, por favor, senhorita O'Shea. — Fiz como me foi dito e me preparei.

— Você sabe que horas são, não é?

Eu balancei a cabeça.

— Sim, me desculpe. Eu estava com meus pais almoçando, e nós…

— Não me importo se você estava almoçando com a porra da rainha da Inglaterra. Sua hora para o almoço dura uma hora. Não tem que gastar cinco minutos aqui e ali com um intervalo de duas horas no meio. Você está aqui para trabalhar e espero que faça exatamente isso. Há pouco tempo você teve uma gripe. E, depois, teve aquele problema de estômago, há algumas semanas. Além disso, nos próximos dias, você vai precisar tirar uma licença. Só porque você tem sua própria coluna agora, não significa que você pode ir e vir quando quiser.

Balancei a cabeça. Senti-me culpada por ter tirado aquela semana, porque eu não estava doente de verdade. No entanto, realmente tive um problema de estômago, quatro semanas atrás. E eu tiraria uma licença nos próximos dias para que pudesse passar um tempo com Jeremy e instalá-lo em casa.

— Pode voltar ao trabalho, mas não quero saber de você se atrasando de novo. Entendeu?

Apertando minhas mãos suadas, assenti.

— Sim. Mil desculpas. Isso não vai acontecer novamente.

O Sr. Walker suspirou e recostou-se na cadeira.

— Ótimo. Agora, se você tiver qualquer problema fora do trabalho, no futuro, sugiro que você venha a mim em primeiro lugar. Você pode fazer isso?

— É claro. Certamente.

Vendo a calma irradiar dele, eu soube que ele estava se sentindo mais no controle da sua raiva agora.

— Você é uma ótima funcionária, Tyler. Vamos manter isso assim.

Balançando a cabeça de novo, me levantei.

— Obrigada — eu disse enquanto abria a porta. — E sinto muito por estar atrasada.

Andrew Walker concordou e saí rapidamente. Merda, que esporro. Olhei para Louisa e Ian, e ambos me deram um sorriso simpático. Pelo menos eu ainda tinha meus amigos. Eu sabia que eles iriam me apoiar. Todo mundo sabia que Andrew Walker era realmente um osso duro de roer, mas eu nunca cheguei a ver… até agora.

Acho que não quero ver de novo.

Correndo de volta para a minha mesa, fui direto trabalhar e deixar minha coluna pronta, organizando tudo para não ficar pendências para o período que eu estaria fora. Eu teria que deixar a coluna atualizada, mas eu poderia fazer isso de casa e ficar o máximo de tempo possível com Jeremy. Algumas horas no hospital nunca pareciam ser suficientes.

Quando eu estava guardando tudo e me preparando para visitar Jeremy, meu telefone apitou, indicando uma nova mensagem de texto. Quando abri, vi que era de um número que eu não conhecia. Para minha surpresa, era Julie.

Se a oferta ainda estiver de pé, gostaria de visitá-lo. Deixe-me saber quando e vou tentar aparecer.

Ofegante, digitei de volta.

Claro, sem problemas, Julie. Essa é uma ótima notícia. Te retorno o mais breve possível.

Levantei-me e me despedi de Louisa e Ian, e corri em direção ao elevador. Eu não conseguia segurar o sorriso estúpido que estava estampado em meu rosto ao pensar em contar a Jeremy que eu tinha conhecido Julie, e que ela queria conhecê-lo corretamente. Jeremy ficaria louco quando eu contasse a ele. Seria, espero, o suficiente para iluminar seu dia. Ele tinha estado terrivelmente pálido ultimamente, e questionei-o um milhão de vezes se ele estava realmente pronto para deixar o hospital. Jeremy não parecia se importar. Tudo o que ele queria era sair de lá e não posso culpá-lo. Ele estava no hospital há muito tempo.

Entrando no carro, não perdi tempo, fui direto para o hospital. Por todo o caminho até lá, eu tinha esse enorme sorriso no meu rosto, enquanto eu cantava "*Happy*", de Pharrell Williams a plenos meus pulmões. Era uma música perfeita para o meu estado de espírito no momento.

Assim que cheguei lá, tentei encontrar uma vaga, mas estava lotado. Até que alguém saiu com o carro e eu estacionei. Eu estava me sentindo impaciente e animada. Eu precisava contar essa notícia fantástica. Jeremy ia ficar tão feliz de ouvir que Julie gostava dele também. Isso era fácil de perceber pelo olhar em seu rosto e o brilho nos olhos dela quando falei sobre ele. Ela ficou tão atordoada.

Pressionando o botão do elevador uma centena de vezes, esperei impacientemente que as portas se abrissem. Depois do que pareceu uma eternidade, eu, juntamente com alguns outros, entramos. Apertei o botão para o terceiro andar e fiquei batendo o pé, ainda com aquele sorriso estúpido no meu rosto.

Quando as portas do elevador se abriram, respirei fundo e saí correndo com o imenso alívio por estar perto o suficiente para contar a ele. Mas, quando cheguei na porta, congelei. Jeremy estava

deitado na cama, parecendo muito estressado e chateado. Ao redor dele estava uma meia dúzia de repórteres disparando perguntas a ele sobre Julie e como era ser criado em lares adotivos. As enfermeiras estavam lá e tentavam tirá-los. Jeremy olhou para cima, me viu, e o olhar em seu rosto quase me matou.

— Como você pôde? — ele perguntou, com lágrimas nos olhos. — Pensei que você fosse minha amiga.

Andei para frente, mas ele estendeu a mão para me impedir.

— Eu juro. Eu não sabia nada sobre isso.

Os repórteres estavam todos olhando de mim para Jeremy, com um ar de apreensão. Isso era o que eu odiava neste trabalho. Alguns deles se alimentavam da dor de outras pessoas. Eles buscavam as fofocas, qualquer história que eles percebessem que iria vender. Então, começaram a tentar fazer perguntas para mim, mas três seguranças vieram correndo para ajudar os enfermeiros a afastar os repórteres.

— Como você pôde? — ele sussurrou, as lágrimas se formando em seus olhos. — Confiei em você. Você me disse que não falaria uma palavra a ninguém.

Eu não conseguia parar as lágrimas que caíam pelo meu rosto. Eu sabia que não tinha feito nada de errado, mas ver Jeremy parecendo tão traído me magoava mais profundamente do que qualquer coisa. Esta dor foi pior do que quando Dean me deixou.

— Eu juro para você, Jeremy. Eu não tenho nada a ver com isso.

Tudo estava calmo, agora que os repórteres foram mandados embora. Um segurança voltou. Ele olhou para Jeremy e para mim com uma expressão desconfortável no rosto.

— Você pode, por favor, mandá-la embora também? Eu não quero vê-la. — Ele fez um gesto em direção ao segurança e me ignorou completamente.

O guarda agarrou meu braço, mas eu puxei.

— Jeremy, você tem que acreditar em mim. Eu nunca faria isso.

Jeremy virou o rosto e eu sabia que ele estava chorando. Eu não queria nada além de segurá-lo em meus braços e convencê-lo de que, sem sombra de dúvidas, eu não estava por trás daquilo. As únicas pessoas para quem eu havia dito até agora eram meus pais. Eu simplesmente não podia acreditar que eles fariam uma coisa tão cruel como essa.

— Senhorita, você precisa ir antes que seja presa. — O guarda olhou com severidade para mim e eu sabia que não conseguiria resolver isso hoje.

Balançando a cabeça, me virei desanimada e caminhei em direção à porta. Quando me aproximei dela, Rachael veio até a mim, com um sorriso simpático no rosto.

— Eu juro que não fiz isso — eu sussurrei. Estava me sentindo em pânico. Meu coração estava disparado e as lágrimas não paravam.

— Eu sei — ela respondeu, colocando uma mão suave no meu ombro. — Não fique tão chateada. Jeremy tem sido tão usado pelas pessoas que ele tem dificuldade para confiar. Dê-lhe alguns dias. Tenho certeza de que ele vai entender. Vou conversar com ele assim que ele estiver mais calmo, e te ligo de manhã.

Senti um ligeiro alívio, mas ainda me matava pensar que Jeremy achava que eu tinha feito isso. O olhar em seu rosto era algo que eu jamais esqueceria.

Balançando a cabeça, dei um abraço em Rachael e agradeci. Ela era uma das poucas enfermeiras aqui que levava seu trabalho realmente a sério. Ela se importava profundamente com seus pacientes e era uma alegria vê-la trabalhar.

— Não se preocupe. — Rachael sorriu. — Tudo vai ficar bem, na parte da manhã. Ele só

precisa se acalmar um pouco.

— Obrigada — eu disse, segurando sua mão. Rachael sorriu e eu soube que era a minha deixa para sair. Jeremy precisava de espaço e tempo para pensar nas coisas. Eu não sabia se ele acreditaria em mim, mas simplesmente não fazia sentido que eu fizesse tudo o que fiz para levá-lo para minha casa, para, no fim das contas, traí-lo dessa forma.

Pegando alguns lenços da minha bolsa, vaguei para o elevador e, em seguida, em direção ao meu carro. As lágrimas continuavam a cair, mas não me importei. As pessoas provavelmente estavam acostumadas a ver gente chorando em hospitais.

Atrapalhando-me com as chaves, abri a porta, joguei minha bolsa e sentei. Tudo o que eu podia ver era o rosto de Jeremy e como ele parecia arrasado. A dor em seus olhos era insuportável.

Foi então que as comportas se abriram. Era uma dor imensurável. Enterrei a cabeça em minhas mãos, soluçando. Quando consegui me conter, a noite tinha caído. Luzes brilhavam no céu, e as pessoas estavam saindo para jantar ou encontrar seus amigos e familiares. A música estava tocando em bares e clubes e as meninas estavam escassamente vestidas e prontas para sua noite fora.

E eu estava arrasada e com o coração partido.

Capítulo 36

JAIMIE ROBERT

Dean

Não aqueça uma fornalha para seu inimigo quente demais,
ou você pode chamuscar-se.

William Shakespeare

Eu estava na mansão, à espera de um telefonema do Jimmy. Eu não conseguia entender por que estava demorando tanto. Eu estava pensando em ligar para ele, quando Humphrey entrou.

— Aidan Carmichael está esperando por você na sala e não parece feliz.

Foda-se, eu não preciso dessa merda! Eu tinha coisas mais importantes para me preocupar agora.

— Tudo bem. Estarei lá em um minuto. — Humphrey balançou a cabeça e saiu pela porta. Eu estava completamente inseguro agora. Eu nunca me senti assim em toda a minha vida, mas agora? Agora eu estava duvidando de cada coisa que eu disse ou fiz, tudo culpa da porra da bruxa sexy de salto alto.

Olhando para o meu relógio, notei que passava das oito. Talvez Carmichael pudesse ser uma boa distração para me tirar desta situação. Quando eu acabar com ele, vou ligar para Jimmy.

Levantei da cadeira e fui para o salão onde Carmichael estava esperando, com uma bebida na mão. Ele parecia chateado com alguma coisa, mas de jeito nenhum iria deixá-lo me chatear. Ele me pegou em um péssimo dia.

— Scozzari, que papo é esse de você andar visitando a minha esposa? Que merda você está fazendo com ela?

Carmichael praticamente pulou em mim, mas eu fui mais rápido. Movendo-me rapidamente, fiquei atrás dele e passei meu braço em volta do seu pescoço.

— Em primeiro lugar, ninguém entra na porra da minha casa e grita comigo assim. Em segundo lugar, sua esposa visitou-me, e não o contrário. E em terceiro lugar, se você não colocar sua cabeça no lugar, você vai perder a coisa mais importante da sua vida.

O rosto de Carmichael ficou vermelho enquanto ele se encolhia debaixo de mim. Esta era a primeira vez que ele me via tão zangado e no controle.

— E… eu não sei o que você quer dizer — ele balbuciou.

Eu o soltei.

— Senta esse rabo aí. Preciso falar com você. — Logicamente, ele fez como lhe foi dito e sentou, com um olhar confuso em seu rosto.

— Cynthia disse que ela veio me visitar? — Eu tinha que saber. De repente, eu estava ficando paranoico sobre ele estar tentando me pegar. Acho que não estava sendo seguido, mas, a partir de agora, eu certamente ficaria mais alerta do que o normal.

Carmichael balançou a cabeça.

— Não, foi uma das suas amigas maldosas. Ela estava voltando de um jogo de tênis no clube e passou pela sua mansão. A porra da mulher estava com comichão para me contar que a viu entrar. — Ele tinha um olhar de desgosto em seu rosto e, pela primeira vez, eu concordava com ele. Se essa história fosse verdade, Cynthia não precisava de amigos assim.

— Cynthia te ama muito, embora eu não possa entender o porquê.

A postura de Carmichael se endireitou quando ele olhou para mim.

— Que porra você está querendo dizer?

Eu quase pude sentir-me revirar os olhos.

— Oh, vamos lá, Carmichael. Pelo amor de Deus, você tem uma bela esposa e filhas em casa que você adora, mas você está preocupado é em trepar por aí.

— Bem, foi você quem me apresentou a essas meninas.

Era verdade, mas ele não precisou de muito incentivo.

— Aidan, você anda trepando com qualquer uma, muito antes de Samantha e Katie. Não tente agir como se fosse inocente sobre isso. Longe disso. Sim, eu coloquei a tentação à sua frente, mas você, certamente, não precisou de muita persuasão.

Ele, de repente, parecia em pânico.

— Será que ela sabe? Você disse alguma merda a ela? — ele perguntou, uma ponta de cuspe se formando em sua boca.

— Não, não fale! Agora se acalme, porra! Eu já lhe disse que tudo o que é dito ou feito aqui, fica aqui, e eu sou um homem de palavra, Carmichael. Eu não falei merda nenhuma. Eu disse o mesmo para sua esposa, mas, considerando que a vadia da amiga dela lhe contou sobre a visita que ela me fez, acho que eu vou ter que te dizer. Cynthia está preocupada com você. Ela disse que você está diferente e acha que você pode estar tendo um caso. Na verdade, ela deve saber que você anda trepando por aí. Ela se sente incomodada e para baixo, mas, acima de tudo, ela se sente solitária. Quando foi a última vez que você disse à sua esposa o quanto ela é bonita, Carmichael? Quando foi a última vez que você a levou para um jantar romântico, ou para passear em um lugar legal em um fim de semana, ou ainda, simplesmente segurou-a em seus braços? Quando?

Eu não podia acreditar que estava vendo remorso na expressão de Carmichael. Não imaginava que ele pudesse sentir isso.

— Ela veio até você e lhe disse que se sentia assim? — Eu assenti. — Merda. Por que ela nunca me disse nada sobre isso?

Sentando em frente a ele, eu suspirei.

— Talvez ela tenha tentado, mas você pode tê-la ignorado. Eu tenho que falar, Carmichael. Cynthia é uma mulher muito atraente. Se você não começar a cuidar dela, ela vai olhar para alguém que cuide.

Carmichael olhou para mim com uma expressão assassina em seus olhos.

— Você não se meta a besta com a minha esposa, Dean. Eu juro que vou te matar.

Eu comecei a rir. Primeiro, porque ele achava possível fazer qualquer coisa contra mim. Eu poderia dar uma chave de braço nele mais rápido do que ele imaginava. E em segundo lugar, porque parecia que ele realmente se importava com a esposa.

— O que é tão engraçado, porra? Você acha que eu não estou falando sério?

Ainda rindo, assenti.

— Acho que está falando sério sim. Só não sabia que você era capaz desse tipo de reação. Olha, você se preocupa com a sua esposa. Você fica irado ao pensar que outro homem possa achá-la atraente, ou queira tocar nela.

— Claro que sim, porra! — ele gritou, uma veia quase estourando em seu pescoço.

Inclinando-me para mais perto dele, agarrei o colarinho de sua camisa.

— Então, você não acha que está na hora de você falar essa merda para ela? Eu já notei o quanto ela é sexy, e se eu notei, outros homens com certeza acham o mesmo. Mas adivinha só, Carmichael? Por alguma razão, porra, ela te ama. É difícil de compreender, mas é verdade! Mas tudo o que você quer é trepar por aí, enquanto ela fica em casa, cuidando das suas lindas filhas. Mostre-lhe alguma porra de respeito. — Empurrei Carmichael e soltei seu colarinho. Eu estava louco. Estava bravo com ele, com raiva de mim mesmo, com raiva de Tyler, bravo com a porra do mundo em que vivíamos.

Depois de se recompor, Carmichael olhou para mim com uma expressão de choque em seus olhos.

— Você está certo. Você está muito certo, caralho. Eu fui um marido terrível, porra. Preciso consertar isso. Mas como é que eu vou conseguir dar um jeito nessa merda toda?

Sentindo-me acalmar um pouco, olhei para Carmichael. Na verdade, eu senti um pouco de pena dele, apesar do fato de que ele era um merda idiota que só pensava com seu pau.

— Olha — suspirei —, acabei de comprar algumas propriedades na Costa del Sol e Costa de La Luz. Elas estão vazias. Uma delas é uma villa com piscina. Tem cinco quartos e está situado em uma montanha, com vista para o Mediterrâneo. Por que você não tira uns dias de folga e surpreende Cynthia e as crianças com uma viagem? Posso conseguir as chaves, e é sua pelo tempo que for necessário.

Só ofereci por querer ajudar muito mais à Cynthia do que ao babaca egoísta que estava na minha frente. Ela estava se sentindo sozinha e precisava do marido para saber o quanto ela era especial.

— Você faria isso por mim? — ele perguntou, pasmo.

Balancei a cabeça.

— Não. Estou fazendo isso por sua esposa.

Carmichael sorriu resolutamente e eu soube que ele entendeu. Respirando fundo, ele colocou o copo no balcão e se levantou.

— Eu aprecio tudo o que você faz por mim, Dean. Eu realmente aprecio. — Ele estendeu a mão e aceitei o gesto.

Apertando sua mão, eu pisquei.

— Sem problemas. O que você vai fazer agora?

Abotoando o terno, Carmichael suspirou.

— Bem, a primeira coisa que vou fazer é dar um pulo no trabalho e organizar as coisas para tirar uma folga. A segunda coisa é comprar algumas flores para a minha mulher e levá-la para jantar. E, finalmente, a terceira coisa que eu gostaria de fazer depois de tudo isso é aceitar a sua oferta.

Eu sorri para ele e toquei seu ombro.

— Vai dar tudo certo. Lembre à Cynthia o homem com quem ela se casou, e me avise quando vocês quiserem ir. Posso te passar os detalhes e organizar para que alguém os encontre no aeroporto com as chaves.

Carmichael fechou os olhos.

— Eu tenho sido um idiota.

Eu ri.

— Sim, mas todos nós somos, de vez em quando.

Carmichael pareceu ficar em profunda reflexão, por um momento.

— Ei, por que você não se casou ainda? Você, obviamente, parece se preocupar com o que

acontece com a minha mulher, então o que está esperando?

Balancei a cabeça com um suspiro.

— Acho que eu não encontrei minha Cynthia ainda, Aidan. — Eu lhe dei um sorriso insolente.

— É melhor eu ir — disse ele, marchando em direção à porta. — Tenho um monte de coisas para planejar. Nos falamos mais tarde?

Concordei.

— É claro. Agora, divirta-se com Cynthia. Leve-a no *Angels*. Vou me certificar de que haverá uma boa garrafa de champanhe no gelo para vocês.

Carmichael sorriu largamente.

— Eu irei. Obrigado, meu amigo. — Com um último tapinha, Carmichael se foi.

Humphrey veio atrás de mim.

— Você realmente está se certificando de manter esse filho da puta mansinho, depois que ele confirmou sua história.

Dei de ombros.

— Jimmy ligou há cerca de cinco minutos. Ele disse que ligaria de volta.

Assim que ele disse isso, o telefone tocou. Sem perder tempo, corri para o escritório e vi que era Jimmy.

— Jimmy, foi feito?

— Sim — respondeu ele, parecendo irritado. — Eu não sei o que diabos essa menina fez para você, mas é melhor que seja algo muito sério porque eu tive que testemunhar a dor dela hoje. Ela parecia arrasada, Dean.

Meu coração apertou com a notícia. Eu queria causar-lhe dor, queria me vingar, mas por que isso me enchia de tal desespero? O que era essa angustiante sensação dentro de mim, que revirava meu estômago? Seria culpa? Nunca mais queria sentir culpa. Eu não deveria ter que sentir culpa. Mas, por alguma razão, eu sentia.

— Onde ela está agora? — perguntei, soando tão abatido quanto Jimmy.

— Ela está em casa. — Jimmy suspirou e, por algum motivo, o som fez minha cabeça latejar. — Escute, eu sempre gostei de trabalhar para você e estou disposto a fazer qualquer coisa, você sabe disso. Eu aceitei fazer isso porque você me prometeu que não iria machucá-la. Sei que eu quis dizer isso no sentido físico, mas você devia tê-la visto, Dean. Você não viu a dor em seus olhos. Nunca mais quero ver isso de novo. Posso sequestrar um cara, torturá-lo para você, se for preciso, mas nunca mais me peça para fazer isso de novo.

Tocando a ponta do meu nariz, eu suspirei.

— Você tem minha palavra.

— Obrigado — ele respondeu antes de desligar.

Tudo o que eu podia fazer depois disso era afundar-me na cadeira e olhar para as paredes. Eu tinha conseguido o que eu queria, então, por que eu estava me sentindo tão na merda agora? Por que eu me sinto como o maior filho da puta da Terra? Dei um esporro em Carmichael, mas eu não era tão diferente dele, era pior, na verdade. Mandei Jimmy ir até aquele hospital, fingindo ser um repórter, apenas para que ele pudesse testemunhar para mim a dor que ela sentiria. Eu era tão covarde que não conseguia nem mesmo fazer isso sozinho. No fundo, eu sabia que não seria capaz de fazer. Eu sabia que ia acabar arrasado, tanto quanto ela. Então, por que eu fiz isso? Tive que me convencer de que era necessário. Ela tinha me traído e precisava saber o que eu senti. Era o que eu havia planejado o tempo todo.

Então por que é que eu estava planejando visitar Jeremy amanhã e dizer-lhe que era tudo um

grande erro? Que o que aconteceu tinha sido apenas um grande mal-entendido, e que Tyler era completamente inocente?

Talvez seja porque, no fundo, você realmente se importa, minha voz interior bradava. Até meu subconsciente acha que eu sou um babaca.

— Eu não me importo! — gritei, ficando de pé.

— Você não se importo com o quê? — perguntou Humphrey na porta.

— Nada, coroa. Pode se arrumar para encontrar sua dama. Eu tenho outra merda para resolver. — Joguei o telefone que eu ainda segurava sobre a mesa e sentei, bufando.

Percebendo minha frustração, Humphrey sentou-se à minha frente.

— Alguma vez você já ouviu falar do ditado *antes de embarcar em uma jornada de vingança, cave duas covas?*

Eu suspirei, sabendo exatamente o que ele queria dizer.

— Sim, mas eu não entendo o que isso tem a ver comigo.

Humphrey riu e balançou a cabeça.

— Dean, meu querido, você cavou sua sepultura há muito tempo, quando você começou essa coisa. Agora tudo o que você fez foi enterrar-se nela. Você está coberto até o pescoço, Dean, e muito em breve, se você continuar do jeito que está, vai ser engolido e vai sufocar nela. A parte mais doentia de tudo isso é que você acabou se apaixonando por ela novamente. A pessoa que mais te magoou está acabando com você, sem nem mesmo saber quem você é.

— Eu não estou apaixonado por ela, Humphrey, e ela não está acabando comigo. — Eu estava com raiva, com raiva pra caralho. Eu não permitiria isso. Eu não iria deixar, porra.

Humphrey balançou a cabeça.

— Você está tão cego que não consegue ver sequer o que está bem na sua frente. Dean, por favor, você tem que parar com isso. Estou pensando tanto em você quanto nela. Você vai fazê-la cair e vai desmoronar logo após ela.

Balancei minha cabeça.

— Não, não vou acreditar no que você diz. Ela fez o que fez e ela tem que pagar.

Humphrey suspirou e se levantou de sua cadeira, balançando a cabeça.

— E agora ela está pagando, Dean. Deixe-a sozinha, porra. Você está procurando fazer um estrago, mas tudo o que você vai acabar encontrando é o desespero. Deixe-a ir. — Alcançando a maçaneta da porta da frente, Humphrey saiu, com um clique silencioso da porta, e fui deixado com suas palavras de despedida girando na minha cabeça.

Você está procurando fazer um estrago, mas tudo o que vai acabar achando é desespero.

Eu não me importava com Tyler nem tinha permitido que ela me envolvesse, e certamente, eu não a amava. Cometi esse erro uma vez. Eu não ia me apaixonar por ela novamente. "*Engane-me uma vez…*" e toda essa merda.

Mas não importava o que eu estava pensando, isso não parou a voz irritante na minha cabeça. Nem parou a dor agonizante na porra das minhas entranhas. Nem meu coração sombrio parou de bater por Tyler. Ela estava me enfeitiçando e eu estava permitindo.

Eu estava certo quando disse à Tyler que eu era um demônio, mas eu tinha que ter certeza de que ela não estava certa também.

Capítulo 37

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 2001

— Aquele cara ali parece querer que eu arranque a cabeça dele.

Olhei e vi que um menino que devia ter uns dezoito ou dezenove anos estava olhando para mim.

— Dean, ele só está olhando.

Dean colocou um braço muito possessivo ao redor do meu ombro e fez uma careta para o garoto. Os olhos dele se arregalaram e, muito rapidamente, ele desviou o olhar.

— Assim é melhor — disse Dean, xingando um pouco.

— O que há de errado com o fato de ele estar olhando para mim? — perguntei, não querendo deixar isso pra lá.

Beijando-me suavemente, Dean sorriu.

— Não é o olhar que me incomoda. Era a forma como ele estava olhando para você. Eu sou homem, então eu sei o que os outros homens pensam. Ele estava praticamente despindo você com os olhos.

Cutucando-o suavemente nas costelas, eu ri.

— Ah, vamos lá, Dean. Ele estava só olhando.

Dean me virou de frente e se inclinou em meu ouvido. Ele estava tão alto agora, pelo menos uns quinze centímetros mais alto do que eu. Nesses dez anos que eu o conhecia, ele ficava cada vez maior.

— Ninguém olha para minha garota desse jeito, Tyler. — A maneira como ele sussurrou em meu ouvido me fez estremecer, então, ele gentilmente mordiscou minha orelha, fazendo a raiva se extinguir dentro de mim. — Ninguém.

****

Eu não sabia que horas eram quando o telefone começou a tocar. Tudo o que eu sabia era que eu estava dormindo, sonhando com Dean novamente. Quando o telefone não parou, acendi minha luz e percebi que passava um pouco da uma da manhã.

Esfregando os olhos, levantei-me e vesti meu roupão antes de correr para o telefone. Eu precisava mandar instalar um no quarto. Eu tinha pensado em fazer isso, mas ninguém costumava me ligar assim tão tarde.

— Alô? — sussurrei ao telefone. Não consegui segurar o bocejo que me escapou. Eu ainda estava meio dormindo.

— Tyler? — A voz chamou meu nome com um toque de urgência.

— Rachael? — Eu estava completamente acordada agora, em pânico e secretamente orando para que Jeremy quisesse me ver.

— Jeremy está bem? Ele quer conversar? Eu posso estar aí em menos de vinte minutos.

De repente, ela começou a chorar, e o som do seu choro fez um sinal de alerta soar em meus ouvidos.

— A pneumonia de Jeremy voltou, mas ele esperava que pudesse melhorar. Ele nos fez jurar não contar a você, para que você não se preocupasse. Há cerca de uma hora, ele começou a convulsionar e entrou em coma. Eu tinha que ligar para você e avisá-la.

Meu coração começou a bater muito forte, enquanto eu corria pela sala, freneticamente, juntando minhas coisas.

— Daqui a pouco estarei aí. — Desliguei.

Não perdi tempo. Cheguei no hospital o mais rápido que consegui.

— Tyler, você está aqui — Rachel sussurrou.

Olhei para onde Jeremy normalmente ficava, mas ele não estava lá. O pânico se intensificou.

— Onde está o Jeremy? — perguntei em pânico.

— Nós tivemos que transferi-lo para a UTI. Você desligou na minha cara tão rápido, que não tive chance de te dizer.

Meus olhos se arregalaram quando a gravidade de suas palavras me atingiu.

— Onde é a UTI, Rachael? Você pode me levar lá?

Rachael assentiu com a cabeça e pegou minha mão.

— É claro. Fica no primeiro andar.

Segui-a até o elevador, com meu coração na boca. Só de olhar para ela, eu sabia que havia mais coisas do que o que ela estava me dizendo.

— O que está errado, Rachael? Por favor, me diga — eu implorei.

Rachael olhou para mim brevemente e mordeu o lábio.

— Seus pulmões estão falhando. Nós tivemos que ligá-lo a uma máquina para ajudá-lo a respirar.

Eu não conseguia respirar. Meus joelhos estavam fracos e meu estômago apertou em agonia. Eu não podia aceitar que Jeremy desistisse de mim. Não agora que nos encontramos.

Quando a porta do elevador se abriu, Rachael foi para uma área mais escura, passando por um corredor silencioso, e paramos em frente a uma porta que tinha um sistema de segurança na entrada. Rachael digitou um número e eu segui atrás dela.

Quando vi Jeremy, meu coração não pôde mais aguentar. Eu soluçava, com uma mão sobre minha boca para tentar abafar o ruído. Jeremy estava deitado lá, parecendo mais pálido do que nunca. Sua pele estava amarela e as olheiras sob seus olhos estavam mais roxas como eu jamais tinha visto. Havia um tubo dentro da sua boca e eu podia ouvir a máquina ao lado dele bombeando ar em seus pulmões.

Rachael estava ali ao meu lado, oferecendo conforto, com uma mão no meu ombro.

— Eu vou ficar aqui esta noite. Não quero deixá-lo. Eu me ofereci para ajudar aqui em um turno extra. — Rachael sorriu timidamente, e me senti muito grata a ela.

Colocando minha mão sobre a dela, tentei esboçar um sorriso.

— Obrigada. Eu realmente aprecio isso.

Rachael assentiu. Sentei-me ao lado dele, enquanto ela verificava os sinais vitais.

— Não há nenhuma mudança — ela sussurrou.

— Qual será o resultado disso, Rachael? — perguntei quando peguei a mão de Jeremy.

— Esta é a pior parte. Não posso te dizer. É uma incógnita. O tempo é a única coisa que vai dizer.

Olhei para Jeremy, com lágrimas nos olhos.

— Ele não pode desistir, Rachael. Ele não pode.

Entregando-me um lenço de papel, Rachael me deu um tapinha nas costas.

— Vou deixar você um tempo com ele.

Vi quando ela saiu e fiquei sentada, olhando para o rosto abatido de Jeremy. Ele parecia tão frágil lá, deitado com o respirador ao lado dele.

— Jeremy — eu sussurrei. — Preciso que você saiba que eu nunca te traí. Eu jamais faria qualquer coisa que pudesse magoá-lo. Quero que você saiba que estou ao seu lado para o que precisar. Nunca vou fazer nada para te magoar. Vou estar ao seu lado em todas as circunstâncias. Eu te amo, Jeremy. Amo você como o irmão que eu nunca tive. Você é tudo para mim, então, não posso te perder. Por favor, Jeremy. Por favor, melhore. Não desista de mim.

Fui recebida por apenas o ruído das máquinas e os sons do zumbido constante em meus ouvidos. Senti-me vazia. Parecia que eu estava num mundo em branco, olhando para o espaço. Era calmo lá. Nada nem ninguém poderia me machucar. Depois de um tempo, coloquei meus lábios na mão de Jeremy, dando-lhe um beijo suave. Baixando a minha cabeça, relaxei ao ver nossas mãos entrelaçadas e fechei os olhos. Respirei profundamente, sentindo o cheiro de Jeremy me cercar. Era o único conforto que eu tinha agora.

****

O som de um alarme me acordou. No início, pensei que era o meu despertador e que estava na hora de me levantar para o trabalho. Mas, então, ouvi as vozes das pessoas gritando e senti as mãos de alguém sobre meus ombros.

— Tyler, você precisa se afastar.

Abrindo os olhos, vi Rachael desesperadamente tentando me levantar da cadeira. Havia um médico lá e mais duas enfermeiras estavam correndo com um carrinho.

— Não! — gritei. Eu tentei voltar para ele, mas Rachael e outra enfermeira me puxaram para fora do caminho.

— Temos que trabalhar nele, Tyler. Sinto muito, mas você tem que se afastar.

Eu as deixei me levar para que elas pudessem fazer o seu trabalho, mas me senti impotente.

— Por favor! — gritei. — Por favor, ajudem-no!

O médico pegou o desfibrilador e o som ressoou em meus ouvidos. Abrindo o avental que cobria o corpo de Jeremy, ele colocou o aparelho em seu peito.

— Afaste! — ele grita, colocando o desfibrilador no peito de Jeremy e o eletrocutando. Ele levanta o aparelho, mas nada acontece. O médico refaz o procedimento uma segunda vez, mas nada acontece. Eu estava perdida. O medo que senti ao ver Jeremy deslizar por entre meus dedos era avassalador. Ele não podia me deixar. Não podia.

O médico voltou a fazer, mas nada aconteceu. Num esforço para salvá-lo, ele começou a fazer massagem cardíaca. Tudo aquilo parecia durar eternamente, e tudo o que eu podia fazer era orar e observar.

Então, o médico gritou para uma das enfermeiras, pedindo uma injeção de adrenalina. Ela administrou a injeção rapidamente, mas, depois de mais algum tempo fazendo a massagem cardíaca, o médico olhou para a enfermeira. Meu coração parou uma batida porque eu sabia exatamente o que significava aquele olhar. Ele estava desistindo.

— Não, você não pode desistir. Você tem que continuar! — Senti Rachael apertar meus ombros com força, enquanto o médico parava de tentar ressuscitar Jeremy.

— Hora da morte, cinco e trinta e sete.

— Não! — gritei novamente. — Por favor, você tem que fazer alguma coisa. Ele só tem dezesseis anos. Ele é apenas um menino!

O médico veio até mim e colocou a mão no meu ombro.

— Eu sinto muito, senhorita O'Shea. Não havia mais nada que pudéssemos fazer. Seus pulmões começaram a falhar e todos os seus outros órgãos fizeram o mesmo, em seguida. Mesmo que pudéssemos tê-lo trazido de volta, ele não teria sobrevivido por muito tempo.

Olhei para ele fixamente, enquanto ele abaixava a cabeça. Ele saiu e de repente eu estava presa nos braços de Rachael.

O zumbido em meus ouvidos era tão alto, meu coração bateu com força, e minhas mãos começaram a tremer.

— Não — eu disse, balançando a cabeça. — Não, não pode ser. Diga-me que é só uma piada. Diga-me que ele está muito bem e que ele vai voltar para casa comigo. Diga-me, Rachael! — Minha voz estava entrecortada, e meu coração estava completamente quebrado. Não podia ser verdade. Jeremy iria superar isso. Ele voltaria a confiar em mim novamente e viveríamos juntos como a família que ele nunca teve.

— Eu já o matriculei na escola e fiz um quarto para quando ele sair.

— Eu sei — Rachael respondeu com um soluço. — Sei que você fez. Jeremy teve muita sorte de ter você. Ele sabia disso, no fim. Posso jurar para você.

Eu não acreditava nela.

— É minha culpa ele estar morto. Eu fiz isso com ele. Ele confiava em mim e morreu pensando que eu o enganei.

Rachael fungou e pude ver que ela estava achando difícil falar.

— Não! Jeremy era um menino muito doente, Tyler. Ele morreu porque seus órgãos não poderiam suportar muito mais, não por causa de algo que ele achou que você tinha feito. Você não pode se culpar por isso. Falei com ele depois que você saiu. Eu lhe disse que sabia que não era você que estava por trás de tudo o que aconteceu hoje, e posso te garantir, que, no fundo do seu coração, ele sabia.

Não importava o que ela estava dizendo, eu ainda não acreditava nela. Ele confiou em mim e morreu pensando que o traí.

— Por favor — implorei entre meus soluços. — Por favor, me diga que é um erro. Diga-me que estou sonhando, Rachael. Que tudo isso é um grande pesadelo terrível. — Meus soluços estavam presos na minha garganta enquanto eu lutava para respirar. Eu simplesmente não podia acreditar que Jeremy… aquele menino divertido, corajoso, com um coração de leão e com sonhos de um jovem potencialmente brilhante, tinha partido, para nunca mais voltar. Ele poderia ter conquistado qualquer coisa que quisesse, com sua determinação.

Por alguma razão, minha mente voltou para o dia em que fomos passear de helicóptero. Ele estava tão cheio de entusiasmo, eu não duvidava nada de que, se ele quisesse seguir a carreira de piloto, ele conseguiria. Pensando nisso, lembrei-me da nossa fotografia naquele passeio. Nós dois parecíamos tão felizes, tão cheios de esperança para o futuro.

Mas agora… agora ele não tinha nada em que se agarrar e eu sentia como se a culpa fosse minha. Jeremy sempre manteve as pessoas à distância, porque achava que, no final, seria traído. Todo mundo se mantinha afastado, por não querer se envolver. Já eu, queria ser parte da sua vida. Queria mostrar a ele que, algumas vezes, na vida, você pode confiar em alguém o suficiente para permitir que essa pessoa se aproxime. E que ela estará ao seu lado nos momentos bons e ruins. Queria que ele soubesse como era maravilhoso ter alguém em sua vida que você pudesse contar.

— Sinto muito — disse Rachael fungando. — Queria poder te dar uma notícia melhor. Desejo que isso pudesse ser um pesadelo, mas não posso mentir para você, Tyler. Jeremy se foi.

Ouvir aquelas palavras foi o meu fim. Nada mais fazia sentido. Todo o resto se tornou insignificante. Minha mente ficou em branco, minha audição foi cortada e o mundo pareceu parar de girar. Era como se o tempo tivesse parado. Nada se moveu, nada mudou, tudo parou.

Assim como eu.

Capítulo 38

JAIMIE ROBERT

Dean

Que merda eu fiz?

Capítulo 39

JAIMIE ROBERT

Tyler

Nenhuma tentativa de conforto conseguiu me deixar bem. Nenhuma palavra bonita ou tapinha em meu ombro era suficiente para recuperar meu coração, que parecia ter sido arrancado do meu peito. Passei os dias sozinha, isenta de qualquer companhia. Nem mesmo o *meu estranho* veio me ver, naquela semana de luto. Fiz os arranjos para o funeral de Jeremy e acompanhei todos os momentos, com uma Julie arrasada ao meu lado. Fiz um pacto comigo mesma de que eu não iria desmoronar, apesar de sentir que estava morrendo por dentro. A vida continuou, mas, quando tudo acabou, no final do dia, o mundo veio abaixo. No início, culpei meus pais. Culpei qualquer pessoa que pudesse estar envolvido nisso. Não conseguia entender como isso poderia ter acontecido. Eu sabia que meus pais jamais poderiam fazer algo assim, mas isso não impediu a torrente de acusações que saiu da minha boca. Claro, assim que me acalmei, me desculpei e eles me perdoaram. Eles disseram que eu estava de luto. Eles entenderam e, ao falarem isso, me abraçaram exatamente como eu precisava, e disseram que jamais tocariam nisso novamente.

Eu apenas existia, agora. Levantava de manhã, fazia a minha coluna e ia para a cama. Eu vivi com nada além de água e biscoitos, sentindo-me doente cada vez que algo tocava meus lábios. Vomitei em várias ocasiões, sabendo que a culpa estava tentando me livrar de seus terríveis pecados. Era quase como se meu corpo estivesse tentando me livrar das coisas terríveis que Jeremy pensou que eu tinha feito. Várias vezes, adormeci naquela que deveria ser a sua cama. Em meus braços, segurava um livro novo e um daqueles pacotes de salgadinhos que ele deveria comer quando saísse do hospital. Acabei abrindo um pacote e comendo tudo. Parecia que era a única coisa que eu podia comer. Ri com ironia, ao pensar que era uma de alguma forma, uma espécie de punição de Jeremy. Que eu só podia comer aquilo a partir de agora, por causa do que ele achava que eu tinha feito a ele. Assim, dia após dia, eu comi os malditos biscoitos. Comi até me sentir doente. Até que meu estômago estivesse cheio e meus olhos, pesados de sono. Tudo o que eu fazia era trabalhar, comer porcaria e dormir. Tornou-se o meu padrão regular para a semana. Não havia riso, nem lágrima, nada de noites de espaguete ou visitas do *meu estranho*. Apenas continuei assim, e nada mais.

Quando o funeral terminou, percebi-me dirigindo para casa na chuva. Meus pais estavam lá, Louisa e Ian também, mas eu não tinha forças para ver nenhum deles. Eu lhes disse que estava tudo bem, mas a verdade era que eu não estava. Tudo o que eu queria fazer agora era ir para casa, sentir minhas dores sozinha, e rezar para que as coisas melhorassem um dia. Assim, em casa, fiz exatamente isso. Abri um saco de salgadinhos, me servi um pouco de conhaque, e sentei ali, assistindo Top Gear durante quatro horas seguidas. Quando meus olhos ficaram pesados, me arrastei, totalmente vestida, em direção à minha cama. Não consegui dormir esta noite no quarto de Jeremy. Minha cabeça não conseguia lidar com isso agora. Eu só queria estar na minha cama, permitindo que o efeito do álcool me sedasse. Eram apenas sete horas quando deitei, mas estava escuro o suficiente para cair no sono. Não demorou muito para que eu fizesse exatamente isso.

****

Não parecia ter passado muito tempo quando acordei, mas, olhando as horas, já passava da uma da manhã. Eu tinha dormido na mesma posição por quase seis horas seguidas. Minha cabeça estava confusa e eu estava com náusea, mas era o preço a pagar por tomar cinco doses de conhaque.

Eu sabia que ele estava aqui. Foi por isso que acordei. Ele estava parado na porta do meu quarto, exatamente como fazia toda vez que vinha me visitar. Ele ficava ali por um tempo, como se estivesse me observando, tentando me descobrir. O que ele queria enxergar dentro de mim, eu não fazia ideia, mas nunca o interrompi. Nunca disse qualquer coisa para quebrar o feitiço. Só deixei que ele me olhasse. Deixei-o me perseguir, porque, agora, ele era uma parte de mim. Eu vivia e respirava para o meu estranho. Vivia e respirava para o Lótus. O que ele poderia me dar neste período de luto? Será que ele conseguiria, de alguma forma, tirar essa dor imensurável? Ele conseguiria acabar com a depressão na qual eu estava por toda a semana?

Antes que eu pudesse pensar nas respostas, ele deu um passo à frente.

Capítulo 40

JAIMIE ROBERT

Dean

"Cuidado com a fúria de um homem paciente".

John Dryden

Tenho dito a mim mesmo, por toda a semana, que eu deveria vir aqui e ver, com meus próprios olhos, como eu tinha sido um idiota. Eu tinha que testemunhar a dor irreversível que eu havia causado. Não para alimentar-me dela, ou porque sentiria prazer com isso. Não. Precisava ir lá para ver o que eu tinha causado a ela. Tinha que ver se tudo aquilo que eu fiz tinha valido a pena no final. É claro que não tinha. Era o que eu vinha falando a mim mesmo há algum tempo. A voz estava lá, pulsando em meu cérebro. Ela ficou lá, chutando e batendo até que minha cabeça estava doendo.

Eu só não dei ouvidos.

E qual foi o resultado final de tudo isso?

A dor de Tyler. A angústia de Tyler. O sofrimento de Tyler.

Não foi isso que eu quis o tempo todo? Claro! Eu só não previ que isso resultaria na morte de um rapaz inocente. Eu era o culpado pela sua morte, mais ninguém. Eu. Ele não merecia ter sido envolvido em minha vingança. Ele nada mais era do que uma vítima inocente em tudo isso.

Danos colaterais.

Apertando minhas mãos, vi Tyler deitada, completamente vestida. Ela ainda usava as mesmas roupas que tinha usado no funeral. Claro, eu estava lá e assisti a toda a cerimônia. Obriguei-me a fazê-lo, porque, de uma forma doente e sombria, era como se eu estivesse recebendo o castigo que merecia. Eu merecia ver a sua dor porque era o que eu queria o tempo todo.

Mas fiquei feliz com isso? Subi nos telhados gritando "Uhuuu, uhuuu"? Claro que não. Jeremy estava morto porque eu era um filho da puta estúpido, totalmente consumido pela raiva e pelo desejo de vingança.

Meu tio estava certo. Eu não queria admitir, mas ele atingiu o ponto certo. Eu tinha cavado uma sepultura e, como punição, eu deveria ser enterrado ao lado de Jeremy. Por uma ironia do destino, duas sepulturas tinham sido abertas. Só uma questão técnica as diferenciava.

Na semana passada, eu tinha me afogado em um mar de papelada, sacos de pancada, Bourbon e desespero. O único contato real que eu fiz com o mundo exterior foi quando Carmichael veio me agradecer novamente pela oferta da casa. Ele levou sua mulher para sair, cortejou-a como se eles tivessem vinte anos novamente e a surpreendeu com a viagem que ofereci. Sem dúvidas, neste momento, ele estava lá, tomando sol com Cynthia e as meninas, se divertindo na casa de campo. Eu estava feliz por eles. Se Carmichael queria ser um homem melhor e Cynthia deu-lhe essa oportunidade, desejava o melhor para eles. Algumas coisas valiam a pena lutar.

Tyler, por outro lado, parecia ter perdido a luta. Ela parecia tão frágil enrolada em uma pequena bola com o que parecia ser um pacote de biscoito salgadinho, em sua mão. Eu me perguntava que

fascínio era esse. Muitas vezes eu vi vários pacotes abertos, jogados pela casa e no quarto que presumi que seria de Jeremy. Uma parte de mim se perguntava se, de alguma forma doentia, eu não tinha orquestrado tudo aquilo para parar os planos que tinha feito. Eu queria ter Tyler a qualquer custo.

Só que eu tinha pago o preço final.

Tyler nunca sairia dos meus pensamentos, não importa o quanto eu tentasse tirá-la deles. Olhando para ela agora, era difícil compreender como ela tinha feito o que fez contra mim. Como aquilo tudo poderia ser verdade? Eu sabia que precisava estar com ela, hoje, que precisava confortá-la. Não por querer tê-la de volta, mas por sentir que eu poderia oferecer o conforto que ela precisava. Eu tinha certeza de que ela tinha afastado todo mundo e que havia uma grande possibilidade de fazer o mesmo comigo. Mas eu tinha que tentar. Eu tinha que lhe dar a chance de encontrar conforto em mim. Era a única coisa que eu poderia fazer.

Assim, dei um passo adiante, com cuidado para não assustá-la ou aborrecê-la. Sentei-me na cama, ajoelhando na frente dela, com os pés para fora da cama. Com um leve puxão, trouxe-a para mim, passando o braço ao redor do seu corpo e sentindo imediatamente o seu aroma de coco. Não pude resistir e fechei os olhos, inspirando seu cheiro.

— Você não esteve aqui — ela sussurrou, num fio de voz. Pude sentir o cheiro de álcool, e me fez ter a certeza do quanto ela estava sofrendo, sozinha, bebendo para superar. Ela nunca deveria ter chegado ao ponto de precisar procurar conforto numa garrafa de bebida.

Mas não era isso que eu tinha procurado? A sua destruição, sua morte, sua dor? Não era isso que eu desejara?

— Sinto muito — sussurrei de volta, falando do fundo do coração. Eu sentia muito mais do que ela poderia imaginar.

— Mas você está aqui agora — ela suspirou, resolutamente.

— Sim. Estou aqui agora. — Envolvi meu braço em torno dela com mais força.

— Mas, por quanto tempo.

Fechando os olhos, fiz o meu melhor para segurar o suspiro que queria escapar. Ela não estava perguntando, ela estava meramente afirmando o óbvio. Eu vinha, tomava-a, transava com ela. Isso tudo me embrulhou num pacote doentio dos infernos.

— Você quer que eu vá embora? — Eu tinha que perguntar. Eu tinha que saber a resposta. Ela afastou todo mundo durante toda a semana. Ela queria fazer isso comigo também?

— Não — ela sussurrou tão baixinho, que teria sido difícil de ouvir, se não fosse o fato de que eu estava esperando um sim ou não. — Por favor, fica.

Suspirei pesadamente e embalei-a mais carinhosamente em meus braços. Eu sabia que era isso o que ela queria o tempo todo. Em qualquer outra circunstância, eu teria negado, mas eu ansiava por ela tanto quanto ela por mim. Nosso relacionamento tinha se tornado doentio, mas tinha crescido. Nunca pensei que chegaríamos a esse ponto, mas Tyler me surpreendia sempre.

Então, tive que fazer isso. Precisei dar a ela o máximo de conforto que eu podia. Ela estava sofrendo e tinha recusado todas as ofertas de apoio. Eu não tinha forças para rejeitá-la quando ela obviamente precisava de mim. Isso desafiava a lógica, mas ela precisava de mim.

Por um tempo, nós apenas ficamos lá; ela estava tão quieta, que achei que ela tinha adormecido. Eu estava prestes a me afastar, quando, de repente, ela virou-se para olhar para mim. Sem aviso, Tyler levantou a mão para o meu rosto e acariciou minha bochecha. Não pude evitar e fechei os olhos, inclinando-me para seu toque.

— Beije-me — ela sussurrou, fazendo meus olhos se abrirem de novo. — Por favor, só por

hoje. Beije-me.

Sofri, a palavra não prestes a sair. Eu precisava dizer isso, para o meu próprio bem, assim como para o bem de Tyler. Mas, por alguma razão, minha língua ficou presa. Ela não se moveu, permaneceu impassível olhando para mim com esperança e desespero em seus olhos.

Assim, sem pensar em nada mais, me inclinei. Coloquei meus lábios nos dela e, instantaneamente, eu estava perdido na minha Tyler, o meu anjo, a minha garota que eu costumava escalar a janela para ver, quando eu era apenas um menino ingênuo. Aquele beijo me fez sentir bem, era como se eu estivesse voltando para casa, depois de um longo período no inferno. Sua boca era quente e familiar. Seus lábios tão macios e suaves. Beijar Tyler sempre me fez pensar que nada mais no mundo importava.

Envolvido pelo feitiço de Tyler, virei meu corpo para ficar sobre o dela. Ela não me parou. Na verdade, ela abriu as pernas para que eu pudesse entrar. Mordendo seus lábios suavemente, coloquei minha mão na parte inferior do vestido e puxei para cima. Ela estava usando uma calcinha de renda hoje e, puta merda, estava perfeita nela.

Ainda beijando-a, agarrei sua coxa esquerda e apertei com força apenas o suficiente para fazê-la gemer. Suas mãos estavam por baixo da parte de trás do meu moletom, arranhando minhas costas, para cima e para baixo. Arqueei o corpo, roubando um beijo ainda mais profundo. Como sempre, ela me permitiu liderar, então me afastei e beijei suavemente a curva do seu pescoço. Sua respiração estava ofegante e entrecortada como a minha, enquanto minha ereção ficava cada vez mais dura em minhas calças. Eu sempre a quis, mas nunca dessa forma. Estava sendo diferente. De algum jeito… real.

Posicionando minha virilha na dela, empurrei um pouco, fazendo-a gemer. Era quase um gemido de agonia, tão cheio de desejo e de necessidade. Com a minha cabeça ainda na base do pescoço dela, beijei ao longo dos seus seios, até chegar do outro lado do pescoço, onde eu lambi seguindo em direção à sua mandíbula.

— Dean… — ela sussurrou, sua voz ainda cheia de desejo.

Congelei. Eu sabia que a tinha escutado me chamar, mas, por alguma razão, não podia me mover. Depois de alguns segundos, Tyler pareceu perceber seu erro. Ela congelou também.

— Oh, Deus. Eu sinto muito — disse ela, uma ponta de dor em sua voz. — Não estou bem. Não tinha percebido o que estava dizendo.

Eu não queria mais ouvir. Sem falar nada, levantei-me. Eu não podia ficar depois de ouvi-la me chamar pelo meu nome. De alguma forma, ouvir isso colocava as coisas em perspectiva para mim. Não era para isso que eu tinha vindo. Eu não voltei para ela por isso. Certamente, não pela razão que ela pensaria que Dean voltaria para ela.

— Por favor, não me deixe. Não essa noite. Eu sinto muito.

Ouvi a dor em sua voz, mas eu tinha que ignorá-la. Tive que lutar contra a dor em minha cabeça, meu estômago, meu coração. Eu não podia ter um coração. Eu era um demônio. Os demônios têm corações negros, vazios de qualquer emoção. Destituídos de qualquer compaixão. Destituídos de qualquer amor.

De costas para ela, enfrentei a porta, mas não pude me mover. Eu estava preso ao chão, incapaz de me movimentar. Minha cabeça se enfureceu e gritou dentro de mim. Eu tinha que ir, mas não podia.

Você não pode deixá-la.

Eu precisava. Isso não fazia parte do negócio. Eu tinha contas a acertar e me acomodei. Vim aqui para pedir desculpas e ela me chamou pelo meu nome. Se eu ficasse, ela poderia enxergar através de mim. Ela podia ver o que tinha acontecido com Dean… o menino que subia em sua janela,

o menino que a amava mais do que a própria vida.

Então, deixei-a. Meus pés começaram a se mover e deixei-a sozinha, chorando em sua cama. Ela precisava de mim e eu me apavorei.

Sim, eu sei. Eu era um babaca. Mas eu nunca prometi que seria diferente, não é?

Capítulo 41

JAIMIE ROBERT

Tyler

Buckinghamshire, 2001

— Tyler, esteja pronta em cinco minutos, por favor. Nós precisamos ir! — minha mãe gritou lá de baixo.

— Tudo bem, mamãe! — gritei de volta. — Só estou me trocando!

Virei-me para Dean com um sorriso, mas eu estava triste por ter que sair.

Como se estivesse lendo minha mente, ele suspirou.

— Acho que é melhor eu ir, mas quero dar-lhe algo, antes que eu vá. — Dean pareceu sério por um momento, e eu não gostava quando ele ficava assim. Me deixava preocupada.

— Ok — eu disse, um pouco confusa.

Enfiando a mão no bolso, ele me entregou um medalhão prata com um par de asas de anjo.

— Talvez eu tenha que ir embora e não sei em quanto tempo vou poder voltar.

Sentindo-me um pouco apreensiva e chorosa com o fato de o meu melhor amigo me deixar, balancei minha cabeça.

— Você não pode partir. E a sua casa? E Ian e eu?

Colocando a corrente em volta do meu pescoço, Dean se inclinou e me beijou suavemente. Era a primeira vez que ele me beijava. Eu tinha acabado de completar dezesseis anos, Dean estava com dezoito. Talvez, alguém pudesse pensar que isso acabaria esfriando, depois de tanto tempo, mas senti como se fogos de artifícios explodissem dentro de mim. Eu sentia uma dor que só Dean conseguiria acalmar. Aquele beijo tinha sido esperado por toda a minha vida. Seus lábios eram macios e sua boca, quente. Eu nunca tinha beijado um cara antes, já que eu esperei por Dean por toda a minha vida. Mas estava finalmente acontecendo e valeu a pena esperar.

— Eu quero que você fique com isso — disse ele, afastando seus lábios dos meus. — Minha avó me deu antes de morrer. Quero que fique com você, para que tenha a certeza de que vou voltar.

Balançando a cabeça outra vez, senti uma única lágrima cair.

— Não posso ficar com isso, Dean. Não se foi da sua avó. — Tentando abrir o fecho, eu disse: — Aqui, leve de volta, assim você não pode partir.

Pegando minha mão, Dean balançou a cabeça.

— Não, Tyler. Isso vai ficar com você. Não vou aceitar um não como resposta. — Suspirando pesadamente, Dean fechou os olhos. — Quero que você me prometa uma coisa.

— O quê?

Abrindo os olhos novamente, Dean olhou para mim.

— Prometa que você nunca vai perder isso? Que nunca vai dizer o que eu disse a Ian. E prometa que você vai esperar por mim.

— Eu nunca vou tirar isso do meu pescoço, Dean. Eu prometo tudo o que você quiser, mas você não pode não falar sobre isso com Ian. É injusto.

Tomando minha mão e apertando-a, Dean em encarou com aqueles olhos azuis de aço.

— Por favor? — ele pediu, um ar de desespero em sua voz.

Com um suspiro triste, abaixei minha cabeça para o chão.

— Ok, Dean. Eu prometo.

Com um último longo beijo em meus lábios, ele saiu da minha janela…

E da minha vida para sempre.

****

Naquela noite que ele me deixou, eu chorei. Chorei até que minhas lágrimas secaram e tudo o que restou foi uma pilha confusa na minha cama. Adormeci. Não tinha certeza de que horas eram, mas acordei na manhã seguinte com dor de cabeça e o estômago protestando. Depois de vomitar, acabei no chão do banheiro como uma criatura patética. Enquanto eu estava deitada ali, o suor se formando em minha testa, gosto de vômito na boca e meu cabelo todo desengonçado e gorduroso, eu tive uma epifania.

Chega.

Eu não ia me permitir entrar neste estado, mesmo que meu coração estivesse rasgado em dois. Eu tinha perdido Jeremy e, agora, perdi o *meu estranho*. Eu sabia que ele não voltaria. Após aquela noite, Lótus não iria voltar.

E não voltou.

Me forcei a levantar do chão, tomei um banho, me obriguei a comer algo que não fosse aqueles salgadinhos e foquei em manter minha mente e meu corpo concentrados em viver. Eu tinha um trabalho a fazer, uma família, amigos e um futuro a construir. Meu futuro agora significava uma vida sem Jeremy e sem Lótus.

Mas eu estava preparada.

Se ele voltasse, eu tinha uma carta na manga. Não ia mais deixá-lo vir sem fazer exigências. Ele fez o que quis por todo esse tempo. Agora, era a minha vez. Agora, eu queria ter o poder.

Eu estava pronta para ele.

Eu não podia deixá-lo tomar conta da minha vida novamente. Por mais de três anos, ele tinha estado no controle. Eu não queria mais. Agora, eu precisava ser forte e mostrar a ele que minha vida era exatamente isso.

Minha vida.

Voltei a trabalhar e retomei minha vida, recebendo a simpatia de todos. Claro, agora as pessoas sabiam a respeito de Jeremy e eu, simplesmente, agradeci o apoio. Não quero discutir sobre isso. As pessoas nada tinham a ver com a minha história. Os meus únicos e verdadeiros amigos eram Ian e Louisa e ambos me deram apoio. Eles sabiam que eu estava mal, por sua morte, mas nenhum deles jamais forçou a barra. Eles me deixaram seguir adiante e mencioná-lo quando eu estava pronta. E mesmo quando eu falava sobre eles, eles esperavam para ver até que ponto eu queria falar, antes de perguntarem qualquer coisa.

Combinei com os dois para virem comer espaguete à bolonhesa, na sexta. Eu queria voltar à vida normal, bem, tão normal quanto possível. Parecia que Louisa agora era parte do nosso ritual de sexta à noite. Nós tínhamos um acordo de nunca nos afastarmos e mantínhamos esse acordo com as noites de sexta.

Hoje era quinta-feira e eu estava no trabalho como o normal. Andrew Walker estava preocupado, mas ele tem estado assim ultimamente. Depois do que aconteceu com Jeremy, ele me

chamou para expressar suas sinceras condolências. Com lágrimas nos olhos, eu agradeci, mas estava determinada a não chorar mais. Eu tinha que permanecer forte e focada. Tinha planos e pesquisas a fazer, e era isso que me mantinha de pé. Contanto que eu pudesse continuar trabalhando, todo o resto eu podia levar. Jeremy sempre será uma parte de mim, ele jamais deixaria minha cabeça ou meu coração. Mas eu precisava ter algo para me agarrar, que me impedisse de quebrar.

Eu só precisava seguir em frente.

— Amanhã está de pé? — perguntou Ian, me fazendo saltar.

Balancei a cabeça.

— Sim, mas Louisa não vai poder ir. Ela tem um encontro com Pete e eles só podem na sexta-feira.

Ian sorriu para mim.

— Tudo bem. Vou ter você só para mim, então.

Vi o brilho em seus olhos.

— Você nunca desiste? — provoquei, sabendo a resposta para a pergunta antes mesmo que ele falasse.

— Você me conhece — ele disse com uma piscada. — Além disso, acho que você precisa se animar. Vou levar meu habitual tinto e branco, e posso até levar também um filme para nós assistirmos. O que acha?

Concordei com um sorriso.

— Parece ótimo. Vou gostar de passar uma boa noite, com um bom amigo e um bom filme.

Batendo no joelho, Ian levantou-se.

— Bem, está resolvido então. Posso até levar um filme mulherzinha. Isso é para você ver o quanto te amo, Tyler. — Ele piscou novamente e voltou para sua mesa.

Sentindo-me um pouco melhor, voltei a trabalhar e continuei com o meu dia. Tive que sair mais cedo e fiz tudo o que precisava antes de ir. Às cinco horas, juntei minhas coisas e fui em direção ao elevador. Com um puxão repentino no meu braço, Louisa me parou.

— Aonde você vai com tanta pressa? — ela perguntou com um sorriso ansioso.

— Tenho que ir para o hospital antes das seis. Eu… — Percebendo o que eu estava falando, minha postura desmoronou. Meus olhos se encheram de lágrimas e Louisa segurou meu ombro, de forma confortadora.

— Eu esqueci. Estou tão acostumada a fazer isso todos os dias que, às vezes, esqueço que ele se foi. Ah, merda, estou ficando louca? — perguntei, meu corpo encostado na parede.

— Claro que não — Louisa falou. — Tyler, você acabou de perder alguém muito próximo a você. Faz apenas três semanas. Vai levar algum tempo para se ajustar a tudo o que aconteceu. — Se aproximando, ela sussurrou baixinho: — Escuta, sei que você realmente não precisa sair agora, mas talvez você deva tirar algum tempo para si mesma. Você não parou desde que voltou a trabalhar. Ninguém vai te julgar por se afastar um pouco. Além disso, você precisa se alimentar. Você parece muito pálida e perdeu muito peso. Pensando bem, fique aqui. — Louisa correu antes que eu pudesse perguntar o que ela estava fazendo. Cinco minutos depois, ela voltou com a bolsa e o casaco nos braços.

— O que você está fazendo? — Louisa nunca saía tão cedo.

Vestindo o casaco, ela me arrastou em direção às portas do elevador.

— Vou levá-la para comer algo, Tyler. Não quero você parecendo um esqueleto. Você perdeu suas encantadoras curvas naturais. Preciso conseguir seus quadris de volta. — Ela sorriu, dando-me aquele sorriso insolente. Eu não estava com fome, mas também não discutiria com ela.

Louisa me levou para o nosso bistrô favorito e pediu um hambúrguer sem o meu consentimento e ainda ficou me olhando enquanto eu comia. Ela afirmou que não levantaria de lá até que eu comesse cada pedaço. Então, sentei lá, empurrando cada bocado em minha boca, até que ela ficou satisfeita que não havia mais nada. Me senti cheia e um pouco mal, mas, pelo menos, de acordo com ela, eu não estava mais pálida.

Após a conta ser paga, Louisa voltou a trabalhar, e eu entrei no meu carro e fui para casa. As nuvens estavam cada vez mais escuras, o cheiro de chuva começando a surgir. Eu sabia que cairia um temporal e precisava chegar em casa antes que o céu despencasse. Quando estacionei e saí do carro, um raio brilhou no céu, me fazendo pular. Poucos segundos depois, o barulho do trovão soou em meus ouvidos, me levando a andar mais rápido. Pude sentir o início da chuva forte em minha cabeça enquanto eu subia as escadas, em direção à porta do meu prédio.

Um vizinho idoso estava lá e me deu um sorriso radiante.

— Estava me perguntando se eu deveria sair. Já não tenho tanta certeza agora — disse ele, tirando seu chapéu.

— Eu não faria isso se fosse você. Talvez seja uma daquelas tempestades que acaba tão rapidamente quanto surge. — Assim que disse isso, outro relâmpago riscou o céu, fazendo-nos pular ao mesmo tempo. Nós rimos, mas outro barulho soou logo após.

— Sim — disse ele, dirigindo-se para a porta. — Acho que vou mais tarde.

Ele insistiu em segurar a porta para mim e eu sorri enquanto nós dois entramos. Eu disse adeus e fui direto para o elevador. Por alguma razão, eu senti uma vontade súbita de comer os biscoitos salgadinhos novamente. Era estranho, considerando que eu realmente nunca os tinha comido antes. Sorri comigo mesma, pensando que Jeremy tinha realmente passado seu vício para mim. Ainda doía, eu ainda me sentia culpada, e até falei com ele, noite após noite, implorando o seu perdão por algo que eu sabia que não tinha feito. Era bobo, eu sei, mas eu sentia que precisava fazer, porque eu ainda não conseguia me livrar dessa sensação incômoda de que eu tinha algo a ver com a sua morte. Será que Jeremy simplesmente desistiu? Aquela era uma pergunta que nunca seria respondida.

Assim que entrei em casa, fui ao banheiro e percebi que o papel higiênico tinha sido virado. Eu sorri. Ele tinha estado aqui hoje e esta era a sua maneira de me dizer.

Mas, por trás do meu sorriso, havia uma certa raiva. Nestas duas últimas semanas, eu tive tempo para pensar sobre o nosso relacionamento, por mais estranho que fosse. Ele me deixou quando eu mais precisei dele. Não me importavam as circunstâncias. Ele me abandonou.

Então, essa era a razão por trás dos meus planos. Eu não o deixaria vencer, neste momento. Não importa o que ele me oferecesse, eu não poderia deixá-lo vencer.

À medida que a noite avançava, minha adrenalina subiu com a expectativa de que Lótus viesse visitar-me esta noite. E eu sabia que ele viria. Eu sabia que essa era a sua maneira de me dizer que estava vindo. O que foi um erro tático por parte dele, me mostrar que viria, já que ele teria uma surpresa, assim que chegasse.

Depois das onze, parei de assistir televisão e fui me preparar para dormir. Vesti uma camisola e, em seguida, deslizei para debaixo dos meus lençóis quentes. Estiquei-me, bocejando, sentindo-me mais cansada do que eu imaginava. Mas, apesar disso, eu estava determinada a não dormir.

Quase uma hora se passou e eu comecei a duvidar se Lótus iria realmente aparecer. Não fazia sentido que ele me notificasse da sua presença e não viesse. Foi neste momento que senti sua chegada. Eu podia sentir até mesmo seu familiar perfume almiscarado, antes mesmo de ele entrar. Eu estava em sintonia com ele agora. Sempre pronta para suas visitas.

Sorrindo, tirei a coberta de cima de mim e levantei da cama, estendendo o braço para acender a

luz da cabeceira. Meu estranho foi mais rápido, porém, agarrando meu pulso antes que eu pudesse alcançar a luz.

— Porra! — gritei, quando *meu estranho* montou em mim, segurando meus pulsos com força.

— Tyler, que travessura. Preciso lembrá-la do que acontece com meninas travessas como você?

Me contorci debaixo dele, não querendo deixar o seu cheiro divino embotar meus sentidos. Eu não poderia deixá-lo assumir o controle.

— Foda-se! — Eu ainda estava com raiva e tinha segurado essa raiva pelo maior tempo possível.

— Você está querendo brigar comigo hoje? Quer brincar de ser a fêmea que luta contra o seu macho?

O filho da puta estava pensando que eu estava de brincadeira?

— Estou falando sério, seu imbecil. Você me deixou, porra. Eu precisei de você e você se foi.

Ele apertou meus pulsos com mais forças, me fazendo gemer.

— Você me chamou pelo nome de outro homem, quando nós estávamos nos beijando. O que mais você acha que eu deveria ter feito, porra?

— Não sei. Talvez me perdoar? Era realmente tão difícil passar por cima disso, quando você sabia que eu não estava bem? E não finja que não sabe. Eu perdi alguém. Eu tinha acabado de enterrar uma pessoa muito próxima a mim e você não estava lá.

Agitando-se um pouco na cama, *meu estranho* grunhiu.

— O que diabos você quer de mim, Tyler? O que você quer?

— Eu te quero! Quero que você me queira. Quero saber quem você é. Diga-me! — Eu podia sentir as lágrimas se formando, mas eu estava determinada a não deixá-las cair. Eu não o deixaria me reduzir a isso.

— Não!

— Quem é você? — gritei, sabendo que ele estava perdendo rapidamente a cabeça. Eu podia sentir em sua voz e em seu aperto.

— Não me faça essa pergunta!

— Quem é você?! — gritei novamente, quase cuspindo em sua direção. Eu não me importava. Eu estava muito irritada e tinha muita frustração reprimida contra este homem sem rosto. Eu tinha que saber.

— Pare de perguntar! — ele gritou de volta, e eu sabia que poderia atingi-lo. Eu sabia que podia, finalmente, quebrar sua determinação.

— Quem diabos é você?! — gritei novamente, sentindo o aumento da tensão em todo o meu corpo.

Meu estranho, o meu Lótus, ainda tinha meus braços preso à cama para que eu não pudesse me mover.

— Eu sou o homem dos seus sonhos e o seu pior pesadelo do caralho. Sou aquele de quem você nunca vai escapar. Sempre estarei lá, assombrando seus sonhos e fazendo-a acordar em cada momento.

Lutei novamente, mas ele era muito forte. Eu não conseguia entender por que ele era tão suave num momento e tão podre no outro. Ele me avisou que era um demônio, mas eu nunca acreditei que ele fosse mesmo. Parecia que ele queria me machucar, mas eu não conseguia entender o porquê.

— Não lute, Tyler. Você nunca vai ganhar. Vou sempre sabotar sua vitória.

Eu sabia que ele estava certo, mas não ia recuar. Vi o momento que poderia machucá-lo e o fiz. Levantei meu joelho e o acertei direito onde dói. Ele logo afastou-se, dobrando de dor. Parece que

ele era apenas um homem, afinal.

— Saia! — gritei, apontando para a porta. Pensei que ele iria discutir. Achei que ele iria retaliar, de alguma forma, mas ele me surpreendeu. Lótus levantou-se do chão e se dirigiu para a porta. Ele ficou parado no batente. A única coisa que eu podia ver era o contorno da sua silhueta no moletom que eu tinha vindo a conhecer e amar. O homem misterioso que eu tinha vindo a conhecer e amar.

— Isso ainda não acabou — ele finalmente declarou, com uma voz rouca.

Eu deveria ter dito alguma coisa. Deveria ter me mexido, mas estava presa à cama, quando o vi sair do meu apartamento. Sentei lá e ouvi a porta bater, notificando-me de que ele tinha ido embora. Como de costume, levantei e procurei pelo apartamento, para me certificar de que ele, de fato, tinha partido.

Naquele momento, eu queria chorar. Queria lamentar a perda do *meu estranho,* que tinha sido uma parte tão importante da minha vida por tanto tempo. Depois de todo esse tempo de ser complacente com ele, nunca percebi que ele estava, de fato, tentando me machucar. Mas por quê? O que eu tinha feito que de tão errado que valia a pena perseguir-me por todos estes anos, invadindo meu apartamento e me oferecendo o melhor sexo que eu jamais teria? E eu sabia que ele estava certo sobre isso. Agora que eu o provei, ninguém jamais chegaria aos seus pés. Mas, agora, eu sabia que ele tinha feito isso apenas para que pudesse me machucar. Mas me machucar por que razão?

Com esses pensamentos correndo em minha cabeça, fui para a cama e planejei o que ia fazer a seguir. Eu precisava pensar e rápido. Lótus partiu, mas, antes de ir, ele me deixou com a certeza de que eu essa não seria a última vez. Eu tinha que agir. Para fazer uma mudança, eu tinha que estar no controle. Era a minha vez agora. E eu estava determinada a dar-lhe o susto da sua vida.

Capítulo 42

JAIMIE ROBERT

Eu sabia que estava chegando a hora. Era por isso que eu tinha que agir. Precisava tirar esse maldito bastardo do Dean do caminho. Ele havia entrado em meu caminho desde aquele primeiro dia, na escola, mas eu não o deixaria ganhar de mim agora. Eu sabia das coisas. Conhecia muitas *coisas. Tinha vários amigos que conheciam várias pessoas e foi isso que fez com que eu colocasse meu plano em ação. Eu tinha que me livrar dele, mas, para fazer isso, tive que me livrar dos seus pais. Então, com a carta na mão, caminhei até a caixa de correio. Eu sabia que, assim que a carta entrasse naquele buraco, tudo mudaria. Dean iria mudar, bem como Tyler, mas tinha que ser feito. Sem dúvida, ele acabaria por descobrir a carta e, então, descobriria o que Tyler tinha feito. Ou, devo dizer, o que ela deveria ter feito?*

Pensei nisso por um longo tempo. Me perguntei por muito tempo se isso poderia colocar Tyler, de alguma forma, em perigo. Acho que não. Dean podia fazer muitas coisas, mas jamais a machucaria. Não importa o quanto ele pensasse que ela o tivesse magoado.

Com a cabeça no lugar, avancei mais e coloquei a carta na abertura da caixa do correio. Respirando profundamente, afrouxei meus dedos e deixei a carta cair. Suspirei, com satisfação, e sorri.

Que as fichas caiam onde devem.

Capítulo 43

JAIMIE ROBERT

Tyler

No dia seguinte, fui para o trabalho e fiz minhas tarefas normais. Mas, enquanto fingia trabalhar, eu pesquisei. Usei meus recursos de jornalista a meu favor e assumi o controle da minha vida. Outra coisa que fiz no trabalho foi observar. Observei todos. E fiz isso de uma maneira que ninguém podia perceber que eu os estava espionando. Era incrível o que você descobria sobre uma pessoa, apenas observando-a. Brandy, à minha direita, mordia o lábio quando parecia confusa ou perdida. Thomas, à minha esquerda, enfiava sempre o dedo no nariz. Eca. Louisa, do meu lado direito, brincava com o cabelo enquanto lia, e Ian, na minha extrema esquerda, franzia a testa enquanto digitava.

Foi nesse momento, enquanto estava olhando para ele, que ele olhou para cima e sorriu. Ele levantou o dedo para mim, pedindo que eu esperasse um segundo. Vi quando ele digitou algo, então um *ping* no meu celular me notificou que eu tinha uma nova mensagem.

Tudo certo para hoje à noite? É a noite do espaguete à bolonhesa J

Eu ri e olhei para Ian com um sorriso. Levantei meu polegar na sua direção, para que ele soubesse que estava tudo confirmado e, em seguida, voltei ao trabalho. Continuei com a minha investigação, procurando o nome Lótus primeiro. Deve haver algum significado ligado a este nome. Eu sabia que não era o nome dele verdadeiro. Digitei no motor de busca e a primeira coisa que apareceu foi o carro de mesmo nome. Eu sabia que não podia ser isso, então, continuei a rolar a tela. No final da página, vi uma outra sugestão de pesquisa. Cliquei em "Significado da flor de Lótus" e li o seu significado. Parece que a flor de lótus desabrocha em águas turvas, assim como o *meu estranho* tinha dito. Era um símbolo de renascimento, desejo e elevação espiritual. Ainda sem muita pista, digitei "Vingança flor de lótus" e o que apareceu foi muito interessante. Parece que, no budismo, a flor de lótus é um símbolo de causa e efeito. Um símbolo vivo do carma em ação. Parece que ele vivia tão focado na vingança, que ele não apenas usava o símbolo em seu ombro, como também se autodenominava com o nome da flor.

Sentada em minha cadeira, ponderei sobre isso por um momento. Então, *meu estranho* queria, de fato, me prejudicar. Mas por quê? Então, uma voz dentro da minha cabeça me disse para ter cuidado. O segurança no clube me avisou que ele era perigoso. Eu sabia que ele era. Eu simplesmente não percebi o quanto ele significava para o meu coração.

Determinada a encontrar mais coisas, me esforcei em busca de mais informações. Não importava se eu tivesse que sair tarde do trabalho por causa disso. Eu precisava saber por que o homem dos meus sonhos, de repente, se tornou o meu pior pesadelo. Se havia uma coisa que eu sempre tinha sido boa, era em pesquisa. Era necessário em minha linha de trabalho e agora eu usaria a meu favor.

Durante três horas pesquisando sem parar sobre Lótus, descobri muita coisa. Minha respiração estava ofegante e minha cabeça doía, mas não tanto quando o meu coração estava doendo agora. Não foi um sonho que tive na outra noite, quando achei que Dean estava me segurando em seus braços e

tocando o meu colar. Era real. *Meu estranho* era real. Na verdade, ele era dono do prédio em que eu morava. Estava no nome de outra pessoa, mas eu sabia que era dele. *Meu estranho* não era tão estranho assim.

Ele era o meu amor há muito tempo perdido, Dean. E eu sabia exatamente onde poderia encontrá-lo.

****

Era um pouco mais de seis da tarde quando saí do trabalho. Eu tinha um lugar para ir, mas precisava esperar um pouco até que eu pudesse ir naquele lugar. Em um esforço para passar o tempo, andei pelas lojas próximas, olhando as peças à venda, sem realmente prestar atenção. Eu estava consumida com o fato de que meu Dean estava de volta, mas que ele queria me machucar. Meu coração se afogou num mar de desespero. Eu não conseguia sequer imaginar o que eu tinha feito, mas estava determinada a descobrir. Eu tinha que encontrá-lo e olhá-lo nos olhos, para que ele pudesse me dizer, cara a cara, o que eu tinha feito de errado para que ele quisesse se vingar. Eu me sentia arrasada. Dean sempre foi o amor da minha vida. Durante anos, mantive a imagem dele como aquele menino alto, magro e insolente, que não queria mais nada na vida, além de me fazer feliz. O que aconteceu com esse menino? O que o fez se voltar contra mim tão ferozmente?

Balançando a cabeça, olhei ao redor e me lembrei de que Ian iria para minha casa mais tarde. Pegando meu telefone, mandei uma mensagem a ele, avisando que eu estava atrasada e que deveria chegar depois de oito e meia. Eu tinha uma tarefa a executar e a antecipação estava correndo em minhas veias.

Próximo das oito horas, pensei que era agora ou nunca. Não sabia se Dean estaria lá, mas tinha que ver para ter certeza.

Entrei no prédio, passando por algumas pessoas que deviam estar saindo dos seus escritórios. Entrei no elevador sozinha e pressionei o botão para subir. Foi a pior viagem de elevador que já experimentei. Perguntei-me se meu Dean seria o mesmo. O pensamento me assustou. E se ele estivesse determinado a nunca me libertar?

Com esse pensamento em mente, as portas do elevador se abriram, revelando uma sala escura. Todas as luzes estavam apagadas, exceto por uma ou outra luz que piscava aqui e ali. Parecia algo feito para trazer mais suspense ao momento.

Meu coração batia forte enquanto eu passava pelas mesas em direção à sala que eu havia temido e desejado entrar durante o dia inteiro.

Do lado de fora, vi que havia uma sombra na sala escura, olhando para o horizonte. Fechando meus olhos, respirei fundo, percebendo que era agora ou nunca. Abri os olhos para ler o nome na porta. Meu perseguidor, *meu estranho*, meu Dean, era Andrew Walker. E agora que ele estava usando um moletom com capuz sobre a sua cabeça, eu sabia exatamente onde ele estava pensando em ir hoje à noite.

Mas eu o venceria. Eu tinha me tornado a perseguidora, e o meu estranho, a vítima inocente. Isso me fez rir, sabendo que eu tinha recuperado algum poder. Eu me perguntava o que ele acharia quando me visse aqui. Eu sabia que ele ficaria chocado, mas eu precisava de respostas. Precisava saber por que ele queria tanto me machucar.

Girando a maçaneta o mais silenciosamente que pude, entrei na sala e fiquei olhando para as costas do meu Dean. Lágrimas ameaçaram cair ao pensar que eu havia, finalmente, o encontrado, para que ele fosse arrancado de mim mais uma vez.

No entanto, ainda estava determinada. Eu ainda estava resoluta em descobrir o que estava acontecendo, sem derrubar lágrimas ou entrar em desespero. Eu não podia deixá-lo ver que ele tinha

ganhado. Tive que segurar minha dignidade com todas as minhas forças.

Por um longo tempo, fiquei ali, sem palavras. No início, eu não sabia se deveria falar algo ou esperar até que ele virasse. Não tive que esperar por muito tempo. Ele se virou e seus olhos azuis de aço me fizeram lembrar de quando éramos criança e ele me prendia com seu olhar, como uma força desconhecida da natureza. Era ele, na Mansão. O homem que roubou meu fôlego. Por que não percebi que era ele, na época? Como eu poderia ter esquecido aqueles belos olhos azuis?

Tentando não pensar muito sobre isso, aproveitei o silêncio para avaliar sua reação. Ele era bom em esconder as coisas, eu percebi isso. Mas consegui ver que ele estava surpreso ao me ver. Isso quase me fez sorrir. Eu não tinha certeza de onde esse pouco de triunfo tinha surgido, mas estava lá.

— Surpreso em me ver, Dean? — Pensei em quebrar o gelo, considerando que ele era sempre quem ficava com a primeira e a última palavra.

Dean suspirou e balançou a cabeça com um sorriso resoluto.

— Então, agora você sabe — ele sussurrou com aquela voz sexy e rouca.

Concordei.

— Agora eu sei.

Ele empurrou o capuz da sua cabeça, expondo toda a beleza dos seus traços. Ele era exatamente como eu me lembrava quando jovem, apenas mais velho. Mas, de certo modo, ele estava muito diferente também. Sua natureza normalmente suave tinha desaparecido, dando lugar ao homem duro e implacável, que estava à minha frente. Mas o que havia lá para perdoar? Eu não conseguia entender.

— Devo admitir que não era assim que eu planejava, mas você descobriria sobre isso em breve.

Ele puxou a cadeira e sentou-se. Eu sabia que ele estava pronto para uma conversa. Eu não ia dizer não, mas estava determinada a não me instalar na cadeira à sua frente, também. Isto não era mais sobre o meu trabalho. Não era uma conversa sobre os acontecimentos do dia. Este era o *meu estranho*, meu Dean, e ele estava determinado a acabar comigo.

Em vez disso, eu fiquei de pé, olhando para baixo, para os seus belos olhos azuis, como se fosse a última vez que eu iria vê-los. E esta seria a última vez. Eu sabia que este era o dia que determinava o meu destino como jornalista aqui. Eu sabia que este tinha sido o último dia que eu voltaria a ver a luz do dia neste escritório.

— Por quê? — Era tudo que eu poderia perguntar, a única coisa que eu precisava saber. Essa mesma pergunta tinha girado em minha cabeça pelos últimos treze anos. Até ontem à noite, por razões diferentes, mas, mesmo assim, eu perguntei a ele. Ainda precisava saber.

Ele baixou a cabeça, suspirando com um sorriso.

— Sabe, a parte mais engraçada disso tudo é que você nem mesmo sabe o que você fez.

Minha raiva explodiu.

— Eu não sei o que eu fiz, Dean, e, a menos que você me diga que porra é essa, como é que eu vou me defender?

Ele bateu com o punho na mesa, me fazendo pular.

— Você não venha no meu escritório e fale assim comigo desse jeito.

— Não estou mais falando com Andrew Walker. Estou falando com Dean Scozzari. Alguém que eu tinha considerado o amor da minha vida. Meu primeiro amor. O que aconteceu com ele?

Ele se levantou, os olhos brilhando com fogo.

— Você aconteceu, Tyler! Você e toda a porra da sua família aconteceram!

Engoli em seco, em choque com sua explosão.

— Minha família? Eu não entendo.

A expressão de Dean era feroz.

— Não aja como se você não soubesse, Tyler. — Ele olhou para mim, sua expressão procurando as respostas em meu rosto. Mas ele deve ter visto algo que fez seus olhos se arregalarem. — Você realmente não sabe, não é? — Ele começou a rir, o que fez meu sangue ferver.

— Sei o que, Dean?

Ele parou de rir e olhou para mim com um sorriso. Não era um sorriso agradável. Era astuto. E eu queria arrancá-lo de seu rosto.

— Seus pais são os culpados pela morte dos meus pais, Tyler. Eles deveriam nos ajudar, mas, em vez disso, enviaram uma carta ao canalha maldito do Pinzano, dizendo-lhe onde estávamos.

Balancei a cabeça, incapaz de compreender o que ele estava dizendo.

— Carta? Que carta? Não estou entendendo. — Eu realmente não entendia. O pânico estava tomando o meu corpo.

— Meus pais estão mortos por causa da sua mãe e do seu pai, Tyler. E eu fiquei sozinho. Com dezoito anos, não tinha mais ninguém. Primeiro, perdi você quando te vi beijando Ian na porra desse dia. Voltei para você porque, na minha cabeça estúpida e imatura, ainda tínhamos alguma coisa. Não me importava em me colocar em perigo. Só queria te ver e ter certeza de que estava tudo bem. Não acreditei quando soube que você podia ter algo a ver com o que aconteceu com meus pais, então, tive que ter certeza. Mas, no minuto em que a vi, Ian estava com os braços ao seu redor e você estava beijando-o. Tinha poucos meses que eu havia partido e você ficou com ele. Eu sabia que meus pais estavam certos o tempo todo. — Ele olhou para mim com desgosto, mas tudo o que eu conseguia fazer era ficar lá, tentando entender o que ele falava. Eu sabia que Ian e eu nos beijávamos às vezes, mas era brincadeira, nunca foi nada além disso.

Voltei no tempo e me lembrei de um dia, pouco tempo depois de Dean ter desaparecido. Ian estava comigo, do lado de fora de uma loja, falando sobre um cara que ele desprezava, que dizia que Ian jamais conseguiria uma garota como eu. Esse cara, que era um idiota completo, estava lá, então Ian me pediu para beijá-lo na frente de todo mundo, para que o cara pudesse testemunhar o beijo e o fazer parecer o babaca que ele realmente era. Fiz isso como um favor a Ian porque é o tipo de coisa que amigos fazem um pelo outro. Nunca senti nada por Ian além de amizade e Dean deveria saber disso.

Fechei os olhos em frustração. Se este era o incidente que ele estava falando, era totalmente inocente. Sim, eu o beijei, mas foi só para ajudar um amigo. Éramos todos amigos naquela época. Éramos muito próximos um do outro. Costumávamos nos ajudar, sem questionar. Essa foi até mesmo uma pergunta no Verdade ou Desafio, na época. Ele não conseguia entender isso? Não poderia ter parado, pelo menos por um minuto, e perguntado, porra?

— Você não entende — soltei. Eu não tinha certeza de por que precisava me explicar. Dean estava, obviamente, atirando primeiro para perguntar depois. Mas ele perceberia isso, eventualmente.

— Eu entendo perfeitamente — ele respondeu, me cortando. — O que não entendo é por que você não está com ele? Você está com ele, mas não está. Vocês dois apenas trepam de vez em quando? Não, eu saberia se vocês estivessem. Sei tudo sobre a sua vida. — Ele sentou-se e ponderou a pergunta seguinte. — Deixe-me colocar de outra forma. Você permitiu que ele transasse com você, assim que eu parti? — Ele começou a rir da sua própria piada, antes de balançar a cabeça. — Não, esqueça isso. Eu sei que você não permitiu.

Ele estava sendo grosseiro e sabia disso. Cada célula em meu corpo queria gritar em protesto contra este homem. Eu tinha uma explicação para minhas ações, mas ele não queria ouvi-las. Ele

estava me culpando por algo que não fiz, mas também estava culpando meus pais pela morte dos seus pais. Ninguém sabia para onde eles tinham ido. Toda a minha família, Ian e eu havíamos sidos deixados completamente no escuro. Eu não conseguia entender como ele poderia achar que meus pais poderiam ser direta ou indiretamente responsáveis por um assassinato. Eu não era estúpida. Eu tinha a sensação de que seus pais andavam do lado errado dos trilhos. Eles estavam sempre se esgueirando, sempre se certificando de que ninguém os seguia, e, sempre que estavam próximos, faziam com que os pelos em minha nuca ficassem arrepiados. Eu nunca disse nada porque amava Dean e não queria que ele se machucasse, mas eu não estava totalmente alheia ao seu modo de vida. Eles não pareciam trabalhar, mas sempre tinham os carros mais novos, roupas de última moda, acessórios, qualquer coisa que você pensar, eles tinham. Não era preciso ser um gênio para descobrir o que estava acontecendo.

— Não vou responder as suas malditas perguntas estúpidas porque, não importa o que eu fale, você vai torcer isso até que minhas respostas encaixem no seu pensamento doentio. Tudo o que posso dizer é que meus pais não têm nada a ver com a morte dos seus. Eu não tenho nada a ver com a morte deles. Eu não sabia e sinto muito por sua perda, mas não vou ficar por aqui mais tempo e deixar você abusar de mim e acusar a mim e a minha família dessas alegações ridículas.

Dean riu e isso fez meu sangue ferver ainda mais.

— Talvez você não saiba, mas sei que seus pais sim, Tyler. Eles, obviamente, mantiveram as coisas escondidas de você. Eles tentaram, mas não conseguiram me afastar de você. Mas, ainda assim, você não conseguiu manter a porra da boca fechada sobre mim. Isso é o que a levou a esse ponto, Tyler.

Eu xinguei em frustração.

— Eu nunca lhes disse nada! — gritei. — Não sei de nada, porra. Sei que meus pais não queriam que ficássemos juntos, Dean, mas eles jamais seriam tão vingativos. Eles nunca teriam feito algo para colocar sua família em perigo. Não acredito nisso de jeito nenhum. Eles estavam apenas tentando me proteger de você, se certificando de que você não se aproveitasse de mim.

Dean riu.

— Eles não poderiam mantê-la longe de mim para sempre, Tyler. Você quer saber como eu sei que você nunca trepou com Ian quando parti? Me aproveitei da sua inocência muito antes que você, ou eles, pudessem perceber.

Franzindo a testa, não consegui entender do que ele estava falando.

— O que você quer dizer?

Dean balançou a cabeça com um sorriso.

— Lembra quando você tinha dezoito e, em uma festa, você disse a um menino chamado Dillon que você ainda era virgem?

Colocando minha mão sobre a boca, ofeguei. Balançando a cabeça, quase pude sentir as lágrimas enchendo meus olhos.

— Não… — protestei.

— Sim — respondeu Dean. — Você sempre quis que eu fosse seu primeiro, Tyler. Eu só estava concedendo o seu desejo.

— O quê? — interrompi. — Antes que você voltasse, me perseguisse e tentasse arruinar a minha vida?

Dean assentiu.

— Algo parecido. Eu decidi acabar com você sim, mas só por causa do que você fez. Eu poderia ter lhe dado o mundo, mas tudo o que você fez foi me sacanear.

Eu tive o suficiente. Eu não ia ficar aqui e ouvir isso por mais tempo.

— Adeus, Dean. Espero nunca mais te ver novamente.

Dean bateu na mesa novamente, mas, desta vez, eu não saltei. Eu estava determinada a não deixar que ele me afetasse.

— Volte aqui, Tyler. Você e eu não terminamos ainda.

Andei em direção à porta e estava quase do lado de fora, quando de repente me virei.

— Acabamos sim, Dean. Aqui é onde tudo termina. Nunca mais quero ver você de novo. — Virei para caminhar em direção dos elevadores quando me lembrei de algo. — E outra coisa — falei, virando a cabeça um pouco. — Eu me demito!

Com a cabeça erguida, marchei em direção ao elevador e entrei. Não tinha quase ninguém no edifício agora. Ao chegar ao piso inferior, saí com um suspiro. Eu sabia que era uma pessoa forte, mas tive que buscar toda a minha força para me manter de pé. Meu primeiro amor, aquele que eu sempre imaginei que passaria a vida comigo até ficarmos velhos, tinha se transformado de meu super-herói em vilão. Como ele pôde fazer isso? Ele nem mesmo pensou em perguntar. Ele apenas assumiu que algo tinha acontecido e eu sabia que, quando se "assume" algo, nem sempre é exatamente o que parece. Eu tinha sido uma idiota. Deixei Dean, *meu estranho*, ter acesso a mim para me machucar. O tempo todo, ele estava ali para me causar dor. Mas o ponto crucial da coisa toda era que Dean tinha sido meu primeiro, no final das contas. Ele estava determinado a tirar minha virgindade e sustentar que, como primeira parte da sua vingança, ele tinha me marcado.

Ele jamais agiu assim quando mais jovem. Ele era inocente, doce e carinhoso. Pensar que meus pais poderiam ter algo a ver com a morte dos seus pais fez a minha pele arrepiar. Eu não conseguia acreditar que ele pudesse pensar que eu o trairia assim. Ele era o amor da minha vida. Mesmo agora, a importância que ele teve para mim se manteve forte. Ele sempre seria o amor da minha vida. Não importa o quanto eu estivesse magoada, jamais conseguiria escapar disso. Jamais conseguiria escapar dele.

Sem pensar, minha mão imediatamente procurou o colar que ele tinha me dado anos atrás. Era algo que eu sempre quis manter comigo, para me agarrar a ele de alguma forma. Sempre tive esperança de que, um dia, ele poderia voltar, mas nunca imaginei que seria assim. Inconscientemente, eu tinha evitado relações porque eu tinha essa noção tola de que, um dia, meu Dean viria em seu cavalo branco e me levaria com ele, rumo ao pôr do sol. Acho que a vida tem um jeito engraçado de mostrar que tem senso de humor. Dean queria atingir um objetivo, e ele certamente fez isso com a porra de uma cereja no topo.

O fato de estar sonhando acordada foi o que me impediu de perceber que eu estava chegando perto do meu apartamento. Dirigi o caminho todo sem nem mesmo perceber. Como foi que isso aconteceu?

Estacionei na minha vaga. Eu estava determinada a não deixá-lo vencer, mesmo agora. Fui para o meu apartamento, tendo apenas tirado o casaco e colocado minhas coisas no lugar, quando a campainha tocou.

Suspirando, estendi a mão para a porta e abri uma fresta. Vi Ian, com um grande sorriso e duas garrafas de vinho: branco e tinto. Merda, com essa confusão, tinha esquecido completamente que Ian estava vindo.

Soltando o trinco, abri a porta para encontrar Ian inalando e, em seguida, seu rosto demonstrou uma expressão aturdida.

— Espera aí, por que não estou sentindo o aroma de espaguete à bolonhesa? — Ian virou a cabeça e me olhou, e, quando isso aconteceu, seu sorriso se desfez. — O que houve de errado?

Ele entrou e eu fechei a porta. O que eu diria a ele? Acho que devo dizer tudo o que aconteceu esta noite. Ian fez parte da vida de Dean, assim como eu, então eu tinha que dizer, pelo menos, que ele tinha voltado. Não somente isso. Que estávamos trabalhando para ele pelos últimos três anos. Com isso, entre outros pensamentos girando em minha cabeça, fiz um gesto em direção ao sofá.

— Acho que você precisa sentar — sugeri com um meio-sorriso. Eu realmente não sabia como eu falaria, mas tinha que tentar.

Ian engoliu em seco, mas fez o que pedi.

— Você está me assustando — ele finalmente disse, alcançando o sofá e sentando-se. Sentei-me ao lado dele e respirei fundo. Eu não tinha certeza de como começar, então comecei do o início. Falei tudo sobre o meu estranho, as coisas que ele fazia na casa e tudo o mais. A única parte que deixei de fora foi o que ele contou sobre meus pais. Eu falaria, se ele perguntasse, mas eu estava muito esgotada para lidar com isso.

Depois que eu disse a ele que Andrew Walker era Dean, Ian sentou lá, atordoado por um momento.

— Merda, Tyler — ele finalmente balbuciou em descrença. — Eu não posso acreditar que ele fez isso.

Balancei minha cabeça.

— Nem eu.

O rosto de Ian estava chocado. Ele parecia assustado e com um milhão de perguntas na sua cabeça. Nós três tínhamos sido melhores amigos. Compartilhamos tudo. Nossas esperanças e sonhos, até mesmo nossas fantasias mais sombrias.

Quando Ian se acalmou, ele viu meu olhar derrotado e fez um gesto.

— Venha aqui. Deixe-me te dar um abraço e fazer uma massagem em você para te ajudar a relaxar. Você nunca está sozinha. Seu melhor amigo está aqui para você.

Sorri e me aproximei dos braços de Ian. Ele me deu um abraço caloroso, e colocou as mãos em meus ombros para massageá-los.

Gemi em apreço.

— Obrigada, Ian. Você sempre foi um amigo de verdade.

— Um amigo de verdade que está determinado a entrar em suas calcinhas quando você chegar aos trinta.

Ri de sua piada, mas não estava no clima para brincadeiras hoje.

— Sinto muito sobre o espaguete, Ian. Podemos pedir comida para viagem? — Ele esfregou um pouco mais, me mostrando seu apoio.

— Não se preocupe com isso. Sente e relaxe. Beba um pouco de vinho. Vamos pedir algo quando você se acalmar um pouco. Seus ombros estão muito tensos.

Fechei os olhos, murmurando "obrigada", deixando que ele continuasse a massagear meus ombros. Eu estava começando a relaxar. Hoje tinha sido um dia terrível e eu estava satisfeita por ter Ian ali para me apoiar. Mesmo que Dean nunca tivesse sido meu de verdade, Ian tinha sido meu verdadeiro amigo, alguém que eu podia realmente contar. Ele sempre esteve ao meu lado, tanto quanto eu estive ao lado dele.

— Não posso acreditar que ele culpou seus pais por tudo isso.

Imediatamente, fiquei tensa e abri os olhos. Percebendo minha mudança, Ian parou de massagear meus ombros.

— Eu não te contei sobre a parte dos meus pais. — Minha respiração estava ofegante e senti meu coração acelerado com a adrenalina.

Ele suspirou e seus braços caíram. Virei em busca de uma explicação, mas tudo o que pude ver era um homem que tinha sido pego. Por que, eu não sei, mas estava prestes a descobrir.

— Ian, o que você não está me dizendo?

Ele me olhou por um momento, sem piscar. Então, ele soube que tinha que dizer alguma coisa.

— Durante anos, estivemos juntos, e, por todo esse tempo, você sempre o preferiu a mim.

Balançando a cabeça, levantei da cadeira, com lágrimas em meus olhos. Eu não podia acreditar nisso. Ian tinha brincado comigo por todo esse tempo, assim como Dean?

Ian estendeu a mão em um gesto calmante.

— Por favor, me ouça. Você precisa saber como me sinto, Tyler. Você devia saber. Você, com certeza, deve ter percebido o quanto eu te amei, todo esse tempo.

Balancei minha cabeça novamente, querendo muito que tudo isso acabasse. Eu precisava saber, mas minha cabeça e coração gritavam em agonia pela perda dos meus dois melhores amigos. Eles tinham me traído todos esses anos, não o contrário. Este sentimento, acima de tudo, fez meu coração se partir em mil pedaços. Se eu achava que antes ele estava quebrado, eu estava enganada. Agora, ele estava totalmente esmagado em pequenos pedaços. Como alguém poderia se recuperar disso?

— Eu sabia que os pais de Dean estavam com problemas. Sabia que, eventualmente, Dean estaria envolvido nesse problema. Eu tinha que salvá-la, Tyler. Eu tinha que salvá-la dele.

— Você enviou a carta, não foi? — perguntei, pasma.

Os olhos de Ian se arregalaram de choque quando ele percebeu que eu sabia, então, ele baixou a cabeça com um aceno.

— Sim, mas eu só fiz isso para que eles tivessem que fugir. Eu sabia que, se eles achassem que alguém estava atrás deles, os pais dele fugiriam. Eu achei que eles iriam embora e não voltariam mais.

— Mas por que Dean acha que meus pais estão envolvidos? Por que ele acha que eu estou, de alguma forma, envolvida nisso?

Ele balançou a cabeça.

— Eu não sei. Acho que é porque eles estavam envolvidos no caso.

Balancei minha cabeça.

— Isso é besteira e nós dois sabemos isso. O que a carta dizia, Ian? — Balançando a cabeça, Ian baixou os olhos para o chão por um momento, tentando abrir a boca. Mas eu fui mais rápida do que ele. — Ian, não se atreva a mentir para mim. Me diga a porra da verdade!

Ian suspirou e olhou para mim. Seus olhos amigáveis que eu amava não estavam lá. Estavam perdidos para sempre.

— Escrevi uma carta fingindo ser seus pais. Eu queria ter certeza de que eles achassem que tinha sido escrita pelas pessoas certas.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu não posso acreditar que você faria isso comigo, Ian. E por que ele achou que eu tinha algo a ver com isso?

Ian rangeu os dentes.

— Eu tinha que ter certeza de que Dean nunca mais voltasse.

Fechando os olhos, tentei em vão conter a minha raiva.

— Por que, Ian? Conte-me!

— Porque escrevi na carta que você sabia tudo sobre a família de Dean. Que seus pais estavam preocupados com você e não queriam que você se misturasse com eles. Só falei a verdade. Estava fazendo um favor aos seus pais.

Balancei a cabeça, incapaz de compreender como ele podia ter feito isso.

— Colocando-os no meio de tudo isso, expondo-os ao perigo? Me expondo ao perigo? — Comecei a caminhar pela sala. Tudo estava desmoronando ao meu redor e eu precisava de espaço.

— Você e sua família nunca estiveram em perigo, Tyler. Eu sabia que Dean nunca iria machucá-la, não importava o que ele descobrisse.

Levantei minha cabeça e o olhei nos olhos.

— Sabe, Ian, você está totalmente errado. Ele tem me machucado. Ele me machucou tanto que é irreversível agora. Ele queria acabar comigo e alcançou seu objetivo. Eu nunca vou superar o que ele fez comigo. E nunca vou superar o que você fez comigo.

Os olhos de Ian pareciam vidrados quando ele balançou a cabeça.

— Não. Eu posso consertar isso, Tyler. Eu posso fazer com que você nunca mais tenha que se preocupar com nada. Eu amo você. Seus pais nunca quiseram que você ficasse com ele e você sabe disso. Você deveria ter ficado comigo.

A bile subiu em minha garganta ao pensar que Ian orquestrou essa coisa toda para tirar Dean da minha vida. A palavra "devastada" não chegava nem perto de como eu me sentia agora.

De repente, Ian levantou-se e fez um gesto para ir em minha direção. Recuei, percebendo, então, que eu tinha ficado com medo da pessoa errada. Não era só Dean que era um depravado. Ian também era. Mas Ian era ainda pior. Suas ações eram baseadas apenas em suas próprias necessidades egoístas.

— Qual é, Tyler? É de mim que estamos falando aqui. Eu jamais a machucaria.

Meu coração tamborilou, ciente das mentiras que tinham sido derramadas de sua boca.

— Você sabia que Dean estava nos vendo, naquele dia? — As palavras saíram de mim naturalmente. Se ele tivesse ido longe o suficiente para afastar toda a família de Dean de mim, eu queria saber quão longe ele tinha ido.

Ele suspirou de novo, balançando a cabeça.

— Eu sabia que ele voltaria para você. Achei que demoraria mais, mas, quando um amigo me falou que o viu na cidade, tive que agir antes que fosse tarde demais. Não podia colocar você em perigo, Tyler. Ele precisava sair da sua vida para sempre.

A raiva explodiu quando me afastei dele.

— Quem é você para decidir quem fica na minha vida ou não? Você sabia o quanto Dean significava para mim. Achei que ele significava algo para você, mas eu estava obviamente errada.

Só quando cheguei perto da porta do meu quarto foi que eu percebi o quão longe eu tinha andado para trás. Mas Ian ainda estava muito perto. Ele andou atrás de mim todo esse tempo. Olhei por cima do meu ombro, para o meu quarto, sentindo meu coração bater com força. Talvez, se eu me esquivasse dele, eu conseguisse trancar a porta antes que ele pudesse me alcançar.

Olhando para trás, Ian viu a hesitação em meus olhos antes que eu corresse. Era tarde demais, no entanto. Ele estava sobre mim em um instante, me arrastando para o quarto.

— Não lute comigo, Tyler. Eu não estou aqui para te machucar.

Gritando, levantei meu braço e lhe dei uma cotovelada nas costelas com tanta força quanto eu podia. Ele se dobrou de dor, me dando um pouco mais de tempo para fugir. Infelizmente, não fui rápida o suficiente. Ele me agarrou por trás, colocando a mão sobre a minha boca, me arrastando para a cama. Com um puxão rápido, ele me jogou em cima da cama e segurou meus braços acima de mim.

— Você quer que eu te amarre e te foda com força como Dean fez? Quer ser abusada e tomada contra a sua vontade? É disso que você precisa, Tyler? Eu, certamente, não me importo de ser

prestativo.

Respirei profundamente, pronta para despejar minha ira sobre ele.

— Foda-se! — grunhi entre meus dentes, tentando desesperadamente me libertar dele.

Em um flash, seus lábios estavam nos meus, enfiando a língua em minha boca. Ele era feroz e determinado e pude sentir o gosto metálico do meu próprio sangue em minha boca.

Ele encerrou o beijo, chegando para trás e me olhando. Tentei me libertar, mas ele era mais forte do que eu. Mais forte até do que achei que ele fosse.

— Sempre soube que você tinha um lado sombrio, Tyler. Na verdade, acho até que gosto disso. — Ele apertou sua ereção contra mim para enfatizar seu ponto. — Talvez, se eu tomar você sem a sua permissão, isso fizesse você me querer, como você o quis. E se eu te comesse com mais força e mais rápido? Você me escolheria?

Me contorci e lutei, mas foi inútil.

— Fique longe de mim! — gritei, sabendo muito bem que ele não ia me deixar ir.

Ele baixou a cabeça novamente para me beijar, mas desta vez eu virei minha cabeça para o lado. Ian sorriu para mim.

— Então, é assim que você quer?

Segurando os meus pulsos com uma mão, Ian tirou algo do bolso da calça. No minuto em que vi a corda, gritei, tentando chutá-lo e me esquivar com todas as minhas forças.

— Ah, Tyler. Você sabe que quer isso. — Ele enrolou a corda em torno de meus pulsos e amarrou uma ponta na cama. Depois que terminou, ele olhou para mim com um desejo que nunca o vi demonstrar. Eu não sabia quem estava mais doente. Eu, por me manter numa situação dessas por tanto tempo, ou Ian, por achar que eu queria isso realmente. Eu podia ver isso em seus olhos. Ele acreditava de verdade que, se ele me estuprasse, como ele achava que Dean tinha feito, eu o escolheria. O que ele não sabia era que eu sempre quis o *meu estranho* porque ele era Dean. Eu nunca quis nenhum outro cara além de Dean.

Com esse pensamento em mente, gritei de novo, e Ian colocou a mão em minha boca. Com um puxão rápido, ele arrancou minha calcinha e pude senti-lo tentar desabotoar a calça desesperadamente.

Fiquei ali, as lágrimas caindo, vendo o que a pessoa que eu considerei o meu melhor amigo estava prestes a fazer comigo. Encarei os olhos dele e tentei sacudir a cabeça. Ele precisava saber que eu não queria isso. Jamais quis algo assim. Nem mesmo o quis.

Isso não me levou a lugar algum. Ian, obviamente, estava focado no que ele achava que eu queria. Então, eu fiquei lá, esperando que ele apenas acabasse logo com isso. Não havia nada que eu pudesse fazer para escapar, então, aceitei meu destino e fechei meus olhos, esperando.

Um som me alertou que algo tinha acontecido no quarto. Abri meus olhos para ver Dean parado ali, pairando sobre Ian. Ele viu o desespero em meu olhar, e pude ver a raiva no seu. Puxando o pescoço de Ian, ele o jogou longe, enquanto eu gritava para que ele tirasse Ian de cima de mim. Ele agiu rapidamente, golpeando-o e voltou para perto de mim, tomando o seu lugar. Com uma mão em minha boca, ele gentilmente me silenciou. O pânico que havia me tomado lentamente diminuiu. Dean não estava aqui para me machucar. Ele nunca tinha feito isso.

Quando ele percebeu que eu estava mais calma, ele desamarrou meus pulsos e me segurou em seus braços, até que a minha respiração se acalmou.

— Sinto muito não ter chegado mais rápido — ele disse, acariciando meu cabelo.

Solucei. Foi então que me senti despedaçada, lamentando a perda de todos aqueles que eram importantes para mim. Dean, Jeremy, e agora, Ian.

— Eu nunca te trai — sussurrei em seu peito.

Senti que ele me abraçou mais apertado, seu carinho me dando uma falsa sensação de segurança.

— Isso não importa agora. Podemos falar sobre isso mais tarde. Em primeiro lugar, preciso cuidar dele. Vou voltar para você, mas eu preciso levar seu corpo para um lugar onde ele jamais seja encontrado. Você entende?

Balancei a cabeça, mas o medo rasgou meu coração. Dean era poderoso. Eu sabia disso agora. Ele tinha tomado o poder dos pais e usava-o a seu favor. Mas e agora? O que aconteceria entre nós? Tudo isso parecia assustador demais.

Ele moveu-se sobre mim e segurou meu rosto entre as mãos. Deu um beijo em minha testa e sorriu.

— Volto logo que puder, ok? Preciso chamar uma pessoa, primeiro. — Ele levantou-se e pegou seu telefone. Dean foi para a sala, deixando-me com o corpo de Ian. Não ousei olhar em sua direção. Não podia ver o olhar sem vida refletido em seus olhos agora.

Pude ouvir Dean dizer a alguém para encontrá-lo na segunda saída de incêndio do prédio. Só então me dei conta de que ele deve ter usado uma entrada secreta para entrar e sair do prédio. Não admira que ele era tão bom no que fazia.

Desligando o telefone, ele voltou para o quarto. Vi quando ele olhou para Ian como se estivesse diante de um corpo qualquer, que ele nunca tinha visto antes. Esse pensamento me gelou até os ossos.

— Vou levar este pedaço de merda para a porta da frente.

Concordei.

— Acho que seria uma boa ideia. — Eu não podia me mover, e acho que ele sentiu a minha apreensão.

Com um sorriso, eu o ouvi puxar Ian pelo chão. Virei-me, não querendo ver o que ele estava fazendo. Fechei meus olhos, querendo me proteger. Eu não queria isso. Eu não pedi por isso, e certamente não queria mais viver assim.

Cerca de dez minutos depois, Dean voltou para o meu quarto e segurou meu ombro.

— Eu vou sair agora. Posso demorar algumas horas, mas prometo que vou voltar. Você vai ficar bem?

Balancei a cabeça e o ouvi sair do apartamento. No minuto em que ele se foi, levantei da cama, agarrando uma mala e jogando o máximo de coisas possíveis lá dentro. Sentei-me, escrevi uma carta rápida, joguei fora a minha calcinha rasgada, e peguei todos os meus pertences.

Assim que corri para o meu carro, liguei para a minha mãe e disse a ela que precisava de sua ajuda. Rapidamente, contei o que tinha acontecido e ela me disse que iria fazer todos os arranjos.

Colocando tudo no carro, entrei e fugi o mais depressa que pude. Foi complicado porque tive que manobrar o carro. *Você não pode fugir rapidamente, se ainda tiver que manobrar*. Porra, Dean!

Dirigi por mais ou menos meia hora até a casa dos meus pais, e corri, batendo na porta.

— Bom Deus, Tyler. Você está bem? — minha mãe perguntou quando passei pela porta.

— Agora estou, mas preciso me afastar, mãe. Não posso lidar com isso agora.

Minha mãe me puxou para os seus braços e acariciou meu cabelo.

— Está tudo bem, Tyler. Já está tudo organizado. Não precisa ter medo. Nós vamos resolver tudo isso.

Afastando-me do nosso abraço, olhei para a minha mãe.

— Ele disse que você e papai deduraram os pais dele. Que por culpa de vocês eles estão mortos. Mas a culpa foi de Ian. Ele enviou uma carta, fingindo ser você, dizendo que você sabia tudo a respeito deles e que estava preocupada comigo.

Seus olhos se arregalaram em choque.

— Eu não posso acreditar que ele faria isso. Ouvi falar a respeito de uma família rival, um pouco mais poderosa do que os pais de Dean, que queria matá-los, numa tentativa de impedir que eles assumissem no futuro. Eles vieram até nós, temendo pela vida de Dean. Eles queriam vingança, mas, no fim das contas, viram que isso colocaria a vida do filho em perigo. Eles estavam tentando fazer um acordo, trocando informações em troca de proteção. Obviamente, não estavam protegidos o suficiente. Eles conseguiram encontrá-los no final. Felizmente, Dean não estava lá quando aconteceu. Ouvi dizer que ele tinha brigado com os pais e saído de casa. Eles foram procurá-lo quando isso aconteceu.

Uma pontada de culpa me tomou, pensando que ele estava chateado comigo e que por isso ele resolveu fugir. Se não fosse por isso, talvez seus pais ainda estivessem vivos.

— Por que você não me contou tudo isso?

Minha mãe suspirou.

— Porque a história não era minha para contar. Ainda tinha a questão da confidencialidade do cliente e tudo mais. Além disso, eu queria protegê-la. Eu não queria que você se envolvesse em toda essa bagunça.

Pude sentir a raiva crescer.

— Mãe, você não tinha o direito de decidir. Você sabia o quanto Dean significava para mim.

Ela assentiu com a cabeça e agarrou meus ombros.

— Sim, mas o seu bem-estar foi a minha única preocupação. Eu só estava fazendo o que uma mãe cuidadosa faria para proteger sua filha. Eu não lhe contei, simplesmente, para mantê-la segura. Ian também achou que era o melhor. Ele até sugeriu que não lhe disséssemos nada. — Minha mãe estremeceu, percebendo que ele estava, secretamente, jogando com todos.

Meu estômago revirou, recordando os acontecimentos desta noite. Agora Ian estava morto, e eu estava sofrendo por algo que eu não tinha feito. Para que serviam os amigos se você não pode nem mesmo confiar neles? Eu estava determinada a nunca mais deixar ninguém se aproximar assim, de novo. Jeremy estava certo de pensar daquele jeito. Todo mundo só te sacaneia no final. Jamais confiaria de novo em ninguém.

— Você não pensou em perguntar como Ian sabia disso tudo?

Ela encolheu os ombros.

— Achei que ele sabia porque era amigo de Dean. Eu apenas assumi que Dean tinha contado tudo.

Eu ri. De novo, aquela palavra.

Balançando a cabeça, olhei nos olhos da minha mãe.

— Eu queria saber mais detalhes, mas acho que não temos muito tempo. Podemos ir agora?

Minha mãe concordou e pediu ao meu pai para desligar o telefone e descer para que pudéssemos ir.

— Seu pai ficou no telefone a noite toda, tentando resolver tudo — explicou ela. Acenei, mas isso foi tudo. Depois de tudo o que havia acontecido hoje à noite, eu estava ansiosa para ficar longe… e rápido.

— Oi, pai — eu disse, observando quando ele apareceu na parte inferior da escada.

— Oi, docinho — ele respondeu, segurando-me em seus braços. — Sinto muito que você tenha passado por tudo isso sozinha. Por que você não nos disse que estava sendo perseguida?

Dei de ombros, realmente não querendo entrar neste detalhe. Minha mãe percebeu que eu não estava de bom humor, então, ela se virou para o meu pai.

— Olha, Derren, não acho que ela queira entrar em detalhes, neste momento. Vamos apenas afastá-la, e falaremos sobre tudo isso mais tarde, quando tivermos tempo.

Concordei com um sorriso e saímos o mais rapidamente possível.

Era estranho pedir ajuda dos meus pais. Sempre fui orgulhosa e tentei fazer tudo sozinha, do meu jeito. Meus pais sempre quiseram ajudar, mas eu nunca permiti. Esta era a primeira e única vez que eu pediria sua ajuda. E tudo por causa de um menino que tinha roubado meu coração há vinte e três anos. Engraçado como a vida podia mudar de forma tão dramática. Dean estava certo sobre uma coisa. Ele era o homem dos meus sonhos e o meu pior pesadelo. Ele me conquistou, me roubou, me arruinou, e finalmente conseguiu o que desejava. Eu estava arruinada. Eu estava acabada. Eu era, e sempre seria, sua.

Capítulo 44

JAIMIE ROBERT

Tyler

No meu carro, segui os meus pais por cerca de oitenta quilômetros, em direção a Brighton Harbour, onde encontramos Jose, um amigo leal e capitão de uma frota de iates chamada *Sea Trials*.

— Chica — gritou Jose do iate. — Quanto tempo!

Eu sorri para Jose e subi a bordo para dar-lhe um abraço.

— É bom ver você, Jose. Sinto muito por estarmos perturbando você assim, tarde da noite.

Jose afastou-se e acenou com as mãos, com desdém.

— Isso nunca é um problema para você — respondeu ele, o sotaque espanhol em evidência. Ele vivia aqui há trinta anos, mas ainda não tinha conseguido esconder suas verdadeiras raízes.

— Você sabe o que fazer, não é, Jose? Você tem tudo? — perguntou meu pai.

Jose assentiu.

— Claro, Sr. O'Shea. Tyler está em boas mãos. Há a previsão de uma tempestade no Mediterrâneo, mas vou fazer o meu melhor para evitar passar por ela. Nós vamos ficar bem. — Jose balançou a cabeça novamente, mas virou-se para voltar ao trabalho e deixar que nos despedíssemos.

— Jose tem alguém esperando por você, quando chegarem à Espanha. Ele vai resolver toda a documentação assim que chegar. Vou me certificar disso.

Sorri para o meu pai, agradecida.

— Não posso agradecer o suficiente.

Minha mãe fez um muxoxo em desaprovação.

— Tyler, você sabe que estamos sempre prontos para ajudá-la sempre que possível. O nosso objetivo é, e será sempre, fazer tudo o que pudermos para mantê-la segura e feliz.

Murmurando agradecimentos e dando abraços de despedida, eu estava pronta para ir. Mas, antes, dei à minha mãe a carta.

— Ah, mamãe. Você poderia, por favor, postar isso para mim assim que você voltar? — Minha mãe balançou a cabeça quando eu lhe entreguei a carta.

Seguindo sobre seus saltos altos, minha mãe saiu do iate com meu pai e eles se despediram.

Agora era o começo da minha nova vida. Uma vida sem o meu Dean.

Capítulo 45

JAIMIE ROBERT

Dean

"Olho por olho só deixará todo mundo cego".

Mahatma Ghandi

Apertei o jornal que continha o artigo com a carta de Tyler, que ela havia pedido para Louisa deixar pronto para impressão. Desdobrando o papel, olhei para a carta e li suas palavras novamente, apenas para enfiar a faca em minha alma mais profundamente. Eu merecia isso depois de tudo o que fiz.

Lótus,

Eu sei quem você é, por isso, apresentações não são necessárias agora. Você foi uma parte da minha vida por tanto tempo, mas nunca esteve lá verdadeiramente para mim. Você achava que eu havia traído você de maneiras inimagináveis, mas você nunca pensou em me perguntar a respeito. Jamais pensou em questionar uma única vez aquela jovem que você costumava escalar sua janela, por todos aqueles anos, para pedir uma simples explicação. Isso era tudo o que eu esperava. Uma única pergunta e uma chance de me explicar. Mas não, você escolheu o caminho que levava à destruição. Bem, missão cumprida.

Você me destruiu.

A única pessoa que te traiu, no final das contas, foi quem nós dois achávamos que era o nosso melhor amigo. Sim, é isso mesmo. Era ele quem estava puxando as cordas o tempo todo. Foi ele quem mandou aquela carta que destruiu a sua vida e, por sua vez, acabou destruindo a minha. Não eu. Ele.

Não sei se você acreditará nisso agora, mas vou dizer-lhe mais uma coisa antes de finalizar esta carta e me despedir.

Vou sentir saudades, Lótus. Vou perder o meu estranho, que vinha visitar meu quarto. Vou sentir falta da sua voz, da suavidade da sua pele, do seu perfume almiscarado e da forma como você sempre me fez sentir a mulher mais segura do mundo. Vou sentir sua falta porque te amo. Sempre o amei.

Sempre vou amá-lo.

Espero que você consiga seguir em frente. Pare de viver no passado e siga em frente com seu futuro. Você tem muito mais para dar do que imagina. Não precisa de ódio, raiva, rancor e vingança. Esse caminho que você escolheu terminou mal. Mas, não importa o que tenha acontecido comigo, jamais poderia desejar mal a você.

Leia esta carta, queime-a, destrua-a, e, então, vá viver sua vida. Para de viver no passado e siga em frente. Procure alguém que te desperte alegrias, em vez de alimentar o seu desejo de vingança.

Seja feliz, minha flor preciosa.

T.

Suspirando, peguei o jornal desta manhã e li novamente pela centésima vez. Vi a imagem que ficará gravada para sempre em minha mente. A foto do barco que naufragou no Mediterrâneo. O nome *Sea Trials* escrito distintamente na sua lateral, enquanto ele afundava. Tyler estava sumida, e presumiram que ela se afogou ao fazerem a busca por ela ou seu corpo. Era difícil assistir ao noticiário ou ouvir no rádio, mas eu tinha que saber. Precisava descobrir se eles a haviam encontrado. Precisava saber para que eu pudesse recomeçar minha vida lhe pedindo perdão. Ela nunca me escaparia porque eu jamais a deixaria. Ela era minha e sempre seria. Não importa o que aconteça.

Meu coração deu um nó ao descobrir que tinha sido Ian o tempo todo. O filho da mãe desprezível tinha puxado todas as cordas e eu não havia notado, por estar tão focado em Tyler.

Nossas contas haviam sido acertadas, já que seus restos mortais haviam alimentado os porcos. Depois de descobrir o que ele estava prestes a fazer com Tyler, ele mereceu tudo o que sofreu. Era uma pena que não tinha como torturá-lo depois de morto, agora que descobri tudo o que ele fez. Se eu pudesse, voltaria no tempo para mostrar a Ian as consequências de pensar que poderia tocar em Tyler do jeito que ele fez. Ele se arrependeria de encostar um dedo sequer nela. Eu teria certeza disso, antes de tirar sua vida.

Mas agora nada disso importava. Eu tinha perdido Tyler. Eu a destruí, assim como ela havia me destruído. Na tentativa de fazê-la ver que não havia mais ninguém, em última análise, eu paguei o preço de ela me devolver tudo aquilo. Causa e efeito estavam, definitivamente, cumprindo o seu papel agora. Tudo aquilo que eu fiz estava voltando para mim. Agora, eu sabia que a minha tatuagem da flor de lótus representava mais para mim do que nunca.

Segurei o jornal e amassei-o firmemente em minha mão. Ela poderia estar desaparecida, mas eu jamais desistiria até ver seu corpo. Isso era uma coisa que as pessoas tinham que saber a meu respeito. Eu nunca desisto.

E, certamente, não começaria agora.

Capítulo 46

JAIMIE ROBERT

Três meses depois

Eu estava à espreita, nas sombras, assim como sempre havia estado. Eu observava as pessoas de luto pela morte de Tyler O'Shea. Não havia nenhum corpo no caixão. Nada havia sido encontrado, já tinham se passado três meses e nada tinha aparecido.

Vi as pessoas se consolando. Eu mantinha uma distância segura, observando, à espreita, certificando-me de que ninguém poderia me ver. Eu tinha me tornado uma especialista nisso. Era incrível o poder que se sentia quando você podia observar as pessoas, mas elas não podiam observar você. Era uma sensação estranha, mas que eu sentia muito, ultimamente.

Esperei imóvel até que eles baixaram o caixão no buraco. Vim para dizer adeus a Tyler O'Shea. Ela estava morta agora. Aqui de pé, em seu lugar, estava Jessica Florentino, um sobrenome bastante apropriado, considerando que não só era italiano como também significava "florescer". Eu estava florescendo agora. Eu renasceria dessas águas turvas e teria a maldita certeza de nunca mais murchar.

Eu tinha uma nova vida para conduzir agora. Uma que implicava em um futuro brilhante. Graças aos meus pais, que forjaram minha morte, criamos uma nova identidade, e eu estava vivendo agora em Nebraska, com a minha irmã. Eu estava pensando em trabalhar como professora de jardim da infância, mas, no momento, alguma coisa, ou melhor, alguém, por assim dizer, havia interrompido meus planos. Teria que adiá-los por alguns poucos meses, para começar na minha nova carreira. Era meio engraçado ver Dean à espreita, nas sombras, da mesma forma que eu. Mas eu era a pessoa que o observava agora, sem que ele soubesse. Eu tinha me tornado a estranha, aquela que o perseguia, o observava e o desejava. Desde que cheguei aqui, há alguns dias, visitei meus pais; observei Dean e não pude resistir a ir ao meu antigo apartamento. Fiquei dez minutos por lá, olhando o lugar, antes de dizer adeus. Não pude resistir à tentação de verificar o banheiro mais uma vez. O papel higiênico estava virado do lado errado de novo e, sorrindo, não pude resistir à ideia de colocá-lo de volta no lado certo. Digamos que eu quis ter a última palavra. Imagino que Dean tenha ido lá algumas vezes, depois que desapareci, mas ele não voltaria lá agora. Por que o faria, se eu estava morta?

Olhei para frente, vendo-os finalmente baixar o caixão. Por hoje, estava tudo acabado. Hoje à noite, eu entraria em um avião, pronta para recomeçar minha vida. Olhei mais uma vez para Dean, apenas para capturar seu rosto em minha mente. Eu precisava de algo dele. Precisava dessa imagem comigo. Eu sabia que, se eu tivesse ficado, ele nunca teria parado. A nossa relação tinha sido baseada em mentiras e traição. Jamais poderia ficar com ele sabendo disso, não importa o quanto me dilacerasse saber que nunca mais o veria novamente.

Sem saber, Dean havia me deixado um presente de despedida, que eu cuidarei como um tesouro, pelo resto da minha vida.

Acariciando a minha barriga saliente, voltei para o táxi que me aguardava, e entrei, sem olhar para trás. O objetivo final de Dean sempre foi deixar uma marca permanente em Tyler O'Shea. Bem, acho que posso dizer que ele alcançou o seu objetivo…

Em mais de um sentido.

Capítulo 47

JAIMIE ROBERT

Dean

"A vingança testa o seu próprio carrasco".

John Ford

Vi, nas sombras, quando eles baixaram o caixão de Tyler na cova. Ela não estava lá, e eu sabia que jamais estaria. Ninguém encontrou o corpo e, apesar de estar muito preocupado, eu sabia que a falta de um corpo significava que ela não estava morta. Tive que me segurar para não explodir. Minha Tyler não podia estar morta. Eu não permitiria que ela estivesse.

Olhei para os pais de Tyler. A mãe dela estava chorando, é claro, mas não me convenceu. Talvez seja apenas intuição, mas suas lágrimas não pareciam genuínas. Isso me colocou em alerta imediatamente. Era exatamente por isso que eu precisava vir aqui e ver com meus próprios olhos. O pai de Tyler estava sem expressão e, curiosamente, o mesmo podia ser dito sobre a sua outra filha, Emily. Era estranho vê-la novamente, depois de tanto tempo. Nunca tive muita intimidade com ela, pois Emily era muito nova, na época, mas era nítida a semelhança entre ela e Tyler.

Balançando a cabeça, eu me amaldiçoei por ter seguido este caminho de autodestruição. Era exatamente isso o que eu tinha feito. Planejei tudo e, finalmente, consegui o que eu queria, mas a um custo muito alto para mim e para uma pessoa inocente.

Repassei as palavras que meu tio disse em meu escritório, naquele dia, quando cometi o maior erro da minha vida. Você procura a destruição, mas o que vai acabar encontrando é o desespero.

Eu estava desesperado. A única coisa que me permitia seguir adiante era acreditar que Tyler não havia morrido. Não podia. Eu nunca permitiria isso. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, eu correria atrás dela até os confins da terra, para torná-la minha novamente, mas por um motivo diferente, desta vez. Eu queria ser o seu Dean novamente. Queria muito encontrá-la, se ela estiver viva, e escalar sua janela como eu costumava fazer. Eu poderia voltar a ser o menino por quem ela se apaixonou anos atrás.

Balançando a cabeça, virei para ir embora, sabendo que eu tinha que dizer adeus… por enquanto. Não pude afastar esse sentimento persistente dentro de mim, que me dizia que eu deveria voltar ao seu apartamento, por algum motivo. Acho que não faria mal dar uma olhada por lá. Eu poderia percorrer os vinte minutos de carro até lá e ver sua antiga casa novamente, repleta das nossas memórias assombradas.

Ligando o Vanquish, eu sorri, pensando que não era ruim. Olhar apenas mais uma vez era tudo o que eu precisava.

Uma última vez…

Agradecimentos

JAIMIE ROBERT

É complicado saber por onde começar, mas certamente vou tentar. Primeiro, quero agradecer à minha família. Eles são sempre o principal apoio neste novo caminho que escolhi trilhar. Sei que levou bastante tempo para que eu conseguisse colocar os dedos no laptop, mas cheguei lá!

Quero também agradecer à Sabine Willems, Serena Kett, Line Nørgaard Fallesen, e Lisa Walker por serem minhas leitoras beta de Depravado. Fiquei muito feliz que vocês todas tenham tido a mesma reação.

Um muito obrigada à Kim "Amazeballs" Young da Kim's Editing Services. Você fez um trabalho incrível de edição, se livrando de toda a porcaria que estava no original.

Um grande obrigada à Sabine Willems e Dawn Vickers. Vocês estão sempre lá para me apoiar e tirarem um tempo do seu dia ocupado para me ajudar, tanto quanto possível. Vocês duas são surpreendentes. Obrigada, muito obrigada por estarem em minha vida.

Por último, gostaria de dizer o quanto admiro cada blogueiro. Sei como deve ser difícil promover autores e fazer posts diários. Sem vocês e muitos leitores, nós autores teríamos um trabalho muito mais difícil. Vocês estão sempre prontos a ajudar e ansiosos para promover o trabalho de nós autores. Tiro meu chapéu para cada um de vocês. Preciso agradecer em especial: Brit Nanny Reads, Compare Our Men Book Whores, M&D's Have You Read Your Book Blog, What to Read After Fifty (50) Shades of Grey, Book Sluts, Fictional Men's Room For Book Ho's, 'Til The Last Page Book Blog, Read and Share Book Reviews, Isalovesbooks, Three Chicks and Their Books, e Book Pimpers

Por último, gostaria de fazer uma menção especial a Serena "Man Hogger" Kett, que ficou absolutamente emocionada ao saber que o seu nome foi usado em uma das prostitutas do Depravado. Só você ficaria emocionada com isso! Amo você, garota!

Sobre a autora

Jaimie Roberts nasceu em Londres, mas mudou-se para Gibraltar em 2001. Ela é casada, tem dois filhos, e, em seu tempo livre, ela escreve.

Em junho de 2013, Jaimie publicou seu primeiro livro, *Take a breath*, e o segundo foi lançado em novembro de 2013. Com as avaliações recebidas pelos livros, Jaimie tirou um tempo para ler e aprender como se tornar uma escritora melhor. Ela adora escrever e ama receber feedback dos leitores.

Se você quiser enviar uma mensagem a Jaimie, por favor, visite sua página no Facebook: https://www.facebook.com/AuthorJaimieRoberts.

Table of Contents

Prólogo
Capítulo 1
Tyler
Capítulo 2
Dean
Capítulo 3
Tyler
Capítulo 4
Dean
Capítulo 5
Tyler
Capítulo 6
Dean
Capítulo 7
Tyler
Capítulo 8
Dean
Capítulo 9
Tyler
Capítulo 10
Dean
Capítulo 11
Tyler
Capítulo 12
Dean
Capítulo 13
Tyler
Capítulo 14
Dean
Capítulo 15
Tyler
Capítulo 16
Dean
Capítulo 17
Tyler
Capítulo 18
Dean
Capítulo 19
Tyler
Capítulo 20
Dean
Capítulo 21

Tyler
Capítulo 22
Dean
Capítulo 23
Tyler
Capítulo 24
Dean
Capítulo 25
Tyler
Capítulo 26
Dean
Capítulo 27
Tyler
Capítulo 28
Dean
Capítulo 29
Tyler
Capítulo 30
Dean
Capítulo 31
Tyler
Capítulo 32
Dean
Capítulo 33
Tyler
Capítulo 34
Dean
Capítulo 35
Tyler
Capítulo 36
Dean
Capítulo 37
Tyler
Capítulo 38
Dean
Capítulo 39
Tyler
Capítulo 40
Dean
Capítulo 41
Tyler
Capítulo 42
Capítulo 43
Tyler
Capítulo 44

Tyler
Capítulo 45
Dean
Capítulo 46
Capítulo 47
Dean
Agradecimentos
Sobre a autora